OS IRMÃOS FOXX • 1

BOURBON E MENTIRAS

A única regra é
não se apaixonar



VICTORIA WILDER



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

BOURBON
E MENTIRAS



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo,

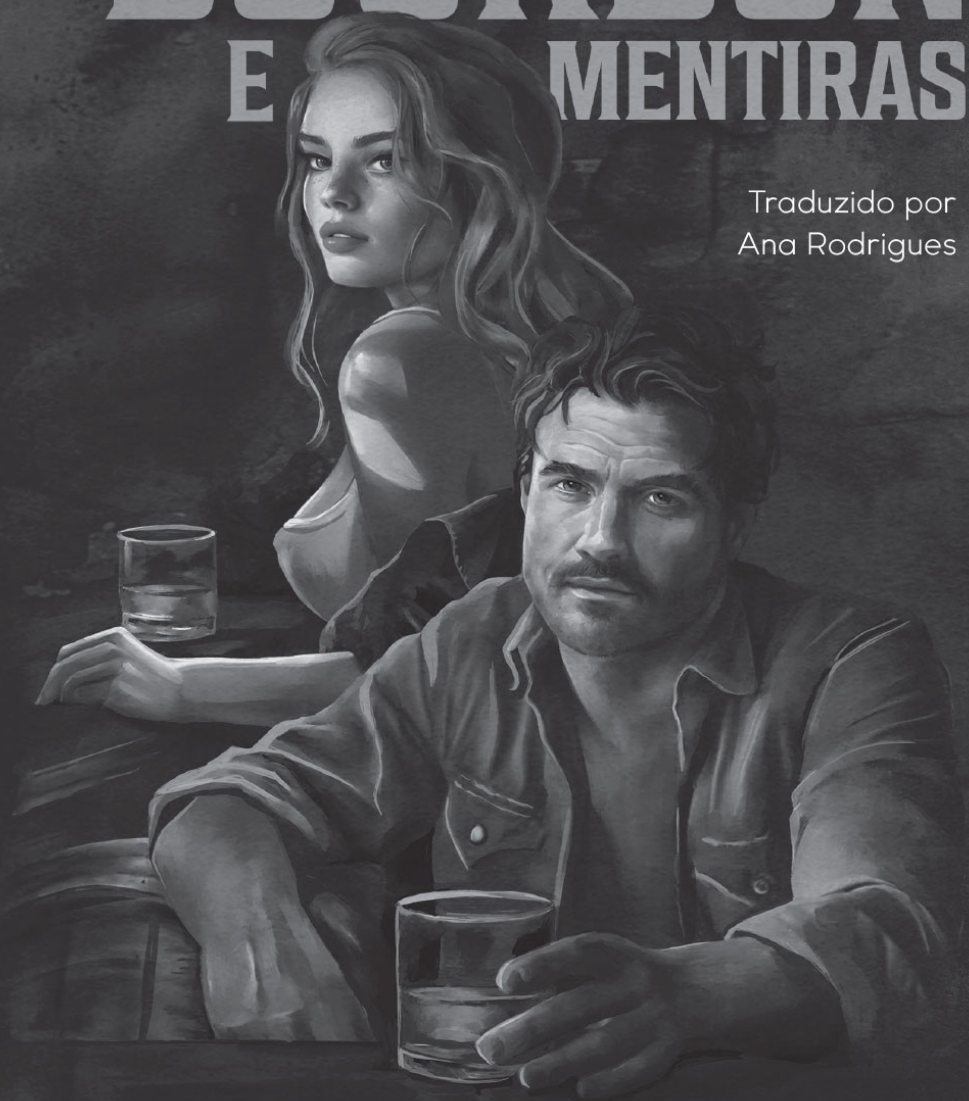
Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OS IRMÃOS FOXX · 1

BOURBON E MENTIRAS

Traduzido por
Ana Rodrigues



VICTORIA WILDER

ARQUEIRO

Título original: *Bourbon & Lies*

Copyright © 2023 por Victoria Wilder

Copyright de *Bourbon & Secrets* © 2024 por Victoria Wilder

Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com The Seymour Agency.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

preparo de originais: Fabiana Araujo

revisão: Priscila Cerqueira e Rachel Rimas

diagramação: Gustavo Cardozo

capa: Echo Grayce | Wildheart Graphics

ilustração de capa: Loni Carr | The Whiskey Ginger

adaptação de capa: Miriam Lerner | Equatorium Design

foto da autora: © Loni Carr

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W664b

Wilder, Victoria

Bourbon e mentiras [recurso eletrônico] / Victoria Wilder ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.

recurso digital (Os irmãos Foxx ; 1)

Tradução de: Bourbon and lies

Continua com: Bourbon e segredos

Formato: epub

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-306-0196-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

26-104085.0 CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Atenção!

Se você pagou por este arquivo,
em qualquer formato (epub, pdf etc),
você está sendo enganado.

Estes arquivos de ebooks são
disponibilizados gratuitamente pela
comunidade leitora em sites e
apps como Z-library, Anne's Archive etc.

Não pague por serviços de pirataria.
Se for para pagar, compre o original e
valorize o autor e demais
profissionais envolvidos.





Booklover

Este livro é dedicado às mulheres corajosas que se salvaram sozinhas. Não importa se de algo que mudou a vida delas por completo ou de apenas um instante que pareceu imenso. Vocês não precisaram esperar que um caubói chegasse para salvá-las. Fizeram isso por conta própria.

Ainda assim, se você prefere que um "caubói" sexy apareça em sua vida, então permita que ele seja Grant Foxx…

Sumário

1

Grant

2

Laney

3

Laney

4

Laney

5

Grant

6

Laney

7

Grant

8

Laney

9

Grant

10

Laney

11

Grant

12

Laney

13

Laney

14

Grant

15

Grant

16

Laney

17

Grant

18

Laney

19

Grant

20

Grant

21

Laney

22

Grant

23

Laney

24

Laney

25

Grant

26

Laney

27

Grant

28

Laney

29

Grant

30

Laney

31

Grant

32

Grant

33

Laney

34

Laney

35

Grant

36

Laney

37

Grant

38

Laney

39

Grant

40

Laney

41

Grant

42

Laney

43

Laney

44

Grant

Epílogo

Laney

Grant

Epílogo estendido

Laney

Grant

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Nota da autora

Embora esta seja uma obra de ficção, ela aborda alguns temas pesados dos quais você deve estar ciente antes de começar a leitura.

Primeiro, uma parte importante da história gira em torno do WITSEC, ou Programa Federal de Proteção a Testemunhas dos Estados Unidos. Essa é apenas uma representação desse programa. Nem eu nem ninguém que eu conheça fizemos parte dele, então, quando classifico este livro como ficção, é exatamente isso que estou querendo dizer.

A seguir, uma lista de possíveis gatilhos que não são spoilers ou pistas sobre o desenvolvimento da trama, e sim um alerta caso você considere estes temas sensíveis: violência e morte, derramamento de sangue em cenas descritivas, conversas sobre cativeiro, violência contra mulheres, violência com armas de fogo, violência contra animais, conversas sobre pais e familiares falecidos, referência a agressão sexual, conversas sobre canibalismo e homicídio, personagens principais lidando com transtorno de estresse pós-traumático, linguagem vulgar e cenas de sexo explícitas.

As regras do bourbon

Todo bourbon é uísque, mas nem todo uísque é bourbon. Existem regras para que um destilado possa ser chamado de bourbon.

1. Deve ser produzido nos Estados Unidos.
2. O mosto deve conter, no mínimo, 51% de milho.
3. Deve ser envelhecido por pelo menos dois anos em barris novos de carvalho carbonizados.
4. Não pode entrar no barril com mais de 125 *proof* (62,5% de teor alcoólico).
5. Nada pode ser adicionado além de água, e apenas quando necessário para reduzir o teor alcoólico.

Em Fiasco, no estado de Kentucky, há ainda mais uma regra, que se relaciona de forma mais ampla com o bourbon produzido lá: nunca se apaixone por um irmão Foxx.

1

GRANT

– Não. – A palavra sai em um grunhido.

E, por um momento, míseros três segundos, acho que ela pode me obedecer. Assim que a chamada entrou, porém, eu soube que ela seria a primeira a chegar ao local. Não importava que estivesse de serviço havia menos de uma hora. Eu a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa ali. Ela se pôs a caminho assim que o endereço da ocorrência foi passado pelo rádio. As informações batiam. Combinavam com as evidências reunidas que tinham evoluído de um esquema de drogas para o tráfico de pessoas. Mulheres, especificamente.

Um vizinho, cerca de três quilômetros ao norte da antiga fábrica de tabaco, havia ligado dizendo que não se lembrava de a propriedade ter sido vendida em leilão, mas que percebeu atividade ali durante todo o fim de semana. O bastante para assustar os cavalos dele para longe do pasto favorito, que ficava ao lado das plantações de tabaco.

Meu rádio portátil estala enquanto fico de pé, diante da minha mesa, esperando ouvir a resposta dela.

– Não estou pedindo, Foxx. Estou entrando. Tem movimentação no local, e acabei de ouvir um grito ou alguém pedindo ajuda. É causa provável – avisa ela.

– Merda – digo, outro grunhido. – Mulher inconsequente dos infernos. – Bufo, já saindo apressado da minha sala, e atravesso a central de polícia em direção à saída. – Del, leva a sua equipe para aquela fazenda agora mesmo! – grito para o meu superior. – Como pode não ter mais patrulhas naquela área?

Todo mundo na delegacia sabe dessa ocorrência. Fiasco é uma cidade pequena se levarmos em consideração a população, mas tem muita extensão de terra. Não acontece muita coisa por aqui a ponto de precisar de vários carros de polícia presentes em um local imediatamente. Mas nem penso no que estou

dizendo. Estou só reagindo e tentando entrar em ação. Rápido.

– Fiona e uma porcaria de um novato são os únicos no local – acrescento.

Del ergue as sobrancelhas tão alto que elas quase alcançam a linha do cabelo. Vacilei quando disse *Fiona*. O certo teria sido "policial Delaney". *Não* Fiona. Não importava que eu a conhecesse desde a época da escola, afinal mais da metade daqueles caras tinha estudado com a gente. Mas vou me preocupar com essa conversa depois. Nesse momento, o que importa é eu estar me dirigindo ao meu tenente com essa audácia, irritado por não ter sido chamado para a ocorrência desde o início. Eu comando a unidade K-9. Em qualquer situação envolvendo drogas na cidade, Julep e eu chegaremos ao local antes de qualquer equipe de patrulha. Mas agora a equipe que está lá precisa de reforço. Se essa ocorrência estiver relacionada a gangues, eles estão entrando em uma situação que talvez não consigam controlar.

Assovio, já disparando pela garagem em direção à minha viatura. Julep surge ao meu lado em segundos, as unhas estalando no chão de concreto.

– Hora de trabalhar, Jules.

Assim que abro a porta traseira do lado do passageiro, ela sobe no banco. Faço um carinho rápido em sua cabeça marrom-escura, prendo o colete dela ao cinto de segurança e me coloco a caminho. Estou a pouco mais de um quilômetro da delegacia quando os canais do rádio começam a ficar mais agitados, com as comunicações de outros oficiais trazendo atualizações.

– Central, estamos a oito minutos do local.

É tempo demais. E não ouvi uma palavra sequer de Fiona. Olho para o relógio no painel. Faz quatro minutos desde a última resposta dela e nada desde então. *Merda*.

– Central. – A voz dela soa no rádio, e afrouxo os dedos no volante. – A fábrica de tabaco está silenciosa como um túmulo. – Mas, antes mesmo que eu

consiga soltar o ar, aliviado, a voz dela volta ao rádio. E volta como um sussurro ofegante, misturado com estática, que me desespera. – Central…

Julep solta um latido curto no banco de trás.

– Estamos indo até ela, garota.

Julep tinha ganhado uns bons vinte minutos de cafuné de Fiona naquela manhã. Vinha sendo assim há seis meses. E, antes disso, eu tinha a sensação de que ela ainda lhe dava uns carinhos extras antes de sair escondida toda noite.

Consigo ver a fazenda de tabaco à distância. Desligo as sirenes antes de entrar na via principal, mas mantenho os faróis ligados, principalmente agora que está anoitecendo. Não sei o que vou encontrar, e a última coisa que quero é que as sirenes piorem a situação.

– Policial Delaney, está na escuta? – chama a central novamente. – Temos três unidades a menos de cinco minutos do local. E a unidade K-9 está a menos de dois.

– Disparos efetuados. Disparos efetuados – diz a próxima chamada, e piso fundo no acelerador, o coração ameaçando escapar do peito.

Ao fundo, a central convoca todas as unidades disponíveis para a fábrica de tabaco abandonada na qual estou entrando. Desligo o motor e saio do carro segundos depois. Opto por deixar Julep no banco de trás, já que disparos significam que o K-9 fica parado até a área estar liberada. Ela não vai ajudar em um tiroteio, mas leu a minha linguagem corporal e ouviu Fiona no rádio, então a deixo rosnando no banco de trás enquanto pego a arma e a lanterna em silêncio. Quando me aproximo da fábrica, vejo as portas escancaradas e restos de folhas de tabaco secas ainda pendendo das vigas aqui e ali. Máquinas esquecidas, velhas e enferrujadas, ocupam o centro do espaço. Exceto por isso, está vazio.

Gritos abafados e mais dois disparos ecoam de um galpão enorme a pelo menos trinta metros dali, na extremidade da plantação. Ouço as sirenes de duas

viaturas se aproximando pela mesma estrada longa. Pneus cantam ao entrar na propriedade e, segundos depois, uma viatura passa disparada por mim e segue direto para o galpão.

Ela está bem. "Ela informou a localização" são as palavras que fico repetindo para mim mesmo enquanto corro na direção dos oficiais que entram no galpão. Deixei o rádio no carro, então não posso ter certeza, mas eles têm a localização exata. *Ela vai ficar bem. É uma policial treinada, experiente*.

Quando chego à porta do galpão, ofegante, com a lanterna erguida e a arma engatilhada logo abaixo, a situação à minha frente não está de jeito nenhum sob controle.

– Deus do céu – murmuro ao me aproximar.

Nosso recruta mais recente, Lee, está sangrando no chão, caído na frente de outro policial, que tenta improvisar um torniquete com o próprio cinto.

Não paro para ajudar.

Fiona.

– Mills, cadê a Delaney? – pergunto, já me aproximando das portas duplas do outro lado do galpão.

Uma lanterna oscila à distância enquanto percebo pequenos rastros de sangue à minha frente.

Mills grita atrás de mim:

– O Del está seguindo os rastros. Não tinha mais ninguém aqui quando a gente chegou.

Então ouço a voz no rádio de Mills. É Del chamando a central.

– Tenho mais uma pessoa caída. Preciso de paramédicos. Agora.

Deixo qualquer pensamento racional de lado. Todo o meu treinamento – a cautela necessária para passar por cima de reações instintivas e ações guiadas

pela emoção – se reduz a fragmentos levados pelo vento. Saio correndo a toda a velocidade na direção da lanterna imóvel à distância. Quando desvio de uma cerca de arame danificada, consigo distinguir as silhuetas.

Del agachado sobre um corpo imóvel na grama. Semicerro os olhos para ver melhor enquanto uma dor lancinante destroça meu peito.

– Não.

Passo correndo por Del e vou para o outro lado, afastando-a dele e puxando-a para os meus braços. Lágrimas que não me lembro de ter derramado molham o meu rosto enquanto grito para o corpo inerte dela.

– Não, meu amor, o que aconteceu? Merda. Merda. Não.

Não me importo de tê-la tirado dos braços do pai e trazido para os meus. Não me importo de ter acabado de pôr as cartas na mesa, deixando claro que a minha relação com Fiona Delaney tinha ido muito além de coleguismo, amizade ou atração física. Não me importo de estar repetindo as mesmas palavras, vezes seguidas.

– Eu te amo. Você não pode morrer, está ouvindo?

Eu me afasto um pouco para checar onde ela foi ferida e vejo o pequeno corte ao longo do pescoço, que quase não pulsa mais, enquanto o sangue cobre os meus braços e o chão abaixo de nós. Pressiono a mão ali para estancar o sangramento. A camisa do uniforme dela está aberta muito abaixo do colete, e uma mancha se espalha ao longo da lateral.

Quando viro Fiona mais um pouco na minha direção, vejo o rosto de Del, marcado por lágrimas, se contorcer de dor enquanto ele murmura:

– Meu Deus, Fiona. Minha menina.

Nós dois olhamos para um pedaço dilacerado da pele dela, como se tivesse ficado preso em uma cerca de arame.

O corpo de Fiona fica mais pesado nos meus braços, e a seguro com mais força.

– Aguenta firme, Fi. Aguenta firme.

Sei que ela não está respirando, mas não consigo soltá-la.

– Ela se foi, Grant.

5 ANOS DEPOIS

2

LANEY

– Minta só quando for necessário.

Olho minhas mãos. Pequenas sapatilhas de balé enfeitam as unhas pintadas com um esmalte rosa-claro que passei a odiar. As cutículas são a prova visível do meu nervosismo – recém-roídas e machucadas. Venho ignorando há meses o que era "certo".

– Tanto faz ser uma mentirosa agora – murmuro, balançando a cabeça.

Estou frustrada, e essa energia faz minha apreensão se apresentar na forma de raiva e sarcasmo. Uma combinação campeã. Não sei para onde estamos indo nem por quanto tempo. A única certeza é o caos que deixo pelo caminho. Respiro fundo. *Você dá conta de encarar qualquer problema*.

O som da janela se abrindo se sobrepõe ao barítono profundo de Johnny Cash, que ecoa no rádio.

– Ele ficaria orgulhoso de você.

A frase sai em um suspiro cansado que deixa claro que palavras de incentivo ou gentileza não são algo que ela costuma oferecer.

Imagino que consolar um "ativo" faça parte do trabalho dela, mas talvez não seja o seu ponto forte. Eu a observo do outro lado da cabine da caminhonete, mas está escuro demais para saber se o jeito como ela segura o volante com força e coça a lateral do rosto é um tique. Se está falando qualquer coisa só para me impedir de surtar ou se simplesmente não está acostumada a dizer coisas assim para pessoas como eu. Ela pode ter conhecido meu pai profissionalmente, mas com certeza não o conheceu como pai.

Ele costumava repetir com frequência o quanto se orgulhava de mim – não preciso desse lembrete vindo dela. Mesmo quando eu o deixava quase doente de preocupação. Não importava por quantos empregos eu passasse, sempre que saía

de um deles, ouvia: "Você vai encontrar o seu propósito, garota." Ou quando eu voltava para casa chorando e não dizia exatamente o motivo, e ele sempre falava: "Aquele garoto nunca te mereceu." Não importava o que fosse, o meu pai sempre dizia que tudo ia ficar bem. "Você dá conta de encarar qualquer problema, Laney. Nunca se esqueça disso. Você é uma Shaw."

Mas, nesse momento, o meu pai estaria decepcionado. E bravo. Furioso por um monstro ter cruzado o meu caminho. O tipo de monstro que ele passou a vida tentando impedir de machucar alguém – especialmente alguém que amava. Pisco para conter as lágrimas que embaçam a minha visão.

– Agente…

Ela me interrompe.

– Só Bea. Se acostuma a me chamar de Bea.

– Tá certo. Bea. Eu não preciso que você me diga o que o meu pai teria achado dessa situação. Isso não vai conquistar a minha simpatia. Eu estou do seu lado. Tô puta comigo mesma… – digo, um pouco ríspida demais. – Não, quer saber? Tô puta com um monte de coisas agora. Comigo mesma por… – Balanço a cabeça ao pensar no motivo de ter ficado naquele lugar por tanto tempo. – Estou muito puta por aquele monstro existir, por machucar pessoas e por ter virado a minha vida de cabeça pra baixo. Mas sei exatamente como o meu pai estaria se sentindo se estivesse aqui.

Ela me dá um sorriso tenso.

– Sei que você não pediu nada disso, que você tinha uma vida…

Encosto a cabeça no apoio do banco e solto uma risadinha que a impede de terminar a frase. Minha vida estava em queda livre. Eu tinha uma vida. E uma vida da qual finalmente me orgulhava, e que destruí. Talvez aquele monstro fosse o meu castigo. Estremeço com a ideia de o universo ser tão cruel. Tomei decisões ruins, mas não merecia isso. A vítima dele não merecia. Semicerro os olhos e

aperto a ponte do nariz. A dor de cabeça, antes incômoda e pulsante, se transforma em uma pontada atrás do olho direito. *Que ótimo, uma enxaqueca para completar.*

Depois de ficar acordada por mais de 24 horas, estou à flor da pele e com dificuldade de pensar direito. A adrenalina que corria nas minhas veias, me mantendo de pé durante esse pesadelo, já passou. Só preciso dormir.

– Sempre confiei no meu instinto, Laney. E ele está me dizendo que essa realocação precisa continuar em silêncio e longe de qualquer canal oficial.

Volto novamente os olhos para ela. Eu deveria me sentir aliviada ao ver um rosto conhecido em meio a tudo isso, mas não é o caso. Queria que fosse o meu pai me tirando dessa confusão.

– A mulher que você salvou naquela noite nunca vai esquecer o que passou. Lembre-se disso.

– Eu sei.

Fico toda arrepiada ao me lembrar dos gritos daquela mulher correndo na minha direção, implorando por qualquer possibilidade de ajuda. Antes de mais nada, eu nem deveria estar ali. Nunca quis ser uma heroína. Queria me sentir próxima do meu pai. Queria ser escolhida.

Bea despertou a minha curiosidade.

– O que o seu instinto está achando esquisito?

– O fato de já terem se passado mais de 72 horas e nada ter acontecido. Alguém teve o bom senso de envolver o Serviço de Delegados dos Estados Unidos porque tem alguma coisa estranha. – Quando Bea olha para mim, estou examinando o seu perfil e tentando ler nas entrelinhas o que ela não está dizendo. A agente balança a cabeça, como se para afastar o que realmente quer me contar. – Com o tipo de prova que encontraram, você e a vítima dele não deveriam precisar ser realocadas. – Ela faz uma pausa, e posso ouvi-la engolindo

em seco. – Não conseguiram arrancar um nome dele e não conseguem encontrar o cara em nenhum sistema.

Estremeço só de pensar nele. Ainda sinto a queimação nos pulmões de tanto correr carregando outra pessoa nas costas.

– Nenhum nome. Só impressões digitais parciais que não conectam o homem a ninguém em sistema algum. Não há histórico de crédito nem rastro de dinheiro. Nenhuma ficha criminal. Mas a semelhança nos ferimentos das vítimas é… – Ela se interrompe. – Até eu ter certeza de que o risco para você é limitado, vou garantir que fique fora de vista. Devo pelo menos *isso* ao seu pai.

Ela acende o cigarro de cravo, e pego o meu pacote de balas de goma azedas.

Não sei os detalhes da relação que Bea tinha com o meu pai, mas ele era um agente federal respeitado, e tenho a sensação de que deixou muita gente lhe devendo favores. De tudo isso, não é essa parte que me surpreende, e sim o fato de ela não querer deixar nenhum rastro oficial sobre o meu destino. Caramba, nem eu sei para onde a gente está indo.

Um peso se instala no meu peito, como se eu não conseguisse respirar fundo. A minha vontade é gritar com Bea e dizer que está tudo errado. Parece que estou sendo punida por fazer a coisa certa, o que não é justo. E, por mais aliviada que eu esteja por não lidar com a confusão que deixei para trás, não quero desaparecer.

Vai ser mais difícil acessar as lembranças se eu não estiver lá para ver as coisas que as invocavam – piqueniques no gramado do Bryant Park, caminhadas pela High Line, refeições sem pressa em Chinatown. Eu nem tive a oportunidade de trazer meus pertences.

– A cor ficou bem em você – diz Bea, me arrancando dos meus pensamentos.

Abaixo o para-sol e abro o espelho. Estou… diferente. Ainda sou eu, só que mais velha, de alguma forma. Aparento menos ser uma mulher que se esforça

para se igualar aos outros, tentando se adequar a um padrão ou manter a atenção de um homem. Pareço confiante, dona de mim. *Gosto disso*, do meu cabelo em um tom ruivo-alaranjado, em vez do loiro platinado que mantive durante a maior parte da vida adulta.

Sou uma nova pessoa outra vez, uma pessoa que ainda não reconheço. Mas vou reconhecer. Com o tempo. Para ser sincera, eu já não reconhecia a pessoa em que tinha me transformado havia algum tempo, talvez até antes de perder o meu pai.

– Você pode manter o seu primeiro nome. – Bea coloca o cigarro de cravo entre os lábios, se inclina por cima de mim e pega no porta-luvas uma pequena nécessaire de tecido com zíper. – Aqui tem um novo número de identidade, carteira de motorista e passaporte…

Quando penso no meu nome, me desligo do resto. Meu pai me chamava de Laney, mas eu não usava o apelido havia anos. Só existe uma pessoa viva que me conhece por esse nome, e nunca mais quero vê-la.

Fecho os olhos e tento respirar, apesar do nojo que sinto ao pensar no que eu estava fazendo com Phillip. Passei tanto tempo tentando apagar a Laney de Coney Island e me ver como a Eleanor Shaw, de Manhattan. Não sou mais nenhuma dessas pessoas. Os eventos de grande visibilidade, os casamentos da alta sociedade e a clientela rica que atendi me permitiram construir um bom estilo de vida, mas não parecia uma vida de verdade. Era apenas um desfile constante de nomes, futilidade para todos os lados e, depois de um tempo, passou a ser fácil confundir trabalho duro com felicidade.

Agora, folheio os documentos plastificados com certa sensação de alívio. Ainda não assimilei tudo, e sei que isso vai me atingir como um trem de carga quando a ficha cair. Sou inteligente o bastante para saber que é por isso que as minhas emoções estão à flor da pele – falta de sono e um evento absurdamente traumático fazem isso com uma pessoa. Mas, enquanto deixo os olhos se

perderem na rodovia escura que passa como um borrão por mim, sinto que ela apaga as minhas decisões lamentáveis e me prepara para o que vem a seguir. Se Laney Young, do Colorado, precisa ser uma mentira, então que seja uma bem contada.

Só fui cochilar quando chegamos a West Virginia. Parece que se passaram apenas uns cinco minutos entre o sono me vencer e o som de uma discussão chamar a minha atenção. Esfrego os olhos ainda embaçados, tentando enxergar o relógio do painel. Os supostos cinco minutos, na verdade, foram quase seis horas. O carro está quente, quase abafado, como se o ar-condicionado estivesse desligado há um bom tempo.

Cadê a agente Harper?

Solto o cinto de segurança e olho pela janela para o lugar onde paramos. Não há montanhas nem oceanos. Pelo que consigo ver, tudo parece plano. Sempre vivi perto da água e em cidades grandes. Mas aqui não há paisagem urbana nem parques escondidos. Nenhum arranha-céu ou poluição visual de qualquer tipo, apenas a enorme casa de fazenda à minha frente.

Quando abro a porta da caminhonete, a umidade atinge a minha pele como se eu tivesse atravessado uma porta de tela. Uma camada de suor já começa a se formar em todas as partes do meu corpo, principalmente logo abaixo da faixa do top esportivo e na nuca.

O clima na Costa Leste pode ser brutal em agosto, mas estamos apenas na primeira semana de junho e essa viagem de doze horas parece ter me jogado direto no calor escaldante do auge do verão.

Levanto o cabelo para me refrescar um pouco. Respiro fundo, tentando acalmar os pensamentos ansiosos sobre onde estou ou o quanto é irritante sentir calor no meio da madrugada. Então, sou atingida por ele: o cheiro. É como se uma brisa leve tivesse acabado de passar, espalhando o aroma de uma padaria

pelo ar. Como fermento de pão assando, com um toque de chocolate e uma doçura levemente ácida. Não é o sabor salgado do ar marinho nem o odor forte de um pântano na maré baixa. É muito melhor. *Talvez eu não vá sentir falta do mar, afinal.*

Algo que cheira tão bem agora deve ser ainda mais delicioso durante o dia.

– Caramba – digo a mim mesma quando vejo o que se ergue à minha frente.

A opulência lembra as mansões da Gold Coast ou as praias de East Hampton. O gramado e o paisagismo impecáveis estão iluminados, como se cada arbusto e cada árvore tivessem sido feitos para serem exibidos e admirados. Janelas com esquadrias pretas contrastam com o revestimento branco, e o telhado de metal preto tem aquele estilo de casa de fazenda moderna. É o tipo de imóvel que ostenta simplicidade, mas sei muito bem como a "simplicidade" pode ser cara. Casa de fazenda, neste caso, foi uma escolha de design, um estilo, não uma casa literal em uma fazenda. Mesmo sem conhecer os proprietários, sei que não são agricultores que moram aqui.

Quase não se ouve o canto de grilos nem o sussurro do vento que faria as folhas das árvores farfalharem. Está tudo silencioso e quieto. Aquela tranquilidade da madrugada ou do começo da manhã que pode facilmente ser confundida com segurança. Será que vou estar segura aqui? Não há um único poste de luz aceso, nem a varanda iluminada de um vizinho. Não tem aquele tom rosado e empoeirado no horizonte, poluindo os contornos da paisagem contra o céu escuro. Tudo é escuridão, salpicada por estrelas de tamanhos variados.

A voz grave de um homem se eleva, e viro a cabeça bruscamente na direção de onde veio. O tom faz com que eu contorne a caminhonete estacionada.

– Bea, você só está ouvindo o que quer. Eu disse não. Por que você está na minha porta, e não na do Grant?

Não é preciso ser nenhum gênio para saber que essa discussão muito

provavelmente é sobre mim. Bea disse que faria isso do jeito dela, mas achei que se certificaria de que, onde quer que eu fosse parar, seria bem-vinda.

– Você sabe muito bem o motivo. E, Ace, não estou pedindo. – A voz da agente Harper soa rouca.

Paro abruptamente ao pé da escada. Quem é ele?

– Então você está me ameaçando? – diz o homem, bem no instante em que se dá conta da minha presença.

Ele dá uma segunda olhada. O cabelo escuro com mechas prateadas está penteado para trás e cortado curto. Mas não é a barba por fazer nem a atitude do homem que chamam a minha atenção. É o fato de, no meio da noite, ele estar usando calça social e uma camisa branca elegante, com as mangas arregaçadas até os cotovelos. *Definitivamente, não é um fazendeiro*. O homem apoia as mãos nos quadris estreitos, olha para o teto da varanda e infla as bochechas, antes de soltar o ar. Quando abaixa novamente a cabeça, seus olhos encontram os meus e ele diz:

– Pelo amor de Deus, Bea. Ela parece uma adolescente.

Talvez para ele. Mas já vivi bastante nesses meus 29 anos.

Bea se vira para mim e pega o porta-cigarros de cravo com um sorriso. Ela acende um, traga e sopra a fumaça que se espalha ao redor e atrás dela, sendo levada pela brisa morna e lenta.

– Ela impediu a ação de um monstro poucas noites atrás, Ace. Posso te garantir que não é mais adolescente.

É a primeira vez que me sinto bem com o que fiz. A primeira vez em dois dias que não tenho a sensação de estar me afogando na incerteza.

A boca do homem se curva em um sorriso solidário que quase parece um pedido de desculpas. Isso me lembra o sorriso que meu pai dava quando sabia que eu estava prestes a dar alguma notícia não muito boa.

Ace lança um olhar de soslaio para a agente Harper.

– Você precisa largar essa merda, Bea.

– Cala a boca, Ace – resmunga ela. – Estamos resolvidos aqui?

– O Del sabe que você tá aqui?

Ela balança a cabeça.

Ace suspira.

– Por quanto tempo?

Harper desce os degraus.

– Isso vai depender dela, na verdade. Mas, por enquanto, ela fica até eu conseguir ter certeza de que está fora de perigo.

Ace mantém os olhos fixos em mim e pergunta:

– A gente corre algum risco mantendo a garota aqui? Você sabe que já passamos por coisas ruins para uma vida inteira…

Bea o interrompe.

– Preciso que ela fique em um lugar em que confio e longe de pessoas em quem *não* confio.

Não me passa despercebido o fato de Bea não responder à pergunta dele sobre os riscos de ficar comigo.

Ele dá um sorriso desconfiado.

– Então agora eu entro nessa categoria? Nesse círculo de confiança?

– Que é bem pequeno, Ace. Você sabe disso – diz ela, em um tom contrariado. – Além do mais, isso significa que vou ficar te devendo uma. E você sabe o quanto eu adoro esse tipo de moeda de troca.

– Você realmente acha que Fiasco é uma boa ideia para esconder alguém?

– Fiasco? Que fiasco? – interrompo.

Era só o que me faltava: ela me jogar em uma situação pior do que aquela em que eu estava antes, se é que isso é possível.

– Não é incomum você ter uma mulher em casa tarde da noite. – Bea ergue a sobrancelha e deixa a insinuação pairar no ar, dando uma palmadinha no braço dele. – Faça o que puder. Sei como funcionam os boatos aqui, portanto mantenha a garota longe de qualquer coisa que se pareça com a verdade.

– Suponho que eu não vá ficar sabendo qual é a verdade, então?

Harper encontra meu olhar.

– A verdade é o que ela disser – retruca, piscando para mim.

Ele me examina da cabeça aos pés, como se estivesse calculando o que fazer comigo. Transfiro o peso do corpo de um pé para o outro e empertigo os ombros, deixando claro que não estou intimidada.

Com outro sorriso desconfortável, ele balança a cabeça e estende a mão direita.

– Atticus Foxx. Pode me chamar de Ace.

Levo alguns segundos para me lembrar da mentira.

– Laney. Young. Laney Young – gaguejo, ao apertar a mão dele.

Ele arqueia a sobrancelha diante da minha hesitação.

É. Vou ter que praticar. Preciso aprender a dizer um nome que não é exatamente o meu. O problema é que não sou mentirosa. De todas as coisas que já fui – oportunista, romântica incorrigível, trapaceira –, nunca fui mentirosa.

Até agora.

– Muito bem, então, Laney Young. Bem-vinda a Fiasco, Kentucky.

3

LANEY

– Você está em boas mãos aqui, Laney – interrompe Harper.

Não era minha intenção soltar uma risadinha debochada, mas é o que acabo fazendo. É ao mesmo tempo engraçado e angustiante pensar que agora eu deveria confiar em alguém. Eu fiz isso – confiei em alguém, confiei no meu instinto – e veja aonde isso me trouxe.

Olho de relance para Ace, que tenta disfarçar um sorriso. Pelo menos ele não está engolindo essa história sem questionar. O cara também não planejou nada disso. Com certeza não contava que eu aparecesse na porta dele no meio da noite.

Isso não é um esconderijo. Não há nada de discreto aqui. Não venho de família rica, mas sei reconhecer coisas caras. Passei os últimos anos tentando me encaixar entre algumas das famílias mais ricas, nos círculos mais exclusivos de Manhattan. É tudo moderno, sem excessos, realçado por cores profundas e masculinas e detalhes que se complementam. Das ferragens nas portas e luminárias em metal dourado escovado e preto fosco, até a disposição da madeira levemente escurecida que compõe o piso, o amplo saguão de entrada e a escadaria imponente. Esse lugar não é um abrigo provisório financiado pelo governo nem uma comunidade carente.

A agente Harper digita uma mensagem no celular, o que me garante alguns segundos para examinar melhor o ambiente. O lugar não deveria parecer acolhedor, mas é.

Enquanto o ar úmido do lado de fora envolveu a minha pele com o cheiro de croissants de chocolate, aqui dentro está quase frio, com um leve aroma de colônia masculina. Um cheiro terroso, amadeirado, com um toque de tabaco de charutos, em vez dos cigarros de cravo de Harper. Gosto mais disso. Imagino o

meu anfitrião apreensivo com um charuto entre os dedos enquanto bebe algo forte e escuro.

– Seu celular descartável – diz Harper, já tirando o aparelho do bolso. – Fique longe de qualquer coisa que pareça rede social. Não comece a postar vídeos de comida ou dancinhas da moda. Se perceber qualquer coisa fora do normal, me mande mensagem. Para *mim* primeiro e, depois disso, não hesite. Procure o Ace. Se for realmente urgente, ligue para a emergência.

Fico encarando o celular e sinto a atenção de Harper totalmente concentrada na minha reação.

– O que você está escondendo de mim? – pergunto.

– O Ace e a família dele são pessoas em quem confio. E um grupo seleto de pessoas nesta cidade vai se certificar de que você permaneça segura aqui – diz ela, com um sorriso triste. – Você vai atravessar essa fase, Laney. E vou garantir que chegue inteira do outro lado.

Quando olho para Ace de novo, ele está de braços cruzados, apenas observando a conversa. Eu me pergunto qual deve ser a opinião dele a meu respeito. É como um recomeço, mas um recomeço hesitante.

Harper acompanha a direção do meu olhar.

– Ela é inteligente e pode agregar valor real à sua marca. Mantenha a garota fora de vista, dê um trabalho a ela, e vou fazer o possível para manter o caos dela longe daqui.

Ace pigarreia.

– Qualquer sinal de perigo, ela vai dar o fora daqui, Bea. A minha família está aqui. Meus irmãos. Minhas sobrinhas. Até o meu avô velho e ranzinza.

– Vai se foder, Atticus!

Uma voz alta e grave, com um sotaque sulista lento e arrastado, ecoa do

corredor. O som me assusta. Eu não esperava que houvesse mais alguém aqui.

Ace resmunga um "puta merda" antes de falar mais alto:

– Griz, esse não é o tipo de conversa para ficar escutando escondido.

A voz ameaçadora – e, ainda assim, engraçada – responde:

– São vocês que estão berrando como se morassem sozinhos. E você sabe muito bem que esta casa é tão minha quanto sua. – Na curva do longo corredor, um homem de cabelo branco com poucos fios escuros se apoia no arco da entrada. Alto e magro, ele tem um bigode espesso, mais grisalho do que branco, escondendo os lábios. Os dois homens se parecem. São bonitos de um jeito que faz a gente olhar duas vezes. – Se estão dispostos a expor a vida de vocês como se fosse um bufê de café da manhã, então vou me servir – diz ele. Os cantos dos seus lábios se erguem, e o rosto se move de um jeito que mostra as rugas ao redor dos olhos. – E então – acrescenta, a atenção agora voltada para mim –, quem é essa coisa linda?

– Volta pra cama, Griz – diz Atticus.

– Pelo amor de Deus – diz Harper, bufando.

Ignoro os dois e respondo ao recém-chegado:

– Não sou uma coisa. Mas obrigada por me chamar de linda.

Ele abaixa o queixo, e seus olhos encontram os meus.

– Não tive a intenção de faltar com o respeito, querida. Pode deixar que não vou cometer esse erro de novo. – Griz se aproxima de nós com dois copos pequenos de cristal, um em cada mão, preenchidos com apenas um gole de um líquido caramelo profundo. Ele volta a atenção para a agente Harper. – Vejo que você está evoluindo no quesito "encrenca", como sempre, Beatrice.

Ela sorri para si mesma.

– Você sabe como é, Griz – diz Bea, soltando o ar.

A ansiedade da minha chegada simplesmente se dissipa. A história entre os três – que provavelmente nunca vou saber por completo –, além de atiçar a minha curiosidade, também acalma os meus nervos.

Griz me estende um dos copos.

– Você vai ter que nos perdoar por não te recebermos como se deve, querida.

Quando pego o copo, Griz encosta o dele no meu e dá um gole.

O leve aroma de carvalho queimado chega ao meu nariz, seguido pela ardência na língua. Percebi que deveria ter dado um gole menor quando o líquido desceu queimando pela garganta. Perco o fôlego e começo a tossir como se tivesse engolido fogo. Meus olhos lacrimejam enquanto tento me recompor. Um erro de principiante para alguém que passou boa parte da juventude servindo bebida.

– Deixe envolver sua língua dessa vez antes de engolir – diz Ace.

Sinto o rosto quente com a dica e faço o que ele diz.

– Está sentindo um calor no peito?

Assinto.

É um calor mais gostoso dessa vez.

– A gente gosta de chamar isso de abraço do Kentucky.

Griz se intromete:

– E isso que você está bebendo é do lote comemorativo de cem anos que eu abri hoje de manhã. Você é a segunda pessoa, nesse tempo todo, a provar desse barril.

– Uau. Obrigada – digo, enxugando o canto do olho que lacrimejou com a minha tosse nada elegante.

Griz olha para o neto com uma expressão desapontada. Então, seus olhos disparam para a agente Harper do meu outro lado.

– Ela não sabe quem nós somos?

– Você fala como se ela estivesse aqui fazendo turismo ou coisa parecida – comenta Ace. – Dá para perceber que isso é um assunto particular e que, mais uma vez, caso seus aparelhos auditivos não estejam funcionando, você está interrompendo.

Abaixo os olhos para o chão e vejo o emblema ali.

Uau, cacete…

Griz faz um gesto com a mão no ar, como se dissesse "Não seja ridículo".

– Fica quieto, Ace.

É difícil conter o sorriso diante do suspiro irritado que Ace dá.

– Me acompanha até lá fora, Laney – intervém a agente Harper.

– Foi um prazer, como sempre, Beatrice – fala Griz atrás de nós.

Ela não responde, mas lança um último olhar para Ace e se despede com um leve aceno de cabeça antes de sair pelo mesmo caminho por onde entramos.

Sigo em silêncio com Bea até o carro e pego as minhas coisas no porta-malas.

– Eles são bons homens. Todos eles – diz ela, já ligando o carro e abaixando o vidro. Bea acende mais um cigarro de cravo, traga a fumaça e diz depois de soltar o ar: – Você tá segura, Laney. – Ela fica me encarando, como se procurasse algum sinal de que acredito no que diz. – Tente ter uma vida normal. Tente se curar. E lembre-se do que eu disse…

Assinto.

– Mandar mensagem. Procurar o Ace. Ligar para a emergência. Entendido.

Bea sorri.

– Que bom que você estava prestando atenção. Mas eu me referia ao seu pai. Ele estaria muito orgulhoso de você.

Fico parada ali vendo a agente ir embora, e não sei se é a poeira se erguendo enquanto a caminhonete desaparece pela longa entrada ou o fato de saber que Bea está certa, mas fico com os olhos marejados, engolindo um soluço. Isso me pega desprevenida, mesmo com tantas emoções se agitando dentro de mim. *Essa é a minha nova vida*. Engulo os sentimentos que fazem a minha garganta arder e ameaçam transbordar. *Agora não*. Posso desmoronar depois.

Continuo onde estou, olhando as lanternas traseiras ficarem cada vez menores, enquanto o silêncio prega peças nos meus ouvidos e a umidade do ar lambe a minha pele. Ergo o cabelo e faço um coque alto, para evitar que os fios grudem na nuca. *E agora?* Sinto dor na lombar de tanto tempo sentada no carro, e o cansaço me atinge em cheio.

O som de passos atrás de mim me deixa alerta o bastante para lembrar que ainda não posso dormir.

– Temos um chalé vazio na propriedade que você pode chamar de seu enquanto estiver aqui – diz Ace, da varanda da frente. – Mas já passa das três da manhã e antes preciso dar uma arrumada nele. Não estava exatamente esperando você.

– Eu dormiria em praticamente qualquer lugar agora – brinco.

Ele não sorri, apenas assente.

– Quer ajuda com as suas coisas?

Levanto a bolsa vermelha coberta de desenhos de alvos. Ela nem está cheia até a borda, mas tem uma semana de roupas íntimas, desodorante, escova de dentes e um modelador de cachos, além de delineador líquido preto, rímel e um batom vermelho-vivo que achei que combinaria com a minha nova cor de cabelo. Não pensei duas vezes: escolhi o que quis. Também peguei um pacote de balas de goma azedas, mas já comi quase todas. Na pressa, essas foram as minhas necessidades básicas. Depois dou um jeito de conseguir mais roupas.

– Só isso?

– Não deu tempo de fazer a mala antes de sair.

Pelo arco no fim do corredor, vejo uma cozinha exageradamente grande, equipada com eletrodomésticos industriais de aço inoxidável, todos suavemente iluminados por luzes embutidas espalhadas pelo teto abobadado.

– É linda – murmuro. – Quantas pessoas moram aqui?

Ele parece se divertir com a minha reação instintiva ao tamanho e ao estilo impressionantes do espaço. E responde, enquanto liga uma chaleira elétrica:

– Somos só o Griz e eu na casa principal. – Ele faz uma pausa e dá um sorriso contido. – Mas os meus irmãos moram perto. E estão sempre aqui. Organizo muitos eventos de trabalho… Happy hours com as minhas equipes. – Ele olha ao redor. – Era necessário ter um espaço assim.

Eu me apoio na grande ilha central e escolho o assento da ponta de uma fileira de oito.

– É grande. – Pigarreio, e me pego pensando que toda aquela propriedade, mesmo no escuro, parece o local perfeito para um casamento. – Obrigada por me deixar ficar.

Ele despeja a água fervente em duas canecas, com um sachê de chá em cada, e responde, com um sorriso contido:

– Você ouviu uma discussão que tinha menos a ver com você e mais a ver com a Bea. – O olhar de Ace se perde na caneca fumegante à sua frente. – Desde que não cause problemas, é bem-vinda aqui, Laney. Pelo tempo que precisar. Por mais que eu não goste de estranhos na minha propriedade ou nos meus negócios, vou abrir uma exceção se isso me render um favor a cobrar mais tarde.

Ele checa o relógio enquanto toma o chá, e faço o mesmo. E o cansaço – aquele cansaço que vem dos ossos – desaba sobre mim, como se eu estivesse tentando me manter de pé diante de uma onda gigante. Eu poderia dormir por

dias. Meus membros estão cansados e doloridos, e a minha mente agradeceria uma pausa dessa hipervigilância e do excesso de pensamentos. E é nesse momento que, de repente, fico nervosa com a ideia de fechar os olhos. De estar em um lugar novo e completamente sozinha.

– Vai ter um trabalho esperando por você quando estiver pronta. A gente trabalha duro por aqui e é corrido, mas esse lugar é incrível. Tire alguns dias para se situar. Não é uma cidade grande, então não vai demorar muito para você se adaptar.

Faço que sim, concordando com sua sugestão, e os olhos de Ace se fixam no meu pescoço.

Toco os pequenos arranhões que ela deixou em mim enquanto gritava e implorava para que eu ajudasse. As unhas da mulher se agarraram ao que puderam. Não foi para me machucar. Foi histeria e pânico. As únicas marcas visíveis de uma noite que acho que não vou conseguir apagar da memória tão cedo.

– Não tive a intenção de ficar encarando – diz Ace, se afastando da bancada. – Não sei os detalhes, mas você tem todo o meu respeito, Laney.

Abaixo os olhos para a caneca à minha frente e, como não sou muito boa em segurar a língua – especialmente agora –, pergunto:

– Respeito não deveria ser conquistado? Não é o que dizem?

– Não, não aqui. Muitas pessoas já perderam o meu respeito, mas ninguém precisa conquistá-lo.

A sinceridade no tom dele faz com que, na mesma hora, eu me determine a jamais desapontá-lo ou perder o seu respeito. Algo me diz que ter o respeito de Atticus Foxx pode valer muito em Fiasco.

– Vou subir para dormir. Tem uma suíte de hóspedes neste andar, logo depois da despensa. Seguindo pelo corredor. Fique à vontade para pegar tudo de

que precisar, e amanhã faço questão de te mostrar toda a propriedade.

Ele passa por mim com um aceno de boa-noite.

– Isso pode soar… – Balanço a cabeça e sorrio, me virando na direção em que ele seguiu. – Quando você diz propriedade…?

Ele sorri e resmunga:

– Cacete, a Bea acaba comigo. – Então inspira fundo e solta o ar com uma expressão frustrada, antes de explicar: – Aquela mulher ama deixar perguntas sem respostas. Você está na Foxx Bourbon. Isso inclui a destilaria, a tanoaria, os armazéns de envelhecimento, tudo localizado nessas terras. Além disso, por acaso, também é a minha casa. E, bem… – Ele pisca para mim, deixando o clima mais leve. – Parece que agora é a sua casa também.

Se você é bartender em qualquer cidade grande, onde os clientes gostam de gastar dinheiro com bebidas caras e não apenas com chope no happy hour, então já serviu Foxx Bourbon. Sou boa em algumas coisas e excepcional em poucas outras. O trabalho atrás do bar sempre esteve na categoria excepcional, antes mesmo de eu começar a planejar eventos com orçamentos ilimitados.

Foxx Bourbon não é uma marca emergente nem popular apenas em alguns lugares. Não. Se você sabe a diferença entre scotch, uísque e bourbon, então conhece o nome Foxx.

Vim parar no coração da Terra do Bourbon com um novo nome e uma ficha limpa. E, por algum motivo, quando Ace diz que este lugar também é a minha casa, meus ombros relaxam e o peso da fuga parece ceder o bastante para que eu me sinta mais leve do que me senti em muito tempo.

4

LANEY

Desperto com um sobressalto e, apesar do edredom e do quarto fresco, não consigo me sentir confortável. A ansiedade me acorda a cada vinte minutos. A enxaqueca diminuiu, mas o cansaço não me deixa permanecer em um sono profundo. Em vez disso, vejo as mesmas imagens repetidas vezes, de ângulos diferentes: carne rasgada e sangue que não parava de pingar. Na hora, não soube exatamente do que estávamos fugindo, mas estávamos deixando um rastro. Não havia tempo suficiente para interromper aquilo. Toda vez que fecho os olhos, a cena se repete em looping. Eu não quis comprar os remédios da receita que a terapeuta indicada pelo governo me passou quando estávamos saindo da cidade. Agora me arrependo dessa decisão.

Puxo a manta que está largada aos pés da cama e jogo sobre os ombros, depois atravesso as portas duplas que levam ao pátio. A transição da madeira para a ardósia azul traz um calor bem-vindo sob os meus pés descalços. Inclino a cabeça para trás e inspiro profundamente aquele cheiro açucarado, como se polvilhado de açúcar. O céu está começando a clarear, com os tons mais sutis de pêssego e amarelo colorindo a linha do horizonte.

Os pastos ficam à esquerda, tão longe que, mesmo que houvesse cavalos ali tão cedo, eu só os veria como um ponto distante. Os degraus que levam até a grama estão escorregadios devido ao orvalho da manhã, mas quero sentir a umidade entre os dedos. Pouquíssimas vezes pude caminhar descalça na grama em Nova York: em shows no gramado principal ou piqueniques preguiçosos de domingo no Central Park. Programações e destinos de fim de semana. Isso aqui é um contraste radical. Uma mudança silenciosa em relação ao concreto, aos táxis e às grades de saída de vapor nas ruas, comuns nos deslocamentos matinais do dia a dia. E tudo isso fica a poucos metros de onde eu dormi. É o quintal exageradamente grande de Ace.

Um assovio rápido, seguido de um "Calma, garota" em uma voz grave, me faz virar a cabeça tão depressa que devo ganhar um torcicolo – acrescente isso à lista de coisas que vou ter que resolver. Parece cedo demais para alguém estar cavalgando, mas não faço ideia do que as pessoas fazem em Fiasco, Kentucky. Talvez isso seja completamente normal.

Depois de uma breve sequência de assovios, um cachorro surge do nada, correndo ao lado do cavaleiro. A cabeça marrom-chocolate destoa do resto do corpo salpicado de branco e cinza. O animal acompanha a velocidade do cavalo e do cavaleiro, que se aproxima a cada segundo depois de transpor uma pequena colina a menos de um campo de futebol de distância. O cavaleiro tem a postura muito reta e vem direto até onde estou. Então, puxa as rédeas e para quase de imediato. Não é Griz nem Ace. Não. Esse homem é mais corpulento, mais jovem do que eles, embora com certeza seja mais velho do que eu. Parece irritado, como se eu o estivesse incomodando só por existir no seu caminho. Mesmo que eu quisesse voltar para dentro da casa, ele me encara de um jeito que indica que é o tipo de homem que me seguiria. Tem cara de que não pergunta, e sim exige respostas para o questionamento mais provável: *Quem é você?* E eu teria que mentir, porque é isso que sou agora. Uma mentirosa.

Mas não vou fugir. Mesmo que ainda esteja tentando entender como vai ser exatamente essa nova versão de Laney, não vou deixá-la ser o tipo de mulher que foge. Por isso, endireito a postura. Descubro qual é a sensação de passar por um julgamento silencioso enquanto os olhos dele percorrem o meu corpo. Pois que julgue à vontade. Estou fazendo o mesmo.

Quando eu era adolescente, tinha um filme que eu via sempre que passava na TV. Na primeira vez, achei que fosse um faroeste. Começa com uma mulher em um duelo com um fora da lei chamado Rogan. Ela deixa o homem acreditar que vai ter o striptease que acabou de exigir, mas, quando desamarra a saia, saca um punhal e arremessa a arma com precisão absoluta direto no coração dele. A

mulher se salva. E, enquanto sai mancando da casa, vê ao longe o amor da sua vida se aproximando a cavalo. Ele a espera e os dois partem juntos rumo ao pôr do sol. Ele estava ali por ela, mas a mulher não precisou que ele a salvasse. Fez isso sozinha.

Sempre gostei da ideia de um homem assim. Um homem sexy e feminista que não precisa mandar em uma mulher nem salvar o dia para provar a própria masculinidade. Alguém que confia e permite que a mulher resolva as próprias questões sem ter que recorrer a ele, mas que está presente quando ela precisa. Com certeza nunca encontrei homens assim.

A reviravolta é que o filme acabou não sendo um faroeste coisa nenhuma. Era uma comédia romântica dos anos 1980 sobre uma autora reclusa que é forçada a viver uma aventura como as tramas dos romances que escreve. Ela se surpreende ao se revelar a maior fodona no final. Salva a irmã, conquista o cara e se torna a heroína da própria história.

Isso aqui não é aquele filme. Por mais que, de longe, esse caubói pareça uma fantasia, quanto mais ele se aproxima, mais nítida fica sua carranca. O cara não está nada satisfeito. Não sei exatamente quem é, mas, se tivesse que apostar, diria que Ace não lhe avisou que sou bem-vinda aqui. O homem faz o cavalo parar a não mais de quinze metros de onde estou agora, mas o cachorro – que na verdade é uma cachorra – não para.

O cavaleiro baixa os olhos, e me lembro na mesma hora de que estou vestindo apenas uma camiseta larga, com as pernas e os pés nus. Cerro os punhos, sem saber o que fazer com as mãos, enquanto ele me observa. Sinto o rosto quente quando o homem faz o cavalo avançar um pouco mais. Só percebo que estava prendendo a respiração quando meus pulmões soltam o ar.

O cabelo escuro dele escapa pelas bordas de um boné azul-royal gasto. Os ombros largos e a postura impecável dão a impressão de que nasceu para montar. Sua atitude é confiante e rústica. Meus olhos percorrem o peito forte,

sobem até o maxilar bem marcado, escondido por uma barba cerrada. Me demoro mais do que deveria nos braços musculosos até que chego aos nós dos dedos, brancos tamanha é a força com que segura as rédeas. Não consigo parar de encará-lo. A pegada dele nas rédeas parece tão tensa quanto todo o meu corpo. Quando o olhar do homem desce do meu rosto até os meus pés e volta a subir, os únicos sons ao redor são os gorjeios das aves despertando e o bater do rabo da cachorra no ar, enquanto o focinho úmido roça de leve a minha perna.

– Está perdida? – São as primeiras palavras que o caubói dirige a mim.

Por mais intenso que seja ver um homem se aproximar a cavalo, eu não esperava o tom mordaz da pergunta.

– No momento, não.

Ele franze ainda mais o cenho. Aposto que está tentando entender exatamente quem eu sou.

– Então, o que você está fazendo de roupa íntima na minha propriedade?

Propriedade dele?

Levanto o queixo e mostro o polegar para marcar que aquele é o item um do que vou dizer, com toda a pose que consigo reunir.

– Primeiro, essa é a propriedade do Griz. – Mostro o indicador, então, para o item dois. – Segundo, eu estava aproveitando a tranquilidade da manhã. – Abaixo os dois primeiros dedos e ergo apenas o dedo do meio. – E, terceiro – puxo a barra de algodão com a outra mão –, isso é uma camiseta. – Abaixo a voz para acrescentar quase em um sussurro: – Não é roupa íntima… que aliás nem estou usando agora.

Não me escapa o fato de os olhos do homem descerem outra vez até a barra da camiseta. Ele range os dentes com força suficiente para o maxilar forte estremecer, e sua expressão parece ainda mais severa sob a sombra da barba. Quando volta a encontrar os meus olhos, dá para ver quanto o meu comentário o

empurrou da irritação direto para a raiva escancarada.

Mordo o lábio inferior, tentando não sorrir. *Lógico* que estou usando roupa íntima. E talvez seja estupidez da minha parte dizer que não a um estranho, mas nesse momento o meu cérebro está funcionando com pouca ou nenhuma noite bem dormida. E essa falta de filtro me faz me sentir estranhamente bem.

A cachorra cutuca a minha perna de novo, me arrancando do duelo de olhares em que aparentemente entrei. Deixo que ela cheire o dorso da minha mão antes de me abaixar para coçar atrás das orelhas caídas.

– Oi! Você é mesmo uma fofura, não é? – As patas enlameadas fazem uma sujeira na minha manta, mas tenho certeza de que dá para lavar. Sussurro alto o suficiente para que o cavaleiro ouça: – Bem mais simpática do que o caubói que está encarando a gente agora, não acha?

Quando passo as mãos pelo pescoço dela, leio o nome *Julep* costurado na coleira peitoral. Sorrio e continuo o carinho enquanto ela se inclina para recebê-lo.

– Julep, ele ainda tá olhando pra gente?

– Vou te fazer um favor e ser sincero com você.

Continuo coçando atrás das orelhas de Julep e levanto os olhos para o homem.

– Imagino que, pelo seu tom encantador, esse "favor" não vai me fazer sorrir nem gemer, certo?

Faço um esforço enorme para não tapar a boca com a mão e pedir desculpa por ter dito a primeira coisa que me veio à cabeça. Quando levanto os olhos, vejo a expressão emburrada do caubói ficar abalada por um instante. Ele pigarreia, e o lado direito da sua boca se ergue só um pouquinho movendo o bigode espesso.

– Não estou interessado.

Faço um biquinho.

– Essa é a sua versão de ser sincero?

O olhar dele percorre meu corpo agachado e se detém na minha bunda, mais exposta do que eu gostaria pela minha posição diante da cachorra.

– Não tenho nenhum interesse nas sobras do meu irmão, docinho.

O quê?

Então a ficha cai: esse é um dos irmãos de Ace.

– Não sou seu docinho, caubói – retruco, e me levanto de novo.

Dessa vez, o peito do homem se expande e seus ombros se movem, achando graça da minha resposta.

– Não tem nenhum caubói por aqui. Em Fiasco, só tem cavaleiros e os caras do bourbon – diz, com um leve sotaque sulista.

É arrogância na medida certa para me lembrar de que estou aqui fora só de camiseta e que ele conseguiu despertar algo em mim que se parece perigosamente com atração. Eu realmente preciso dormir… Estou confundindo ofensa com flerte.

– Parece que também tem uns babacas.

Posso jurar que o canto da boca do homem se ergue um pouco mais, quase me premiando com um sorriso, mas o alarme do celular toca no seu bolso traseiro, deixando a minha provocação sem resposta. Quando desliga, ele vira o boné para trás, me lança mais um olhar e diz:

– Vem logo, Julep.

O boné é bonitinho. Virado para trás, fica sexy. Mas, se ele estivesse usando um chapéu de caubói, eu estaria apertando as coxas.

A cachorra late, me tirando dos devaneios. E late mais duas vezes para ele, como se dissesse: *tô quase*.

Eu também, garota. Eu também, penso, de forma nada inocente.

Ele levanta as rédeas e solta um assovio curto, fazendo o cavalo marchar em um giro completo. Então, passa por mim com velocidade suficiente para o vento levantar o meu cabelo e acertar o meu rosto. Não me detenho no fato de que não cheguei a saber o nome dele. Nem no fato de que não disse o meu. Em vez disso, a única coisa que ocupa a minha atenção é essa sensação de gravidade zero. Um frio na barriga, o rosto em chamas e um estado de mudez no qual raramente me vejo.

Solto uma risada nervosa.

– Que homem é esse, meu Deus?

5

GRANT

Eu queria isso. Queria tanto, tanto, que o meu maxilar doeu no instante em que dei a batidinha de teste. Mas o líquido ainda não estava encorpado. Estava próximo, mas não estava pronto. Não era o momento certo. Às vezes, conheço o bourbon melhor do que a mim mesmo. Está no meu sangue. A cultura, os detalhes e as notas do que torna um lote excepcional definem a nossa família. Nunca planejei ganhar a vida com isso, mas aconteceu muita coisa comigo que eu também não planejei.

Com o bourbon, existem regras. E, se essas regras não são seguidas, ele não pode ser considerado bourbon. É química, carvalho, fogo e tempo. Sei o que significa tostar ou carbonizar. E o tempo é a única coisa que parece lenta demais quando se quer parar de lembrar e rápida demais quando a gente olha para trás. O bourbon precisa de tempo e, não importa a rapidez ou a lentidão com que você queira que o tempo passe, isso não faz diferença. O bourbon tem regras. Regras mantêm o nosso negócio funcionando. E regras mantêm as pessoas seguras.

– Acordou cedo – diz Griz, da varanda da frente.

Não conto a ele que já estou acordado há horas. Que saí para cavalgar e checar o meu bourbon, e que encontrei uma das mulheres com quem meu irmão sai vagando por onde não deveria e tomei um banho. Um banho frio, inclusive. E me odiei o tempo todo, sabendo que fiquei excitado pensando naquela garota parada na minha propriedade, só de camiseta e sem calcinha. Eu estava quebrando algumas regras ali – escondendo algo da minha família e olhando para alguém que eu não tinha o menor direito de olhar daquele jeito.

Cacete, ela parecia jovem demais pra ele.

Quando me aproximo, vejo Griz apoiado no corrimão, mal se dignando a me

olhar duas vezes.

– Posso dizer o mesmo de você. Ou ainda não foi dormir?

O bigode do meu avô é tão espesso que quase não se mexe quando ele fala, mas não preciso ver a boca do velho para saber quando está rindo. O sotaque arrastado profundo passa de um murmúrio baixo para uma gargalhada aberta. É difícil não sorrir sempre que ouço aquele som.

Ele me lança um olhar de esguelha.

– Você sabe que o meu horário de dormir é quando o sol se põe.

Isso é uma bela de uma mentira. Eu só vim pegar um café antes de seguir para a destilaria e não estou com disposição para começar um duelo verbal com ele, então deixo passar.

Seguro o seu ombro e aperto com carinho. É a forma típica dos Foxx se cumprimentarem e se despedirem. Sempre foi assim, desde que éramos crianças. Nunca fomos muito fãs de demonstrações de afeto, mas eu sempre soube que posso contar com eles, da mesma forma que podem contar comigo.

Griz pigarreia antes de dizer:

– Um pequeno aviso antes de você entrar lá.

Faço uma pausa, a sobrancelha erguida, porque já sei sobre o que – ou sobre quem – ele vai me alertar.

– Ele tem uma hóspede – falo, me antecipando.

Meu avô baixa os olhos para a xícara do que imagino ser café, embora com ele nunca se saiba.

– Não sei se eu chamaria de hóspede, exatamente, mas talvez seja a mulher mais bonita que eu já vi.

Eu me odeio por querer concordar.

– Essa é uma declaração e tanto, Griz – comento, com um sorriso enviesado.

– Você já viu muitas mulheres na vida.

Griswald Foxx é um grande, talvez o melhor, mestre destilador do Kentucky, mas a segunda especialidade dele são as mulheres. O velho flerta com todo mundo, mas são as mulheres que o adoram. E ele gosta tanto de fofocar com elas quanto de cortejá-las.

Ele não encontra o meu olhar. Apenas sorri para dentro da xícara, como se compartilhasse uma piada particular com o que quer que esteja bebendo.

Quando me recosto no batente da porta, olhando em direção à cozinha, vejo-a de novo. O cabelo comprido desce até o meio das costas, em um tom de cobre quente, com algumas mechas douradas que me lembram a cor que faz o metal se dobrar. Ela olha para o lado, examinando alguma coisa na parede, enquanto balança as pernas nuas para a frente e para trás no banco alto onde está sentada. Fico me perguntando se a mulher consegue nos ouvir aqui fora ou se está imersa em seu próprio mundo. Ela parece inocente, mas, pelo jeito como falou comigo mais cedo, sem filtro nem rodeios, apostaria que é o tipo de inocência que atrai os homens para logo devorá-los. Não consegui parar de olhar para ela, como se não visse uma mulher há anos – e, para ser sincero, talvez não veja mesmo. Faz muito tempo que parei de olhar.

O que ela ainda está fazendo aqui?

Volto para a varanda, deixando a porta de tela se fechar suavemente, e pergunto:

– Quem é ela?

Mas, em vez de Griz responder, é a voz do meu irmão que ouço atrás de mim, enquanto ele sobe os degraus da varanda.

– Uma amiga.

– É mesmo?

Tenho que conter um sorriso diante das muitas formas como a palavra

“amiga” pode ser usada.

– Você pode me fazer um favor e não fazer perguntas? – Ele esfrega a nuca, um sinal claro de que está desconfortável. Meu irmão não se envolve em relacionamentos sérios. Nunca. Já vi muitas mulheres serem conduzidas para fora daqui pela manhã, mas nenhuma jamais havia ficado. Eu deveria deixar pra lá. Me controlar antes de fazer mais perguntas e ir me masturbar de novo. Mas acabo bisbilhotando mesmo assim. – Ela é um pouco nova, não acha, Ace?

Griz interrompe com outra gargalhada alta.

Viro a cabeça na direção dele.

– Por que isso é tão engraçado?

– Você nunca pergunta sobre mulheres. Nunca vi você nem sequer dar uma segunda olhada em qualquer uma delas. – Ele balança a cabeça, sorrindo. – Ah, isso vai ser divertido.

Aponto para Griz e semicerro os olhos.

– Não começa. Eu só fiz uma pergunta.

Mas Ace não me responde, apenas muda de assunto.

– Onde você estava hoje cedo? Precisei abrir o chalé, e a Julep foi a única que apareceu quando bati na sua porta. Depois, ela saiu correndo.

Merda. Vou ter que começar a acordar ainda mais cedo se quiser usar os cavalos e ir até as cachoeiras. É mais tranquilo do que os quadriciclos. Mas ainda não estou pronto para que ele saiba o que faço por lá. Então, recorro à mentira habitual.

– Não consegui dormir. Resolvi levar a Tawney para dar uma volta. Queria clarear um pouco as ideias.

É quando ele pergunta “Os pesadelos voltaram?” que o meu estômago afunda. Preocupar meu irmão, fazê-lo temer a possibilidade de eu estar entrando

em uma depressão de novo, faz com que eu me sinta um merda. É a última coisa que quero que ele pense, ainda mais quando foi Ace que moveu mundos e fundos para me ajudar a sair do fundo do poço. Foi ele que me obrigou a procurar ajuda. Que me fez entender que tomar remédio para depressão não era algo de que se envergonhar. Foi Ace que disse que experimentar uma possível solução para se sentir melhor, usar uma ferramenta de apoio para conseguir ter uma vida funcional, não lhe parecia derrota, e sim luta. E que eu sempre fui um lutador. Não da mesma forma que os meus irmãos, mas todos nós somos.

Balanço a cabeça. E era verdade, fazia muito tempo que eu não tinha pesadelos.

– Só muita coisa na cabeça com os caras novos começando essa semana. – Esfrego a pequena farpa de carvalho que ficou encravada no meu polegar mais cedo. – Além disso, vai estar quente demais para cavalgar mais tarde.

A umidade está altíssima para um início de verão. Tawney é uma boa égua, mas todos os cavalos que ficam alojados aqui, independentemente do seu temperamento habitual, ficam muito mais felizes nos pastos sombreados durante a tarde.

– Tá certo. – Ele segura o meu ombro e aperta uma vez. – O Lincoln e as meninas vão vir mais tarde para o jantar. Você vem?

– É noite de sexta-feira. Estarei aqui.

– Quer um café?

Ace aponta para dentro, e nego de novo com um movimento de cabeça. Se ele não quer que eu faça perguntas, então é melhor eu evitar a situação como um todo. De qualquer forma, nunca mais vou vê-la. Esse é o padrão de Ace com as mulheres que ele leva para casa – não é um hábito frequente, mas elas nunca se repetem. Para ele, isso deixa tudo mais leve e mantém à distância a ridícula maldição dos Foxx sobre a qual Fiasco adora fofocar. E acreditamos nela. Cada

um de nós conhece a perda como um rito de passagem. Toda mulher que um homem Foxx amou acabou morrendo. Acho que nenhum de nós quer se arriscar a sofrer outra perda como as que já vivemos.

Desvio o olhar por cima do ombro de Ace e através do arco de entrada. Não gosto de perceber que estou olhando de novo, mas é o que faço mesmo assim. Uma onda de culpa me atravessa por querer vê-la mais uma vez. Gostei da forma como ela falou comigo – sem nenhum traço de pena. Só uma estranha disposta a falar comigo de igual para igual.

Respiro fundo. Não foi assim que planejei começar o dia. Pensando naqueles olhos azuis bonitos e nos lábios carnudos.

Passo as mãos pelos bolsos traseiros do jeans. Quando me viro para seguir de volta pelo caminho que liga a casa principal à minha, flagro Griz sorrindo para mim.

Implicante do cacete.

Os olhos dele se estreitam, e o bigode se abre em um sorriso mais largo ainda.

Ao passar por ele, aponto de novo.

– Não começa.

– Mas eu nem disse nada. – Griz ergue as mãos. – Mas já avisei. É a mulher mais bonita que eu já vi.

6

LANEY

– Os estábulos ficam do outro lado da casa principal, a cerca de dois quilômetros e meio naquela direção – diz Ace, apontando para um campo gramado verde-claro com algumas árvores espaçadas, mais ou menos a cada quinze metros.

Os dois grandes carvalhos no extremo desse terreno seriam o lugar perfeito para pendurar uma rede. O zumbido das cigarras sempre me pareceu a trilha sonora de fundo do verão, mas aqui o som parece mais alto, faz a grama vibrar, e o efeito é instantaneamente relaxante – como uma máquina de ruído branco criada pela própria natureza, capaz de acalmar o meu corpo inteiro. Fecho os olhos e deixo o sol aquecer o meu rosto por um momento. Mesmo estando tão perto dos estábulos, o único cheiro que permeia o ar é aquele aroma ácido e adocicado.

É bom respirar sabendo que haverá algo doce no ar como recompensa. E, apesar da forma como essa manhã começou, hoje eu me sinto bem. Ainda não tenho um trabalho nem responsabilidades. Mas Fiasco, Kentucky, talvez seja exatamente a vida que eu nunca soube que queria. Estou com 29 anos, e a ideia de ler um livro em uma rede presa entre aquelas duas árvores parece o final perfeito para essa década de vida.

– Isso é mais do que eu esperava – digo a ele, impressionada com a paisagem que parece não ter fim.

E é verdade. Eu não tinha expectativa nenhuma depois que o programa de proteção a testemunhas foi mencionado. A princípio, me pareceu um exagero. Já tinham pegado o criminoso, e a mulher que ele mantinha em cativeiro estava segura. Mas, no momento em que a agente Harper entrou em cena, eu soube. Só a encontrara uma única vez antes, quando ela apareceu em Coney Island, na minha festa de formatura do ensino médio. Lembro-me dela porque foi por

causa de Harper que o meu pai precisou sair para trabalhar. O churrasco comemorativo continuou apenas com os nossos vizinhos. E com Phillip.

– Você vai ter bastante privacidade aqui no chalé. O meu irmão mora logo ali. Foi ele que reformou esse espaço e colocou a cama retrátil. Achou que o ambiente ficaria maior se a cama pudesse ser embutida.

O chalé é um único cômodo grande, mas foi tudo muito bem pensado, e os acabamentos deixam o espaço elegante e refinado. Assim como na casa principal, os elementos são modernos e masculinos. Há ferragens de metal preto nas gavetas e puxadores e luminárias douradas escovadas para complementar as luzes embutidas no teto abobadado. A altura faz o cômodo parecer muito maior do que os modestos 42 metros quadrados que Ace havia mencionado. De onde eu venho, um lugar como esse não seria barato. Se tivesse porteiro e piscina, seria considerado um apartamento de luxo.

– O aluguel…

Antes que eu termine, ele balança a cabeça.

– Tem muita coisa para fazer por aqui. A gente resolve isso com o tempo. – Ele abre a torneira da pia. – O que você fazia?

A pergunta me deixa nervosa, mas Ace provavelmente percebe, porque completa:

– Digo, de trabalho. Antes de vir para cá.

Acho que não preciso mentir sobre essa parte.

– Casamentos, principalmente. – Isso desperta o interesse dele. – Eventos de grande orçamento de um modo geral, mas na maior parte eram casamentos. De vez em quando, era algo… – Como explicar? Não dá para simplesmente dizer que a agência para a qual eu trabalhava organizava o MET Gala ou que fomos levados a Washington por dois anos seguidos para planejar e executar o Jantar dos Correspondentes da Casa Branca. Então opto por: – … de grande

visibilidade, com muitos convidados extremamente exigentes.

– E você gostava do trabalho?

Nos quase oito anos em que fui de estagiária a líder da minha própria equipe, não sei se alguém já tinha me perguntado isso. Era uma carreira, não apenas um emprego. E, pela primeira vez, eu era boa em alguma coisa. Meu pai não estava mais aqui. Eu não tinha muitas pessoas que se importassem o bastante comigo para perguntarem, de forma quase automática, algo além de "como você está?".

Coloquei como meta ser bem-sucedida em alguma coisa e simplesmente segui em frente.

– Eu gostava do trabalho, mas os meus clientes eram… – Balanço a cabeça, porque não quero que ele pense que não sei lidar com todo tipo de pessoa. Eu sei. Só me perdi no processo.

Ace assente, dando a impressão de que compreende o que eu queria dizer: *complicados*.

– As pessoas sempre dão um jeito de estragar coisas boas.

Meu problema foi misturar o profissional e o pessoal. Depois, decidi mergulhar de cabeça em péssimas decisões e em limites morais indistintos no processo.

– Talvez você tenha resolvido um pequeno problema para mim. Quando se sentir pronta, vamos conversar sobre o que você poderia fazer pela marca Foxx. – Ace está com os braços cruzados e parece perdido em pensamentos, até ouvirmos o som alto de um motor acelerando na estrada particular e freando bruscamente bem em frente. – É como invocar Lúcifer – diz ele, em voz baixa. – Aquela é a Hadley. Ela se ofereceu para buscar algumas coisas quando mencionei que uma pessoa se hospedaria no chalé. – Ele olha ao redor das paredes brancas e das janelas nuas, então sorri para mim. – Não recebemos muitas caras novas que fiquem por aqui mais tempo do que os turistas. Acho que ela está sendo mais

enxerida do que prestativa.

Mesmo com a risada tranquilizadora dele, o meu nervosismo aumenta.

– Ela sabe o que eu estou fazendo aqui?

Ele me observa com curiosidade.

– Laney, *eu* não sei os detalhes do que te trouxe até aqui, além do fato de que foi trazida por uma agente federal rabugenta. Só sei que você precisa manter segredo sobre o seu passado, e sou mais do que capaz de fazer isso.

– Quem ela acha que eu sou?

O som da porta do carro batendo faz com que ele atravesse o chalé e se encaminhe para a saída.

– Uma boa fofoca – diz Ace, enquanto se aproxima de um carro roxo-escuro brilhante que parece saído diretamente de um filme da franquia *Velozes e Furiosos*. – Hadley! – chama ele.

– Presente – cantarola uma voz rouca em resposta. – Está na hora da chamada, senhor?

Uma mulher alta, com o cabelo escuro preso em um coque bagunçado no alto da cabeça, surge atrás do porta-malas.

– Para com essa palhaçada – resmunga Ace, revirando os olhos. – O que deu em você ultimamente?

Ela mostra a língua para ele e ri enquanto sobe os degraus da varanda, murmurando:

– Nada do que eu queria…

Hadley carrega uma quantidade impressionante de sacolas reutilizáveis penduradas nos dois braços – uma em cada ombro, outra em cada dobra do cotovelo e mais duas em cada mão. Quando levanta os olhos, abre um sorriso enorme.

– Estou tão feliz que você esteja aqui. Essa cidadezinha precisa de caras novas. – Ela solta um suspiro exagerado e para na soleira da porta. – Caramba. – Hadley me examina da cabeça aos pés, o que normalmente me deixaria na defensiva, mas então solta uma risadinha. – Você é linda.

Fico surpresa com o elogio.

– Obrigada – respondo, com surpresa na voz. – Sou a Laney.

– Eu já sei. – Ela se inclina na minha direção ao entrar e dá uma olhada em Ace, que vem atrás, longe o bastante para não ouvi-la. – Mas estou curiosa, Laney: você é uma prima distante que ninguém conhecia ou está indo pra cama com o grande e malvado Atticus Foxx ali?

Ela continua andando pelo chalé sem me dar chance de responder. Tenho a sensação de que Hadley talvez nem queira mesmo saber.

Sim, Ace é absurdamente bonito. Não há dúvida de que ele é muito gato – só alguém muito distraído não repararia nele. Mas não foi ele que chamou a minha atenção.

– Ah, sim, este lugar precisa de cor – diz Hadley, continuando a falar, quase sem parar para respirar. – Peguei um café ótimo na Crescent de Lune, lá da cidade, e também chá a granel. Não sabia que tipo de cafeína você prefere, então trouxe algumas bebidas energéticas também.

Sorrio diante da gentileza.

– Sou do time café – digo.

– Eu também. E o resto aqui é basicamente para encher linguiça… – continua ela, rindo. – Aliás, eu também não dispensaria uma linguiça. – Hadley arqueia as sobrancelhas. – Bem mais divertido que comida enlatada, não acha?

O quê? Solto uma risadinha curta, porque fui pega de surpresa por aquela absoluta falta de sutileza. É revigorante. Eu estava torcendo silenciosamente para que houvesse um pacote de bala de alcaçuz vermelha nas compras. Seria

fantástico. Estou ansiosa, e doce é o meu vício.

– Achei que você provavelmente poderia precisar de… – Hadley larga as sacolas e começa a revirar o conteúdo, erguendo cada item. – Da última vez que estive aqui, o lugar estava com cheiro de mofo. Então, uma vela aromática. – Ela abre a tampa e cheira. – Hum. – Hadley me entrega a vela e, em seguida, puxa uma luminária feita de um cristal de sal rosa do Himalaia. – Isso é ótimo para um monte de coisas. Achei meio que essencial. – Não consigo pensar em nada que uma pedra possa fazer além de servir como arma. Mas Hadley continua com o "unboxing", tirando tudo de dentro das sacolas, desde uma caixa de absorventes até xampu a seco. – Ah! Escolhi os meus favoritos. Não se preocupe, tenho bom gosto. Tem condicionador, um sabonete líquido para o corpo e outro para o rosto, hidratante, uma toalha bem macia… – Então, ela ergue um esmalte que nunca fiquei tão feliz em ver. – O nome é "Sapatinhos de Rubi".

Sorrio.

– Gosto desse.

– Era isso ou rosa-claro.

Ela mostra a língua, fazendo uma careta de nojo que faz o meu sorriso se ampliar, cúmplice. Eu até gosto de rosa-claro, mas é a associação que faço com ele que me faz rejeitá-lo.

Hadley agora está com uma expressão séria, como se prestes a me entregar um objeto que mudará a minha vida, e ergue uma caixa preta em formato de cubo.

– E um massageador íntimo.

Provavelmente, são meu choque e minha risada incrédula, que quase se torna um engasgo, que fazem Hadley sorrir para mim.

– Eu sei, é um pouco invasivo, mas segui o meu instinto – diz ela. – Prima distante.

– Hadley – murmura Ace, em tom baixo, atrás de mim.

Ela olha para trás e pisca para ele.

– Vibradores te deixam todo incomodado, big Foxx? Em mim, eles certamente provocam sensações especiais.

Ele enfia as mãos nos bolsos, e sua postura contida se desfaz à medida que começa a caminhar em direção à porta da frente.

– Você está em boas mãos, Laney – diz Ace. – Me procura quando estiver pronta pra conversar sobre aquele trabalho.

– Obrigada de novo, Ace.

Ele assente brevemente, então aponta para Hadley.

– E você, por favor, não seja uma pentelha.

Consigo ler pessoas com bastante facilidade, e Ace Foxx é um homem confiante, com o que parece ser uma paciência infinita – ainda mais levando em consideração o quanto Bea e Griz o provocaram ontem à noite. Mas a mulher à minha frente, com pernas longas e piadas maliciosas, o tira completamente do eixo.

– Reservo esse meu lado só pra você e os seus irmãos – responde ela, com uma continência.

Quando Ace se vira para ir embora, Hadley mostra o dedo do meio para ele.

Mordo o lábio. Toda a interação entre os dois é hilária, mas não vou me meter.

Hadley abre a geladeira pequena e diz:

– Não tem problema se vocês dois estiverem se pegando. – Ela interrompe o que está fazendo por um segundo. – Conheço o Ace desde sempre. O irmão dele, Lincoln, é o meu melhor amigo.

Ignoro o comentário sobre mim e Ace e pergunto:

– Ele é o mais velho?

– Sim. Depois vem o Lincoln, que tem duas filhas pequenas, Lark e Lily. E você já conheceu o Griz, imagino?

Não consigo evitar o sorriso ao assentir, me lembrando do drinque de boas-vindas que ele me trouxe.

Percebo que ela não menciona uma esposa ou a mãe das meninas.

– O Lincoln tem alguém ou…?

– É viúvo – responde Hadley, com uma expressão triste. – São só ele e as meninas já há… – Ela faz uma pausa e pega mais alguns itens de uma sacola, incluindo peras, morangos e algumas folhas de alface. – Da feira de produtores de hoje de manhã. – Então me estende uma frutinha amarela para experimentar e coloca outra na própria boca. – Groselha. São boas. – Enquanto mastiga, Hadley ergue os olhos para mim. – A Liv, ou Olivia, esposa do Lincoln e mãe das meninas, morreu tem uns quatro anos. – Ela olha para cima, como se tentasse se lembrar. – É, foi um ano depois da Fiona.

Como é que vou conseguir acompanhar tanta gente assim?

Este lugar não é um município, nem sequer um distrito. É uma cidade muito pequena – o que significa que, em alguma medida, todo mundo sabe da vida de todo mundo. Não consigo entender por que a agente Harper achou que me trazer para cá seria boa ideia.

– E depois tem o Grant.

O caubói.

– Alguma chance de ele andar a cavalo?

– A maioria das pessoas por aqui anda a cavalo. Eu mesma tenho um puro-sangue que fica aqui. Todo mundo conhece alguém do ramo de cavalos. Por quê?

– Acho que encontrei esse Grant hoje de manhã.

Mordo o lábio inferior, me lembrando do jeito meio grosseiro do homem. E de como aquela camiseta marcava o seu corpo, de como ele encarou as minhas pernas nuas, tentando conseguir um vislumbre da minha bunda quando perguntei se o tal favor me faria sorrir ou gemer. Por que foi tão divertido dizer o que me deu na telha e depois ver a reação dele?

Hadley olha além de mim, pela grande janela dupla da frente.

– O Grant mora logo ali, descendo a colina, perto de você. Não é o mais sociável do grupo, então duvido que vá encontrá-lo com muita frequência.

Isso é decepcionante. A última coisa em que eu deveria estar pensando é na forma como esse tal Grant surgiu montado em um cavalo, todo arrogante, mas o fato é que gostei da sensação de devolver na mesma moeda.

– Com certeza você vai ver a Julep no seu gramado de vez em quando. Ela adora passear por aí. Mas ela é do Grant, então não se sinta mal se a bichinha te der um gelo.

– Estamos falando da cachorra, certo? Não de uma filha?

Ela ri.

– Cachorra. Sem filhos.

Adorei receber essa atualização. Hadley conversa comigo como se já fôssemos amigas. E, para falar a verdade, ter uma amiga parece uma boa ideia. O tom da nossa conversa dá a impressão de que estamos colocando o papo em dia a respeito de um lugar que eu não visitava havia muito tempo, e não de um lugar em que nunca estive.

– E você? – pergunta ela.

Abro o zíper de um pacote de lençóis.

– Não tenho cachorro. Sempre quis ter. Sem filhos também. Ainda estou em dúvida se isso é algo que realmente quero. – O cetim preto e sedoso é mais

bonito do que qualquer lençol que eu já tenha comprado para mim mesma. – Quanto te devo por tudo isso?

Ela afasta a ideia com um gesto de mão.

– Um drinque. – E, antes que eu possa interromper, acrescenta: – Eu pago. – Ela aponta para o próprio peito. – Riquinha.

Fico olhando para Hadley por um instante, examinando a sua aparência. Não é uma resposta típica, especialmente quando me lembro das pessoas ricas e esnobes com quem eu estava acostumada a conviver. Ela só falou, não se exibiu. E isso ganhou o meu respeito. Hadley não parece esnobe. O All Star branco combina com a regata por dentro da calça. Não há etiquetas de grife à mostra, apenas uma camisa de beisebol usada aberta como se fosse uma jaqueta de manga curta. Talvez seja uma peça de colecionador. Como não sou fã de beisebol, o sobrenome Turner não significa muita coisa para mim.

Ela percebe que estou tentando decifrá-la, ou pelo menos tentando descobrir como responder. Estou sendo uma cretina, julgando a mulher à minha frente, exatamente como as pessoas costumavam fazer comigo em segredo.

– Gasto o meu dinheiro com coisas de que gosto, não com o que as pessoas presumem que seja caro e bonito. Tenho um guarda-roupa incrível, com tudo, desde marcas mais populares como Walmart e Duluth a grifes como Louboutin e Saint Laurent. – Ela puxa a frente da camisa de beisebol. – Autografada. Fui até o Maine pra buscar. Tem um significado especial para mim. – Ela pigarreia antes que eu faça mais perguntas. – A minha família tem muita grana, e eu tenho o meu próprio negócio. Então, quando digo que o melhor pagamento é uma boa companhia, estou falando sério.

Sua sinceridade me faz sorrir.

– Em qual ramo?

Hadley se senta na bancada, balançando as pernas longas enquanto coloca

uma uva na boca.

– A minha família está no ramo de equinos. Criamos, reproduzimos e treinamos puros-sangues com um longo histórico de campeões da Tríplice Coroa. Mas o meu negócio é bebida. Por isso que eu sempre achei que deveria ter nascido na família Foxx – diz ela, em um tom sonhador. – Sou dona do melhor bar *speakeasy* do Kentucky, supersecreto e exclusivo. – O sorriso que acompanha essas palavras deixa evidente o orgulho que sente.

Ter esse tipo de negócio exige tempo, dinheiro e amor verdadeiro. É impressionante. Hadley é impressionante, e acho que tenho uma quedinha por ela.

Ela come outra groselha.

– Abri o Midnight Proof há alguns anos. Fiz 30 anos e decidi que era a única coisa que eu sempre dizia que queria fazer. – Hadley dá de ombros. – Então fiz. O meu pai não foi o maior fã da ideia, mas não sou a filhinha do papai que todo mundo acha que sou. Então não posso culpá-lo por ter resistido um pouco. – Ela faz um gesto com a mão no ar e diz: – Já falei demais sobre mim. – Então, saca uma garrafa de Foxx Bourbon da bolsa enorme, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. – Você está morando na melhor destilaria de bourbon do mundo. Precisava de uma garrafa, então peguei na casa principal. O Ace disse "itens essenciais". Considero isso essencial.

Hadley bate as palmas e desce com um pulo da bancada.

– Muito bem, sei que invadi a sua vida sem muita permissão. – Ela sorri, e o sorriso é muito semelhante ao que não saiu do meu rosto desde que essa mulher chegou. – Posso ir embora e voltar outra hora. Deixar você se acomodar. Ou você pode dar uma fugidinha comigo e eu te levo para um tour pela destilaria. O que acha?

7

GRANT

Estou de péssimo humor. Isso não é novidade, mas a disposição particularmente "radiante" em que me encontro hoje conseguiu entranhar fundo no meu âmago. Faz com que os meus funcionários mantenham uma distância maior do que a habitual.

Alguém pigarreia ao meu lado antes de falar:

– Chefe? Acho que tem alguma coisa errada com a máquina. Estou tentando aplainar as aduelas dos barris de hoje cedo e nada está encaixando direito – diz ele.

Levanto os olhos para o novato, que me encara por cima do ombro.

Temos uma plateia. Jimmy deve ter sido o sorteado para vir me trazer o problema.

Tento fazer com que ele descubra sozinho o que deve ser feito, em vez de eu ter que explicar.

– Você precisa que eu faça o seu trabalho…?

Vejo quando o rapaz engole em seco.

– J-Jimmy – gagueja. – É Jimmy, senhor.

Eu sei que o nome dele é Jimmy, igual ao pai, que é dono da Ferragens Dugan. Ele estudou com os meus pais e, como acontece em cidades pequenas, conhece a nossa história. Mas não faço amizade com as pessoas só porque elas sabem o meu sobrenome ou trabalham para mim. Eu era amigo de quase todo mundo com quem trabalhava no Departamento de Polícia de Fiasco. Isso não me serviu de porra nenhuma. No fim, eles só passaram a me olhar com pena e a falar de mim pelas costas. Já superei esse tipo de "amizade". Não tenho nenhum interesse em ser amigo dos homens e das mulheres que trabalham aqui agora.

Tenho os meus irmãos. Tenho o Griz e os rapazes do pôquer. Aqui, sou só o chefe deles. E já é o bastante.

Jimmy olha de novo para a equipe, que acompanha nossa conversa.

– Achei um desperdício descartar tudo. Eu li o relatório que foi divulgado sobre esta safra de carvalhos-brancos.

Eu me afasto do aro que estava ajustando e dou uma olhada. O rapaz tem razão, seria um desperdício descartar toda aquela madeira. Precisamos ficar atentos à escassez e ao desperdício. E uma forma de lidar com o problema é fazer o possível para que cada aduela tenha um propósito. Fazer barris é como qualquer trabalho manual: sempre vão surgir contratempos. Mas esse é o tipo de coisa que sei resolver. Madeira que não assenta direito. Um barril torto. Pequenos ajustes que fazem a nossa produção atingir os números de que precisamos no dia. Sempre fui bom em resolver problemas, completar quebra-cabeças e encontrar respostas. Foi isso que me tornou um bom policial – até deixar de ser.

Quando surgiu a vaga de mestre tanoeiro, Ace insistiu que eu assumisse.

– Você é um Foxx. Essa empresa é da sua família, Grant. E você é bom nisso. – Eu sabia o que ele queria, mas não tinha energia para dizer que estava nervoso com a ideia de ter uma equipe de pessoas contando comigo. Não queria estragar aquela responsabilidade. Eu já tinha feito isso antes e custou uma vida. Mas meu irmão não quis ouvir. – Se você quer estar aqui, então vai comandar, não vai só viver no automático.

Isso já faz mais de um ano. Eu preferia apenas executar o trabalho, mas agora tenho pessoas trabalhando para mim. Distribuí funções para cada um e confiei que fariam o que precisavam fazer. Não fico em cima. Eles são pagos para trabalhar. É simples assim. Se não fazem, eu demito. Jimmy, ao que parece, ainda não sabia disso.

Inclino o queixo na direção da bancada.

– Empilha isso.

Jimmy pisca para mim.

– Coloca na base – digo.

Ele mal parece ter idade para beber o que produzimos, mas entra em ação.

Normalmente, não falo muito aqui. Mas hoje está sendo pior. Estou distraído. A ida até as cachoeiras não me deu o que eu esperava e, depois, ainda dei de cara com uma maldita *pinup* andando por aí vestida apenas com uma porra de uma camiseta. Arranco as luvas de trabalho e esfrego a nuca. Por que diabo meu corpo reagiu a ela? Eu soube que aquilo não ia dar em boa coisa assim que meus olhos se fixaram nas coxas dela e senti meu pau reagir na mesma hora.

– Nem sempre as peças vão se alinhar certinho na bancada. Se algumas derem mais trabalho, você pode ajustar na marreta.

– Senhor, é o palete inteiro que não está alinhando – diz Jimmy, enquanto empilha.

Olho por cima do ombro dele e ergo a sobrancelha para os três que estão só observando Jimmy trabalhar.

– Foram vocês que mandaram o novato pedir ajuda?

Ainda não dei um panorama geral do trabalho para os novatos. Acho que agora é um bom momento.

– Muito bem, prestem atenção.

– Essa com certeza é turista – murmura um dos caras mais velhos, que está aqui desde muito antes de mim.

Não me dou nem ao trabalho de olhar. Muitos grupos de turistas passam por aqui, mas pouca coisa chama a minha atenção. A verdade é que estou irritado por não ter a atenção total da minha equipe.

– Se nenhuma dessas está assentando direito na bancada, então vocês precisam começar a empilhar – digo, e aponto. – Vocês dois, trabalhem nessas aduelas na base. E depois quero todo mundo ajustando as funções. Precisamos aquecer e vaporizar isso. Jimmy, você vai liderar o ajuste na marreta.

Ouço alguns comentários se espalhando pelo galpão.

Esse é o único lado negativo de fabricar os barris no local. Ter a tanoaria no mesmo espaço da destilaria faz com que haja muitos curiosos por aqui durante as visitas guiadas. Embora a Foxx Bourbon fique na extremidade mais distante da rota do bourbon, muita gente, praticamente todos os dias da semana, quer ver os bastidores da magia desse lugar.

– Estamos com escassez, o que significa que precisamos aproveitar cada aduela, mesmo que isso signifique trabalhar assim daqui para a frente.

Ninguém responde, o que me faz erguer os olhos. E, como eu imaginava, os quatro homens reunidos ao meu redor estão concentrados em alguma coisa atrás de mim. Até Jimmy está de olhos arregalados, com um sorriso bobo na cara.

Um dos homens que está aquecendo os barris assovia. Sei que não vou gostar do que vou encontrar, seja lá o que for. Talvez uma parte de mim já saiba o que – ou quem – vou ver.

Assim que ergo o olhar, é como levar um soco no estômago.

– Puta merda – murmuro.

Ela está usando mais roupas do que de manhã, mas não o suficiente para esconder o formato e o comprimento das pernas ou a maneira como a regata abraça as suas curvas. Aquele cabelo vibrante, que parece ter fios de ouro entrelaçados, esvoaça livremente para trás. E os lábios da mulher… Tenho que pigarrear e engolir em seco, porque chego a salivar só de ver aqueles lábios se curvando em um sorriso para Hadley.

Arranco as luvas, os dentes cerrados.

– Voltem ao trabalho.

8

LANEY

Eu estava interessada demais na Destilaria Foxx Bourbon para deixar passar aquela oportunidade. Poderia dormir em outro momento. De alguma forma, o universo conseguiu me colocar no epicentro de uma das marcas de bourbon mais respeitadas do mundo. Não é a minha primeira escolha quando o assunto é bebida, mas já servi inúmeras variações de uísque ao longo da vida. E, quando alguém pedia bourbon – e se entendia minimamente do assunto –, quase sempre pedia Foxx.

Em vez de entrar no carro potente de Hadley, seguimos a pé por uma trilha de pedra por pouco menos de um quilômetro e acabamos em frente à Destilaria Foxx Bourbon. A entrada me lembrou as vinícolas de Nova York, na região dos Finger Lakes. No último verão trabalhei em um casamento lá que era uma "pequena cerimônia íntima", com pouco menos de seiscentos familiares e amigos próximos. O casal quase desistiu após passar meses discutindo qual vinhedo seria o melhor para trocar os votos. A Costa Oeste era conhecida por seus vinhedos e pelo visual, mas os nova-iorquinos só conseguiam ostentar para o maior número possível de pessoas se o local fosse acessível de carro. A região dos Finger Lakes acabou conquistando os dois.

Eu me sinto confortável aqui, e não só por causa da umidade. Não há pretensão nem aquela sensação de exclusividade pouco acolhedora. O paisagismo cuidadosamente planejado varia de arbustos verdes perfeitamente arredondados a cerejeiras delicadas, de galhos finos. A vegetação, com toques de cor aqui e ali, emoldura as enormes portas duplas de carvalho. É simplesmente… lindo.

No topo da entrada está o logotipo da Foxx Bourbon, o metal preto curvado e moldado na letra F, com o perfil de uma cabeça de raposa entrelaçado ao

desenho. É grandioso e muito diferente do outro lado da propriedade, onde ficam a casa principal e o chalé. Isso aqui é para turistas.

Fomos recebidas pelo som de carros passando sobre o cascalho e o burburinho de grupos sentados ao longo do pátio no perímetro. Assim que nos aproximamos, o ar ficou mais doce.

– O cheiro aqui é tão gostoso – comento.

Hadley fecha os olhos e inspira profundamente.

– É uma combinação de milho, cevada maltada e centeio que fermenta quando é misturada com levedura. Além de virar bourbon, faz o ar parecer um banho de açúcar. – Ela estica a língua tentando capturar o aroma. – Delicioso.

Assim que começa a dizer mais alguma coisa, uma voz grave surge atrás de nós, e eu me assusto. Levo a mão ao peito e fecho os olhos por um instante. É a primeira vez que a voz de um homem me deixa sobressaltada. Eis uma das consequências que eu não tinha percebido que teria que enfrentar depois de ficar cara a cara com um monstro e sobreviver para contar a história.

– O mosto. O cheiro é sempre mais forte quanto mais perto da destilaria – diz ele.

O sorriso marca as covinhas leves e enruga os cantos dos olhos de um azul vivo. O cabelo castanho é um pouco mais comprido e, embora não seja uma cópia exata, sei que só pode ser o outro irmão Foxx. A mesma confiança, o mesmo jeito de andar. Cada traço chama atenção por si só, mas, somado ao maxilar quadrado, os homens da família Foxx realmente faziam jus ao sobrenome.

– Laney, esse é o meu melhor amigo no planeta, Lincoln Foxx – apresenta Hadley.

Ela sorri e passa o braço pelo dele, ficando na ponta dos pés.

Lincoln estende a mão.

– Meu avô, Griz, me contou tudo sobre a estranha jovem e bonita que está hospedada no chalé. Achei que pudesse ser você.

Hadley encara o amigo boquiaberta.

– Linc, você está flertando? – Ela aponta para mim. – Isso foi um flerte, não foi?

Não consigo evitar sorrir e concordar com a cabeça.

Lincoln deixa o sorriso de lado e encara a amiga com um olhar indiferente e sarcástico.

– Eu te odeio. E só estou dando boas-vindas à sua amiga. Não seja babaca, Hadley Jean.

Aperto a mão dele, sorrindo para os dois.

– É um prazer te conhecer. Toda a sua família tem sido muito acolhedora. Obrigada.

Os amigos trocam um olhar antes de Lincoln dizer:

– Então você ainda não conheceu todos nós.

O caubói. Mas, antes que eu possa corrigir a suposição, Lincoln começa a caminhar conosco.

– Posso me juntar ao tour de vocês, Hads?

Hadley responde com um sorriso malicioso. E, pelo rubor no pescoço dele logo acima da gola da camiseta, acho que Lincoln não costuma se juntar a visitas guiadas na própria destilaria.

Nós o seguimos passando pela entrada principal, onde grupos de pessoas aguardam o início dos passeios.

– Laney, você já esteve em uma destilaria? – pergunta ele.

– Essa é a minha primeira vez. Já fiz muitos passeios por vinícolas e cervejarias, mas nunca por uma destilaria.

O rosto de Lincoln se ilumina. As linhas do sorriso se aprofundam e as covinhas aparecem novamente. Ele bate palmas e esfrega as mãos, como se estivesse prestes a oferecer o melhor entretenimento do mundo. Lincoln é muito mais leve do que os seus dois irmãos.

– Bourbon é um negócio divertido pra caramba, mas, no fundo, tudo se resume a química básica. – Ele começa a explicar a ciência por trás do processo: como a fermentação e as proporções são o que diferencia os bourbons em sua essência. E destaca o que a marca Foxx faz de diferente das outras. – A nossa proporção de milho em relação ao centeio e à cevada é maior, o que deixa o bourbon mais doce. E, independentemente de qualquer coisa, para ser considerado um bourbon de verdade, uma das regras é que o mosto precisa ter pelo menos 51% de milho.

Lincoln é um charme. Um comunicador nato e um contador de histórias cativante. Não há como negar que ama o que faz e é bom no trabalho.

– Então, Laney sem sobrenome, por quanto tempo você pretende ficar em Fiasco? – pergunta ele, quando entramos em um espaço de aparência mais industrial. – O meu irmão foi bem vago a seu respeito e não deixou claro se você estava se mudando ou só de visita. Ele só disse que você passaria um tempo aqui e que era para te dar espaço até você começar a trabalhar.

– Bela maneira de dar espaço a ela, Linc – comenta Hadley, se encostando nele.

Eu sabia que as perguntas viriam. Só queria ter pensado melhor em como responder. Sem deixar que o silêncio se prolongue demais, dou de ombros e opto por:

– Vou ficar por aqui por um tempo. Estou entrando na minha fase do "não pensar demais" – acrescento, com um sorriso aberto. – Então… vamos ver.

Hadley entra na conversa:

– Amei isso. Eu penso demais em tudo. Geralmente, depois que já fiz.

– Então você é o tipo de garota que faz primeiro e pede desculpa depois? – pergunto.

Lincoln ri e responde pela amiga:

– Ela raramente pede desculpas.

Diminuo o passo quando nos aproximamos de um enorme tanque prateado.

– Ace está fazendo um favor a uma amiga, me dando um emprego e um lugar para ficar por um tempo. Nos conhecemos ontem à noite. – Quando olho para dentro do tanque, vejo que está quase cheio de uma substância amarela, espessa e borbulhante. Quando passo a mão por cima, sinto o calor irradiando. – Me envolver com alguém está bem no fim da minha lista de prioridades.

Hadley entrelaça o braço no meu enquanto caminhamos.

– Você, minha amiga, talvez queira considerar uma nova lista de prioridades. Mas fica o aviso: já tem fofoca rolando de que o Ace tinha uma "novinha" na casa dele hoje de manhã.

– As notícias correm rápido por aqui, né? Eu esperava que fosse mais uma cidadezinha do tipo "cada um cuida da sua vida", e não o estereótipo de filmes e livros.

– Ah, Laney, essa é a parte mais divertida. Costumo inventar uns dois boatos sobre mim mesma só para manter as velhas fofoqueiras fora da minha vida – diz ela, e me dá uma piscadela enquanto saímos do prédio principal.

O som do choque de metal contra o concreto faz com que eu me assuste novamente. O eco chama a atenção da maioria das pessoas, mas, no meu caso, faz com que o coração quase salte do peito.

– Aqui dentro é um pouco mais barulhento – explica Lincoln. – Muito por conta da madeira que é entalhada e encaixada nas aduelas e os barris que saem da

linha de produção para a etapa de tosta.

Ele aponta ao redor do enorme espaço de trabalho. Ao longo das laterais, vários grupos de visitantes mantêm a atenção voltada para o centro do lugar, onde acompanham as diferentes etapas do processo de produção de barris de madeira.

– Essa é uma das poucas destilarias que têm uma tanoaria própria. O meu avô decidiu que era melhor fazer do nosso jeito, em vez de negociar e pagar por um produto que não poderíamos controlar. É um dos nossos maiores ativos quando se trata de produzir bourbon. É nos barris que tudo muda. Eles nos dão controle total sobre o nível de carbonização e definem o plano do que estamos produzindo.

Lincoln fala enquanto caminhamos, e observo cada máquina, e também cada barril que é rolado para fora e segue para o seu próximo destino. Estou fascinada com cada etapa do processo. Desde a forma como ele explica que as peças de madeira são mantidas unidas por aros metálicos e pressão, até o tempo exato em que os barris estão sendo carbonizados para esse lote.

– Ali.

Ele aponta para uma esteira que transporta um barril recém-construído. Alguém aperta um botão, e o carvalho é imediatamente envolvido por um fogo controlado. Com um cronômetro de cinquenta segundos na parede, o barril tostado é coberto para abafar as chamas e, quando a cobertura é levantada, dutos de ar sugam a fumaça como se nada tivesse acontecido.

Mas perco o que Lincoln diz em seguida, ou o que quer que esteja tentando me mostrar, porque o meu olhar acabou de encontrar o caubói, agora sem o boné azul, tirando o barril da esteira para rolá-lo até o centro do espaço.

Quando ele ergue a cabeça, faz uma pausa longa o bastante para que nossos olhos se encontrem. Os segundos parecem se arrastar antes que ele se volte para

o homem ao meu lado, que eu nem lembrava que estava falando.

– … essa é a verdade, Laney.

– Desculpa, o que você disse?

Lincoln ri e lança um olhar na direção do que estava me hipnotizando.

– Nada. Vem, vamos marcar um barril.

Enquanto seguimos, ele olha por cima do ombro.

– Essa é a vantagem de fazer a visita guiada com alguém da família.

Hadley se inclina para mais perto enquanto caminhamos atrás de Lincoln.

– Aquele ali, com os braços musculosos e ombros largos, é o Grant Foxx. – Ela deve perceber exatamente o que estou sentindo, porque solta uma risadinha maliciosa. – É, eu sei. Todos uns gostosos, né? É ridículo.

Abro bem os olhos e sussurro para ela, mas na verdade quase gritando por cima do barulho do galpão.

– Todos eles. O que tem na água daqui?

– Calcário – responde aquela voz que ouvi de manhã cedo. *Como ele conseguiu ouvir isso?* – Esses dois são péssimos guias se ainda não te contaram sobre a água daqui. – Grant dá um sorrisinho convencido. – Foi isso que você quis dizer quando perguntou o que tem na água?

Idiota arrogante. Ele sabe exatamente o que eu quis dizer.

Grant baixa os olhos para as minhas pernas.

– Vejo que você encontrou uma calça.

Não acredito que ele disse isso.

Hadley e Lincoln se entreolham, claramente sem entender do que ele está falando.

– Linc, o que tá acontecendo aqui? – pergunta ela.

– Sinceramente, não faço ideia – responde Lincoln.

Hadley aponta de mim para Grant.

– Então vocês já se conheceram? – E, como ela pelo visto é o tipo de pessoa que não espera respostas antes de lançar mais perguntas, logo se vira para mim. – Achei que você tinha chegado lá ontem à noite.

No instante em que ela diz isso, aquela escolha específica de palavras, sei exatamente o que Grant está pensando. A expressão estoica dele vacila por um instante, e um sorrisinho quase imperceptível faz o bigode se mexer, um tufo mais espesso no meio da barba por fazer. E me dou conta rapidamente de que Grant Foxx não é apenas um homem atraente. Não. Ele é absurdamente bonito. Alto, forte. Cabelo castanho-escuro espesso, comprido o bastante para se passar os dedos e puxar. Olhos cor de mel, brilhando em tons que os tornam bonitos enquanto dançam pelo meu rosto.

– É verdade, docinho? Você *chegou lá* ontem à noite?

– Pode apostar que sim – retruco, mostrando que peguei a insinuação sexual. – Não que isso seja da sua conta.

– Docinho? O que eu perdi? – pergunta Lincoln ao irmão.

O olhar fulminante que lanço para Grant vira uma disputa silenciosa que, se eu não tomar cuidado, posso acabar perdendo.

Grant mantém os olhos fixos em mim enquanto responde ao irmão:

– Ela estava andando pelos fundos da casa principal usando uma camiseta do Ace. Sem calça. Achei que ainda estivesse bêbada ou perdida.

Cerro os punhos, e uma onda de calor percorre todo o meu corpo, subindo pelo pescoço e deixando o meu rosto ruborizado.

– Eu não estava nem uma coisa nem outra. Você pode levar a sua preocupação pro inferno.

Ele cruza os braços musculosos.

– Não achei que fosse te ver de novo. Ele geralmente não gosta de figurinha repetida.

Hadley solta uma gargalhada e passa o braço pelos meus ombros.

– Bom, parece que você vai ver ainda muito mais, já que essa moça acabou de se mudar para o chalé em frente à sua casa.

A velocidade com que as sobrancelhas dele se erguem e os lábios se entreabrem me dá uma satisfação que não tem preço.

Abro um sorriso.

Lincoln se inclina um pouco mais para perto e pergunta em voz baixa:

– Isso é verdade? Você e o Ace?

Não há nada de discreto na pergunta, já que Hadley e Grant aguardam a resposta e alguns funcionários atrás de Grant começam a prestar atenção à conversa. Grant lança um olhar duro ao irmão, e Hadley não consegue conter o sorriso presunçoso.

Esse vai ser o começo da minha história nessa cidade. O falatório vai se espalhar só a partir dessa breve interação, então faço questão de ser muito clara: o que estou fazendo aqui não é da conta de ninguém.

– Da última vez que conferi, Hadley – digo em voz alta, sustentando o olhar de Grant –, o que uma mulher faz com o próprio corpo, com ou sem um parceiro, não é da conta de mais ninguém além dela mesma, certo?

– Eu sabia que ia amar você! – Ela ri. – E é isso mesmo, Laney. Concordo plenamente.

Ela estende o braço para que eu entrelace o meu ao dela.

Quando começamos a nos afastar, faço uma pausa e observo Grant dos pés à cabeça. Já fui subestimada, já me prometeram coisas que não cumpriram e me

deixaram sozinha para recolher os cacos de uma vida que mal reconheço. Ele pode ser bonito, mas não vou me deixar intimidar. Já passei por isso e não recomendo.

– Não presuma que sabe qualquer coisa sobre mim, *caubói*. Porque já adianto: você vai acabar descobrindo que estava errado.

– Não sou caubói, lembra? – grita ele em resposta, me observando enquanto eu me afasto.

– Talvez você devesse considerar a possibilidade de usar outra camisa, então.

A camisa de cambraia fica bem demais nele. Mangas dobradas até os cotovelos, desbotada e gasta. Em Manhattan, ele estaria ditando moda.

Desvio os olhos para Hadley.

– Vamos fazer aquela degustação agora?

– Laney – chama Grant.

Quando me viro de novo em sua direção, parece que ele vai se desculpar, mas, em vez disso, fica parado ali, o rosto mascarado por uma expressão impassível, em silêncio.

– Adorei o som do meu nome na sua boca – falo.

Ergo as sobrancelhas, desafiando-o a dizer alguma coisa. *Vai em frente, tenta dar a última palavra, caubói*. Quando olho para trás mais uma vez, percebo que acabei de descobrir duas coisas muito importantes: com certeza consegui irritar Grant Foxx só por existir na cidadezinha dele. E acho que gostei disso.

9

GRANT

– Você acreditou naquela baboseira? – pergunta Del, debruçado sobre o seu pedaço de prime rib.

Nossos jantares no Hooch's após seus jogos da liga de boliche começaram como uma coincidência. Um ano havia se passado desde que a filha dele fora tirada de nós e eu ainda não tinha criado coragem para encará-lo. Não cheguei a tempo de salvar Fiona e não pretendia perdoar meu erro ou amenizar a gravidade dele. Del era meu amigo, e eu simplesmente não conseguia me forçar a falar sobre Fiona, a sequer me lembrar dela. Mas Del não conseguia parar de falar da filha. Não estava pronto para deixar que as pessoas a esquecessem.

A morte de Fiona foi classificada como homicídio cometido por um viciado em metanfetamina encontrado a cerca de um quilômetro da antiga fazenda de tabaco. Uma pessoa que havia trabalhado ali anos antes estava ocupando o lugar ilegalmente e completamente alterada quando a polícia chegou. Não tinha nada a ver com tráfico humano nem com um cartel de drogas. Pelo menos, foi essa a versão divulgada. Ao que tudo indicava, a informação inicial estava errada, e tudo terminou na perda desnecessária de uma vida. O caso foi encerrado antes mesmo de a grama começar a crescer sobre o túmulo de Fiona. Nada daquilo fazia sentido. Um mês depois, eu deixei a polícia.

Levanto os olhos para a TV de tela plana atrás do bar.

– Não, nem fiquei sabendo – respondo.

Mas a verdade é que ainda estou pensando na mulher que bagunçou o meu dia. "Adorei o som do meu nome na sua boca." Ainda não consigo acreditar que ela disse isso.

Mas Del continua falando e, em algum momento, paro de pensar naqueles lábios bonitos e no jeito como a mulher ficou parada no meio do meu local de

trabalho, devolvendo as minhas provocações na mesma moeda.

– O que eles estão omitindo é que esse cara é uma espécie de fantasma. Um amigo meu lá em Nova York disse que a última vítima dele conseguiu encontrar um jeito de escapar do galpão onde estava sendo mantida. O Corpo de Bombeiros chegou primeiro ao local e deteve o cara. A polícia de Nova York prendeu o sujeito e, com base em todas as provas encontradas, está tentando ligar a ele cerca de meia dúzia de pessoas desaparecidas. Não são muitas vítimas porque ele saboreia o que faz. Dá pra acreditar numa merda dessas?

– Pelo amor de Deus – resmungo. – É disso que você e seus amigos do FBI ficam falando?

Ele pega uma batata frita do meu prato.

– É. E da temporada de merda que os Yankees vão ter – diz, enquanto corta a carne malpassada e coloca um belo pedaço na boca. – Mas esse suspeito… não tem um padrão. Não está claro se existem outros locais além daquele. É a porra de um pesadelo para eles.

– Achei que a maioria dos seus contatos já estivesse aposentada – comento. Del conhece todo mundo. Faz parte da natureza dele fazer perguntas e ser um cara simpático. Ele sempre dizia que esse truque de ser o "policial mau" era bobagem. Que sempre se conseguem informações melhores com mel do que com cuspe.

– Aposentados ou mortos, mas sobre o que mais a gente vai conversar além de casos policiais e esportes?

– Vocês querem mais um pouco? – interrompe Marla.

Ela já está servindo a jarra de Ale-8, um refrigerante local, nas nossas canecas. É uma das quatro opções do Hooch's: água, bourbon, café ou Ale-8.

Del sorri para ela.

– Obrigado, Marla.

– Lembra quando a Fi só me deixava colocar no canal do futebol ou naquela série *Mistérios Sem Solução*? – comenta Marla, nostálgica.

Sinto o peito apertado só de ouvir o nome dela. Cinco anos se passaram, e ainda é como levar um soco no estômago. Novamente sou assolado pela certeza de que, se tivesse dirigido mais rápido, chegado antes, ela teria tido apoio. Me desligo do resto da conversa até Del cutucar o meu braço.

– Enfim, esse suspeito lá do Norte… A garota que sobreviveu tinha partes da pele arrancadas. Esse doente do caralho não estava só torturando e matando. Ele estava comendo as vítimas. Encontraram outros pedaços de pele em salmoura. Como se tivessem sido deixados em conserva.

Largo o hambúrguer no prato e encaro Del com minha melhor expressão de *você só pode estar de sacanagem*.

Ele solta uma gargalhada.

– Perdeu o jeito, Foxx?

– Só o apetite – respondo, limpando as mãos no meu monte de guardanapos finos demais. Dou um gole no refrigerante. – E a gente não lidava com esse tipo de coisa por aqui.

Ele assente, os olhos fixos no prato, e tenho vontade de engolir as palavras que murmurei. Não importava o que a gente via ou quem a gente prendia em Fiasco, por mais banal ou perturbador que fosse um chamado, nada se comparou àquela ocorrência em que a filha dele foi a vítima. Talvez não tivéssemos canibais ou assassinos em série, mas coisas ruins acontecem, mesmo em uma cidade pequena.

– Ouvi dizer que tem uma nova inquilina morando no complexo dos Foxx – diz ele, mudando de assunto.

Fico observando Marla secar os copos recém-saídos do lava-louça fumegante sob o balcão. Ela não engana ninguém, fingindo não ouvir a fofoca que Del está

espalhando.

Mas, antes que eu possa negar, Wheeler Finch, pai de Hadley, se intromete atrás de nós:

– Garota de cidade grande. Ouvi dizer que estava fazendo companhia ao seu irmão nas últimas noites também.

A risada faz a barriga dele balançar a mesa à frente. Eu não tinha percebido que o homem estava ali. Talvez esteja mesmo perdendo o jeito. Normalmente, sei exatamente quem está ao meu redor e o que está acontecendo. Portanto, deveria ter percebido que Wheeler e o sócio dele, Waz, estavam por perto. Nunca gostei da família de Hadley, especialmente do pai dela. Wheeler adora colocar dinheiro na mão de qualquer um que aceite e dê o que ele quer. Assim, tem a maioria dos treinadores de cavalos que trabalham no Kentucky na palma da mão, o que significa que recebe informações privilegiadas sobre quais puros-sangues têm potencial de vencedor. O homem construiu um império, assim como o meu irmão construiu o dele, mas os dois não são nada parecidos. Ace é respeitado. Wheeler é temido.

– Não sabia que você estava trabalhando para as senhoras do clube de leitura e que tinha começado a espalhar boatos por aqui, Wheeler – digo.

Odeio que esse sujeito esteja falando de Laney, ainda mais tentando alimentar a ideia de que ela passou a noite com o meu irmão.

– Não é fofoca quando eu sei que é verdade – rebate ele.

Filho da puta.

Del pousa a mão no meu braço e troca um olhar silencioso com Marla, que guarda o celular e começa a se aproximar das mesas. Mais uma palavra. Só isso. É tudo de que preciso para partir para cima de Wheeler Finch sem a menor culpa. Não há dúvida de que eu preciso descarregar essa energia no meu saco de boxe.

Del se inclina na minha direção.

– Não vale a pena, Grant. Eu não vou conseguir fingir que não vi você dar um soco na cara desse ricaço. Você sabe que ele vai prestar queixa. E, de mais a mais, não tem necessidade de deixar a água entre a família dele e a sua ainda mais turva.

Para deixar claro, as únicas pessoas em quem já acertei um soco foram os meus irmãos. Quando éramos mais novos, e por bobagens. Quando Linc tinha 9 anos e viu sua primeira luta livre nas apresentações da WWE, decidiu que eu seria o adversário perfeito. Levou alguns anos até eu conseguir fazer frente a ele de verdade. Era tudo brincadeira naquela época. Conforme fomos ficando mais velhos, Ace se tornou o mais esquentado. E Lincoln estava sempre lá para dar apoio, independentemente das consequências. Eles se envolveram em muitas brigas ao longo dos anos, mas nenhuma terminou em prisão por causa do nosso sobrenome. Já na casa dos 20 anos, eu sabia que eles, volta e meia, ultrapassavam algumas linhas legais, mas nunca me envolveram nisso. Eu sempre quis ser policial.

Meus irmãos são brigões, mas nunca me julgaram por não ser. Eu não entrava em brigas por eles, mas os dois estavam sempre ali para intervir ou resolver a situação se alguém falasse alguma coisa que não devia. Essa é uma curiosidade de Fiasco: quase ninguém recua de uma briga. Verbal ou física. Quando Fiona morreu e, logo depois, perdemos Olivia, as coisas deixaram de fazer sentido para mim. Foi Ace quem me trouxe de volta para o negócio da família e instalou o meu saco de boxe. Ele disse: "Vai trabalhar e depois desconta tudo nesse saco de boxe. Mas não se perca na bebida nem em brigas de bar." Ele é o meu irmão mais velho e, mesmo sofrendo também, fez de tudo para que a gente sobrevivesse.

O sobrenome Foxx carregava muito peso na cidade. Para a maioria das pessoas, significava quem fazia o melhor bourbon do Kentucky. Para alguns poucos que conheciam a nossa história, éramos os irmãos marcados por muitas

perdas. Mas, para quem nasceu e cresceu em Fiasco, éramos a maldição que nos foi imposta. Nunca se falava disso abertamente, pelo menos na nossa presença, mas o capacho de Wheeler não recebeu esse recado.

– Vai ser por pouco tempo. Todo mundo sabe que um Foxx não consegue manter uma mulher viva – diz ele, rindo.

Esses dois caras acham que têm o direito de falar esse tipo de merda e sair impunes. Bem, hoje não.

Vou em direção à mesa deles antes mesmo de tomar uma decisão consciente. Neste exato momento, Lincoln entra pela porta da frente, esbarra no ombro de Waz e segue em passadas rápidas até mim. Então me empurra para trás, em direção à cozinha.

– De onde você surgiu, Linc?

Wheeler gargalha alto atrás dele, e Waz exibe aquele seu sorriso presunçoso, como se tudo isso fosse apenas entretenimento para o jantar deles. Se a ideia não fosse absurda, diria que foi tudo perfeitamente cronometrado. Mas sei que não foi isso. Aposto que Marla mandou uma mensagem para Lincoln assim que Wheeler abriu aquela boca de caçapa. Se ele já estava a caminho de casa, vindo da destilaria, então deu sorte.

– Se acalma – fala Lincoln em um grunhido.

Meu irmão mais velho já não é o maior de nós. Ele pode ter alguns centímetros a mais de altura, mas eu peso pelo menos dez quilos a mais. Quando ele me empurra porta afora, eu avanço de volta. Lincoln se esquiva, mas não é rápido o bastante para evitar o soco que dou em seguida. Não pega no nariz, mas acerta em cheio o olho esquerdo.

– Porra! – grita ele, e se abaixa.

Sou pego de surpresa por seu ombro acertando com força minha barriga. Caio na lama e no cascalho com um baque seco. O impacto me deixa sem ar, e

um bom punhado de cascalho se crava na minha bunda e nas minhas costas. Tento tirá-lo de cima de mim, mas Lincoln consegue me dar dois socos no rim que provavelmente vão me deixar dolorido amanhã.

– Merda! Sai de cima de mim!

– Já acabou? – grita ele de volta, sem fôlego.

Eu me sento, os braços apoiados nos joelhos dobrados.

– Sim. Já acabei.

– Tá socando fofo – fala Lincoln, cuspindo perto de onde estamos ajoelhados.

– Vai se foder – retruco, rindo.

– Você sabe que eu tô certo. – Ele para de sorrir e pergunta: – O que aconteceu?

Seguro a mão que Lincoln estende para me ajudar a levantar.

– Aquele imbecil começou a falar merda.

– Porra. Bem que eu queria que você tivesse acertado um soco nele antes de eu chegar. – Lincoln ri. – Que merda ele estava falando?

Balanço a cabeça.

– Tem alguma coisa a ver com a garota nova? Você fica muito esquisito perto dela…

– Quem? Não – respondo rápido demais.

– É que faz muito tempo que não te vejo falar com uma mulher, quanto mais flertar com uma.

– Eu não estava flertando com ela…

– Não foi o que me pareceu.

Mas, antes que ele consiga dizer mais alguma coisa, Del surge pela porta dos fundos, avaliando a cena.

– Marla colocou uma fatia de torta de leitelho junto com o que sobrou no seu prato.

Pego a quentinha da mão dele com um sorriso tenso.

– Obrigado, Del.

Lincoln cumprimenta o recém-chegado com um aceno de cabeça.

– Del, que bom te ver.

– Digo o mesmo, Lincoln. A gente se vê mais tarde, Grant.

Aceno para ele.

– Quer carona? – pergunta meu irmão, enquanto seguimos em direção ao estacionamento da frente. – Só preciso abastecer, mas posso te deixar em casa.

– Não, estou com a minha caminhonete – respondo. – Quem está com as meninas?

– Ace ficou com elas hoje à noite – responde ele, mas não encontra o meu olhar.

– Quer companhia?

Lincoln sorri para mim com uma expressão que já é uma resposta antes mesmo de ele abrir a boca.

– Quero, mas você não é o tipo de companhia que eu tô procurando, maninho.

– Justo. Se cuida.

Vinte minutos depois, estou chegando em casa. As únicas luzes acesas vêm do chalé que fica a menos de sessenta metros da minha porta da frente. A cabeça de Julep surge na varanda do chalé. O que a minha cachorra está fazendo lá em cima?

Desço da caminhonete, e Julep fica só me olhando. Bato palmas duas vezes para chamá-la, mas ela ignora o comando e abaixa a cabeça de novo. Solto um

assovio curto e chamo em voz baixa:

– Julep, vem cá.

Em vez de obedecer, ela apoia a cabeça nas patas estendidas. Coço a nuca. Esse não é um comportamento típico dela. Julep sempre vem quando chamo. *Tudo bem, fica aí*. Ainda estou pilhado e adoraria socar mais alguma coisa. Não tenho motivo para me sentir tão descontrolado por causa de Waz e Wheeler falando merda, principalmente quando envolve uma mulher que mal passa de uma estranha, mas, enfim, as coisas são o que são. Preciso descarregar um pouco dessa energia. Ou dessa raiva. Seja o que for, está me deixando agitado demais. A única válvula de escape que eu tenho, a única que não fala, não cria mais problemas nem revida, fica na minha oficina.

Meu punho se choca contra o saco de boxe preto pendurado nas vigas da minha oficina. Firmo a base e giro o quadril, disparando diretos de direita numa sequência rápida, passando por uma série de jabs, ganchos e uppercuts até que um dos meus nós dos dedos se abre. Inferno, preciso enfaixar as mãos. Meu cabelo está úmido de suor. Tiro a camisa e a uso para enxugar o rosto. Depois a pressiono contra os dedos que estão sangrando.

Quando volto para a caminhonete, por algum motivo, me sinto ainda mais irritado do que quando cheguei em casa. Reviro a bolsa de academia que está no banco de trás e nada. Minhas faixas só podem estar na lavanderia. *Que se dane*. Os nós dos dedos já estão machucados mesmo. Bato a porta da caminhonete com força, e Julep solta um latido, ainda sentada na varanda de Laney.

Quando me aproximo, ela levanta a cabeça.

– Jules, vem.

Mas, ao que parece, ela não está interessada em me ouvir esta noite. Simplesmente abaixa a cabeça de novo e não se mexe.

– Vai ser assim? – Não estou de bom humor e só quero que a minha cachorra

me acompanhe para casa. Aponto o queixo na direção do meu chalé. – Vem.

Mas ela é teimosa e fica só me encarando de volta. Não acredito que estou implorando para a minha cachorra me seguir. Ela sempre obedece quando eu chamo.

– Eu disse: vem, Julep.

Em vez de sair da varanda, ela vira o corpo, jogando as patas para cima, me oferecendo a barriga. Já estou parado aqui tempo demais. Não quero ver a minha nova vizinha agora. Mas é claro que, quando ergo os olhos de novo, Laney está parada na porta, me observando perder a cabeça. Ela está usando uma regata, sem sutiã à vista, e um short tão justo e colado ao corpo que é mais provável que seja uma calcinha.

Laney sorri de lado para mim.

– Se perdeu?

Engraçadinha.

Devolvo o sorriso sarcástico.

– Só vim buscar a minha cachorra. Você pode voltar a se vestir. – Baixo os olhos para as pernas nuas dela e a encaro de novo. – Parece que te interrompi.

– Você tá na minha varanda…

– Não é exatamente a *sua* varanda. – Inclino a cabeça para o lado.

– Você me acordou. – Ela balança o dedo para cima e para baixo na minha direção. – E sem camisa, a propósito.

– Tá quente aqui fora.

Continuo encarando a forasteira, sem deixar os olhos escorregarem de novo para aquelas malditas coxas ou para o jeito como os seios dela estão ouriçados, os mamilos rígidos.

– Com certeza. – Laney baixa os olhos e faz uma dupla checagem.

– Vem, Julep – digo de novo, tentando ignorar o fato de que só de olhar para ela já estou ficando de pau duro.

– Você tá sangrando. – Ela acena para minhas mãos com a cabeça.

Não olho para baixo. Em vez disso, mantenho os olhos nela, tentando entender por que se importaria se estou machucado ou não. Que diabo Laney realmente está fazendo aqui? Isso não é um Airbnb. Por que Ace deixou essa mulher morar aqui, inferno?

– A sua mão direita. Espera, acho que tenho band-aid – fala Laney, já se virando para entrar.

Dou as costas e me afasto. Não preciso de curativo nenhum. Não posso entrar nessa. Vou acabar tentando ir para a cama com essa mulher.

– Julep! – grito por cima do ombro. – Vem!

Volto para o meu quintal, contorno a parte de trás da casa e entro pela porta de tela. Julep não está aqui, provavelmente continua naquela varanda. Reviro as gavetas da cozinha, em busca de um band-aid para a minha mão. Abro a torneira e vejo a água fria passar do rosa para o transparente. A mão começa a latejar, mas estou tão agitado que mal percebo.

– Merda. – Apoio as mãos na bancada à minha frente e abaixo a cabeça. Preciso me acalmar de uma vez. Tento inspirar fundo, segurando por três segundos, antes de soltar o ar por completo. Mas não adianta muito. – Merda, eu quero essa mulher.

Eu me contorço ao pensar nos lábios dela, que parecem estar sempre fazendo um biquinho provocante. Como se ela não estivesse conseguindo o que quer depois de chupar um pirulito de cereja. Quero saber como o corpo dela me receberia. Se ela ia choramingar ou gemer quando sentisse prazer. Qual deve ser a sensação de encaixar o meu pau entre os seios dela e encharcá-los de tanto gozar? Como deve ser fazê-la me lamber até me deixar brilhando?

Merda. Posso me odiar depois.

Desafivelo o cinto, abro o botão do jeans e o deixo cair. Depois de tirar as botas com pressa, chuto a calça para o lado. Então, cuspo na mão e seguro o pau. Laney não é delicada nem frágil. Aposto que seguraria firme, do jeito certo. Não consigo conter o gemido ao imaginá-la ajoelhada à minha frente, me chupando com aqueles lábios e engasgando enquanto eu me enfio até o fundo da garganta dela. Fecho os olhos e imagino como ela me fitaria com aqueles olhos lindos, os seios perfeitos totalmente expostos, e depois como abriria lentamente as pernas para mim.

– Cacete. Assim.

Minha bunda nua bate na bancada, mas não estou nem aí para onde estou nem para o fato de estar nu. Mantenho o ritmo lento e forte, do jeito que eu brincaria com ela. Movendo o punho para a frente e para trás, me controlo antes de chegar ao limite, porque já poderia ter gozado na terceira batida do pulso. Essa é a segunda vez que basta trocar algumas palavras com ela para eu ficar duro desse jeito. Pronto para fantasiar sobre o quanto Laney estaria molhada se eu sussurrasse todas as baixarias que poderia fazer com ela.

Seguro o pau com mais força, deslizo o polegar pela glande e, nossa, isso é bom pra cacete. É isso que dá ficar celibatário por tempo demais.

Imagino o sorriso que ela abriria se eu dissesse que queria me enterrar naquela boceta deliciosa. *Porra, que falta que eu sinto de chupar uma boceta*. Imagino a sensação da carne quente de Laney contra a minha língua, o sabor doce como mel da umidade dela espalhada pelos meus lábios. Como eu afundaria dentro dela e a foderia tão fundo que ela perderia o fôlego. Imagino como uma mulher como ela se sentiria se eu gozasse dentro dela. Se ela me espremeria até a última gota e depois pediria mais.

Acelero o movimento. Meu corpo está tão tenso que minhas coxas começam

a ficar dormentes, o suor deixa minha pele escorregadia, e estou pronto para me deixar levar e me entregar a isso. Com a cabeça inclinada para trás e apoiada no armário, imagino Laney me olhando como se não desejasse mais ninguém.

– Isso, docinho. Olha pra mim.

Estremeço ao ouvir passos do outro lado da porta de tela e, só de pensar na possibilidade de ela me ver assim, gozo com tanta força que meu corpo inteiro se contorce contra a bancada e um jato de sêmen voa no meu peito. Eu arquejo e solto o ar que estava prendendo, enquanto o orgasmo intenso se dissipa lentamente, deixando os meus membros formigando.

Cacete.

Levo alguns minutos para lembrar que estou totalmente nu na minha cozinha, antes de limpar a bagunça que acabei de fazer e seguir em direção à porta dos fundos para dar uma olhada em Julep. Mas, em vez de ver a minha cachorra deitada nos degraus, vejo uma caixa de band-aid em cima do corrimão.

10

LANEY

Fico deitada na cama, observando a luz dourada e alaranjada no lado esquerdo do meu quarto começar a se espalhar pela parede conforme os minutos passam. Não saio do meu chalezinho há dias. O sono finalmente me venceu. Mas, toda vez que eu acordava, a mente disparava, pulando de um pensamento intenso para o outro. O meu preferido era o que envolvia o meu vizinho.

"Isso, docinho. Olha pra mim." Levei band-aids para ele e, pouco antes de bater naquela porta de tela, meus ouvidos captaram o gemido grave e gutural dele. Sou uma estranha invadindo a vida do homem. E, segundo a maioria das pessoas, Grant Foxx não vai ser um vizinho simpático. Mas eu entendi que ele estava se masturbando, e foi o apelido que ele atribuiu a mim com tanta naturalidade que escapou dos seus lábios. Cobri a boca com a mão e desci os degraus devagar. Eu queria ser o tipo de mulher que entraria ali e lamberia a bagunça que ele fez. Mas não sou. Ainda não.

Espio por cima dos travesseiros fofos que me cercam para ver a hora. 10h47. Faz pouco mais de cinco dias que cheguei a Fiasco. Depois do meu curto período como uma espécie de voyeur, dormi dezoito horas seguidas antes de sair de casa novamente. Tomei um copo d'água sentada nos degraus da varanda e fiz carinho na barriga de Julep por cerca de uma hora antes de decidir que queria voltar a dormir. Eu merecia alguns dias de preguiça, e dormir era o que o meu corpo pedia. Bem, talvez não fosse a única coisa… "Isso, docinho."

Eu me daria melhor com uma rotina, e tempo é a única moeda que tenho em abundância, por isso, hoje, vou me aventurar a sair e explorar o que este lugar tem a oferecer. Talvez passe até no mercado para comprar algumas coisas e poder usar a cozinha compacta e bonitinha da minha nova casa para preparar alguma coisa. Sinto os olhos marejados quando me lembro dos jantares da minha

infância. Eram sempre simples e repetitivos, mas meu pai tinha uma queda enorme por doces, e acabamos ficando muito bons em preparar sobremesas.

Vou precisar aceitar a oferta de emprego de Ace. A pequena quantia de dinheiro que recebi de Bea não vai durar muito. Duvido que Fiasco se interesse por escambo. Escambo. Sinto um calafrio e fico com o estômago embrulhado.

"Você tá levando alguma coisa que me pertence, sua ladrazinha bonita? Tá planejando fazer escambo?"

Como algo tão pequeno como uma palavra é capaz de me levar direto para a noite que me trouxe até aqui? Quero apagar isso da mente. O que aquele monstro disse e a maneira como disse. Como a calma na voz dele fez a minha pele se arrepiar mesmo em meio ao caos. Odeio o fato de que esses pensamentos e lembranças continuem ali, à espreita, esperando para me atormentar.

Eu apenas reagi. Engoli o medo e agi o mais rápido que pude. Semicerro os olhos, sentindo nojo das minhas próprias escolhas. Não consigo esquecer o grito que se seguiu depois que mandei Phillip ir embora. Um grito dilacerante, que soou como se alguém estivesse sendo torturado. E estava mesmo.

Não sei se algum dia vou esquecer a maneira como ela desabou nos meus braços e como eu a arrastei pela saída. O alívio que senti quando os bombeiros correram na nossa direção. Os calafrios que percorreram o meu corpo, se infiltrando fundo nos meus ossos, os mesmos que ainda sinto agora. Estou apostando na ideia de que o tempo vai ajudar a apagar um pouco disso. Talvez não tudo, mas o bastante para que eu pare de me sobressaltar sempre que escuto barulhos altos e vozes graves inesperadas.

– Oi?!

Eu me sento na cama quando escuto as batidas fortes na porta da frente.

– Talvez ela não esteja aí dentro – diz uma vozinha.

Aquela voz faz com que os meus ombros relaxem instantaneamente e leva

um sorrisinho aos meus lábios.

– Talvez ela tenha fugido quando viu o tio Grant todo nojento e suado – diz outra voz, rindo. A ideia me faz tentar espiar sem pudor pela janela para flagrar um Grant Foxx suado.

– Lark, se a gente se equilibrar no corrimão, talvez dê pra ver lá dentro.

Ouço pés se movimentando na varandinha da frente.

Meu estômago ronca, e passo as mãos pelo cabelo oleoso. Um banho cairia muito bem depois de passar tanto tempo na cama.

– Moça, você tá viva? O tio Grant disse que não te viu a semana inteira e a gente ficou esperando você sair – diz a primeira voz.

– Mas você nunca sai – acrescenta a outra, soando derrotada.

Prendo o cabelo em um coque e, quando abro a porta da frente, o ar úmido me atinge em cheio. Mas me recupero rápido ao ver duas menininhas loiras e sorridentes me encarando. Posso imaginar como devo parecer acabada só de ver como os sorrisos delas se transformam rapidamente em uma expressão de surpresa e horror.

Puxo o moletom para cobrir a boca.

– Oi.

– Oi – diz a mais baixa. – Sou a Lily.

– Eu estava acabando de levantar. – Olho para a cama toda amarfanhada.

– Já tá mais perto da hora do almoço do que do café da manhã – lembra a mais velha. – E o nosso avô diz que as únicas pessoas que dormem até a hora do almoço são as preguiçosas ou deprimidas.

Solto uma risadinha.

– Quem é o avô de vocês?

As duas passam correndo por mim e entram na minha casa. Olho para fora e

não vejo nenhum adulto.

– Griswald Foxx – responde a mais velha, com os ombros para trás e o queixo erguido.

– Isso também parece algo que o meu pai diria – falo, e sorrio para elas.

As duas claramente já mudaram de assunto, porque Lily diz:

– A gente tá muito entediada. Viemos procurar o tio Grant, mas ele não estava em casa.

Embora eu normalmente não seja a maior fã de crianças, fico aliviada por ter companhia.

– Que tal eu encontrar vocês duas lá fora quando terminar de tomar banho? Vou amar colher umas flores iguais a essa no seu bolso – digo, e indico com o queixo o bolso na frente da blusa de Lily.

As florzinhas amarelas e roxas parecem mal se sustentar nos caules, mas, se as meninas estão entediadas, eu sei como resolver isso.

• • •

– Como você aprendeu a fazer essas coisas tão bonitas, Laney? – pergunta Lark, enquanto enrola o caule de um áster roxo em um cabide de arame que estava pendurado vazio no meu armário.

Duas horas depois do que pareceu um banho capaz de mudar vidas, fui convencida a montar uma banquinha à beira da estrada para vender guirlandas de flores.

– Eu tive muitos empregos, mas um dos meus favoritos foi trabalhar em uma floricultura durante o ensino médio. Nos primeiros meses, eu basicamente enchia baldes e limpava rosas, mas, depois de um tempo, comecei a prestar atenção no jeito como os floristas faziam os buquês – explico, enquanto junto alguns caules de margaridas e ásteres amarelos, equilibrando as cores de cada

lado. – Enfim, era uma lojinha pequena, e eu tinha uma paixonite enorme por um dos entregadores, então a maior parte da minha atenção ia para ele.

Lily ri.

– Eca.

Mas Lark apenas escuta e observa enquanto junto os caules para formar um buquezinho.

– Qual era o nome dele?

– Jonathan Gofronty – respondo, e sorrio ao pensar nele. Parece que aquela paixonite aconteceu em uma vida completamente diferente. – Enfim, trabalhei lá até ser demitida por passar a maior parte do tempo flertando com o garoto. – Ajusto as flores para manter as cores e os tamanhos dos botões equilibrados. – Bem, por flertar… e por sugerir que os clientes comprassem na mercearia da esquina, porque lá era mais barato.

– Eu nem tenho um emprego ainda, mas já sei que isso não é uma boa ideia. – Lark ri. – Toma, você precisa reaplicar – diz ela, já pegando o bastão de protetor solar na mochila.

Não me escapa o fato de que já faz um bom tempo que estou aqui fora com essas meninas e nem um único adulto apareceu para procurá-las.

– Quem deveria estar tomando conta de vocês duas hoje? – pergunto a ela, mas Lily interrompe antes que a irmã possa responder.

– Cliente! Cliente! – grita Lily para nós, enquanto acena para o carro que vem pela estrada.

O cartaz escrito à mão balança acima da cabeça dela: GUIRLANDAS DE FLORES – 5 DÓLARES. A caminhonete Ford F-150 preta diminui a velocidade. Grant Foxx. Soube algumas coisas sobre o tio Grant pelas meninas enquanto colhíamos flores atrás da casa dele hoje.

– Você tem certeza de que o seu tio não vai se importar de a gente pegar todas essas flores?

Lily riu como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo.

– Não! O tio Grant deixa a gente fazer o que quiser. E ele vai ficar feliz por a gente ter colhido essas. Ele diz assim – ela baixa a voz –: "O que faz as minhas florzinhas felizes me faz feliz."

Florzinhas. Esse homem e os apelidos dele.

A caminhonete para devagar em frente à nossa banquinha improvisada – duas cadeiras de acampamento que elas pegaram no galpão dos fundos da casa dele e uma placa de madeira apoiada em dois baldes de areia virados de cabeça para baixo. Provavelmente é a maior quantidade de tempo que já passei fazendo qualquer coisa com crianças… e há muito tempo não me divertia tanto.

Julep late do banco da frente.

– Ora, ora… Vejam só. Eu estava mesmo procurando guirlandas de flores – comenta ele, com o tom leve.

Aquela porcaria de boné está de volta e, enquanto ele contorna a caminhonete, só consigo pensar que um chapéu de caubói talvez ficasse ainda melhor. Grant levanta Lily com um braço e envolve os ombros de Lark com o outro.

– Primeira semana das férias de verão e vocês duas já estão tentando começar um negócio?

Ele relanceia para mim e sorri para as meninas. Reparo na mesma hora em seus braços musculosos. Não consigo evitar que meu olhar se perca nele. Das botas até a barba por fazer. Está mais aparada do que da última vez que o vi. O bigode mais espesso também foi aparado.

– Faz tempo que não te vejo – comenta ele, sem me encarar.

– Faz tempo que não te escuto também – respondo.

Vejo quando ele engole em seco, o pomo de adão subindo e descendo. E me lança outro olhar enquanto levanta Lily um pouco mais alto nos braços. Vejo que sua nuca está rosada.

Talvez eu não devesse provocar. Talvez fosse melhor simplesmente desapegar do que ouvi e do fato de esse homem claramente não saber o que pensar de mim. Mas hoje estou me sentindo bem, descansada e um pouco mais tranquila.

– Como está a sua mão? – pergunto, olhando para os nós dos dedos dele que estavam sangrando na última vez em que o vi.

Faço um esforço enorme para manter a expressão neutra quando volto a encará-lo.

Os olhos de Grant se fixam nos meus, a cabeça levemente inclinada para o lado.

– Peguei seus band-aids, mas não precisei deles. Dei um jeito sozinho.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago, como se um enxame de borboletas gigantes alçasse voo de repente ali dentro, com tanta força que meu rosto fica quente.

Grant começa a fazer perguntas para as meninas, mas seus olhos continuam fixos em mim.

– Lark, o seu pai sabe que vocês estão aqui embaixo?

Lily se vira para a irmã mais velha. E basta um único olhar de uma para a outra para ficar bem claro que o pai delas não faz ideia de onde possam estar. *Merda*.

– Eu devia ter perguntado isso antes. Na verdade, nem pensei nisso até você chegar – digo, sorrindo para Lark. – A gente estava se divertindo tanto que o tempo passou voando.

– Eu falei pra ele que a gente ia pra sua casa – retruca a menina, e abre os braços, na defensiva. – Foi onde a gente começou, mas você não estava lá, e a Laney disse que queria colher flores.

Ergo a mão.

– Culpada.

– Da próxima vez, se eu não estiver em casa, falem com ele antes, tudo bem? E, por mais que eu fique feliz que a Laney tenha sido gentil e passado um tempo com vocês, ela é nova por aqui e talvez tivesse outras coisas para fazer.

– Eu não estava ocupada. Obrigada pela companhia, meninas – digo, e me levanto de trás da nossa pequena banquinha.

Lily sorri para mim e fala, animada, antes de eu me afastar:

– Laney, você quer ir ao "jantar café da manhã" do tio Ace hoje à noite?

Ela olha para Grant.

– A Laney é nova aqui. Foi você que disse. E assim a gente pode se conhecer melhor.

Ele sorri para a sobrinha e acena com a cabeça na minha direção.

– A Srta. Laney provavelmente já tem planos.

Lark se intromete:

– Ela não tem, não.

– Não tenho mesmo – respondo, rindo. – E comida de café da manhã no jantar parece incrível.

Grant pigarreia e se afasta com as meninas. Julep pula e começa a latir atrás deles.

– Até mais tarde, Laney – grita Lily, soltando uma risadinha quando o tio a joga por cima do ombro.

Não consigo parar de olhar enquanto ele brinca e ri com as sobrinhas. É quase tão sexy quanto ouvir aquelas palavras de novo. *Quase*.

11

GRANT

– Vai ser a maior festa que esse condado já viu em muito tempo – diz Lincoln.

Arqueio as sobrancelhas para Griz, que revira os olhos para mim. Lincoln gosta de se exibir. Nesse ponto, ele é parecido com nosso avô.

– Você escolheu uma boa hora para aparecer, Laney – se intromete Ace, da cabeceira da mesa. – Vai ter um gostinho de como é um verão de verdade no Kentucky e, no final, a gente comemora.

Ele pisca para a convidada, e isso me irrita muito mais do que deveria.

– Não é exatamente isso que você está fazendo? – comento. – Quando pede para uma das suas… – faço uma pausa; sei que estou sendo um idiota agora – … *amigas* ficar por aqui.

Ace e Laney se entreolham de um jeito que diz que tem *alguma coisa* ali. E isso faz o meu estômago afundar. Meus irmãos guardam muita coisa a sete chaves. Ace esconde coisas do negócio de mim. Ele e Lincoln têm vários esquemas dos quais eu nunca participei. No começo, era porque eu era o mais novo, mas depois passou a ser porque eu era policial. Combinamos que eu ficaria longe de qualquer coisa que eu não fosse aprovar ou que tivesse que fingir que não estava vendo. Eles são homens decentes e eu sabia que não queriam me colocar em uma posição que comprometesse os meus valores. Mas aquela troca de olhares entre os dois, seja lá o que tenha significado, faz a minha perna começar a balançar. Isso não deveria mexer tanto comigo.

– Vai ter brinquedos de parque de diversões também, pai? – pergunta Lark a Lincoln, enquanto espera outra panqueca sair da chapa.

– E bichos? – complementa Lily.

Lincoln se vira, usando um avental com as palavras CUIDADO, PAI NA COZINHA.

Ridículo, mas foi um presente de Dia dos Pais que as meninas deram a ele alguns anos atrás, e ele não faz nada na cozinha sem usar.

– Nada de bichos, Lily. Mas vai ter brinquedo de parque de diversões durante o dia e, depois, a gente vai projetar um filme em uma tela gigante no gramado principal da destilaria.

– Parece divertido – comenta Laney, com um sorriso delicado. – Eu via filmes no parque todo verão quando era mais nova. Às quartas-feiras à noite, com uma manta e um pouco de vinho. E sempre tinha muita comida deliciosa. A minha preferida era quando o Taiyaki montava uma barraquinha. – Ela sorri para Lark e começa a usar as mãos para explicar. É tão fofo que me irrita. – Eles fazem sorvetes supercremosos e servem em um cone de waffle bem macio em forma de peixe.

– Hummm – murmura Lark, o queixo apoiado no punho.

– É uma delícia mesmo!

– Pai, dá para trazer o Taiyaki para a nossa feira?

Lincoln é interrompido por Griz antes que possa responder.

– Lark, a parte mais importante é o lote de aniversário que vamos lançar. – Griz se recosta na cadeira, na cabeceira da mesa, de frente para Ace. – O objetivo do evento é lançar alguns barris que não são provados desde que o *meu* avô abriu esse lugar.

– Griz, é claro que a gente sabe que a parte mais importante é o bourbon, mas você entende que, se a gente não fizer um estardalhaço, ninguém vai se interessar – comenta Lincoln. – Além disso, esse Taiyaki parece delicioso, Laney. – Meu irmão pisca para ela.

Laney pigarreia, e seus olhos encontram rapidamente os meus enquanto ela brinca com uma trança por baixo do cabelo, que ainda tem flores silvestres entrelaçadas.

– E os fogos?

Os olhos dela encontram os meus de novo. *Sim, vai ter fogos*. Fico observando Laney interagir com a minha família. Ela é linda demais, mas tem alguma coisa errada aqui. Tenho um pressentimento quase palpável e me recuso a ignorar. Talvez seja o fato de Laney não ter nenhum problema com contato visual. Eu não a intimido, o que é novidade para mim. Não são muitas as pessoas que têm coragem de sustentar o meu olhar e ainda por cima sorrir. Droga, eu gosto disso nela.

– A comemoração do Quatro de Julho está chegando. Vai ter fogos lá – interrompe Ace. – Laney, você vai ter a oportunidade de ir à maior feira de todos os 120 condados do Kentucky. Barracas de artesanato a perder de vista. Tem competições de trator, fogos e… – Ele olha para Lincoln. – Que bandas vão tocar?

Lincoln dá de ombros.

– Ainda não sei quais são as bandas esse ano, mas também vai ter dança.

– Guarda uma dança pra mim, Laney? – diz Lincoln.

Deixo escapar um grunhido quando a vejo sorrir para ele e assentir. Limpo a boca e jogo o guardanapo no prato para disfarçar o som.

Lincoln me encara com a testa franzida, como quem pergunta: "Qual é o seu problema?"

Não faço ideia do que há de errado comigo.

– Eu também, pai? – pergunta Lily.

– Sempre, Lily. E você também, Lark? Vai guardar uma dança pra mim?

Com os olhos fixos no meu irmão, pergunto:

– Você planeja ainda estar aqui no Quatro de Julho? – A pergunta é para Laney, na verdade. Viro a cabeça, me concentrando só nela, e só nesse momento

percebo que fiz isso. – Ou está planejando ir embora antes disso?

Laney lança outro olhar de relance para Ace.

Todos à mesa interrompem as conversas paralelas, e um longo silêncio ocupa o espaço para que ela responda. Laney parece imediatamente desconfortável. Vejo quando esfrega as pontas dos dedos no braço da cadeira de vime, canalizando parte da energia nervosa. Ela se esforça para manter a expressão neutra. Mas então pigarreia. E talvez eu tenha acabado de descobrir o seu tique. Mas o nervosismo passa rápido, quando ela ergue o queixo e fixa os olhos nos meus.

– Vou ficar aqui por um tempo.

Dou um sorrisinho sarcástico, desafiando-a a continuar.

– Sabe, eu nunca ouvi a sua história, Laney.

Com sete pares de olhos Foxx voltados para ela, Laney ganha tempo dando uma mordida no meu bacon.

Griz interrompe:

– Laney, você pode me passar essa travessa de pãezinhos que está na sua frente?

Ela passa os pãezinhos, mas tenho outra pergunta.

– Onde você morava antes de vir pra cá?

– Colorado – responde ela, sem se estender. E pigarreia. De novo.

– Onde no Colorado? – insisto. – Tenho alguns amigos que tocam um negócio de esportes de inverno por lá.

– Laney, aquela tigela de molho de salsicha também, por favor, se não for incômodo – interrompe Griz outra vez.

Ela passa a tigela com um sorriso tenso. Meu avô está tentando deixar a situação menos constrangedora, mas é nesses momentos que eu me saio melhor.

Verdades sempre acabam escorrendo de um jeito ou de outro quando alguém está sob pressão.

Eu me recosto na cadeira e dou um gole no meu copo enquanto espero Laney responder. Ela brinca com a mecha de cabelo trançado, e algumas das pequenas flores brancas caem. Ela solta um gritinho. Julep late em resposta do seu lugar no pátio, o que só chama ainda mais atenção, enquanto Laney tira o celular do bolso de trás da calça. Seja quem for, ela não fica feliz, porque, mesmo que consiga evitar transparecer qualquer coisa, o jeito como encara a tela deixa claro que não esperava o que quer que viu ali.

– Laney?

Ela levanta os olhos para mim, confusa e surpresa. *Quem diabo está mandando mensagem para ela?* Uma coisa é eu pressioná-la, outra bem diferente é alguém deixá-la abalada desse jeito.

– Desculpa, o que você perguntou?

– Como você ganhava a vida no Colorado?

Lark se intromete:

– Ela era florista. Foi o emprego dela no ensino médio.

– Além disso, ela foi demitida – acrescenta Lily.

Laney dá um gole no chá gelado e inspira rápida e brevemente, olhando em volta da mesa, antes de começar a falar:

– Eu não tenho emprego agora. Nunca me vi como uma mulher de carreira. Gostava dos trabalhos que fazia e depois ia embora. Mas, depois da faculdade, isso não era… seguro financeiramente. Eu era boa em planejar detalhes de festas para os nossos vizinhos quando era mais nova… chás de bebê e festas de aposentadoria.

Ela para de falar e faz um gesto vago com as mãos no ar.

– Enfim, eu gostava de planejar eventos e consegui um estágio em uma empresa de prestígio que organizava casamentos e algumas festas maiores. Mas já fiz de tudo. Esse foi o último. O que eu mais me esforcei para conseguir. E foi o que me rendeu mais dinheiro. Antes disso, por um tempo, o que mais dava dinheiro era servir mesas e trabalhar como bartender. Também fui concierge em um hotel.

Laney baixa os olhos para a mesa, mas então sorri para Lincoln e Ace.

– Esse foi horrível – diz. – Também trabalhei por pouco tempo como cabeleireira, mas eu era jovem demais e havia tido um semestre ruim na faculdade, então achei que valia tentar o ofício. Acabei lavando muito cabelo. Estraguei algumas franjas e quase vomitei quando fui fazer permanente em alguém. Mas eu era boa em fazer barba com toalha quente.

Ela coloca um morango na boca, que estufa a bochecha direita. Laney está se atropelando enquanto fala. Se não parecesse tão ansiosa, seria até fofo. Quero vê-la tropeçar nas palavras, mas, ao mesmo tempo, não consigo deixar de notar como aquela boca parece tentadora, cheia do caldo do morango prestes a escapar.

Eu me ajeito na cadeira.

– Era muito divertido planejar eventos, mas levei um tempo para construir uma reputação e ganhar a confiança dos clientes. Digamos apenas que eu não tinha exatamente um fundo de reserva.

– O que é fundo de reserva? – pergunta Lily.

Os ventiladores continuam girando acima da longa mesa do pátio, mas Laney está suando. E continua a falar:

– Achei que acabaria fazendo o que o meu pai fazia, mas isso não deu certo. Não me dou muito bem com autoridade patriarcal. – Ela olha ao redor da mesa cheia de homens e solta uma risadinha. – Quem diria? – Ela enfia outro morango

grande demais na boca e fala com ele ainda ali, dando de ombros: – Mas eu tinha talento para fazer as pessoas gostarem de mim.

Eu percebi. Sentia aquilo, por mais que não quisesse.

– E consigo combinar bem as coisas. Toalhas de mesa com coquetéis exclusivos. Cores que combinam com o clima ou com uma estética específica. Esse tipo de coisa. A minha chefe gostava do fato de eu ser boa em divertir as noivas.

– *Isso aqui* é que está sendo divertido – murmuro.

Ela me fuzila com o olhar, e é impossível esconder um sorriso.

Laney continua gesticulando animada, mantendo a conversa longe de ser entediante.

– Uma vez, contratei dançarinas de burlesco para um evento e amei. Então me arrisquei nisso por um tempo… Eu não cantava nem nada, mas adorava dançar. E chamava atenção fazendo isso. Foi o meu último trabalho antes de decidir me concentrar em casamentos e eventos. Quando comecei o estágio na empresa de eventos, ainda continuei a trabalhar com algumas dançarinas conhecidas, que tinham feito festas privadas, mas aí um dos clientes que contratou a empresa de eventos me reconheceu e tive que tomar uma decisão.

Só de pensar nela dançando – ou dançando para mim –, meu pênis me cutuca como um amigo distraído, perguntando: *Eu ouvi direito*? Caramba, isso está caminhando rápido demais na direção errada. Não era para eu ser atingido pela minha própria pergunta.

Lincoln ergue tanto as sobrancelhas que elas quase alcançam a linha do cabelo. Ao lado dele, Hadley está sorrindo, quase rindo. Laney deve perceber também, porque começa a se corrigir:

– Não esse tipo de festas privadas. Não era striptease. Aquelas garotas ganhavam muito dinheiro na cidade, mas isso era outra categoria de

entretenimento. O meu corpo é mais curvilíneo, o que é ideal para o burlesco. Além disso, sei interpretar bem a reação do público e… – ela desacelera a frase, mas, em vez de parar, decide olhar direto para mim quando conclui – … eu sabia ser provocante.

Fico encarando os lábios bonitos dela, ainda manchados do batom vermelho que usou para vir até aqui, misturados com o caldo daqueles morangos malditos. Fico atordoado só de pensar nela provocando outra pessoa com aquela boca linda e aqueles seios perfeitos. Merda. Isso está virando um caos. Mudo de posição de novo e esfrego a nuca.

Quando olho ao redor da mesa, vejo um sorriso largo no rosto de Griz, que está claramente se divertindo. Ace apoia a mão no queixo, provavelmente tentando entender no que foi que se meteu – ou irritado porque eu não consegui simplesmente guardar as perguntas para mim. A expressão de Lincoln ainda é completamente atônita. Lily desenha no iPad e Lark deve ter saído da mesa.

– Tenho vaga para *barback* do bar de degustação – diz Ace. – Acho que trabalhar como auxiliar seria ótimo para você aprender um pouco mais sobre a nossa marca. Os meus bartenders são verdadeiros repositórios de conhecimento, não só sobre o Foxx Bourbon, mas sobre praticamente todas as regras que o bourbon tem e o que fazemos para garantir que sejam cumpridas.

Percebo o sorriso dela pelo canto do olho. Meu foco, porém, está no meu irmão e no motivo pelo qual ele consideraria aquele discurso de recrutador de RH aceitável.

Ace volta a atenção para mim e para Lincoln antes de acrescentar:

– Também gostaria que você ajudasse nos nossos eventos. Temos um jantar chamado Mulheres no Uísque na destilaria na semana que vem que precisa de um apoio de última hora, se você topar.

O som do celular vibrando faz Laney se levantar da mesa.

– É claro. Eu ia adorar – diz ela. Então volta a olhar para o celular antes de acrescentar: – Desculpem, a minha tia acabou de me pedir para ligar para ela. – O barulho da cadeira sendo arrastada chama a atenção de todo mundo. – Ace, você se importa se eu atender lá dentro?

Ele acena com a cabeça, autorizando.

– Pode falar – diz ela, fechando a porta de correr atrás de si.

– Que porra foi aquilo? – pergunta Lincoln, desviando a minha atenção de Laney para a mesa.

Endireito o corpo e dou uma mordida no pedaço de bacon que restou no meu prato.

– Aquilo o quê?

Griz solta outra gargalhada.

– Você voltando a ser o policial Foxx, do nada.

Dou de ombros.

– Se vocês querem me deixar de fora dos assuntos, tudo bem. Então vou conseguir sozinho respostas sobre coisas… – olho na direção de Laney, que está andando de um lado para o outro lá dentro – ou pessoas que me deixam com o pé atrás.

Eu me viro para Ace e pergunto:

– Você não tem nada a acrescentar?

– Faz tempo que eu não via você se exaltar desse jeito.

Empurro a cadeira para trás e me levanto.

– Tá curtindo o showzinho?

Ele sorri. *Babaca*.

Mas, antes que eu diga qualquer outra coisa, vejo Laney parar de andar de

um lado para o outro e se sentar no sofá, como se estivesse recebendo uma dose generosa de péssimas notícias. Não vou pensar demais no porquê de isso me incomodar, mas já me pego indo na direção dela antes de conseguir registrar o tamanho da contradição – conferir se Laney está bem mesmo depois de praticamente tê-la submetido a um interrogatório enquanto comíamos panquecas.

Laney está tão absorta que não me vê. Por isso, quando estendo à sua frente um copo com dois dedos de bourbon, ela se assusta.

Quando pega o copo da minha mão, nossos dedos se esbarram, e observo enquanto ela parece usar o bourbon para engolir as emoções que aquela conversa está provocando.

– Eu realmente adorava aquele apartamento – murmura ela, então pigarreia, e acrescenta, ainda falando no celular: – E as minhas coisas que estavam no depósito… Elas estão…? – Uma pausa. – Obrigada de novo – diz, em um tom mais leve. – Agradeço por ter ligado.

Laney encerra a ligação e enfia o celular no bolso de trás da calça antes de dar outro gole no bourbon. Espero até o copo ficar vazio.

Ela ergue o copo e me olha.

– Obrigada por isso.

Não sei o que dizer, então opto por um simples aceno de cabeça e um sorriso contido. A irritação do jantar já passou, mas a minha curiosidade está em alerta enquanto sustento o contato com aqueles olhos azuis. Continuar a encarar Laney não vai me trazer benefício algum, por isso me afasto do braço do sofá onde estava apoiado, bem na hora em que Hadley e Ace entram.

– Tentando afugentar a minha nova amiga, Grant?

– Você é um pouco precipitada na hora de adicionar alguém à sua lista de amigos, Hads.

Ela para ao meu lado e me lança um olhar firme, e já sei que vou ouvir.

– Tão rápido quanto você colocando a Laney na sua lista de suspeitos – sussurra ela.

Eu a ignoro, mas, toda vez que tento sair daquela sala, mais alguém da minha família entra. Fico de boca fechada enquanto ouço Ace falando com Laney sobre o horário em que ela deve chegar à destilaria no domingo. Faço o possível para ignorar o jeito como as minhas sobrinhas disputam a atenção dela. Quando, enfim, Laney se despede e agradece a todos, se vira para mim e diz:

– Não se preocupe, Grant, vou ficar fora do seu caminho.

Não. É a primeira palavra que me vem à cabeça quando ela diz isso. Mas guardo para mim.

Ace está me encarando quando finalmente deixo de observar Laney indo embora. Pigarreio.

– Você pretende me explicar por que uma garota com quem você passou uma noite na semana passada, e está claramente escondendo alguma coisa, é subitamente bem-vinda ao nosso jantar de sexta-feira? – Não deixo que ele responda ainda. – E por que ela é minha vizinha agora, morando no nosso chalé de hóspedes?

Meu irmão me lança um olhar de soslaio, muito sério.

– Não foi você que convidou a Laney para o jantar?

– Foram as meninas – respondo, esfregando a nuca.

– Grant, não quero ser grosseiro, mas realmente não é da sua conta o que ela está fazendo aqui. Temos um acordo, maninho. Eu não falo além do necessário. Você não faz perguntas demais. Sempre funcionou assim. – Ele está concentrado no celular quando diz: – Ela está aqui. Lide com isso. E você foi meio babaca com ela no jantar, aquilo foi desnecessário.

Eu sei quando alguém está mentindo. Nós não somos o comitê de boas-vindas de Fiasco – se é que Fiasco teria um. A maioria dos moradores mal tolera os turistas. Quanto mais uma aproveitadora de rosto bonito e bunda empinada que surge aqui de repente. Ela demonstrou todos os sinais possíveis disso com aquelas respostas vagas, seguidas de um falatório nervoso. E pigarreou mais vezes do que consegui contar. Estava desconfortável, mas conseguiu, de alguma maneira, se enfiar nas nossas vidas sem ninguém questionar nada.

– Desde quando você concorda que uma mulher com quem dormiu fique por tanto tempo assim?

Estou puto. Ace sabe disso. Sempre odiei o jeito como ele toma decisões importantes por todos nós.

Ele me lança aquele olhar de pai – o mesmo de sempre quando eu estou sendo um babaca. Para constar, o babaca é ele, e não tem ninguém aqui para peitá-lo. Griz, como sempre, parece incentivar isso.

– Como eu disse, não é da sua conta. – Ele finalmente larga o celular. – E por que você está insistindo? Normalmente, é o Linc que faz perguntas demais.

Ele tem razão. Não é do meu feitio me interessar tanto assim por alguém. O que me irrita é a atração que sinto por essa mulher.

– Ela é inofensiva.

Ambos sabemos que não existe mulher inofensiva. Ainda mais uma mulher que fale do jeito que Laney falou, com aquele sotaque ianque. Ou uma mulher tão naturalmente charmosa a ponto de fazer a minha família gostar dela instantaneamente. Isso não é ser inofensiva. E uma pessoa inofensiva não se demora assim na casa dos outros.

Pego alguns pedacinhos de flores brancas e roxas que caíram do cabelo dela e giro entre os dedos.

– Você sabia que ela passou o dia fazendo guirlandas de flores com a Lark e a

Lily?

Ele ri.

– Isso é… criativo.

– Sem supervisão.

Ace me olha como se o que eu estivesse dizendo o entediasse.

– Se o Lincoln não teve problema com isso, não vejo por que você teria.

– Ace, qual é?! Essa situação com a Laney é esquisita pra cacete. A não ser que você estivesse entrando escondido na casa dela sem o meu conhecimento, a garota não saiu daquele chalezinho de um cômodo a semana inteira. E não parece que vocês dois estejam interessados um no outro. – Apoio uma mão no quadril e passo a outra pela barba por fazer. – A menos que eu esteja perdendo o jeito e tenha interpretado tudo errado…

– Você gosta dela.

– Eu não conheço a mulher. E a questão toda é que, tirando o fato de ter trepado com ela, você também não a conhece.

– E daí?

Eu o encaro com um olhar inexpressivo.

– E, por sinal, eu não fui pra cama com a Laney – afirma ele, pigarreando. – Não aconteceu nada entre a gente, se é isso que tá te deixando tão puto.

Então ele me dá um sorriso malicioso.

Solto o ar e faço o possível para controlar o alívio que sinto ao ouvir aquilo.

– Então por que ajudar essa mulher? Quem é ela?

Meu irmão não compartilha a sua privacidade com ninguém. Ele não é o cara mais simpático do mundo. É bom com a família. Mas com os outros? Nem tanto. Tivemos várias discussões ao longo dos anos sobre as linhas que ele chama de cinzentas e as que eu sempre chamei de lei.

Quando Ace apenas ergue um dos ombros, sei que é tudo que vou conseguir dele. E, francamente, não quero mais analisar os meus sentimentos tendo ele como plateia.

Saio pela porta lateral e sigo pelo caminho até a minha casa. Não dou nem alguns passos antes de ouvir Julep sair correndo pela portinha atrás de mim para me alcançar. Tomo a decisão antes mesmo de passar da varanda da frente: não importa se ela teve alguma coisa com o meu irmão ou não.

Meu único interesse em Laney Young é manter distância dela.

12

LANEY

– As degustações estavam fora de ordem. Queríamos começar pelo blend de 1936, então avançar em ordem cronológica – disse a responsável pela divulgação do Mulheres no Uísque, enquanto terminávamos de arrumar.

Tentei manter a atenção nela e em Lincoln, mas não consegui evitar alguns olhares para Grant. Não havia como ele ouvir aquela conversa de onde estava com a equipe, mas eu me sentia constrangida.

Percebi que tinha errado no instante em que ouvi a presidente descrever a cor. O bourbon que estava sendo girado no copo não era de um tom de amêndoa, como ela descreveu, mas de um caramelo profundo. Assim como o seguinte não era o "white dog", o uísque cru e sem envelhecimento que vai para os barris. O "white dog" deveria ser transparente, e não o bourbon mais escuro que foi servido. Foi um erro simples para alguém novo, mas, para mim, soou como fracasso. Eu sempre fiz questão de conduzir de forma impecável tudo que envolvia os eventos que organizava. Desde os maiores pedidos até o menor detalhe, tudo era executado com perfeição, sem um único contratempo. Pisar na bola em um almoço para cinquenta mulheres respeitadas da indústria do bourbon foi um golpe no meu ego. Ainda assim, doeu mais saber que Grant estava ciente do ocorrido. Ele não era meu chefe – ao menos não diretamente –, mas eu queria mostrar que era mais do que capaz de dar conta daquilo. Foi a primeira vez naquela semana que ele se dignou a olhar para mim. Depois do jantar da semana passada, Grant parecia não se importar mais com o que eu estava fazendo ali e ignorou a minha presença. E eu também não queria que Ace soubesse o que aconteceu e achasse que tinha cometido um erro enorme ao me oferecer aquele trabalho.

Quando a conversa terminou, Lincoln pegou uma garrafa e dois copos na

parte de trás do bar.

– Você vai me demitir?

Lincoln sorriu, tranquilo como sempre.

– Ainda não.

– Você devia fazê-la beber algumas rodadas junto com os guias das visitas no horário de fechamento todos os dias – sugeriu Griz, piscando para mim da outra extremidade do bar de degustação.

Eu nem tinha percebido que ele estava ali.

Lincoln inclinou a cabeça, pensando a respeito do assunto.

– Eu deveria ter te dado um pouco mais de tempo para aprender tudo isso. Não tinha como você saber o que elas esperavam. Tem gente que vem aqui e só quer degustar um bourbon e curtir a nossa vibe sem pressa. Mas tem muita gente que leva isso muito a sério. Aquelas senhoras são desse segundo grupo. – Ele se aproximou um pouco mais. – Pra falar a verdade, a presidente não é a minha maior fã. Ela queria que a gente tivesse tido um segundo encontro um ano atrás e eu não quis. Ficou o maior climão – disse, e fez uma careta, afastando a lembrança com um gesto da mão.

Aquilo foi o bastante para me estimular a aprender mais sobre o assunto. Não sou o tipo de pessoa que aceita errar desse jeito e fingir que nada aconteceu. Por isso, desde então, todas as noites, pouco antes da última visita guiada do dia, fecho os meus e-mails e acompanho o grupo. Ouço a história da marca. As nuances de escolher a proporção certa do mosto, o motivo de o produto da Foxx ser diferente e, em geral, ainda vou para trás do balcão e ajudo a servir algumas doses. Às vezes, preparo um ou dois Foxx Old Fashioneds, mas, na maioria das vezes, é uma sequência de degustação de bourbons de diferentes anos de produção.

– Coloca no galpão! – grita o gerente das visitas guiadas para o auxiliar de bar

atrás de mim.

Isso não deveria ter chamado a minha atenção, já que eu estava ocupada ajudando a limpar, mas chamou, e me fixei na palavra *galpão*.

É o bastante para me lançar em uma espiral de lembranças, de onde saio ansiosa e inquieta. Na mesma hora, isso me faz pensar no armazém em Nova York. Já percebi que barulhos altos e inesperados me deixam nervosa e me dão vontade de acelerar o passo, às vezes até de correr. Mas essa simples palavra me deixa extremamente desconfortável. E já não é a primeira vez. Odeio isso.

Como é que se vive desse jeito? Logo quando estou começando a esquecer o que aconteceu, sou puxada de volta. Começo a pensar nos "e se". E se eu não tivesse acionado o alarme de incêndio? E se não tivesse ouvido o grito dela?

– Estou correndo algum perigo? – perguntei a Bea.

E ela não me deu uma resposta direta.

– Esse caso ainda não foi encerrado. Estou te contando isso porque você é inteligente, Laney. Não apresente a sua verdadeira versão a qualquer um. A verdade te deixa vulnerável, e é do seu interesse guardar isso só pra você. Essas mentiras vão te manter em segurança.

Agora que o meu dia terminou, não vou conseguir voltar para o chalé e ficar remoendo isso. Preciso aliviar essa tensão de algum jeito, então saio para caminhar. Eu costumava caminhar para todo lado. Ruas e avenidas. Transitar por quarteirões que se misturavam a novos bairros não é nada em comparação a atravessar pastos de cavalos e os campos planos do Kentucky, mas também ajuda.

Quando me dou conta de como cheguei longe, já estou me sentindo melhor. Gosto daqui. Da sensação de vagar sem destino. De sentir a umidade estagnada cobrindo a pele, de sentir o cheiro doce e ácido do ar quando o vento lembra que tem uma função. Tudo isso é o bastante para me manter presente no momento,

para não me deixar levar pelo que ficou para trás.

Talvez também seja por isso que acabei não notando as nuvens escuras aglomeradas acima da minha cabeça, nem registrando que o leve estrondo ao longe não era o escapamento barulhento de algum carro ou um caminhão grande passando. Meus ouvidos tinham sido treinados para abafar todo tipo de ruído: o redemoinho do metrô sob grades enferrujadas, sirenes estridentes de carros de bombeiro, buzinas de taxistas impacientes… Aqui, tudo é tão silencioso. Principalmente a forma como o clima muda. É instantâneo. De repente, a chuva despenca tão rápido que parece cair de lado.

Quando chego aos estábulos, eles estão frescos e secos. Se não cheirassem a feno e não ecoassem os sons dos seus ocupantes, eu pensaria que eram apenas mais uma construção vazia na propriedade dos Foxx.

As luzes estão acesas, e todas as baias estão ocupadas por cavalos, que se mostram muito curiosos em relação a mim enquanto sigo pelo corredor central. Há feno espalhado pelo corredor, e encontro uma geladeira grande ao lado de um sofá de couro gasto no fundo. É o único ponto que indica a presença humana nesse espaço, e não apenas a de cavalos que já passaram por aqui. Pego um punhado de balas de hortelã da tigela que foi deixada ali em cima. Hortelã não é a minha primeira escolha quando se trata de doces, mas me sirvo mesmo assim. Deixo escapar um suspiro e começo a caminhar devagar de volta pelo corredor central, lendo o nome de cada cavalo acima das portas.

A luz forte de um relâmpago me sobressalta, e deixo escapar um gritinho com o retumbar do trovão que se segue. Parece mais uma fera despertando do que o encontro de ar quente e frio. Eu sei, racionalmente, que é só um barulho, mas o meu coração dispara mesmo assim. Não consigo recuperar o fôlego e me sinto tonta. *Que diabo está acontecendo comigo?* Semicerro os olhos, tentando respirar fundo, mas o ar não passa pela garganta. Apoio as mãos nos joelhos. Eu me recuso a desmaiar. Nunca senti pânico antes. Encarei um monstro que olhou

no fundo dos meus olhos e não vacilei. Não vou deixar trovões e relâmpagos me derrubarem.

– Fecha a boca e respira pelo nariz – diz uma voz grave e baixa à minha direita.

Grant. Não quero nem pensar na possibilidade de alguém me ver assim, mas não tenho muita escolha além de obedecer. Tento fazer o que ele diz, mas o ar ainda não passa pela garganta. Meus olhos ficam marejados.

– Preciso que você relaxe e depois faça um biquinho com os lábios, como se fosse assoviar, Laney. Solta o ar. – Ele sorri. – A Tawney consegue sentir o cheiro dessas balas de hortelã na sua mão. Então, respire fundo. Depois você pode ser a pessoa favorita dela hoje. – Grant estende a mão e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – De novo. Inspira pelo nariz. Solta o ar pela boca.

Os dedos dele deslizam pelo meu cabelo até o ombro e depois descem pelo meu braço. Acho que ele não faz isso para me distrair, mas, por onde os seus dedos passam, deixam um arrepio quente na pele. E começo a relaxar.

Quando um resfolegar atrás de mim joga o meu cabelo para a frente do rosto, deixo escapar uma risada baixa. Isso desacelera os meus batimentos cardíacos. A próxima inspiração vem mais profunda, e a seguinte, mais fácil. Meus olhos desembaçam. Encaro Grant, que me observa a poucos centímetros de distância. Não há qualquer julgamento ou mau humor em seu rosto, apenas gentileza. Talvez até um traço de "conhecimento de causa" – não tenho certeza –, mas isso faz com que eu me sinta menos solitária, o que não acontece há muito tempo. Não sei o que dizer. Não entendo esse momento de paz entre nós e quero que ele permaneça assim.

Os meus membros ainda estão trêmulos, um brilho de suor cobre a minha pele, mas acho que a pior parte já passou. E Grant me ajudou a passar por isso.

– Eu tinha mais dificuldade logo pela manhã. Isso me deixava preso em casa,

na cama, por mais tempo do que eu gostaria de admitir – conta ele, e continua a falar enquanto se levanta da posição agachada à minha frente para esfregar uma escova de cerdas duras no corpo de Tawney. Gosto de ouvi-lo falar comigo assim, mas já sinto falta da sensação de conforto do seu toque. – Ela não morde – acrescenta, com um sorriso. – Só vai reclamar com uma mordidinha se você não der uma dessas para ela – completa, e inclina o queixo na direção do meu punho fechado ao redor das balas.

Desembrulho uma bala vermelha e branca e estendo para a égua. A bala desaparece em questão de segundos. Solto uma risada quando ela resfolega e cutuca a minha mão pedindo mais. Em vez de lhe dar outra bala, deslizo a mão pela cabeça dela. Os grandes olhos pretos me encaram, e é como se tivéssemos algum tipo de troca. Outra risada escapa, dessa vez cheia de esperança. É como se, caso eu não risse, aquelas lágrimas que marejavam os meus olhos instantes atrás fossem cair. Toda essa situação deixa as minhas emoções à flor da pele.

Quando desvio a atenção da égua enorme à minha frente, encontro os olhos cor de mel de Grant me examinando, procurando uma razão para a minha reação estranha. Talvez até o motivo de ele ter compartilhado algo pessoal comigo. Talvez ambos. Sei que ele quer saber mais sobre mim em troca, mas me lembro das palavras de Bea. *Guarde a verdade só pra você*. O silêncio que se prolonga me faz pensar que estou dificultando que ele goste de mim. Ele compartilhou algo comigo, mas não consigo retribuir.

Grant cerra o maxilar. Parece tenso. Não sei o que está pensando ou se ele lembra que tem me ignorado durante toda a semana.

– Ela é impressionante – digo, tentando aliviar o que quer que tenha acontecido.

Mas Grant não me deixa escapar tão facilmente.

Seus olhos estão fixos no meu rosto e descem até os meus lábios, antes de ele

dizer, em um tom baixo e rouco:

– Ela é. Impressionante. Forte. Linda.

13

LANEY

– Este é o melhor Manhattan que já tomei.

Tiro a jaqueta de couro preta que peguei emprestada. Hadley exigiu que eu usasse esse vestido preto bem decotado porque, segundo ela, meus peitos iam "ficar impecáveis nele". Depois disso, não consegui recusar e, sinceramente, eles ficam impecáveis mesmo. Não me sinto tão bonita assim já faz algum tempo.

Hadley mandou uma mensagem dizendo que ia me sequestrar hoje à noite, e eu deixei. Me afastar por uma noite da destilaria Foxx e de qualquer pessoa com o sobrenome Foxx soou como uma ótima fuga. Eu precisava de um respiro do peso do dia, daquela tempestade e dos estábulos.

"Linda pra cacete".

Quando Grant olhou para os meus lábios, usando um tom de voz mais baixo ao dizer aquilo com tanta intensidade, quase desmaiei de novo. Eu o teria deixado me beijar. Para falar a verdade, eu teria deixado Grant fazer uma infinidade de coisas comigo depois da forma como ele falou nos estábulos, de como cuidou para que eu ficasse bem. Bastou a égua dele escoicear a baia para Grant sair de qualquer transe em que estivesse. Ele se afastou tão rápido que nem tenho certeza de que se despediu. Talvez eu tenha apagado e sonhado com tudo aquilo. Se não fosse por Julep caminhando ao meu lado de volta para o chalé, eu teria minhas dúvidas se aquele encontro realmente tinha acontecido.

Assim que Hadley nos conduziu até a frente da pequena padaria francesa em direção ao corredor dos fundos, passando pela cozinha, soube que aquele lugar seria incrível. A maioria dos *speakeasies*, os bares secretos, é uma referência à era da Lei Seca, quando o álcool era ilegal e qualquer estabelecimento que quisesse servi-lo precisava ficar escondido. Em Fiasco, o Midnight Proof se esconde no subsolo, aos fundos da padaria Crescent de Lune.

As paredes pretas que nos recebem assim que nosso acesso é liberado na entrada já definem o clima do lugar. Nunca vi nada tão impressionante quanto este lugar, e já estive em muitos bares em Nova York que tinham listas de espera de um ano inteiro. Mas o Midnight Proof é um mergulho no estilo Gatsby do fim da década de 1920, com um teto que reproduz o céu estrelado e a música ao vivo de um trio de jazz como trilha sonora.

Nas últimas horas, a mistura de turistas e locais manteve o ambiente vibrante, com conversas baixas e risadas apenas um pouco mais altas do que o som da banda. Hadley cumprimentou todos com um sorriso radiante ou com dois beijinhos.

– Para mim, há um empate entre o Sour-Cherry Smash e esse aqui. Espera só um pouquinho – diz ela.

Hadley vai até a outra extremidade atrás do bar e prepara um Dirty Martini para um homem mais velho que está descaradamente dando em cima dela desde que chegamos. E não é o único. Hadley tem fãs, homens e mulheres que procuram desculpas para chamar a atenção dela. Hadley tem um charme magnético que se espalha por todo o lugar.

Casais sussurram na privacidade dos sofás de veludo rosa distribuídos ao longo das laterais do salão. Mais ao centro, há sofás mais largos e macios, com mesinhas de centro baixas entre eles, para grupos maiores. E, ao redor do bar amplo, estão reunidos pequenos grupos de amigos ou solteiros em busca de alguém com quem beber e flertar. Com a variedade de pessoas, os tons intensos de pedras preciosas na decoração e a iluminação quente, o Midnight Proof faz você se sentir como um protagonista inesperadamente envolvido em uma noite sensual.

– Parece que você tem um fã – digo, sorrindo para a minha nova amiga.

O cabelo preto e comprido dela cai em ondas bonitas, contrastando com os

olhos azul-claros. Não há uma única pessoa ali que contestaria o fato de que Hadley Finch é deslumbrante.

Ela também é uma pessoa fácil de se conviver.

– Nunca levo clientes para casa, mas aquele está tornando muito difícil lembrar o motivo – confessa Hadley.

– Isso tem alguma coisa a ver com um daqueles irmãos Foxx absurdamente atraentes? – pergunto.

Ela sorri enquanto se inclina para pegar algo embaixo do bar à minha frente, ignorando o comentário.

– Muito bem, este é o meu novo licor favorito – anuncia ela.

Então, ergue uma garrafa e começa a despejar o líquido em dois copinhos de shot.

Levanto a mão para impedi-la.

– Já tô meio alta. Não posso.

– Dá só um gole, não vira como se fosse um shot. É um licor cremoso de pistache. Se você beber um pouquinho junto com um Espresso Martini, vai conhecer o paraíso absoluto – promete Hadley. Ela inclina levemente a cabeça e sorri para mim. – Depois, o Espresso Martini – diz. Então bate o copo dela no meu e dá um golinho. – Promete que não vai levar pro lado errado o que eu vou dizer agora?

Meu sorriso vacila. Nunca vem nada de bom depois de um preâmbulo desses.

– Essa é a pior maneira de começar uma conversa, Hadley. Eu tô quase bêbada, então não posso garantir que o meu filtro tá funcionando direito – digo.

Embora, ultimamente, eu não tenha filtrado muita coisa, com exceção do que me trouxe a Fiasco.

Hadley assente e me encara como se estivesse prestes a me contar algo

horrível. Mal sabe ela que sou bem íntima de coisas horríveis.

– Eles são a minha família – diz Hadley, apoiando o corpo no bar. – Faço parte da família Foxx desde que me recusei a parar de seguir o Lincoln na volta pra casa quando a gente estava no ensino fundamental. Eles não conseguiriam se livrar de mim nem se tentassem. Felizmente, nunca tentaram. Aqueles homens simplesmente me acolheram na vida deles. Amo todos eles – continua. Então, dá um gole no licor verde-claro, e faço o mesmo, saboreando o sabor doce e levemente amanteigado. – Por isso, se você estiver aqui pra causar qualquer tipo de problema para eles, esse é o meu jeito educado de pedir pra que não faça isso – completa.

Dou um sorrisinho de lado, estreitando os olhos para ela de brincadeira.

– Pedir? – pergunto.

– Avisar – retruca Hadley, retribuindo o sorriso. – Não conheço a sua história toda, mas, se tivesse que arriscar um palpite, diria que o Ace está te fazendo algum grande favor. Então… – ela faz uma pausa e dá de ombros – não sacaneia ele.

Eu não queria mentir para ela, por isso conto uma parte da verdade.

– Você tá certa, o Ace tá me fazendo um grande favor, e não trato isso com leviandade. Não estava nos meus planos vir para Fiasco, mas, bem, aqui estou. Fazendo o possível para levar uma vidinha tranquila – digo.

Ela fica me olhando, procurando alguma mentira no que acabei de dizer. Então, vira o resto do licor de uma vez e bate a mão no balcão.

– Ótimo. Agora vamos falar sobre como você conseguiu, de algum jeito, colocar quatro homens Foxx na palma da sua mão em poucas semanas.

Eu bufo exageradamente diante daquilo.

– Até parece – digo.

– O Griz me disse que você é o tipo de forasteira que cidadezinhas como a nossa raramente têm a chance de receber.

Isso me faz sorrir.

– Tenho a impressão de que o Griz tem algumas histórias pra contar.

– Ah, tem mesmo. E aquele homem adora contar essas histórias acompanhado de um bourbon bem envelhecido. Combina bastante com ele. Mas o Ace… – Ela olha para as próprias unhas. – Ele jamais colocaria um passatempo de uma noite no chalé de hóspedes.

Ergo as sobrancelhas para ela.

– Eu não dormi com o Ace – digo, com um sorriso travesso. – Ele é todo seu.

– Não, obrigada – se apressa a dizer Hadley. – O Lincoln tem uma quedinha por você, o que é… chocante, pra falar a verdade. Ele se tornou meio promíscuo. Não sei bem como me sinto em relação a isso. Acho que ele provavelmente precisa usar menos o pênis e fazer mais terapia, mas já tentei essa conversa. Não deu muito certo…

Nunca fui próxima de alguém assim. Uma pessoa que coloca as coisas em perspectiva. Mesmo que seja com uma sinceridade escancarada. Lincoln é bonito, até doce. Mas imagino que ela e eu sentimos o mesmo em relação a ele – um irmão mais velho bonitão e divertido. Além disso, ele tem as meninas. Gosto demais das duas para complicar as coisas com o pai delas e acabar magoando-as no processo. Esse é exatamente o tipo de complicação com que não consigo lidar agora.

– E o Grant… Tenho certeza de que tem várias mulheres. Afinal, olha só pro cara…

Sinto um frio na barriga só de ouvir o nome daquele homem. Inferno, isso é um problema.

– Mas ele não é o tipo que dança com garotas no bar e as leva pra casa –

continua Hadley. – Muito menos fica trocando provocações com uma garota que apareceu do nada. O jeito como ele tem agido perto de você é… – Ela dá um gole na água e arqueia uma sobrancelha. – Simplesmente não é como o Grant costumava ser.

– Grosseiro?

Hadley solta uma risadinha.

– Não. Só o fato de Grant estar falando com você já é estranho. Ele normalmente fica na dele. Muitos grunhidos e olhares irritados são sua forma de comunicação típica.

Não sei por que isso me dá vontade de sorrir, mas mordo os lábios e me contenho.

Hadley olha ao redor do bar e volta a falar:

– E todos aqui acreditam ser verdade.

– O quê, exatamente?

– Eu acho ridículo, mas todo idiota desta cidade engoliu a história de que os homens Foxx são amaldiçoados.

Não consigo evitar uma risada.

– Sério?

– O Griz perdeu a esposa pouco depois de o Ace nascer. Na verdade, nem me lembro de como aconteceu – conta ela. Saber disso faz com que na mesma hora eu me sinta péssima por ter rido. – O Ace nunca se casou – continua. Ela suspira. – E o Linc… – Seus olhos ficam marejados enquanto me conta sobre a esposa dele, Olivia. – Eles se amavam desde muito novinhos. Aliás, o motivo de eu ter começado a seguir o Lincoln pra casa no ensino fundamental foi porque a Olivia implorou pra que eu fosse junto – lembra. Então, abaixa um pouco o queixo e fixa os olhos no tampo do balcão. – Meu Deus, sinto falta dela todos os dias.

– Como ela…? – pergunto, baixinho.

– Um aneurisma. A Olivia ainda não tinha nem 30 anos, era absolutamente saudável. Foi tão inesperado… e aconteceu só um ano depois de… – começa a dizer ela, mas é interrompida quando um dos garçons se intromete em uma discussão sobre uma conta.

Esse tipo de perda é algo que nunca conheci. Sinto falta do meu pai e, embora ainda queira que ele estivesse aqui comigo, não é o mesmo tipo de perda que a de um parceiro. Mas conheço a sensação de quando alguém que a gente ama parte. Parece que somos insignificantes. Nos sentimos gratos por ainda estarmos aqui, mas com raiva por termos ficado. E ansiamos por nos agarrar a algo maior, algo mais elevado, para que não precise ser um fim absoluto. Tudo isso me deixa ansiosa para compreender como Grant entra nessa história. Se ele foi "amaldiçoado" da mesma forma. Sinto o peito apertado, mas o efeito do álcool está mais forte agora. Só preciso de um pouco de ar fresco.

Não está fresco quando saio, mas faz bem respirar o ar ali fora. Os drinques estavam deliciosos, mas percebo que não baixei nenhum aplicativo de transporte nesse celular e seria complicado tentar resolver isso agora. Ainda mais porque não tenho cartão de crédito nem de débito para vincular a uma conta. *Merda*.

Levamos apenas uns dez minutos para chegar aqui saindo da casa de Hadley, e o trajeto de carro desde a casa de Ace até lá foi de menos de cinco. A matemática de uma mulher ligeiramente bêbada transforma isso em cerca de meia hora se eu for a pé e não me perder. Pelo que sei, só existe uma estrada principal em Fiasco, então vai ser fácil. Acho que posso começar a caminhar e, se aparecer um táxi, eu pego. Em uma sexta-feira à noite, deve haver pelo menos alguns rodando por aí. Vou precisar falar com Hadley antes, ver se ela pretende ficar mais um pouco.

O som de alguém cuspindo no cimento me faz virar.

– Ei, mocinha. Você é nova por aqui?

O sotaque lento e arrastado é muito mais fanhoso do que o de qualquer outra pessoa que conheci em Fiasco. Seja como for, sei que, se eu tentar ignorá-lo, ele vai me seguir. E isso é a última coisa que quero.

Então forço um sorriso, faço a minha melhor cara de "não estou tão de pileque assim" e finjo. Estou começando a ficar melhor em fingir, mas sempre fui boa em reduzir o ego de homens medíocres ao tamanho de uma Polly Pocket, que é o que eles merecem.

– O que me entregou? – pergunto.

O sujeito do sotaque fanhoso tem um camarada, e os dois parecem ser o tipo de encrenca que a gente nunca quer encontrar no escuro. Não são tatuagens nem traços sombrios. Isso até seria atraente. Não, parece que a breguice faz sucesso por aqui. Talvez tenham até um dente de ouro, não tenho certeza. Não quero que olhares críticos sejam interpretados como interesse da minha parte. Espio a placa da padaria, ainda iluminada, fazendo a noite escura ao meu redor parecer menos assustadora. Mas a realidade é que não há ninguém por perto para intervir e mandar esses caras recuarem. Quando o que falou se aproxima mais um passo, observo a calça escura e a camisa preta. Em qualquer outra pessoa, seria um visual interessante, mas ele é o tipo de cara que me dá asco.

– Você é uma belezinha, não é?

Seus olhos passeiam pelo meu corpo.

– Não posso dizer o mesmo de você – retruco, com um sorriso.

Meu sarcasmo finalmente é percebido quando mostro o dedo do meio para ele.

– Calma, recém-chegada, não me importo de ficar com as sobras do Ace. Com esse corpinho…

Ele passa a língua pelo lábio inferior, e isso me provoca uma onda de repulsa.

Se eu não tivesse visto a viatura da polícia estacionada a alguns metros, provavelmente teria voltado para dentro, mas estou apostando no fato de que há um policial a um grito de distância.

Por isso, não me retraio nem me encolho. Levanto o queixo e endireito os ombros.

– Isso realmente funciona pra você? Essa vibe de predador sexual? Porque tô interessadíssima em ouvir sobre o sucesso que você faz com as mulheres. – Ergo um dedo. – Clientes forçadas não contam.

Uma gargalhada soa atrás de mim.

– Waz, se ainda não ficou óbvio, ela é areia demais pro seu caminhãozinho – diz Hadley.

Ela pega a minha mão e me leva em direção ao carro, a poucos metros de onde estamos.

O sorriso do homem não é o de quem reencontra uma velha amiga. Ao contrário, está carregado de irritação.

– Hadley, você precisa que eu te lembre das nossas brincadeiras?

Ela imita um som de vômito.

– A gente nunca brincou, Waz. Você tentou transar comigo, e nós dois sabemos como isso terminou.

Hadley inclina a cabeça para o lado, estabelecendo um desafio silencioso que diz: *Continua falando, babaca*.

Os lábios do homem se contraem, como se ele tivesse alguma coisa engraçada a dizer, olhando de mim para Hadley.

– Você tá jogando no outro time agora?

– Sempre joguei no time das garotas, Waz.

Ele a ignora.

– Seu pai estava te procurando hoje – fala.

O amigo dele permanece em silêncio, ao lado, só observando tudo. Não consigo decidir qual dos dois é mais asqueroso.

– Que belo cão de guarda. Vou garantir que ele saiba que você estava cuidando desse assunto. E assediando verbalmente mulheres na porta do meu estabelecimento.

E, com isso, ela bate a porta do carro.

O motor ganha vida com um rugido, e Hadley sai do estacionamento cantando pneu. Não sei se foi para mandar um recado ou se é assim mesmo que ela dirige.

– Embora eu tenha achado o máximo você mandar aquele babaca se foder, o Waz é perigoso, Laney.

Recosto a cabeça no assento.

– É seu ex?

– Bem que ele gostaria. – Hadley abaixa os vidros, e o ar quente entra com força, fazendo com que ela precise gritar por causa do barulho. – O meu pai tem um monte de caras trabalhando pra ele. E o Waz cuida de uma boa parte do negócio. Ele adora criar confusão. Simples assim.

Fico puxando a cutícula das unhas, observando-a dirigir como se não acreditasse em freios.

– Obrigada pelo resgate.

Hadley sorri e me lança um olhar do volante.

– Laney, você não precisava ser resgatada. Eu queria ter conseguido ouvir tudo que você disse, porque não existe nada mais bonito do que ver um cara daqueles levar um esculacho.

E, mais uma vez, em poucos dias, me sinto forte. Me sinto menos como

alguém que vive para agradar os outros ou ser perfeitinha, e mais como alguém que eu poderia começar a respeitar novamente.

14

GRANT

Sinto a perna mais quente, mais úmida. Minha mão, nas costas dela, está encharcada de preto. O sangue jorra com tanta força que não tem tempo de ficar vermelho.

– Não. Não. Não.

Desperto com um sobressalto na rede. Devo ter cochilado por alguns minutos, porque a fogueira ainda crepita à minha frente.

Passo as mãos pelos cabelos, sentindo a respiração pesada. Já não sonho tanto com aquela noite. Raramente me lembro de tudo, mas, às vezes, como agora, vem um pequeno lembrete do que perdi. Fiona havia sangrado até a morte com uma perfuração quase perfeita que atingiu a artéria carótida. Aquilo me pareceu uma ação precisa demais para alguém que estava sob o efeito pesado de metanfetaminas conseguir executar. Do método do assassinato até a pele rasgada ao longo da lateral do corpo dela, a ação foi meticulosa.

Quando olho para o lado, Julep está estirada na grama, de barriga para cima e com a língua para fora. Deixo a minha atenção se voltar para o chalé de hóspedes. As luzes não estão acesas, mas agora alguém mora ali. As lembranças daquela noite surgem sempre que começo a pensar em seguir com a minha vida. Talvez isso seja a minha punição por não ter conseguido chegar a tempo até Fiona. Eu falhei com alguém que amava… e não houve segunda chance nem pedido de desculpas. Não cheguei a tempo e não pude consertar o estrago. No começo, precisei de terapia, precisei aprender algumas estratégias para lidar com isso. Agora, a minha terapia são as cavalgadas matinais e a produção do bourbon.

Eu queria não me importar com mais nada. Nem mais ninguém.

Na última vez em que vi Laney, não consegui me manter em silêncio nos estábulos. Fiquei olhando enquanto ela explorava o lugar com a roupa

encharcada, a blusa colada ao corpo. E continuei a cuidar tranquilamente da minha própria vida enquanto a ouvia cantarolar pelo corredor principal. Até o estrondo do relâmpago. O grito de Laney deixou os cavalos mais inquietos do que a chuva.

Em questão de segundos me vi ao lado dela, como se os meus pés tivessem me levado até lá sozinhos, com uma vontade avassaladora de ajudá-la. Estar tão próximo, compartilhando um momento vulnerável com ela, me deixou a um passo de beijá-la. Em um instante, a mulher estava tendo uma crise de pânico e, no minuto seguinte, lá estou eu, encarando-a cheio de desejo.

O som do Camaro irritante de Hadley sobe rugindo pela nossa estrada, que normalmente é privada. Ainda não sei como essa mulher conseguiu tirar uma carteira de motorista. Ela só dirige em uma velocidade: desvairada. Do fundo do meu quintal, tenho uma visão indesejada de Laney saindo do carro e dançando pelos degraus da frente. Eu deveria entrar na minha casa.

Mas fico paralisado no lugar. É impossível ignorar a minha nova vizinha. Especialmente quando ela está usando um vestidinho preto que pode ser classificado praticamente como pintura corporal. Esfrego a mão no rosto. *O que é que essa mulher tem?* Meu pau batendo na minha perna é uma resposta óbvia.

Depois do que aconteceu nos estábulos, fiquei mexido. Ao longo dos anos, consegui acalmar a mim mesmo depois de muitas crises de pânico. Naquele momento, não me importava o que Laney estava fazendo ali, nem estava interessado em saber quem ela era realmente… só não queria ver aquela mulher assustada, nem ver lágrimas se acumulando naqueles olhos bonitos. Deixei que ela me visse de verdade por um minuto. Toquei sua pele e segurei sua mão por tempo o bastante para me certificar de que ela estava bem. Então falei demais.

Laney acena para Hadley da varanda e depois fica procurando as chaves na bolsa. Ela se atrapalha por alguns minutos antes de jogar a cabeça para trás e começar a rir. Então ergue os dedos médios bem alto e diz para o céu:

– Vai se foder, universo. Sério. Vai. Se. Foder.

Isso me faz sorrir.

– Ficou trancada do lado de fora? – grito da rede.

– Cacete!

Laney se assusta e leva a mão ao peito enquanto se vira na minha direção. Agora me sinto um babaca por tê-la assustado. Ela olha ao redor e se detém por um instante na fogueira no meu pátio, até finalmente me ver.

Levanto a cerveja em um cumprimento. *Talvez eu devesse ter ficado quieto*.

Ela fica só olhando por um segundo, então começa a descer os degraus da varanda.

– Alguma chance de você poder me ajudar? – pergunta em voz alta.

O cabelo comprido dela está ondulado e um pouco desalinhado. A mulher é bonita mesmo de longe. A demora da minha resposta faz com que ela continue caminhando até aqui. Aqueles sapatos de salto alto devem estar dando um trabalhão, travando na grama a cada poucos passos, porque, no meio do caminho, ela finalmente desiste, tira-os do pé e simplesmente larga ali, sem se dar ao trabalho de pegá-los.

Consigo ouvi-la falando sozinha conforme se aproxima.

– Mulher adulta sabe se cuidar sozinha, mas não consegue se lembrar de uma chave…

Laney respira fundo, como se estivesse irritada, e isso me faz conter um sorriso. Por que estou achando graça?

– Você parece um pouco brava…

– Eu tô com sede. Quero sair de dentro deste vestido que parece uma ventosa me apertando. Tô precisando de alguma comida bem gordurosa na minha vida, mas, como não fui ao mercado, isso não vai acontecer. – Ela abaixa os olhos para

os pés descalços, então me encara, com a expressão mais derrotada do mundo, e completa: – E agora os meus pés estão doendo.

Julep se senta e abana o rabo tão rápido que parece que vai sair voando se eu der o comando.

– Oi, gracinha – diz Laney para ela. E seus olhos se voltam para mim. – Posso?

Assinto para que ela vá em frente.

– Vai com calma, Julep.

Laney sorri para mim, agachada, e faz um carinho gostoso na cabeça da minha cachorra. Para ser sincero, aquela mulher poderia me pedir praticamente qualquer coisa agora que eu iria buscar para ela.

– Tenho uma chave reserva lá dentro. Quer água?

Já estou me levantando no instante em que ela assente e sorri novamente para mim.

Levo só um minuto para pegar tudo em casa, mas, quando volto para fora, Laney já está esparramada na rede, se balançando devagar para a frente e para trás com uma perna pendurada para fora. A cena me deixa estático no lugar, porque essa mulher é mais do que linda. E é impossível tentar desviar o olhar.

Ela se senta na rede, pega o copo de água que eu trouxe e vira tudo de uma vez.

– Acho que quero uma rede. Tem lugar para uma ali. – E aponta para a escuridão, para o que imagino ser os dois grandes carvalhos perto do chalé de hóspedes. – Essa é a primeira vez que tenho o prazer de me deitar em uma dessas. Agora entendo – comenta, enquanto recosta a cabeça e dá impulso com o pé um pouco mais rápido.

– Não tem redes no Colorado? – pergunto.

Ela tenta me ignorar, mas sou muito bom nesse jogo do silêncio. É uma tática aprendida, que ainda funciona a meu favor. Especialmente quando ela diz:

– Deve ter, mas eu nunca sentei em uma. Assim como sei que existem homens legais no mundo, mas também nunca sentei em um desses. – Laney leva a mão rapidamente à boca. – Eu falei isso em voz alta, não falei?

Falou, sim. E agora estou me imaginando como alguém em quem ela gostaria de sentar.

– E como está o novo cardápio de drinques de verão da Hadley?

Dou uma risada quando ela responde em um tom enfático:

– Bom demais. – Laney gesticula. – Tinha uma coisa de pistache no final que eu poderia ter bebido sem parar se a Hadley tivesse continuado a servir.

Cacete, não consigo parar de olhar para a boca dessa mulher.

– Se continuar a me olhar desse jeito, caubói, vou acabar tirando alguma conclusão errada.

– E que conclusão seria essa, docinho?

Engulo em seco já arrependido da minha resposta.

Laney ergue a cabeça e sorri. Um sorriso largo, pleno… travesso.

– Fala de novo.

Recorro ao pouco autocontrole que me resta para não sorrir diante do jeito como ela flerta comigo. Mas permaneço onde estou, sem entregar o jogo, e deixo que ela traga à tona o que sei que ouviu quando deixou os band-aids comigo.

– Falar o quê de novo?

A palavra sai quase em um sussurro.

– Docinho.

Lembro exatamente o que eu disse e não consigo evitar repetir. Sorrio e

diminuo o tom da voz quando digo:

– Ah, isso.

Laney me encara com os olhos arregalados.

– Docinho – falo.

Ela aperta as coxas uma contra a outra. Aquilo a excitou?

Laney pigarreia, então volta a apoiar a cabeça na rede.

– O Midnight Proof é incrível – diz, mudando de assunto. – Mas aí eu quis ir embora. Quando saí, percebi que não tinha um cartão de crédito para chamar um carro por aplicativo, então pensei em voltar a pé…

– Você pensou em vir andando até aqui?

Ela assente.

– Sozinha? Saindo do Midnight Proof?

De jeito nenhum.

– Sim, mas aí tinha um cara…

– Que cara?

Ela semicerra os olhos para mim.

– Você é o quê? Policial? Sim, um cara.

– Eu era – respondo irritado.

– Você era policial?

Assinto e viro o que sobrou da cerveja que estava bebendo antes. Deixo a garrafa vazia de lado e cruzo os braços, observando-a se balançar na *minha* rede.

– Hum… – Laney ri. – Taí uma coisa que a Bea deveria ter me contado. O meu pai teria gostado de você.

Apenas a encaro, porque essa é a maior quantidade de informação que já consegui arrancar dela. E, se a Bea a quem ela está se referindo é quem eu

imagino que seja, isso explicaria um pouco mais que diabo essa mulher está fazendo na minha cidade. Quando a observo melhor, a luz da fogueira ilumina uma pequena cicatriz irregular ao longo do seu pescoço. Eu não tinha notado isso antes.

– Bea? – repito.

– O quê? – Os olhos dela encontram rapidamente os meus. – Onde?

Laney afasta o ar com a mão.

– Bea Harper?

– O quê?

Ela dá um bocejo exagerado, tentando disfarçar o que acabei de perceber.

– Você tá falando da Bea Harper? A agente federal?

Laney estica os braços acima da cabeça e fecha os olhos, enquanto murmura:

– Tô tão cansada.

Então fica imóvel. *Essa mulher só pode estar brincando*. Que porra é essa?

Um minuto se passa. *Infeeerno*.

– Sei que você não tá dormindo. – Dou um passo e a encaro de cima, observando como o seu cabelo cai pelos vãos da trama da rede. As pernas dela estão cruzadas nos tornozelos, o rosto relaxado, sem nenhum sinal de tensão. – Você tá encrencada, Laney? – Eu me aproximo mais um pouco, pairando bem acima dela. – Isso não vai funcionar. Sei que você tá acordada. Só responde à minha pergunta.

Outro minuto se passa, e ela continua ali, deitada como se tivesse realmente adormecido. Pelo visto, não sou o único que é bom no jogo do silêncio. Tomo uma decisão.

Muito bem.

Vou entrar na brincadeira.

Eu me inclino, passo um braço por baixo dos joelhos dela, outro pela metade das costas, e a ergo nos braços.

– Não gosto de ser ignorado, docinho. E nós dois sabemos que você não está dormindo. – Dou a volta pela lateral da casa. – É a sua última chance, Laney.

Ela se aninha em meus braços com um suspiro. Eu paro e a levanto um pouco mais no colo, o que a faz levantar o braço que estava pendurado ao lado do corpo e apoiá-lo no meu peito e no meu pescoço. Eu estaria mentindo se dissesse que não é bom demais segurá-la assim. Há algo em segurar uma mulher no colo que faz um homem se sentir mais homem. Ainda mais se, depois disso, o homem puder jogar a mulher em cima de alguma coisa macia para poder fazer sexo com ela com vontade… E essa é uma sensação que não tenho há muito tempo. Mas não vou jogá-la em nada macio.

Inclino o corpo para a frente, de modo que as minhas coxas encostam no metal. Seguro Laney sobre o cocho cheio de água para os cavalos e aviso uma última vez.

– Laney, se não responder à minha pergunta, você vai se molhar.

Um sorriso presunçoso surge em seus lábios antes que ela sussurre:

– Não me ameaça com coisa boa, caubói.

Pelo amor de Deus. Por um brevíssimo instante, isso me faz repensar o que estou prestes a fazer. Mas não o suficiente para me deter. O baque na água, seguido pelo grito que explode imediatamente da boca de Laney segundos depois, quando a deixo cair de bunda na água fria, quase me deixa mal. *Quase*.

Ela levanta os braços e começa a bater com eles na água, como se estivesse tendo um acesso de birra.

– Você me jogou dentro de uma tina de água suja!

– Joguei.

Tento conter o sorriso que insiste em se insinuar nos meus lábios. Não estou tão molhado quanto Laney, mas a frente da minha camisa e do meu jeans recebeu a onda de água quando ela caiu.

– Vai fazer um afogamento simulado comigo agora? – Laney espirra água em mim, e me afasto o máximo que consigo, mas ainda assim ela consegue me encharcar. – Por que você não é mais policial? Deixa eu adivinhar. Punição cruel e incomum?

Cerro os dentes e tento não rir do quanto ela está irritada.

Laney se levanta, furiosa, o cabelo encharcado pingando pelo corpo. Quando ela ergue a perna para sair do cocho, seguro o seu braço para ajudá-la a manter o equilíbrio até estar totalmente fora. A pele dela está fria ao toque, mas isso não é suficiente para ignorar o calor entre nós. Atração, raiva e irritação pairam ao redor, tão densas quanto o ar úmido. Foi uma babaquice da minha parte, sei disso, mas não me arrependo.

Quando Laney finalmente endireita o corpo, firmando os dois pés descalços na grama, filetes de água escorrendo pela sua pele, não consigo esconder o sorriso diante do olhar ameaçador que ela me lança. O vestido preto justo se mantém colado às suas curvas, quase do mesmo jeito de quando estava seco. Só que agora os mamilos estão rígidos. *Me esqueci desse detalhe.*

– Seja um cavalheiro e me dê a sua camisa – exige ela.

Dou uma risada.

– Ela está quase tão molhada quanto você.

– Tudo bem. – Laney enfia o dedo na alça do ombro esquerdo e abaixa.

Cacete, eu quero que ela continue.

– Tudo bem. Tudo bem.

Seguro a barra da camisa úmida, puxo por cima da cabeça e jogo para ela.

Laney fica encarando o meu peito nu, e isso dá um gás na minha autoestima. Normalmente não tenho problema nessa área, mas, caramba, é bom ver e sentir isso. Houve uma época em que malhar fazia parte do meu trabalho, mas agora o trabalho físico da tanoaria é mais do que o suficiente para me manter em forma. Ela parece sair do transe em que estava enquanto examinava os meus braços e o meu peito, e amassa a minha camisa para enxugar o rosto. Depois, passa o tecido pelos braços e se curva para secar as pernas.

Quando termina, joga a camisa amassada de volta para mim e começa a se afastar.

– Faz muito tempo que um homem não me deixa tão molhada. Então, obrigada!

Levanto os olhos para o céu completamente escuro. Deus, como lidar com isso?

– Laney – chamo. Quando ela se vira, jogo a chave reserva da casa. – Você sabe que eu não vou deixar isso pra lá, né?

Ela pega a chave com um sorrisinho.

– Nem eu, caubói.

Solto uma risadinha. Que apelido ridículo.

Laney se vira de novo e fala por cima do ombro:

– E eu ficaria muito decepcionada se você deixasse.

15

GRANT

Entro desembestado pela porta da frente e encontro Griz no sofá, lendo um livro de bolso com capa florida, o título em letras roxas grandes e chamativas: *Casamento em chamas*.

– Cadê o Ace?

– Como eu vou saber? – Ele abaixa o livro só o suficiente para me lançar um olhar irritado. – Por que você está tão nervosinho?

– Você sempre sabe da vida de todo mundo. – Ele deve saber pelo menos alguma coisa sobre Laney que eu não sei. Não é da natureza de Griz ficar por fora de nada. Levo as mãos até a cintura e paro bem na frente dele. – Bea Harper por acaso resolveu aparecer na cidade com a nossa mais nova moradora a reboque?

– Essa é uma pergunta bem específica – fala ele, forçando o sotaque arrastado. – E parece que você já tem a resposta. Então, que porcaria você realmente quer saber, Grant?

Levo minhas mãos à cabeça como se tivesse acabado de correr quilômetros e precisasse abrir os pulmões para o ar entrar.

– Da última vez que a filha da puta da Bea Harper decidiu revirar merda nesta cidade, deixou um rastro de gente machucada e morta.

Eu me arrependo assim que as palavras saem da minha boca. Parei de sentir raiva de Fiona por ter atendido àquele chamado, mas estou longe de esquecer.

– Três garotas desapareceram neste condado nos últimos seis meses e ninguém está fazendo a única pergunta que deveria ser feita – disse ela, mordiscando a ponta do palitinho de mexer café.

– Manda – brinquei, com um sorriso, os pés em cima da mesa. – Qual é a pergunta?

Ela me lançou aquele olhar clássico de "não seja um babaca".

– Por que aqui? – Fiona se levantou e fechou a porta do meu escritório. – Tenho investigado inconsistências na posse de propriedades em áreas que ficam na divisa entre Fiasco, Victory e Montgomery. Pelo menos três foram vendidas no último ano.

– Fi, quando você arranja tempo para investigar isso? Você é da patrulha, não é detetive.

Sem contar que, quando não estava trabalhando, ela estava jogando boliche com o pai ou passando algum tempo comigo. Não que alguém além de mim soubesse do nosso relacionamento.

– Muito tempo atrás, a minha mãe comentou que sempre compravam propriedades em grupos de três para usar como opções de realocação. Uma única compra que não fosse usada de imediato normalmente pareceria suspeita, então compravam em quantidade. Como um investidor faria – explicou ela.

– Então, qual é a relação que você vê com o caso? Estou meio perdido.

– Grant, se não encontramos corpos, então as pessoas ainda estão vivas, sendo mantidas em algum lugar onde ninguém nunca pensou em procurar.

Ela me olhou com uma expressão empolgada. A adrenalina desse tipo de trabalho sempre motivou Fiona. Antes mesmo de considerar a possibilidade de ir para a academia de polícia, ela já tinha sido fisgada.

Fiquei apreensivo com a ideia. Sem nenhuma evidência substancial para sequer cogitar o que ela sugeria…

– É uma suposição sem grandes bases, Fi.

– Sim, mas é um ponto de partida.

Um ponto de partida. Eu precisava saber: *por que aqui?*

– Quero saber qual é a história da Laney.

– Acho que quem precisa contar essa história é ela – diz Griz.

Ace sai do escritório dele e olha de mim para o nosso avô.

– O que foi que eu perdi agora?

– Não gosto que escondam coisas de mim. O que está acontecendo para que uma mulher seja largada na nossa porta no meio da noite pela filha da puta da Bea Harper?

Ace ignora meu tom de voz exaltado e vai até o bar do outro lado da sala. Pega três copos e três lascas de gelo do bloco que fica no freezer do bar. Então serve cerca de dois dedos de bebida em cada copo, entrega um a Griz e outro a mim.

– Você fica de fora de certas coisas porque gosta de jogar dentro das regras, maninho. A sua bússola moral não tem brechas. Você sabe que, quando estava na polícia, não queríamos que ultrapassasse os seus limites.

– Eu sei, Ace. Mas já faz anos que não sou policial.

Dou um gole no bourbon e percebo na hora que é mais forte do que o que ele costuma preferir.

– Tem certeza disso? Você tem interrogado a Laney como se ainda fosse.

Levanto o copo contra a luz e cheiro a bebida antes de mostrar o dedo do meio para ele com a mão livre.

Ace dá uma risada e balança a cabeça.

– Não sei muito mais do que você. Laney não é exatamente um livro aberto, apesar da verborragia no jantar. Mas, sim, Bea Harper a deixou aqui no meio da noite. Você tá certo em relação a isso. Eu falei que a garota poderia recomeçar a vida aqui e agora tenho um favor para cobrar quando precisar.

Com a mão enfiada no bolso daquele jeito, o meu irmão parecia um homem de negócios. Reservado, sempre pronto para negociar.

– Por que procurar você e não a mim? – pergunto.

Ace dá um gole no bourbon.

– Você está mesmo perguntando por que alguém procuraria a mim e não ao policial da família? Isso não é óbvio?

– Então o caso dela é confidencial?

A expressão impassível em que o meu irmão é mestre não entrega nada.

– Não acho que ela esteja aqui para causar qualquer problema. – Ele se vira para Griz. Os dois trocam um olhar silencioso que me irrita, como costumavam fazer quando Lincoln e eu éramos mais novos. – Sei que você sabe como é querer recomeçar. E também como é poder fazer isso sem ter que responder a um monte de perguntas.

Meu estômago afunda, e percebo na hora que fui colocado no meu devido lugar. Meu irmão tem um talento todo especial para isso. Quando uma cidade inteira queria se meter na minha vida, o que eu menos queria era ter que explicar por que fazer barris em vez de ser policial era a única coisa que me motivava a sair da cama de manhã.

Termino o bourbon e levo o copo até a cozinha. Não preciso dizer que ele está certo.

– Faz muito tempo que não vejo tanta vida em você, Grant – comenta Griz ao cruzar o vão da porta.

– Não faz tanto tempo assim que me viu irritado, Griz. Aconteceu na semana passada, quando você decidiu mandar os caras que trabalham pra mim deixarem os barris queimando por mais tempo do que deveriam.

Ele faz um gesto de desdém com a mão e pega uma garrafa em um dos armários de baixo na cozinha.

– Quer bancar o bobo? Tudo bem. – Griz destampa a garrafa sem rótulo. –

Talvez não se dê conta porque está tentando lutar contra isso, mas sei reconhecer quando um dos meus rapazes vê algo que deseja.

Não estou interessado em ouvir Griz me explicar sua visão da situação, por isso deixo o meu copo no balcão, dou uma palmadinha no ombro dele e me inclino para dizer:

– Talvez você devesse trocar o bourbon por água, meu velho.

Estou a meio caminho da porta quando o escuto dizer:

– E talvez você devesse relaxar um pouco, Grant. – Então ele eleva a voz para garantir que estou escutando: – Belezinhas como aquela não aparecem do nada para ficar.

E só o que consigo fazer é me preocupar com o que vai acontecer se ela realmente ficar.

Julep está me esperando na varanda da frente, e me inclino para fazer carinho no alto da cabeça dela.

– Você se comportou enquanto eu estava fora?

Ela solta um rosnadinho e se aninha em mim. Eu poderia passar horas coçando a parte de trás do pescoço dela, onde o castanho-avermelhado encontra os salpicos de cinza e branco e, ainda assim, não seria suficiente.

– O que você está fazendo aqui fora nesse calor, hein? – pergunto.

Olho por cima do ombro e vejo Laney cantarolando sozinha na janela, se movimentando pelo chalé de hóspedes como se estivesse arrumando tudo. Há uma leveza nela naquele momento… e não consigo deixar de observar como gira os ombros e estica o pescoço enquanto prende o cabelo comprido em um coque bagunçado.

Qual é a sua história, Laney Young? Eu não deveria estar tão interessado. Deveria me ater ao que ela é agora: uma pessoa nova na cidade. Mas ela capturou

a minha atenção. De mais maneiras do que eu jamais iria admitir.

16

LANEY

O bourbon é mais do que apenas uma profissão aqui, é um estilo de vida. Obras de arte e memorabilia que prestam homenagem à evolução da bebida se alinham nos corredores que levam a cada setor dentro da destilaria Foxx. Desde quando o bourbon era vendido como medicamento na era da Lei Seca até a forma como foi retratado em filmes e deu origem a uma subcultura. É inspirador ver tudo isso exposto e valorizado. Mas também sei que, se eu não tomar cuidado com o quanto desse "estilo de vida" eu consumo, vou acabar me encrencando e confessando verdades demais para Grant Foxx.

– Está indo pra onde, Laney?

Os ouvidos dele devem ter ficado quentes. Ouvir a voz atrás de mim, aquele sotaque profundo e suave que se demora quando ele não está ocupado tentando me decifrar, me provoca um frio na barriga.

– Exatamente para onde todo mundo que trabalha aqui deveria estar indo.

Ele me alcança em poucas passadas.

– O que você está comendo?

– As minhas últimas minhocas de goma azedas – respondo, enquanto ergo os olhos para o perfil bonito dele. – Ué, você vai vir também? Ei! – Bato na mão que ele estica para dentro do saco. – Você que compre as suas.

Grant ri e ainda assim consegue pegar uma bala, mas não responde à minha pergunta. Ele ainda não tinha participado de nenhuma dessas sessões desde que comecei. O espaço, já cheio, vibra de conversas quando olho ao redor e sorrio para alguns dos guias com quem fiz amizade. E todos reparam em quem está entrando comigo, já que praticamente todo mundo dá uma segunda olhada quando nos acomodamos. Mas Grant não fala com ninguém, provando o quanto gosta de ficar na dele.

– A maior parte do que vocês sentem no sabor do bourbon vem do processo de envelhecimento no barril. Desafio qualquer um a me provar o contrário.

Lincoln projeta a voz, olhando ao redor do salão alguns minutos depois do início da reunião.

Olho em volta também, e quase todo mundo está concentrado no que ele diz. Essas reuniões de equipe não aconteciam em uma sala de diretoria nem exigiam que alguém ficasse fazendo anotações para atas. Era assim que a Foxx Bourbon fazia todo mundo se sentir parte da família – eles simplesmente conversavam. Lincoln e Ace faziam questão de falar com absolutamente todos, dos guias e tanoeiros às pessoas que trabalhavam nas linhas de envase e rotulagem. Eu era testemunha de como eles faziam os funcionários se sentirem importantes. E essa era mais uma forma.

Grant é uma espécie de farol, porque meus olhos o encontram parado um pouco afastado, observando o irmão. Está apoiado de maneira casual em um suporte de aduelas de madeira, com os braços cruzados. A impressão que dá é que ele preferiria estar fazendo qualquer outra coisa neste momento.

O que Grant está fazendo aqui? Ele nunca participa dessas reuniões, nem retorna à casa principal para o happy hour. "Não vou deixar isso pra lá." Eu me encolho ao lembrar o que ele falou depois que deixei o nome de Bea escapar dos meus lábios embriagados. Preciso ser mais esperta do que isso.

– Nós curvamos os barris com fogo aqui – explica Lincoln.

Um dos novos gerentes de redes sociais pergunta:

– Não são os aros de metal que moldam o formato?

Mas, em vez de Lincoln responder, Grant solta um som que chama a atenção de outros além de mim. Ele esboça um sorriso constrangido e cruza uma perna sobre a outra.

– Grant, quer assumir daqui?

Ele ergue a mão para o irmão, negando o convite, mas, quando seus olhos voltam a encontrar os meus, não consigo me conter e lanço um desafio silencioso: arqueio uma sobrancelha e passo a língua pelos lábios. *Por que você está deixando Lincoln conduzir isso? Não é você o especialista no assunto?* Meus olhos percorrem o corpo dele. Por mais que eu goste do fato de ele não ser exibido como Lincoln, nem precisar mostrar que manda como Ace, odeio que ele queira ficar em segundo plano.

Então, Grant faz algo inesperado. O Foxx caladão descruza os braços e diz em voz alta, para o recinto inteiro ouvir:

– Você está esquecendo a parte mais importante, mano. – A cadência da voz grave faz meu corpo inteiro estremecer. – Todos vocês sabem que, para um bourbon ser chamado de bourbon, ele precisa ser envelhecido em um barril novo de carvalho-branco americano. No segundo em que uma gota daquele destilado transparente encosta no barril, já é bourbon. Não será um bom bourbon, mas, tecnicamente, é bourbon.

Isso provoca algumas risadas.

Com os olhos ainda fixos em mim, Grant continua:

– Nós gostamos de fogo por aqui.

As palavras, aparentemente direcionadas a mim, sobem, ardentes, pelos meus braços e descem pelo centro do meu corpo. De repente, parece que *eu* estou em brasas. Meu desafio acabou saindo pela culatra, porque Grant está fazendo mais do que apenas falar. Ele está praticamente me obrigando a ouvir.

– Os barris Foxx são curvados no fogo, como o Lincoln disse. Queremos que fiquem maleáveis. É um gostinho do que está por vir. Usar o calor para dobrar a madeira e deixá-la exatamente como queremos começa a preparar os sabores do bourbon desde cedo. Fazemos isso repetidas vezes. Acendemos o fogo. Deixamos a madeira úmida para que relaxe. E levamos de volta ao fogo para conseguirmos

o formato perfeito.

Engulo em seco, com o coração acelerado.

Alguém atrás de mim grita:

– Parece uma preliminar daquelas!

Isso provoca outra rodada de risadas. E, o tempo todo, os olhos de Grant permanecem fixos em mim, até que ele abre um sorriso. E, assim, o feitiço – ou seja lá o que estivesse me mantendo presa às palavras dele – se quebra.

– Aí começa a caramelização. – Ele sorri de novo, e, inferno, a minha calcinha está encharcada. – A gente gosta de fazer isso devagar. Não apressamos os barris. Assim como não apressamos o bourbon.

Ele volta a atenção brevemente para Lincoln.

– É a sua especialidade, Grant, vai em frente.

Inferno, era mesmo a especialidade dele. Quase uma hora depois, todo mundo ainda falava sobre barris. Grant não se juntou a nós na casa principal para saborear um hambúrguer e uma cervejinha depois, mas conseguiu ter a atenção de todos. Inclusive a minha, muito depois de eu ter voltado para o meu chalé.

Quando subo os degraus da varanda da frente, vejo um saco tamanho família de balas de minhoquinhas azedas encostado na minha porta. *Muito bem, caubói.* O latido de Julep na varanda dele é a forma de a cachorra me dar boas-vindas. Pelo menos até o meu telefone vibrar no bolso de trás da calça. Talvez ela seja a espiã de Grant.

DESCONHECIDO

Não pisa no seu presente.

Não consigo evitar o sorriso. *Grant.*

LANEY

Como você conseguiu meu número?

DESCONHECIDO

Eu era policial, lembra?

Como eu poderia esquecer?

DESCONHECIDO

Também sou dono da empresa em que você trabalha agora. Além disso, tem a Hadley. Sinceramente, há tantas maneiras…

Tenho certeza de que devo parecer ridícula, sorrindo para o telefone como uma boba, mas não me importo. Gosto da sensação de receber mensagens e gentilezas de Grant.

LANEY

Parece um ato um pouco desesperado só para impressionar uma garota.

DESCONHECIDO

É isso que eu tô fazendo?

LANEY

Não faço ideia do que você tá fazendo, caubói.

Decido devolver as palavras dele.

LANEY

Mas não vou deixar isso pra lá.

Grant não responde. Balas não deveriam me fazer suspirar, mas aqui estou eu, horas depois, deitada na cama, suspirando. Eu deveria ter parado de pensar em Grant Foxx no momento em que saí da destilaria, sem falar que deveria ter ignorado as mensagens dele. E definitivamente não deveria me masturbar pensando em sua boca na minha. Ou imaginar as mãos dele percorrendo o meu corpo enquanto as palavras de hoje se repetem na minha cabeça. Mas ignoro o que seria mais sensato esta noite e aproveito Grant Foxx, mesmo que seja apenas como uma fantasia.

17

GRANT

– Aposto tudo.

Del não se mexe. Ele permanece firme, com as cartas abertas em leque à sua frente, o que significa que tem uma boa mão. Desde que começamos a jogar juntos, nunca vi Del blefar: ou joga com cartas boas, ou desiste. Ele sempre foi certinho assim.

– Desisto – diz Lloyd, e joga as cartas na mesa.

O burburinho baixo do lugar é a trilha sonora da nossa noite. Se eu prestar bastante atenção, vou ouvir alguma música country bem tradicional saindo do rádio portátil na cozinha.

Meu amigo Marcus me encara, tentando ver se eu deixo transparecer alguma coisa. No momento, tenho dois pares altos de dez e damas. Não é o suficiente para apostar tudo, mas gosto de jogar de forma agressiva com esses caras – caso contrário, nossas partidas de pôquer acabam avançando bem além da meia-noite. Ele mastiga o palito de dente que sobrou do sanduíche de peru com bacon e alface, e seus olhos estão fixos em mim, mas só o encaro de volta. Estou tranquilo e pronto para levar o dinheiro dele esta noite. Não dou nenhuma pista.

Lloyd solta um assovio baixo quando olha por cima da minha cabeça para a frente do Hooch's.

– Isso vai ser bom – disse ele.

Todos se viram para ver quem pode ter chegado. Espero que não seja o ex de Marla. Da última vez que isso aconteceu durante a nossa noite de pôquer, passamos a maior parte do tempo varrendo pratos e copos quebrados.

Uma voz familiar atrai a minha atenção para o balcão da frente.

– Como assim eu não posso pedir nada?

– Exatamente o que eu disse, garotinha da cidade grande. Você não é daqui, então não pode pedir nada. Este é um estabelecimento só para moradores da região – declara Marla.

Ela é cruel quando quer. Principalmente com gente de fora. Marla fica parada ali, com a mão na cintura e uma expressão entediada, mastigando sementes de girassol enquanto Laney devolve o olhar atravessado.

– Não é possível que isso seja permitido – ironiza ela, e larga no chão o monte de sacolas de compras. – E o que é considerado local? Eu moro aqui – ela gira o dedo no ar – em Fiasco.

Laney olha ao redor do salão, mas ainda não me viu. Estamos no canto mais ao fundo, na mesa típica das noites de pôquer. O fato de eu não conseguir tirar os olhos dela é um problema, mas dane-se, parece que não consigo controlar esse novo hábito.

Marla não alivia, e isso me irrita.

– Aposto que você está só de passagem. Não veio pra ficar, o que faz de você uma turista. No máximo, alguém que tá só de passagem, como eu disse. Não é local. – Ela pega uma jarra de água e um copo plástico pequeno, enche e coloca em cima do balcão. – Você pode beber água.

Poucas vezes vi Marla expulsar pessoas daqui. Nunca entendi por que ela recusaria dinheiro assim, mas o pessoal de Fiasco não gosta de gente de fora e, na maioria das vezes, é meio babaca. A maioria dos turistas não tem interesse em comer em um restaurante nos fundos de um posto de gasolina. Mal sabem eles que é uma das melhores comidas da cidade, mas isso é outra história.

– Aquela garota ali não é sua nova vizinha? Não era dela que você estava reclamando? – pergunta Del.

Jogo minhas cartas na mesa e me levanto.

– Dois pares – digo.

– Droga, Foxx – resmunga alguém atrás de mim.

Laney percebe o meu movimento e parece aliviada ao me ver. Ela solta um suspiro e diz:

– Grant, você pode, por favor, dizer a essa mulher que eu não sou uma turista?

Olho para a pilha de sacolas, a maior parte de uma boutique da cidade, a Loni's, e algumas da loja de sabonetes ligada à floricultura. Quando invado um pouco o seu espaço, ela dá um passinho para trás, mas a impeço de se afastar mais pressionando a mão de leve nas suas costas. Laney solta o mais leve dos suspiros quando digo:

– Vai ficar me devendo essa.

Ela percorre o olhar do meu braço atrás dela até meu rosto e tenta entender o que isso pode significar. Mas então vira o jogo descendo os olhos para os meus lábios. É o que basta para eu saber que essa mulher fez comigo algo que ninguém jamais conseguiu – me fez querer alguém. Sem pedir confirmação, me viro para Marla, que primeiro parece confusa, mas logo está me encarando com uma expressão de *O que está rolando aqui?*, e aposto que, se eu olhasse ao redor, veria todo mundo prestando atenção no jeito como Grant Foxx acabou de resgatar a garota nova da cidade.

– Marla, essa é Laney Young. Ela vai ficar um tempo no nosso chalé de hóspedes. – Lanço outro olhar para ela. – Ela é nossa agora – digo, com um meio sorriso. Laney vira rapidamente a cabeça para mim ao ouvir esse comentário. – Ela veio comer alguma coisa e jogar umas rodadas de pôquer comigo e com os rapazes.

Marla encara por um instante o ponto onde o meu braço desaparece atrás das costas de Laney, mas isso é o que basta para ela recuar.

– Pode deixar, Grant. – Isso vai acionar uma rede de fofocas por telefone até

o fim do dia, mas depois resolvo isso. Marla agora olha para Laney com um olhar que é pura doçura. Toda aquela marra desapareceu completamente. – O que vai querer? – pergunta.

Respondo por ela, porque estou me divertindo demais provocando Laney.

– Ela vai querer um sanduíche *hot brown*, e traz uma caneca extra quando levar uma jarra nova pra gente.

Pego as sacolas dela do chão e começo a caminhar em direção à mesa.

– Vem, docinho.

Ouço Laney murmurar atrás de mim:

– Não sou seu docinho, caubói.

– Anotado. – Dou um sorrisinho presunçoso e pigarreio quando chegamos. – Senhores, temos uma quinta pessoa para jogar hoje à noite. Essa é a mais nova contratada da Foxx Bourbon. Laney Young, esses são os rapazes.

Lloyd solta uma risada pelo nariz, e Del disfarça o próprio sorriso com uma tosse. Marcus é o único que se levanta, estende a mão para apertar a dela e oferece um lugar à mesa.

– Senhorita Laney, é um prazer. Sou Marcus. Alguma chance de você ser boa o bastante para vencer o nosso garoto Grant no pôquer?

Ela sorri e desliza para se sentar no grande sofá em formato de ferradura ao redor da mesa.

– Talvez eu possa contar com a sorte de principiante – responde ela, se acomodando no centro do banco.

Os rapazes se apresentam, e ocupo a cadeira que completa o círculo.

Del embaralha as cartas e diz a ela:

– A aposta inicial é de cinquenta dólares, mas, se você quiser, pode ficar de fora das primeiras rodadas para ver como o jogo funciona.

– Seria ótimo. Faz muito tempo que não jogo – diz Laney, se ajeitando no banco. – Vocês jogam com frequência ou é uma ocasião especial?

Lloyd se intromete:

– A gente costumava jogar lá na delegacia nas noites mais tranquilas.

– Vocês todos eram policiais? – pergunta ela.

– Eu era do Corpo de Bombeiros – responde Marcus.

– Agora estamos todos aposentados – diz Del, passando os dedos pelas cartas.

Consigo sentir a atenção de Laney em mim enquanto as cartas são distribuídas. Ela sabe que eu era policial, mas gosto do fato de ela não conhecer a história toda. Que me aposentei cedo porque não conseguia fazer o meu trabalho depois de tudo que aconteceu. É bom que exista uma pessoa por aqui que não me olhe com ar de pena ou julgamento. É bom estar diante de uma mulher que olha para mim e não vê um homem que não conseguiu manter alguém que amava em segurança.

Duas jarras e um prato limpo depois, fica evidente que o status de iniciante de Laney no pôquer era um grande blefe. Ela já fez Marcus e Del apostarem tudo depois da segunda recompra, e estou com apenas algumas fichas a mais do que Lloyd.

– Aumento a aposta – diz ela, e joga mais quatro fichas no pote.

Olho para Lloyd e percebo, pelo jeito como ele vem torcendo a ponta do bigode, que está blefando. Ele deve ter, no máximo, um par. Laney tem um tiquezinho – é sutil, mas já vi vezes o bastante para saber quando ela está blefando. Nas duas vezes em que pigarreou e tocou o pescoço, ou desistiu ou venceu a mão porque todos os outros desistiram. Observo com atenção, tentando não encarar por tempo demais os cílios escuros ou o jeito como os lábios dela permanecem úmidos depois de um gole.

– Vai cobrir a aposta, caubói, ou tá alta demais pra você?

Del solta uma risadinha.

– Caubói?

Laney apoia o queixo no punho e me encara ao dizer:

– O Grant tem esse jeito ranzinza de cara bronco. E o cavalo. Só falta o chapéu.

Marcus e Lloyd caem na risada.

Ela pode brincar o quanto quiser, mas estou esperando por aquele tique de novo. Coloco a mão no queixo, esfregando o polegar no lábio, imitando a linguagem corporal dela. Quero fazer um pouco de silêncio para deixá-la desconfortável. Vamos ver se Laney entrega alguma coisa. E é exatamente o que acontece logo depois. Ela desliza a ponta dos dedos pela lateral do pescoço, como se estivesse procurando alguma coisa – é o sinal que eu estava esperando.

– Aposto tudo – digo.

Marcus solta uma risadinha debochada.

– Porra. Tá certo, vamos acabar logo com isso. Já tá tarde.

Ela empurra quase todas as fichas para o centro, ficando apenas com uma pequena pilha.

– Acho que acabei de te decifrar – diz.

Passo a palma da mão suada pela perna da calça. O tom dela está confiante demais para uma mão ruim. E é exatamente nesse momento que percebo que cometi um erro. Laney estava me manipulando.

Viro as minhas cartas. Um *flush*.

Ela sorri.

– Muito bem.

Mas sei, pela expressão em seu rosto, que perdi.

– Vamos ver o que você tem aí, docinho – digo.

Laney vira as cartas dela. Um *royal flush*.

Del e Lloyd gritam e riem, como se me assistir perder fosse a coisa mais engraçada que já viram em muito tempo. Marcus se inclina e pergunta, alto o bastante para todos ouvirem:

– A gente caiu direitinho, não foi?

Mantenho os olhos em Laney, que começa a empilhar as fichas.

– Pode apostar que sim.

– Cavalheiros, obrigada pelo jogo – diz ela. Então volta os olhos para mim, sem quebrar o contato visual, e, *porra*, sinto esse olhar por todo o corpo. Como uma corrente elétrica que acabou de ser ligada. – E pela companhia. Vocês nem imaginam como é bom poder me divertir um pouco.

Del paga o que ela ganhou, enquanto Marcus reúne as fichas e organiza de volta na caixa.

– Me deem licença rapidinho – pede Laney.

Alguns minutos depois, ela volta do banheiro feminino.

– Marla – chama Del, no restaurante quase vazio. – Pode fechar a conta pra gente?

Ela grita de volta:

– Já tá tudo pago!

Todos à mesa olham para Laney, boquiabertos. Nenhum de nós esperava por isso. E, em um pequeno gesto altruísta, essa trapaceirinha de uma figa pode ter acabado de ganhar a amizade desses caras para a vida inteira. Esse vai ser o assunto da cidade por semanas: levamos uma surra no pôquer de uma mulher que surgiu do nada e que ainda pagou o jantar e as bebidas de todos.

– Você pode me dar uma carona? – pergunta ela quando volta para a mesa.

– Você veio a pé? – retruco.

São pelo menos cinco quilômetros da nossa casa até o centro da cidade.

– Gosto de caminhar. Ajuda a clarear a cabeça e a conhecer melhor Fiasco ao mesmo tempo.

Laney se adianta para pegar as sacolas, mas me levanto e chego antes. O fato de eu estar me despedindo dos rapazes já responde à pergunta dela sobre a carona, e logo estamos saindo, com um aceno para Marla.

– Parece que você comprou a loja inteira – comento, enquanto jogo as sacolas na caçamba da caminhonete e abro a porta para ela.

– Recebi o meu pagamento hoje – responde Laney, com um sorriso orgulhoso. – Um pouco antes de tirar todo o seu dinheiro no pôquer.

Quando ela entra na cabine da caminhonete, meus olhos acompanham o movimento daquela bunda linda se acomodando no banco. Pigarreio e fecho a porta, tentando me recompor.

O resto do trajeto curto é feito em silêncio. Entre os flertes e as perguntas sem resposta, estou completamente perdido, sem saber como agir com Laney. Parece errado tentar arrancar a verdade na base do charme, mas quero saber o que essa mulher está fazendo em Fiasco.

– Espere aí um instante, por favor – peço, quando chegamos.

Desço do carro e abro a porta para ela, que me lança um olhar questionador.

– Você queria que eu ficasse sentada aqui só para abrir a porta pra mim? Alguém ainda faz isso?

– Sim, Laney, eu ainda faço isso.

Ela sai, e recuo um passo na mesma hora. Se eu ficar perto demais, vou fazer alguma idiotice, como cobrir a distância entre nós e beijar aquela boca

maravilhosa que ela tem.

Laney levanta a cabeça e, quando seus olhos azuis encontram os meus, posso jurar que estão cintilando.

– Quer tomar uma saideira comigo? – pergunta ela.

Não sei por que isso me pega de surpresa. Uma coisa é flertar e provocar, outra é avançar e pegar o que eu quero. Não sei qual é a decisão certa a tomar aqui. Não estive com ninguém por muito tempo por um motivo.

– Eu… hum… – gaguejo, enquanto pegamos as sacolas na caminhonete.

– Tudo bem se achar melhor não. Não vou levar para o lado pessoal – fala ela com um meio sorriso e um tom brincalhão.

Cacete, o que eu tô fazendo?

Laney é exatamente o tipo de mulher que eu gostaria de ter se não achasse que todo relacionamento está fadado ao fracasso. Aliás, juntos nós seríamos como fogo e gasolina… disso não tenho a menor dúvida.

O pescoço dela vibra com a pulsação acelerada. Os lábios vermelhos se entreabrem levemente, e penso no que eu gostaria de deslizar por eles. Sim, Laney provavelmente seria a melhor mulher que eu já tive. Mas não me contentaria apenas em transar com ela. E esse é o problema. Tenho ignorado o fato de que não consigo parar de procurar por ela de manhã, depois na destilaria, e de olhar para ver se a luz dela está apagada antes de eu ir dormir. Não consigo parar de pensar no que a trouxe até aqui. Ou no quanto vou ficar puto se ela não estiver bem, se estiver realmente em perigo.

Laney olha para os dedos inquietos antes de erguer o queixo e se aproximar mais um passo.

– Sei que um último drinque pode significar muitas coisas, então deixa eu ser bem clara com você, Grant. – Ela se aproxima um pouco mais, e a terra e o cascalho se movem sob os seus pés, fazendo o som parecer tão intenso quanto a

sensação que se espalha pelo meu corpo. – Estou começando a gostar de você. Mas, toda vez que estamos perto um do outro, não consigo decidir se você está tentando me pegar em uma mentira ou me despindo com os olhos.

Solto uma risada curta e estreito os olhos para ela.

– Que tal as duas coisas?

É a verdade. Ela respira fundo, seu peito subindo devagar.

– Tudo bem. Então eu gostaria de ser sua amiga. – É o jeito como ela solta o ar e força um sorriso que me faz odiar ainda mais a ideia de *amizade*. – O que você me diz?

Balanço a cabeça e cerro os dentes. O que eu realmente quero e a decisão mais sensata aqui são coisas completamente diferentes.

– Não preciso de mais amigos, Laney.

Recuo um passo e pigarreio. Manter distância é a decisão certa. Preciso pisar no freio. Esfrego a nuca e, quando volto a encará-la, Laney está mordendo o lábio, como se estivesse se contendo para não rir.

Inclino a cabeça para o lado.

– Isso é engraçado?

– Sabe como eu consegui ganhar de você naquela partida de pôquer?

O sorriso de Laney se alarga, e ela começa a andar de volta para o chalé.

Espero que diga mais alguma coisa, mas ela simplesmente continua andando de costas, ainda sorrindo, e me olhando como se já tivesse me decifrado por completo.

– Vai me contar? – grito, já que ela está quase na varanda da frente.

– Eu sei quando você está mentindo, Grant Foxx! – grita ela de volta.

A distância entre nós agora é maior e, ainda assim, a atração parece mais forte.

Um sorrisinho curva os meus lábios quando vejo como ela está satisfeita consigo mesma.

– É mesmo? – pergunto.

Laney assente e inclina a cabeça com aquele sorriso luminoso.

Estou brincando com fogo aqui, mas, Deus, é divertido demais brincar com ela.

– Laney, não tem nenhuma chance de eu me contentar em ser seu amigo.

Ela arregala os olhos e entreabre os lábios.

Preciso recorrer a toda a minha força de vontade para me virar e me afastar. Meu corpo grita a cada passo que me aproxima da porta da minha casa. Não olho para trás nem confiro se a luz de Laney está apagada antes da minha esta noite. Caso contrário, eu voltaria correndo, colaria a minha boca na dela e arrancaria a verdade de nós dois na base do sexo.

18

LANEY

O timer do forno está apitando há mais de um minuto quando a água do meu chuveiro passa subitamente de morna para gelada enquanto ainda estou enxaguando o condicionador tonalizante do cabelo. Manter o vermelho nos fios é mais trabalhoso do que eu esperava, mas eu gosto. Compensa a necessidade de manutenção constante. Na pressa para alcançar o timer, eu me esqueço de pegar a toalha rosa-choque pendurada no gancho ao lado do closet.

O latido na porta da frente é o menor dos meus problemas, mas ele se soma ao barulho do timer, que por sua vez se soma à ansiedade de fazer tudo isso parar. Tenho me sentido bem melhor ultimamente, vivendo em um ambiente mais quieto. Eu costumava florescer no burburinho da cidade, mas agora desejo o silêncio desse verão do Kentucky.

Dou uma olhada no relógio pouco antes de enrolar o cabelo na toalha. Ainda são 6h22. Estou com o *Greatest Hits* da Etta James no *repeat* desde que acordei, para me dar um gás depois da péssima noite de sono provocada por uma quantidade absurda de pensamentos disparando pela minha mente.

Alguns dias atrás, me aventurei até a feira de produtores de Fiasco e comprei maços de manjericão lindos e pêssegos incrivelmente cheirosos. Com pêssegos e o pão de fermentação natural da Crescent de Lune, ao qual não consegui resistir no começo da semana, tive a distração perfeita quando saí da cama. Foi fácil me perder por um tempo preparando um doce, e isso me lembrou o meu pai.

Minha pele ainda está úmida, mas visto um short de algodão e uma regata que estavam no chão, porque, de novo, só tenho uma droga de toalha. Desligo o timer, coloco as luvas de forno e tiro a rabanada assada que preparei. Julep está sentada diante da minha porta, e o rebolado do traseiro e o rabo abanando são uma baita recepção. Estendo a mão para que ela me cheire primeiro.

– Oi, gracinha.

Na frente dela, há algo que parece um pedaço interessante de tecido cinza.

– O que é iss… Ai! Que nojo – sussurro, já recuando antes mesmo de pegar. Não é um pano. – Você me trouxe um presente? – Sim, é uma pele de cobra. *Que maravilha*… Agora já posso ficar neurótica com a possibilidade de dar de cara com uma cobra por aqui. Olho para os grandes olhos castanhos de Julep. Ela realmente é a cachorra mais doce que já conheci. – Está com sede, Julep? – Ela solta um ganido agudo e um latido, como se tivesse me entendido. – Vem.

Abro mais a porta, e Julep me acompanha para dentro. Encho uma tigela com água, que ela cheira, mas não bebe. Parece já se sentir em casa, porque sai farejando o chalé.

– Onde está o seu papai, aquele grande sedutor? – pergunto, com uma risada.

Mesmo tendo perdido o sono por causa disso, é impossível não sorrir ao pensar em Grant parado ali, com as mãos nos bolsos de trás, se mantendo firme, enquanto me respondia que amizade não seria suficiente. Ele sabia o que eu estava pedindo quando ofereci uma saideira, mas não aceitou.

Grant Foxx não se parece em nada com o tipo de homem com quem estou acostumada a conviver. Um, em particular – mais polido, aparentemente doce e comprometido. Além de mentiroso. E safado. Estreito os olhos com força. Exatamente como eu agora.

Misturo um cálice de bourbon com um pouco de açúcar de confeiteiro e uma pitada de baunilha, acrescento um pouquinho de água e rego o pão ainda quente e macio. *Nossa, isso vai ficar bom*. Julep se senta no chão ao meu lado e solta um ganido baixo.

– Eu sei, tá com um cheiro delicioso. – Pego uma fatia de pêssego que sobrou e dou para ela. – Acho que isso vai me render um favor e servir como um agradecimento. O que você acha?

Ela late em resposta.

– Exatamente.

Calço os chinelos e estalo a língua para chamá-la. O ar parece quase tão úmido quanto a grama coberta de orvalho que molha os meus pés enquanto cruzo o espaço entre o meu chalé e o de Grant. Pelo calor que já está fazendo agora, dá para deduzir que vai ser um dia quente. Talvez eu nem devesse me preocupar em terminar o banho, afinal vou suar e precisar de outro no fim do dia de qualquer maneira.

E se eu contasse a ele? Tudo. A verdade sobre o que me trouxe até aqui e tudo o que levou a isso? Eu estaria confiando que Grant guardaria um segredo. Ele teria que mentir por mim. E não gostaria disso. E se tudo não passasse de uma coisa de momento e nada mais? Então alguém saberia quem eu sou. E esse é um risco que não estou pronta para correr.

Cerro o punho e dou algumas batidas firmes na porta de Grant. *Será que ele está em casa agora?* Na segunda rodada de batidas, escuto movimento atrás da porta, e Julep solta um latido curto. Ela permanece ao meu lado na varanda como se não fosse a casa dela, embora tenha uma portinhola por onde poderia ter entrado.

– Jules, agora você tá batendo na porta? – diz Grant, rindo, ao abri-la.

O cabelo dele está molhado e bagunçado. Mas não é isso que atrai meu olhar, e sim as tatuagens que se espalham pelos bíceps e sobem pelos ombros. Contornos e sombreados de formas que, se eu pudesse congelar o tempo, seguiria com o dedo, tentando encontrar o significado. Isso não é nada bom. Tento engolir o nó na garganta. O fato de Grant estar bem na minha frente, apoiado no batente da porta, usando nada além de uma toalha azul-marinho amarrada no quadril, é um agravante.

Ele abre mais a porta. O músculo desenhado do braço se destaca e chama a

minha atenção para o peito largo. A leve camada de pelos escuros ali funciona como um mapa do corpo de Grant e permite que eu confirme onde eles terminam e onde começam os músculos do abdômen definido. Ele é muito maior do que eu. Mais alto. Mais largo. Com a cintura estreita e um físico impressionante, Grant Foxx é intimidador.

– Está aqui por algum motivo, Laney?

Dou um sorriso contido. O que são palavras? O que estou fazendo aqui?

– Eu fiz uma rabanada recheada com pêssego e regada com bourbon – digo, inclinando a cabeça. – Pra você. Por ter me defendido no Hooch's ontem à noite. Em agradecimento por você ter feito isso por mim. – Entrego a fôrma ainda quente a ele, e sua expressão de surpresa é uma graça. Então tento a sorte para ver no que dá. – E a minha água quente parece que acabou, então preciso usar o seu chuveiro para terminar de enxaguar o condicionador do cabelo.

– Aquele cocho dos cavalos tem água fresca desde cedo – responde ele, tão rápido que, por um segundo, acho que está falando sério.

Dou uma piscadela.

– Talvez da próxima vez.

Grant solta uma risada, abre mais a porta e faz um gesto para que eu entre.

– É só um ajuste na válvula do lado de fora do poço. Eu ajeito pra você assim que me vestir. Mas pode ir lá, pode usar o meu chuveiro.

Quando entro, vejo que a casa dele é mais clara do que eu esperava. O homem taciturno e quieto tem bom gosto. A casa, em estilo rancho, se espalha por um único andar amplo. As janelas voltadas para o leste ocupam quase toda a parede da sala principal, que é bem grande. Ela tem a vista perfeita da propriedade ao nascer do sol, com o céu no tom lindo de quando o sol finalmente surge acima da linha do horizonte, dissipando a noite e deixando uma névoa esfumaçada para trás.

– Linda casa – falo, olhando ao redor.

À minha frente, há uma lareira. Não há televisão ou qualquer sistema de entretenimento à vista, só um grande sofá de couro e uma mesa de centro coberta de papéis e livros. A poltrona de couro ao lado tem uma manta grossa meio caída no chão, como se ele tivesse dado uma relaxada ali e depois ido dormir.

– Eu gosto – diz ele atrás de mim, a voz rouca, como se a manhã tivesse chegado cedo demais. – Era a casa original da propriedade. A casa do Griz e da minha nana.

Eu me viro e vejo que ele está tirando pratos das prateleiras.

Por que é tão fofo ouvi-lo dizer "minha nana"?

– Está bem diferente agora, mas, quando o Ace quis construir uma casa para ele, perguntei ao Griz se ele não gostaria de vendê-la para mim quando sentisse que era a hora. Isso foi há pouco mais de cinco anos. – Ele sorri. – É um projeto em andamento, mas vem me mantendo ocupado. Transformei a garagem em uma oficina. Foi uma reforma grande.

– Você fez tudo isso sozinho?

– A maior parte. Tive alguma ajuda com a parte elétrica e a hidráulica, mas o resto fui eu.

Nunca achei isso excitante até hoje, mas me pego atraída pela ideia de alguém que consegue reformar a própria casa.

Ficamos nos encarando por um instante, então lembro por que estou ali.

– O chuveiro?

– Logo ali no corredor, na primeira porta à esquerda. É o banheiro de hóspedes. As toalhas ficam no armário atrás da porta.

– Vou ser rápida. É só um enxágue.

Seus olhos sobem pelas minhas pernas, e ele pigarreia.

– Fica à vontade.

O banheiro é tão bem cuidado quanto o resto da casa. Paredes brancas simples e metais pretos foscos. Um box de azulejos brancos limpos e um blindex meia-parede. É um espaço sem frescuras, o que combina muito com ele. Grant não me parece um homem que goste de excessos.

Levo apenas alguns minutos para enxaguar o cabelo e me secar. Quando saio do banheiro, ele está sentado diante da pequena bancada da cozinha, em um dos dois bancos. E teve tempo de vestir um short que parece de natação e uma camiseta da *Polícia de Fiasco*.

– Quando você se aposentou da polícia? – pergunto.

Então Julep me vê, se levanta e vem até o meu lado. Faço um carinho no topo da cabeça dela e me aproximo da bancada.

– Nós dois nos aposentamos há cerca de cinco anos.

Sorrio ao ouvir isso, então olho para o focinho arfante de Julep.

– Você é uma menina muito esperta, não é?

Ele se levanta e dá a volta na bancada.

– Ela gosta de você.

– É recíproco. Sempre quis ter um cachorro, mas não tinha um estilo de vida que permitisse isso. E não queria deixar o bicho sozinho o dia ou a noite toda enquanto eu trabalhava.

Olho para a cafeteira vazia na bancada.

– Existe alguma chance de isso aqui funcionar?

– Tenho certeza de que sim, mas geralmente pego um café na casa principal. É uma desculpa para ver o Griz por alguns minutos de manhã antes de ir para a destilaria.

– Acho bonito como você é próximo da sua família.

Ele encontra os meus olhos por um instante, então se dedica a cortar um pedaço da rabanada. Uma boa parte já se foi.

– E você? É próxima da sua?

Engulo em seco e penso em como responder. Não há necessidade de mentir.

– Eu não tenho exatamente uma família. O meu pai faleceu logo depois de eu me formar. Ele não tinha um bom relacionamento com a família dele, então sempre fomos só nós dois.

– Deve ter sido difícil. Sinto muito pelo seu pai.

Ele pega dois pratos e um garfo para mim.

Assinto e dou um sorriso tranquilizador. Nunca sei como responder quando as pessoas dizem que sentem muito pela perda do meu pai. Não quero dizer que está tudo bem, porque, na verdade, não há nada "bem" em alguém morrer. Ele não estava doente e não sofreu. Foi homenageado pela forma como morreu, em serviço: uma negociação com um criminoso que resultou em uma bala perdida que o atingiu logo acima do colete à prova de balas. Eu jamais poderia dizer a alguém que estava tudo bem ter perdido o homem que era a única família que eu conhecia. A minha pessoa favorita no mundo. Então, apenas aceito as condolências e lembro que ele morreu tentando salvar alguém. Se o meu pai tivesse podido escolher uma forma de partir, teria sido essa. E, até pouco tempo atrás, eu não tinha entendido isso.

Levanto os olhos do prato, tentando não me deixar levar pelas recordações. Um ímã na lateral da geladeira chama a minha atenção: um porta-balas Pez em forma de coroa de princesa.

Grant segue meu olhar.

– Lily tinha pesadelos terríveis logo depois que a mãe dela faleceu. O Lincoln disse a ela que balas Pez tinham superpoderes. Aí passamos a deixar esses porta-

balas em praticamente todos os lugares depois disso. Ela realmente acreditava que era verdade. – Os olhos dele encontram os meus. – Vez ou outra, todo mundo precisa de um pouco desse superpoder. Por isso, esse porta-balas continua exatamente onde ela deixou. Para emergências.

Como não me derreter toda depois de ouvir isso?

– Meu pai me levou à fábrica da Pez quando eu era criança. Achei que ia encontrar um lugar enorme, tipo a fábrica de chocolate do Willy Wonka, mas era mais um museu do que uma fábrica de balas. Foi um pouco decepcionante, agora que estou lembrando. Mas foi um dia gostoso, e ganhei um porta-balas de *Star Wars*. Guardei na nossa caixa de lembranças.

– Você devia mostrar pra Lily. Talvez aí ela acredite em mim quando eu disser que eles não se reabastecem sozinhos.

Pigarreio, sentindo o peito apertado.

– Eu não tenho mais. – Odeio ter tido que deixar aquilo pra trás, junto com outros objetos que me lembravam meu pai. Solto o ar, dou uma mordida no pêssego embebido em bourbon, coberto por uma calda de açúcar e canela, e murmuro: – Isso ficou melhor do que eu esperava.

Quando olho para Grant, vejo que ele está me encarando. Nunca fui muito corajosa com contato visual. A não ser quando se trata dele. Faço um estudo rápido do tom verde-avelã de seus olhos. Reparo na barba mais áspera ao redor da boca e me pergunto se eu sentiria cosquinha quando o beijasse. Talvez seja a proximidade de onde Grant está sentado, ou o fato de que, antes dele, nunca me senti tão confiante perto de alguém a ponto de não desviar o olhar.

Grant engole em seco, e observo o movimento do pomo de adão. Quando volto a encará-lo, ele está concentrado na garfada de pão e pêssego antes de levá-la à boca. Tento ignorar o brilho do bourbon que escorreu para o lábio inferior ou o modo como ele estende a língua para limpar.

– Então você não tem família, mas tem amigos?

Amigos. Amigos de verdade, sem zonas cinzentas que inevitavelmente me colocariam em encrenca ou, pior, me confundiriam de novo.

Pigarreio, e os olhos dele descem até a minha boca.

– As pessoas que eu achava que eram minhas amigas, na melhor das hipóteses, não passavam de conhecidas.

– O Colorado não é exatamente um lar, então. Sem família, nem amigos.

– Não, não é.

Se amigos forem uma forma de definir o que é um lar, sinto que já posso me sentir em casa em Fiasco. Embora trabalhe com Ace e Lincoln, é Hadley que está se tornando uma grande amiga. E, apesar do que ele disse ontem à noite, Grant talvez não queira ser meu amigo, mas nós somos… alguma coisa.

Ele volta novamente a atenção para o prato e dá outra garfada.

– Isso tá bom demais, Laney – diz, de boca cheia.

Eu me empertigo no assento ao ouvir o elogio. Foi bom fazer o doce. Compartilhar é melhor ainda.

– Essa é a beleza de viver algo novo. Você pode começar do zero. Fazer novos amigos – diz ele, com uma piscadela.

– Está falando por experiência própria ou isso é frase de biscoito da sorte?

Ele ri.

– Sempre gostei deles.

Mas ele não vai além. Aí tem. Grant é um policial aposentado de 30 e poucos anos que agora tem uma carreira completamente diferente. Ele recomeçou a vida.

Passamos os minutos seguintes ali, limpando os pratos, sem admitir a tensão latente que existe entre nós.

– Consertei a válvula da água quente. É só me mandar uma mensagem caso aconteça de novo – comenta ele, e se vira para mim. – Jamais vou recusar um café da manhã feito por você. – Ele dá um sorrisinho. – Mas não precisa se preocupar com isso.

– Você já deveria ter aprendido que eu só faço o que quero. – Aponto com a cabeça para o prato vazio, que ele leva até a pia, e dou de ombros. – Além disso, voltei a fazer doces.

Assim que digo isso, me arrependo. Meus pensamentos voltam para o último doce que preparei com o meu pai, pouco antes de perdê-lo. Ele sempre adorou comidas de café da manhã. Que inferno, sinto tanta falta dele… Não sei se é o meu tom ou minha expressão, mas agora Grant me observa com curiosidade.

As plaquinhas da coleira de Julep tilintam, me salvando de ter que explicar. Ela levanta a cabeça e olha para a porta da frente, como se estivesse escutando alguma coisa.

– Obrigada por me deixar usar o chuveiro. E por consertar a água para mim – digo.

Mas, antes que eu possa me levantar para ir embora, a porta se abre de supetão, em meio a uma explosão de risadas e discussão.

– Eu quero bater na porta dela! – grita Lily, na cara de Lark.

Lark dá um encontrão com o quadril na mesa da frente.

Lincoln vem logo atrás, com os braços cheios de sacolas e toalhas. Os óculos de sol Ray-Ban empurram o cabelo escuro para trás e a sunga azul-turquesa combina com o bronzeado de verão. Esses não são os únicos detalhes que indicam que todos estão planejando um mergulho. Os óculos de natação pendurados no pescoço de Lily e a toalha sobre os ombros de Lark me dão saudades do mar. E, como aqui somos cercados por terra, me inclino mais para perto de Grant.

– Tem uma piscina aqui e ninguém me contou?

Mas ele não me ouve, com Julep ainda latindo e as meninas discutindo. O barulho está tão alto que Grant toca os meus dedos, onde eu nem tinha percebido que estava apertando o garfo com força demais. Quando afrouxo o aperto, ele tira o garfo da minha mão. Nossa troca silenciosa me lembra o jeito como ele cuidou de mim nos estábulos. *Você tá bem. Respira*.

– Julep, já chega – diz Grant. Em seguida: – Para.

Então se dirige às sobrinhas:

– Meninas, vocês não precisam brigar por isso. Laney obviamente já está aqui – completa, com um sorriso e um olhar para o irmão, que está de braços cruzados, com uma expressão intrigada.

– Laney… – começa Lark.

– Eu quero convidá-la – interrompe Lily. – Quer ir a uma caça ao tesouro com a gente?

– E nadar – completa Lark.

Lanço um olhar rápido para Lincoln e Grant antes de responder, mas eles apenas aguardam a minha decisão.

– Tem um balanço de pneu. E o tio Grant e o papai são os motores dos nossos barcos de bate-bate – dispara Lily, em velocidade relâmpago. – E a gente faz uma caça ao tesouro. Tio Grant, você já escreveu as pistas?

– Tudo pronto, Lil.

Lincoln se intromete:

– Então, o que me diz, Laney? Quer passar o dia com o seu fã-clube?

– Laney, a gente pode fazer coroas de flores de novo? Tem muuuuitas flores pra colher no caminho. E a gente trouxe toalhas e comida extra para o lanche.

– Vem, Laney. É fim de semana – incentiva Lincoln, sorrindo.

Lanço um olhar para Grant, tentando avaliar se isso é uma boa ideia, mas os meus olhos acabam presos em seus lábios de novo… Não deveriam ser tão bonitos. Lábios cheios em um homem não são bonitos, certo?

– Vem – diz ele.

O tom de sua voz praticamente me ordena a fazer exatamente isso.

Meus olhos voltam a encontrar os dele com aquela única palavra. Grant sabe muito bem o que está fazendo comigo.

– Vou adorar.

19

GRANT

– Acho que nunca gostei tanto de assistir àquele balanço em movimento quanto hoje – suspira Lincoln, como um adolescente apaixonado.

Sei, com absoluta certeza, que ele não está sofrendo de amor nem esperando por ninguém. Meu irmão já se diverte bastante, e com muitas mulheres.

Olho para a aliança de casamento que ainda está em seu dedo anelar. A que ele diz que usa para fazer as filhas se sentirem melhor, mas conheço o meu irmão. Ele continua com ela no dedo quando está sendo o Lincoln de verdade, não a versão teatral. Ele a usa quando está sendo pai ou falando sobre os processos de destilação, e a tira quando tenta esquecer que morre de saudade da esposa. Já eu fui na direção oposta, então a verdade é que não tenho moral para julgá-lo.

– Você não está considerando se envolver com ela de verdade, né?

Ele se senta mais ereto, bloqueando o sol que estava me secando.

– E se eu estivesse? Qual seria o problema?

– Bem, para começar, Lily e Lark acham que a Laney é a nova melhor amiga delas.

Eu me apoio nos cotovelos para admirar a mulher que ele está observando com tanta atenção. Minha boca chega a salivar quando vejo Laney se balançando para a frente e para trás como um pêndulo, pairando sobre o rio tranquilo. Seus dedos roçam a superfície da água enquanto ela se inclina para trás, sorrindo de orelha a orelha. Jesus, essa mulher é o pior tipo de tentação para os olhos. O tipo que a gente não quer apenas olhar. E aposto que vou querer mais do que apenas uma provinha. *Inferno*.

– Exatamente. As meninas já gostam dela – fala Lincoln, dando de ombros. – Parece uma boa escolha.

– Não.

Ele solta uma gargalhada curta.

– Como assim, não?

Afasto os olhos dela a contragosto. Da regata colada ao corpo como uma segunda pele. Do jeito como Laney está encaixada dentro do vão do pneu transformado em balanço, fazendo o short rosa subir naquelas coxas e deixando-as bem à mostra.

Passo a mão pela testa suada e pelo cabelo já úmido e encaro meu irmão.

– Isso mesmo: não. Você já tem coisa demais pra resolver sozinho sem envolver uma mulher que claramente também tem muita bagagem pra carregar.

– Todo adulto tem algum tipo de bagagem, maninho – rebate ele. – Qual é? O Ace, você e eu somos praticamente aqueles carregadores de bagagem de aeroporto, pelo amor de Deus.

Eu sei que isso é verdade.

– Tem alguma coisa esquisita ali – digo. – O Ace sabe mais coisas, mas aposto que ainda não é a história inteira.

– Será que você não está tentando marcar território sem, de fato, marcar território?

Lark se atira na água com tudo na direção de Lily, abandonando a função de empurrar o pneu. O balanço de Laney desacelera.

– Pelo bem das suas filhas, espero que não ache que "marcar território" com uma mulher seja, de alguma forma, respeitoso. Sem falar que isso faz você parecer um completo babaca.

– Cala a boca, Grant – retruca Lincoln, rindo.

Quando volto a olhar, o balanço de Laney já parou, e ela está ali, suspensa acima da água, olhando exatamente para onde estamos sentados. Está longe,

então pode ser que esteja apenas com o olhar perdido em nossa direção, absorvendo a beleza do lugar, ou devaneando, como já a peguei fazendo algumas vezes. Mas, no fundo, sei que os seus olhos estão em mim. Consigo sentir isso, como um arrepio que percorre a minha pele em cada centímetro exposto e vai além, até partes de mim que não estão expostas.

– A propósito, você está falando novamente como o policial Foxx – comenta ele.

E joga uma uva congelada na boca.

– O que havia de tão ruim naquele cara? – pergunto.

– Nada, só que você não é aquele cara há muito tempo.

Fecho os olhos e inclino o rosto para o sol.

– Eu não gosto de mentirosos, Linc. E ela está mentindo sobre o que está fazendo aqui.

– Isso te irrita?

– Isso e o fato de essa mulher estar em todo lugar.

Eu a vejo na minha cozinha, usando o meu chuveiro, deitada na minha rede. Laney não sai da minha cabeça desde que apareceu, e estou fixado na ideia de ela fazer mais do que apenas sorrir para mim. Quero o corpo dela enroscado ao meu. Sinto vontade de ouvir a história dela. E quero muito que ela *me* veja.

– Sua irritação não é porque ela é a primeira mulher em anos em quem você presta atenção? – provoca Lincoln.

– Em parte.

Solto um suspiro pesado, frustrado por ele me conhecer tão bem.

Lincoln sorri, os olhos ainda fixos naquela porcaria de balanço.

– Todo mundo mente, Grant. Na maioria das vezes, para si mesmo.

Sempre posso contar com o meu irmão para me colocar no meu devido lugar

com apenas algumas palavras.

Lincoln se levanta e anda em direção à margem do rio, até onde Laney está pendurada.

A água chega à altura da cintura ali, mas a corrente é tão fraca que a superfície parece quase parada. Ela está com a cabeça inclinada para trás o bastante para que as pontas do cabelo loiro-avermelhado toquem a água, com o sol batendo em seu rosto, fazendo-a reluzir. Eu amo o meu irmão, mas odeio cada passo que o aproxima mais de Laney.

– Tio Grant, a gente pode, por favor, por favorzinho, começar a caça ao tesouro agora? – pede Lily, e se joga sobre as toalhas que estendemos.

– É claro, minha florzinha – respondo, enquanto vejo Lincoln dizer algo aparentemente muito engraçado para Laney. Cerro os dentes e tento me concentrar em qualquer coisa que não seja o jeito como ela está olhando para ele. – Por que você não vai lá avisar a sua irmã que vamos começar, e que a vencedora vai poder dirigir o carrinho de golfe do Griz?

– Caracaaaa! – dispara ela, empolgada. E grita em volume máximo: – LARK! Lark! A vencedora vai poder dirigir o carrinho de golfe!

Lark vem correndo até onde estamos sentados e diz, ofegante:

– Estou prontíssima, tio Grant. Vamos.

Lanço um olhar além delas, de volta ao rio tranquilo que abriga a distração mais ruidosa que já chegou a Fiasco. Laney volta a deslizar pelo ar no balanço de pneu enquanto Lincoln a empurra, os dois rindo. Queria que fosse eu ali. Nunca senti ciúme dos meus irmãos. Temos as nossas próprias vidas e diferentes visões sobre o que é importante, mas sempre colocamos uns aos outros em primeiro lugar. Sempre. E, nesse momento, não há nada que eu deseje mais do que empurrar o meu irmão para o lado e ficar mais perto daquela mentirosa tão linda.

20

GRANT

– Eu encontrei a aranha. Por isso *eu* devia vencer – diz Lark, enquanto enfia mais uma colherada do sorvete de menta com gotas de chocolate na boca.

– É, mas fui eu que fiz o bicho subir no graveto e trouxe para a minha pilha. E por isso eu venci – rebate Lily, lambendo a casquinha para capturar até o último confeito colorido.

– Muito bem, meninas – intervém Lincoln, jogando o copinho vazio no lixo atrás delas. – Já está tarde e vejo que estamos a uns dez minutos de uma briga que eu não tenho energia para apartar. Então – ele bate palmas –, vamos agradecer à Laney pela companhia. E ao tio Grant pelo sorvete.

Recebo um abraço apertado de cada uma delas, pouco antes de começarem a discutir sobre quem vai escolher o "filme antes de dormir" na Netflix.

Linc me lança um olhar exasperado que me faz dar uma risadinha.

– Acho que me distraí por alguns minutos – diz ele.

Depois de termos caminhado da minha casa até o rio, voltamos e entramos no jipe dele para tomar sorvete na Fiasco Creamery.

A atenção de Lincoln se volta para Laney, e meu irmão abre um daqueles sorrisos encantadores para ela.

– Laney, obrigado por passar o dia com a gente. As meninas acham você muito mais legal do que todos os adultos que elas conhecem.

– E provavelmente estão certas – brinca ela. Então olha para mim e acrescenta, com um aceno na minha direção: – Embora o tio Grant talvez ganhe de mim.

– Têm certeza de que não se incomodam de voltar andando? Posso deixar vocês em casa.

Antes que ela responda, eu me intrometo:

– Sua casa fica para o outro lado. Vamos ficar bem.

O olhar de Lincoln me diz que ele sabe que eu só quero ficar a sós com Laney.

Ficamos parados ali por algum tempo, a poucos passos de distância um do outro, observando-os irem embora e as meninas acenarem enquanto Linc ajusta o cinto de segurança delas.

– Não consigo me lembrar da última vez que simplesmente deixei as coisas fluírem e me diverti tanto. – Ela se vira para mim com um sorriso delicado. – Obrigada por me deixar passar esse tempo com vocês. Foi… – Ela respira fundo e, quando solta o ar, completa: – Bom.

Passei a maior parte do dia tentando lançar olhares discretos à minha nova vizinha, sem deixar muito na cara meu incômodo ao ver meu irmão conversando e flertando com ela. Lincoln sempre foi bom em fazer as pessoas se sentirem acolhidas, desejadas. Eu, não.

Esfrego a nuca, porque estar parado com Laney aqui, só nós dois, com os vaga-lumes piscando ao longe, me dá vontade de me aproximar mais. Ou de segurar a mão dela quando começamos a caminhar.

As estradas escuras daqui são completamente diferentes de todas as outras. Em uma noite clara como esta, dá para ver cada estrela no céu.

– Não existe poluição luminosa por aqui. É tudo tão escuro – comenta Laney, e seu braço roça no meu.

Pego o celular e ligo a lanterna.

– Boa ideia – diz ela. – Acho que nunca caminhei por uma estrada de terra à noite. E, para ser sincera, isso nunca esteve na minha lista de desejos. Mas, agora que experimentei, talvez se torne uma das minhas caminhadas favoritas.

– Provavelmente é por causa da companhia.

Ela solta outra risada. Alguns segundos se passam antes de voltar a falar:

– É parte do prazer.

Não respondo, porque fui sincero com ela na noite passada. Só amizade nunca seria suficiente, e estou andando em uma linha tênue entre me afastar ou simplesmente "ligar o foda-se". Mas meus pensamentos são interrompidos pelo som rápido de terra sendo arrastada no asfalto, seguido por uma sequência de palavrões que jorram da boca dela.

– Inferno, filho da puta do cacete…

Aponto a luz para o lugar onde ela parou, furiosa, e vejo quando se abaixa para tocar o pé. Não consigo ver com clareza, mas é difícil não começar a rir.

– Você tá bem? – pergunto com um sorriso.

– O meu chinelo vagabundo arrebentou – responde Laney, rindo, apesar da irritação.

Ela segura o meu braço e levanta o pé, que está sujo de terra. Mas também vejo um pequeno corte ao longo do dedão, descendo até a planta do pé, que está sangrando.

– Tudo bem, segura – digo, e entrego o celular a ela, ainda com a lanterna ligada. – Você vai ser o farol. – Eu me agacho na frente dela. – Vou te dar carona.

Laney pega o meu celular e ri.

– Você quer que eu suba nas suas costas?

– Você não vai conseguir fazer o resto do trajeto com um pé descalço e cortado. Então, sim, sobe logo.

Ela continua parada.

Então me viro, ainda agachado.

– Vai, docinho. Os meus joelhos já estão reclamando de eu estar agachado.

– Grant, eu não sou levinha. Você não vai me carregar de volta – diz ela, e

começa a avançar mancando.

Seguro sua mão quando ela passa por mim.

– Laney – falo em um grunhido.

O tom da minha voz faz com que ela pare e se vire imediatamente.

– Eu consigo te aguentar. Lembra que eu joguei você no cocho dos cavalos? – Não deixo que ela responda. – Agora traz esse rabão até aqui e sobe.

Laney me encara e então se coloca atrás de mim. Passa as mãos por cima dos meus ombros e envolve o meu pescoço. Estico os braços para trás, espalmo as mãos nos quadris dela e me levanto. Deixo as mãos deslizarem pela parte externa de suas coxas – sua pele nua está mais quente do que o meu toque –, e Laney toma impulso e sobe nas minhas costas. Antes de começar a andar, seguro com mais firmeza por baixo das coxas dela e dou um pequeno tranco para erguê-la mais, o que faz com que solte um gritinho.

– Beleza, só não me enforca. E aponta a lanterna para a frente para que a gente não acabe caindo juntos dessa vez.

Ela assente, e me pego dolorosamente consciente de que seu rosto está muito perto do meu. Consigo ouvir a sua respiração quase tão pesada quanto a minha, mesmo com ela sendo carregada. O cheiro de Laney é uma mistura das flores do campo que ela e as meninas trançaram no cabelo com a baunilha do sorvete que a vi lamber de um jeito que me garantiu uma ereção desgraçada.

– Estou te machucando? – pergunta, em voz baixa, ao meu ouvido.

– Você não conseguiria me machucar nem se tentasse, docinho.

Em um tom grave e zombeteiro, ela diz:

– Tá bom, valentão. – Laney mantém a lanterna do celular o mais firme possível, apontada para o cascalho irregular da longa estrada até a destilaria. – Não é uma pergunta tão absurda. Eu sou uma mulher adulta, e imagino que você

não deve carregar muita gente assim. – Ela ri. – A menos que eu tenha me enganado muito sobre você, caubói. Você carrega muitas garotas assim?

– Você sempre diz tudo que passa pela sua cabeça ou eu sou especial?

Um murmúrio vibra no peito dela.

– Ultimamente, eu digo tudo que passa pela minha cabeça. Sem filtro. – Então, com uma falsa inocência, completa: – Foi só uma perguntinha.

– Até parece. Você sabe que não foi só isso.

Ela apoia o queixo no meu ombro.

– Hum, talvez não.

Com os braços de Laney me envolvendo com força, é impossível não perceber como a sua boca está mais próxima. Mas são as próximas palavras que quase me fazem perder o equilíbrio.

– Talvez você seja mesmo especial.

Eu me deleito com o jeito como as pernas dela se apertam ao meu redor. Como o seu peito roça nas minhas costas e como a palma da mão e os dedos se prendem à minha camiseta logo abaixo do pescoço. Seria mais sensato mantê-la a uma distância segura. Menos complicado. Eu não quero ser amigo de Laney, e qualquer coisa a mais seria imprudente. Há muito tempo tomei a decisão de fechar essa porta na minha vida, mas, neste momento, é bom pra cacete tocar nela.

Minhas mãos apertam um pouco mais a parte de trás de suas coxas, e ela responde apertando as pernas contra o meu corpo.

– Quem está cuidando da Julep hoje? Estou surpresa por ela não ter vindo com a gente – comenta Laney, interrompendo os meus pensamentos.

Dou impulso para que ela se ajuste melhor enquanto continuo a caminhar em direção à destilaria.

– Quando estou trabalhando ou ocupado, o Griz passa lá em casa algumas vezes ao longo do dia pra checar se ela tá bem. Mas, na maioria das vezes, é ela que vai até ele, não o contrário.

– Então ela fica de olho nele?

Sorrio, porque é exatamente isso.

– Aquela cachorra é esperta e cuida das pessoas importantes para ela.

– Ela também tem me feito companhia. Todas as unidades K9 se aposentam juntas?

– Normalmente, é o que acontece. Se um cão passou por treinamento com o seu condutor e viveu com ele, é difícil realocá-lo. Julep é teimosa e não se afeiçoa a pessoas que não conhece. – Viro levemente a cabeça para olhar para ela. – A não ser por você, pelo visto.

Nos aproximamos da *rickhouse*, o armazém de envelhecimento de barris, o nosso prédio mais antigo, onde alguns dos lotes mais envelhecidos descansam, e as luzes estão acesas. Levando em consideração que já passou muito do horário das visitas guiadas, duvido que alguém esteja mexendo em barris a esta hora.

– Você se importa se a gente fizer um pequeno desvio?

Ela olha para onde estou olhando.

– Um dos *rick riders* deixou as luzes acesas no lado norte da *rickhouse*.

– *Rick riders*?

– Duvido que eles se chamem assim, mas, sim, *rick riders*. A gente tem uma equipe que faz a contagem dos barris. Eles também conduzem os barris, fazem a rotação dentro e fora dos galpões, por isso o nome.

Quando subo a rampa e atravesso as portas duplas, o ar fica mais parado e úmido.

– Todos os armazéns de barris ficam nesta propriedade? – Apesar de gasto e

envelhecido, ela enxerga este lugar exatamente como ele é. – Que incrível… Tem tanta coisa que eu não conhecia.

– A gente produz muito bourbon. Então temos mais algumas dezenas desses no condado vizinho, que abrigam barris que só estão envelhecidos por quatro a cinco anos – explico, olhando ao redor do espaço desgastado. – Isso pode parecer a etapa mais entediante do processo, mas é aqui que acontece a maior parte da ação.

Ela ri.

– Você é quase fácil demais, Grant. Como não fazer uma piadinha depois dessa? *Onde acontece a maior parte da ação*…

Não consigo evitar e abro um sorriso. Droga, tenho feito muito isso com ela. Sei que há muito mais de Laney escondido por baixo do que ela tenta manter para si, mas essa é a versão leve e brincalhona dela. E me atrai da mesma forma.

– Ainda tem alguém trabalhando? Dave? – grito. Faço uma pausa, esperando um resmungo como resposta. – Tim? Carter? Vocês ainda estão aí?

Deixo Laney deslizar das minhas costas, e seus pés tocam o piso de cimento.

Ela ergue o pé descalço e observa o corte, que está sangrando um pouco mais do que eu tinha imaginado.

– Alguma chance de você ter um band-aid por aqui? – pergunta ela.

– Só em casa.

Dou uma risadinha e passo os braços por sua cintura para levantá-la e colocá-la sentada em um barril de bourbon.

– Isso aí – comenta ela, apontando para o meu peito. – Você acabou de andar pelo menos um ou dois quilômetros comigo agarrada nas suas costas como um coala e ainda me pega no colo como se não fosse nada de mais.

Dou um sorriso constrangido. Ela está me elogiando demais por tê-la

carregado. Mas aceito.

– Não foi nada de mais, docinho.

Os olhos de Laney percorrem o meu peito e voltam para o meu rosto lentamente em um ritmo delicioso. E, com a atenção presa nos meus lábios, diz:

– Foi sexy pra caramba, Grant. – O comentário me acerta em cheio no estômago e percorre o meu corpo inteiro, indo direto para o meu pau. – Ainda não saquei se você é assim normalmente ou se está querendo se exibir pra mim.

Porra, eu quero essa mulher. Tiro a camiseta e rasgo uma das mangas.

Laney solta uma risada.

– Pelo visto, está se exibindo.

Levanto o tornozelo dela, sem conseguir conter um sorriso.

– Me dá o pé aqui, deixa eu ver.

Ela fica sentada ali com um sorriso travesso, mordiscando a unha do polegar enquanto se inclina para a frente.

Apoio o pé dela na minha coxa, amarro a tira rasgada da camiseta na parte da frente, improvisando um curativo para o corte e para os dedos.

– Você não me disse por quê.

– Por que o quê? – pergunto, concentrado em dar mais um nó no tecido para garantir que fique bem firme.

Ela hesita por um segundo.

– Por que não se contentaria em ser meu "amigo"?

Mantenho os olhos fixos nas coxas dela e penso em todos os meus motivos ao deixar as mãos subirem pela pele macia e envolverem o tornozelo. Tocar em Laney agora não parece uma decisão nem uma escolha impensada, mas uma necessidade. Aproveito a sensação da pele dela sob as pontas dos meus dedos, que deslizam pela lateral da sua perna.

– Acho que eu também não me contentaria – admite ela com a respiração entrecortada. Sem convicção.

Na verdade, parece que está falando mais para si mesma do que para mim.

Meus dedos continuam a subir pela lateral da perna dela, e eu me levanto. Aquela proximidade me faz lembrar o tipo de homem que eu costumava ser – alguém que se arriscava, que flertava com quem queria e depois agia.

– A gente não se sente *desse jeito* com um amigo – comenta Laney.

Seu olhar acompanha o movimento das minhas mãos, enquanto os meus estão fixos em seus lábios.

– Não foi isso que você disse que queria? – pergunto.

Os dedos dela roçam os meus, acompanhando o movimento à medida que eles sobem.

– Sim… eu disse muitas coisas desde que cheguei aqui.

Estou tão perto que consigo estudar os detalhes da boca de Laney, o arco do lábio superior e o brilho rosado, prontos para mim. Ela só precisa abrir um pouco mais as pernas para eu me aproximar. Para eu colar meus lábios aos dela e provar do sabor que venho cobiçando o dia todo.

– Não quero complicação. Não corro atrás de mulheres. Não gosto de pessoas que aparecem e viram a minha vida de cabeça para baixo. Não me apaixono por estranhas que me dão trabalho.

Minhas mãos chegam à cintura dela, e os meus dedos pulsam quando deixo que escorreguem por baixo da barra da camiseta e sinto novamente o calor de sua pele.

– Parece que você pode ter um problema, então, caubói – provoca Laney.

– É, docinho – digo, com um meio sorriso. – Quer fazer de mim um mentiroso?

E é exatamente isso que ela faz quando afasta as coxas para que eu me aproxime. Um convite sutil para eu conseguir o que quero. Laney passa a língua pelo lábio inferior, o deixando úmido, e morde.

Uma parte irracional minha ainda acredita nessa maldição que persegue a minha família. E sei que, se for verdade, eu não sobreviveria caso acontecesse de novo. Sei também que, caso eu me deixe me perder nela, mesmo que por pouco tempo, não vou ser mais o mesmo.

Mas estou cansado de ser cauteloso. Estou entediado. E, inferno, eu quero tanto beijar essa mulher em quem não consigo parar de pensar…

É como se os portões fossem abertos. Como se eu ouvisse um tiro de largada no instante em que decido que não quero nada além deste momento com Laney, então tudo acontece de uma vez. Minha mão se afasta da cintura dela, e envolvo a lateral do seu pescoço, o polegar sentindo a pulsação acelerada. Ao mesmo tempo, sinto as mãos de Laney envolvendo a minha nuca, seus dedos se enroscando no meu cabelo, enquanto os nossos lábios se encontram em um beijo que me deixa ainda mais faminto.

Parece uma recompensa.

O pequeno som que escapa do fundo da garganta dela quando meus lábios exploram a sua boca é o que faz ruir o que me resta de resistência. Roço a língua na dela, e é como se já tivéssemos feito isso um milhão de vezes. *Perfeição*. Ela inclina a cabeça o bastante para que o beijo se aprofunde, e me afasto só o necessário para me certificar de que Laney quer isso tanto quanto eu. De que não existe mais nada no mundo além de nós dois, perdidos em um beijo que parece um recomeço e um ponto-final. Quando os olhos dela encontram os meus, ela sorri, e não consigo evitar sorrir de volta. Então me inclino para outro beijo.

O som de terra sendo arrastada sobre o cimento chama a minha atenção na mesma hora. É como um balde de água fria sendo jogado em nós dois. Assim que

me viro, vejo Griz vindo pelo corredor principal com um saco de estopa em uma mão e um tubo de cobre para prova de uísque, que chamamos de "ladrão", na outra.

– Ora, ora, ora. Parece que vocês dois estão bem íntimos.

Meu avô sempre fala as coisas assim, na lata e sem rodeios.

Laney reage com naturalidade, e eu me afasto.

– O seu neto estava só demonstrando uma coisa em que venho pensando desde que cheguei aqui – diz ela, e pisca para mim, aliviando o clima na mesma hora. Laney passa o polegar pelos lábios enquanto, com pesar, aumento a distância entre nós, e pergunta a ele: – O que o senhor está segurando?

Griz se aproxima, e cruzo os braços sobre o peito nu, ficando completamente fora da órbita dela agora e odiando isso. Visto a camiseta rasgada.

– Chamam isto de ladrão de uísque – diz Griz, e ergue o tubo de cobre com a ponta afiada. – Usamos quando queremos provar o que está dentro dos barris.

Ela sorri e coloca as mãos embaixo das coxas, ainda sentada no barril de bourbon.

– Provou alguma coisa boa?

Os olhos dela encontram os meus por um instante. *Sim, docinho, você tem um sabor bom demais*.

– Querida, sempre tem um bom bourbon nesses barris, mesmo quando ainda é cedo. Mas, não, eu não estava provando. Não deu tempo – responde ele.

O saco de estopa apertado na outra mão se mexe.

– Griz, você pegou alguma coisa?

Ele faz um gesto de desdém com a mão e passa por nós.

– Pelo que eu vi, é uma boca-de-algodão-do-oeste, já que não ouvi o chocalho, mas nunca se sabe. Pode ser filhote. Não quis perder tempo tentando

descobrir.

Laney me olha com uma expressão curiosa.

– Chocalho?

– É uma cobra – explico, assentindo.

– Bem venenosa, por sinal – acrescenta Griz, seguindo para o fundo do armazém. – Ela estava irritada. É a segunda que tiro daqui nessa temporada. Normalmente, só aparece quando começa a esfriar, mas esses lugares úmidos e escuros atraem todo tipo de bicho.

Ele segura o saco como se estivesse cheio de compras, e não com uma cobra.

– O que vai fazer com ela? – pergunta Laney.

Griz sorri para mim, então se volta com um sorrisinho para ela e responde:

– Elas são bem saborosas.

– Você tá falando sério?

Não consigo conter o sorriso.

– Ele provavelmente vai soltar em algum lugar bem longe daqui. Não se preocupe.

Griz abaixa os olhos para o pé dela.

– O que você aprontou aí?

– Um corte pequeno enquanto a gente caminhava de volta pra casa – explica Laney.

Ele se vira na mesma hora para mim.

– Você deixou uma moça andar com o pé machucado? Foi isso que eu te ensinei?

Ela ri do tom dele.

– Na verdade, ele me carregou nas costas o caminho inteiro.

Com um aceno de cabeça, ele volta a se dirigir a Laney.

– Estou com o carrinho de golfe. Vem, eu te levo de volta pra casa.

Eu a ajudo a descer do barril.

– As minhas costas estão ferradas, então me dá o braço. O carrinho está logo ali, perto da porta lateral – diz ele.

Griz me entrega o saco de estopa.

– O que eu faço com isso? – pergunto.

De braço dado com Laney e um sorriso enorme por algo que ela disse em voz baixa, Griz responde:

– Tenho certeza de que você vai descobrir. Não se esqueça de apagar as luzes antes de trancar o armazém.

Fico olhando enquanto meu avô segue pela trilha estreita até o carrinho de golfe e ajuda Laney a entrar, e bem nesse momento o saco de estopa sibila. Ela nem olha para trás, rindo de alguma história que Griz está contando. É a segunda vez no dia que fico com ciúme de outro homem por roubar a atenção de Laney. Só que, desta vez, meus lábios ainda estão formigando com a sensação dos dela.

Essa foi a coisa mais imprudente que fiz em muito tempo, o que não é bom para ninguém. Principalmente para mim.

21

LANEY

Anseio por cafeína já bem cedo. E, para degustar um bom flat white, ando alguns quilômetros até a padaria. Tem sido uma das minhas caminhadas favoritas. Um jeito simples de me colocar em movimento, me permitindo explorar o meu novo lar com um café na mão.

Quando paro para olhar ao redor, parece que estou em um filme. Uma garota da cidade grande largada em uma cidade pequena, tentando se encontrar. Percorri milhares de quilômetros em Nova York. Tinha muita coisa para ver lá. Novos restaurantes, outdoors gigantescos e multidões apressadas, mas também havia partes tranquilas. Nunca tão tranquilas quanto o campo do lado de fora do meu chalezinho aqui em Fiasco, mas havia cantos de Nova York que eu adorava descobrir por acaso. Aqui há mais espaço e muito menos para explorar, mas é o meu jeito de encontrar alguma coisa familiar em um lugar totalmente novo.

O toldo verde-menta que se projeta acima do pequeno prédio cor-de-rosa bem no centro de Fiasco deveria ser cafona. Com um letreiro de "aberto" em neon amarelo e o nome da loja pintado em letras pretas grandes na fachada, achei a Loni's um charme desde o instante em que abri a porta da loja na minha primeira ida às compras. As mesas de exposição têm as roupas organizadas por cor, de blusas vermelhas a shorts rosa e, mais adiante, araras de vestidos que não são tão conservadores quanto os que eu esperava encontrar em uma cidade pequena do Sul. São modernos, até um pouco ousados. Reconheci algumas marcas de grife que via em vitrines do SoHo, mas também vi outros vestidos sem grife que eu não me importaria de acrescentar ao meu guarda-roupa atualmente limitado.

Quando passo por ali, o mesmo vestido preto que peguei emprestado de Hadley está pendurado em um manequim sem cabeça. E, ao lado dele, vejo um

vestido floral lindo e sei que vou ter que arrumar uma desculpa para usá-lo.

– Você é a garota de quem todo mundo na cidade parece estar sempre falando – disse a mulher atrás do balcão quando eu tentava encontrar o meu tamanho na parte de baixo de um biquíni. Sorri para ela, enquanto me encolhia por dentro diante da ideia de pessoas falando sobre mim. – É melhor se acostumar – falou ela, e se aproximou para me ajudar. – A maioria das fofocas por aqui se baseia em alguma verdade, que é enfeitada por puro tédio. – Tenho certeza de que devo ter parecido apreensiva, mas ela me lançou um sorriso reconfortante. – Em Fiasco, cada dose de fofoca acompanha três dedos de bourbon.

É a coisa certa para ter em mente quando atravesso a rua e entro no clube de leitura de Griz, em um domingo de manhã.

Achei que fosse um convite por pena, por ele ter interrompido daquele jeito constrangedor meu beijo com Grant. Ainda consigo sentir a mão de Grant inclinando o meu pescoço e o jeito como o seu polegar roçou de forma muito suave na minha pele, enquanto a boca me devorava por completo. Senti aquele beijo em cada centímetro do meu corpo. Ainda estava sonhando acordada com o beijo enquanto Griz me levava de volta do armazém de barris, mas perguntei sobre seus planos de fim de semana, e ele aproveitou para me contar tudo sobre suas amigas e o clube de leitura.

– Você deve ser a Laney. Eu sou a Prue. Bem-vinda ao nosso clube de leitura! – A empolgação inesperada na voz dela faz um sorriso curvar os meus lábios. – Griz não para de falar sobre a garota mais bonita que ele já viu e que caiu de paraquedas na nossa cidadezinha, na destilaria dele – acrescenta ela, tocando a minha mão. – E que você seria a mulher que quebraria a maldição.

Sei ao que ela está se referindo, mas não dei muita importância ao assunto, nem pensei que teria qualquer participação nisso.

– A maldição? – pergunto.

Prue abre mais a porta, pega os doces das minhas mãos e sente o aroma.

– Ah, sim. Temos tanta coisa para conversar. Isto é um bolo de fruta? Você trouxe um daqueles bolos rústicos de fruta?

Não sei se isso é uma coisa boa ou não, mas continuo sorrindo mesmo assim.

– De pêssego. Espero que não tenha problema.

Quando entro, vejo que a sala de estar, grande e clara, está cheia. Se não fosse pelo número de mulheres sentadas, conversando, eu teria reparado mais nos detalhes da decoração. Só consigo captar um vislumbre do papel de parede rosa em estampa paisley e das estantes transbordando de livros.

– A Laney chegou – anuncia ela, cantarolando as palavras. – E trouxe um bolo rústico de pêssego. Romey, vem pegar isto, que eu vou buscar uma faca para cortar.

Diminuo o passo, sorrindo para todos, já que agora a atenção da sala está voltada para mim. Griz se levanta e me cumprimenta com um abraço apertado de urso.

– Você disse clube de leitura – falo, baixinho. – Achei que estava falando de, sei lá, cinco pessoas.

O canto direito do bigode espesso dele se inclina para cima em uma expressão divertida.

– Parece que todo mundo quis falar sobre o livro dessa semana.

– Ou sobre a garota nova – acrescento.

Ele ri, franzindo os lábios.

– Sim, provavelmente é por causa da garota nova. Mas não se preocupe, eu estou aqui com você.

A não ser por Griz, só há mulheres ali, com idades que variam dos 20 e poucos anos até alguma coisa próxima da idade do próprio Griz.

– Desculpem se eu não li o livro, mas adoraria participar do próximo encontro, seja qual for o livro que escolherem – falo.

Uma mulher mais ou menos da minha idade, ladeada por duas senhoras que parecem ter saído do seriado *Supergatas*, acena e sorri.

– Esse foi um romance curtinho. Rápido de ler e bem sacana…

– Do jeito que eu gosto – emenda outra mulher, que está agachada perto de uma mesa de bebidas do outro lado da sala.

Isso faz todos rirem e concordarem. Não faço nenhum comentário, mas, se estivesse mais à vontade com o grupo, teria me juntado à brincadeira. *Talvez um dia*.

– Tem um bufê de brunch aqui atrás – diz Prue. Ela pega a minha mão e me dá o braço. – A Darla trouxe os famosos huevos rancheros dela. Tem também os ovos recheados da Tonya e uma espécie de rabanada. – Ela se inclina mais na minha direção e sussurra: – Esse foi a Mary que trouxe, e é sempre uma loteria saber se ela vai trazer algo realmente comestível. – Prue diz *Não come esse* apenas com o movimento dos lábios. Então, endireita o corpo e fala mais alto, com um sorriso travesso: – Griz, estou vendo que você se esquivou de trazer um doce esta semana.

– Trouxe a mim mesmo e uma nova participante – responde ele, com uma piscadela. E flerta com ela, em voz baixa: – Isso vai ter que ser doce o bastante pra você desta vez, Prudence.

Não tenho como não notar o sorriso que ela dá para ele. Se eu fosse arriscar, diria que Prue é pelo menos dez anos mais nova que Griz, o que a colocaria ali por volta dos 70 anos. Há mechas grisalhas entre os fios castanho-claros do seu cabelo, que chega até os ombros. Alguma coisa nela, que não consigo identificar, faz com que eu me sinta acolhida. Talvez seja a calça verde levinha e a blusa floral rosa com um cardigã creme ao redor dos ombros, mas o fato é que Prue me

lembra uma bibliotecária gentil.

– E a Marla está cuidando do bar de mimosas e Bloody Marys.

– Oi, Laney – cumprimenta Marla, com um aceno.

Está muito claro que Marla não é a minha maior fã, mas o cumprimento já é um passo na direção certa, levando em consideração que ela não está dizendo que eu não posso beber nem que preciso ir embora.

Eu me sirvo em um prato pequeno e encontro um lugar para me sentar entre duas mulheres que sorriem quando me aproximo e pergunto se posso me espremer ali. Assim que me sento, é claro, o meu celular vibra na bolsa. Tento ignorar, mas começo a me preocupar, achando que pode ser alguma coisa importante. Poucas pessoas têm esse número: Hadley, Ace e a agente Harper. Ah, e agora Grant.

– Sejam todos bem-vindos. Estou muito animada por terem concordado em ler o romance desta semana. Eu gostei, mas a escrita pareceu apressada… – começa Prue.

Logo me distraio, avaliando se devo checar o celular que vibrou de novo.

A morena de cabelo comprido e cacheado à minha direita olha para mim quando o aparelho vibra pela quarta vez.

– Você vai atender esse celular? Está meio que distraindo a gente – sussurra ela.

Será que uma vibração realmente está distraindo alguém?

Não consigo evitar o sorriso quando vejo de quem é a mensagem.

CAUBÓI

Como está o seu pé?

LANEY

Meu pé está bom, mas estou no meio do clube de leitura, sendo alvo de um olhar atravessado de uma morena de pernas compridas por não estar prestando atenção.

CAUBÓI

Cabelo cacheado?

LANEY

Sim.

CAUBÓI

Piercing no nariz?

LANEY

Sim. É uma das suas ex?

CAUBÓI

Ela tentou.

LANEY

Não é o seu tipo?

CAUBÓI

Depende. Você tá com ciúme?

LANEY

Tá flertando comigo, caubói?

CAUBÓI

Depende.

LANEY

Depende de quê?

CAUBÓI

De você.

– E você, Laney?

O comentário interrompe minha conversa com Grant.

– Desculpa. O quê? – falo, guardando o celular.

O que quer que tenha sido essa troca de mensagens, é algo que posso tentar desvendar depois, mas, agora, todos os olhos estão voltados para mim. Acabo de passar de uma sensação de tranquilidade para um nervosismo que começa a se espalhar pelo meu corpo.

– Você sabe que ela não leu, Prue – intervém Griz, num tom protetor.

– Eu só estava tentando incluir a Laney. Você não precisa ter lido para ter uma opinião sobre um livro que tem uma protagonista feminina moralmente ambígua. Mas tudo bem.

Ela faz um gesto com a mão para encerrar o assunto.

A morena à minha direita entra na conversa.

– Eu, pessoalmente, acho que isso faz dela uma personagem fraca. Quando lemos sobre personagens masculinos moralmente ambíguos, eles geralmente são mafiosos fortes ou bilionários. Ela não é nenhuma das duas coisas.

Antes que eu me dê conta de que estou respondendo, as palavras saem da minha boca:

– Isso não parece terrivelmente patriarcal pra vocês? – Olho ao redor da sala para ver se estou sozinha nessa batalha. Vejo alguns rostos sorrindo, então talvez não. – Tudo bem pra gente quando são homens de moral questionável, ricos e poderosos, mas não está tudo bem se o mesmo tipo de atitude moral vem de uma mulher que não é bem-sucedida financeiramente?

– Não estou dizendo que estou de boa com isso, e sim que acho mais atraente em um homem. E me dá vontade de ler.

Assinto, mas não consigo simplesmente deixar passar:

– Tudo bem, entendo. Mas é porque você gosta do fato de que a maioria dos homens moralmente ambíguos tem uma contraparte feminina inocente nessas dinâmicas? Talvez você goste do jeito como um equilibra o outro. Mas o que acharia de uma protagonista feminina moralmente ambígua, cujo par masculino na história tem uma conduta irretocável?

Ela inclina a cabeça para o lado e franze os lábios para dar a impressão de que está pensando. Mas, em vez disso, balança a cabeça em negativa:

– Não. Ainda não funciona para mim.

E só o que consigo pensar é que acabei de descrever Grant Foxx e a mim mesma, ou pelo menos o que sei sobre ele e sua reputação nesta cidade.

Marla se intromete com a boca cheia de muffin de limão com sementes de papoula:

– Eu leria essa história em uma única sentada, Laney.

Um bom número de risadas enche a sala, o que permite que o assunto morra, ainda bem. Eu não tinha planejado bater de frente com ninguém sobre as condutas de personagens fictícios. Quando meu telefone vibra de novo, decido me afastar da conversa. Sorrio e fecho a porta do banheiro atrás de mim. Pego o celular, esperando que seja Grant. Mas não é.

BEA

Alguém do Serviço de Delegados dos Estados Unidos entrou em contato com você?

LANEY

Eu só falei com você, Bea. Mais ninguém.

Menos de trinta segundos depois, ela me liga.

– Alô? – digo em voz baixa.

Consigo ouvir algumas pessoas conversando do lado de fora da porta do banheiro agora e não quero que ninguém escute isso.

A voz rouca de Bea vai direto ao ponto:

– Você precisa manter as coisas desse jeito.

Meus sentidos entram em alerta. Dá para perceber pelo tom dela e por essa frase simples que alguma coisa aconteceu, e não foi nada de bom.

– O que tá acontecendo, Bea? – pergunto, cortando-a quando ela começa a responder. – Não me liga só pra dizer essa merda e depois me deixar no escuro.

Ela bufa.

– Eu sabia que estava certa em manter isso fora dos canais oficiais. *Ele* já esteve no programa de proteção a testemunhas.

Eu me recosto na porta, tentando entender a quem ela está se referindo:

– A pessoa que tentou matar aquela mulher? O monstro de quem eu a salvei estava sendo protegido pelo governo dos Estados Unidos? Você tá de brincadeira…

Aquilo quase soa absurdo demais para sequer ser considerado uma possibilidade.

– Aquele homem fez muito mais do que *tentar* matar alguém, Laney. Há vários desaparecimentos ligados a ele, de acordo com meus contatos, depois de todas aquelas evidências na unidade de armazenamento. Mas, sim, ele estava no programa de proteção a testemunhas. A maioria das pessoas que realocamos no programa tem antecedentes criminais. Normalmente são meras contravenções, raramente algo violento. Nunca vi algo assim acontecer antes. Ainda mais nessa escala.

Meu coração bate tão rápido que consigo sentir a pulsação acelerada subindo pelo pescoço, latejando nos ouvidos, e cutuquei tanto a cutícula do polegar que ela começou a sangrar.

– Toda vez que acho que posso respirar e me estabelecer nessa vida nova, recebo uma ligação sua. – Levo o dedo à ferida que acabei de fazer. – Eu tô segura aqui?

– Você tá na situação mais segura que eu poderia desejar – responde ela, mas não parece ter terminado. – Não estou dizendo que vai acontecer alguma coisa, mas, se aparecer qualquer delegado federal, FBI, autoridade de qualquer tipo farejando por aí, me liga na hora.

– Inferno – deixo escapar, em um suspiro.

Eu queria que o meu pai estivesse aqui.

– Alguém fez merda, e não sei o que isso significa no longo prazo. Todo mundo tá mantendo a boca bem fechada sobre isso, o que me deixa com a pulga atrás da orelha. Por isso eu te liguei. – Ouço o isqueiro dela acender um dos cigarros de cravo e, segundos depois, Bea soltando a fumaça. – Estou te contando tudo isso porque você não é nenhuma vítima, Laney. Você impediu a ação de um assassino e salvou alguém que precisava ser salva, e isso te rendeu uma vida que você nunca pediu. Então, tomei pra mim a missão de garantir a sua segurança. E a melhor forma de fazer isso é te manter ciente da situação. Agora me diz que

você consegue lidar com isso.

Ela soa como o meu pai.

– Eu consigo lidar com isso.

Meus olhos ficam marejados, porque sei que meu pai ficaria orgulhoso. Não de tudo que eu fiz, mas por eu estar sendo corajosa.

– Ótimo. – Outra tragada. – Se qualquer coisa parecer estranha, você procura o Grant ou o Ace e me liga.

– O Grant sabe? – pergunto, surpresa. – Ele sabe o que eu tô fazendo aqui?

Ela solta uma risada.

– Eu sabia que um deles ia cravar os dentes em você.

– Não é isso…

– Laney, eu não tô nem aí pro que você faz com os Foxx. Eles são homens bons. E só sabem o que você mesma contou para eles. Então, a menos que eu precise ir até aí por causa de algum problema, vai continuar assim. Como eu já falei, quanto menos gente souber da verdade, melhor. Mais seguro pra todo mundo. Especialmente agora.

Fecho os olhos e me concentro no fato de que estou quase sem fôlego. A adrenalina dispara pelo meu corpo em um ritmo caótico. Deixo o ar escapar, trêmula, depois que Bea se despede de maneira seca.

Levo um segundo para lembrar onde estou. Em um banheiro, no meio de um clube de leitura. Preciso me recompor e acalmar a respiração antes de sair daqui. Vejo muito rosa quando olho ao meu redor, no banheiro extravagante de Prue. As paredes de azulejo rosa-claro, o vaso e a pia em tom de malva. Até a caixa de lenços tem uma capa de tricô rosa-chiclete com renda branca, e as toalhas combinam. Há um vaso de flor mosquitinho na prateleira acima do vaso sanitário, com um frasco antigo de perfume rosa. Só percebo que estou sorrindo

quando encontro o meu reflexo no espelho. Finalmente mais calma, abro a torneira de água fria e molho os pulsos. Estou secando as mãos quando ouço o meu nome do lado de fora do banheiro.

Paro de me mexer e me aproximo um pouco mais da porta.

– Não sei. Ela deve ter ido embora. Vou logo avisando: ela não é essa boazinha que finge ser. Ah, o que foi aquela bobagem sobre patriarcado?

Outra voz diz:

– Você acha que é verdade? Sobre ela e o Ace?

A primeira voz responde:

– Com certeza. Ele volta e meia se envolve com uma qualquer. E ela é meio gordinha também, né? Ace geralmente não sai com mulheres assim.

Sinto um embrulho no estômago ao ouvir gente falando de mim e me julgando. Não fiz absolutamente nada para essas mulheres. Lembro novamente por que pintava as unhas daquele tom de rosa-claro de que eu não gostava tanto e usava marcas caras demais para o meu bolso. Ou por que trabalhava demais, mesmo que isso não me fizesse feliz. Eu achava que me sentir vista significava precisar da atenção de pessoas que assinavam os meus contracheques e me recompensavam me dando mais trabalho. Era por isso que eu não conseguia reconhecer o que realmente queria ou do que realmente gostava. Eu não me permitia ter espaço para descobrir isso. E me sentia uma estranha, alguém que não era bem-vinda. Eu me permiti acreditar nisso. Talvez, se eu tivesse família ou amigos próximos, aquilo não importasse. Mas importava. Pelo menos naquela época.

Mas então ouço mencionarem o nome de Grant e sei que não vou conseguir simplesmente ficar aqui dentro escutando.

– Ouvi dizer que ela também está com o Grant.

Outra pessoa diz:

– Impossível. Eu acreditaria se fosse o Ace, mas o Grant?

A primeira voz, que imagino ser da minha amiga morena de cabelos cacheados, diz:

– De jeito nenhum eles manteriam alguém assim por perto. O Grant mal olhou para alguém desde a Fiona. Ele ficou totalmente desestabilizado por um tempo, mas está bem de novo. Eu até o peguei sorrindo pra mim na semana passada.

Duvido.

– Não tô querendo um felizes para sempre com um Foxx, obviamente, mas não me importaria em experimentar.

Basta. Já permiti esses sentimentos vezes demais na minha vida antiga. A noiva que achava que eu não era qualificada para ajudá-la com o mapa de lugares, a madrinha que fazia questão de me lembrar que eu era só uma contratada. Até o noivo que achava normal me tratar como se eu fosse apenas uma distração descartável. Não tenho mais nenhum interesse em colecionar palavras negativas ou a sensação de não ter valor.

Quando abro a porta, as três mulheres param com as bebidas a meio caminho da boca e arregalam os olhos.

– Vocês estão falando de mim? – Não tenho um plano aqui, mas, agora que estou olhando para elas, fico me perguntando quanto posso tornar este momento o mais desconfortável possível para essas mulheres. Então sorrio. – Vocês não precisavam ser esse tipo de mulher. Mulheres que sentem a necessidade de falar mal de alguém que não conhecem para dar algum sentido às próprias vidas entediantes e comuns. – Olho na direção do corredor e vejo algumas pessoas prestando atenção à cena, mas continuo: – Seria um prazer fazer novas amigas aqui, mas obrigada por já me ajudarem a identificar as candidatas erradas pra isso.

Encaro cada uma das três, e nenhuma parece disposta a se desculpar. Então vamos tornar este momento memorável.

– Fiasco também é a minha casa agora. E, se vocês querem espalhar fofocas sobre mim, então me permitam dar a vocês as informações certas. O meu nome é Laney Young, eu sou do Colorado. A família Foxx é minha amiga. Quanto ao Grant… nisso vocês acertaram. Ele é… – Suspiro, porque, sinceramente, Grant merece um suspiro. – Só digo uma coisa: a boca daquele homem é uma delícia.

A expressão boquiaberta das três deixa claro que passei meu recado com louvor.

Dou as costas a elas, me esforçando ao máximo para manter as emoções sob controle. Posso deixar as lágrimas virem quando eu estiver fora daqui.

Ouço uma delas cochichar:

– Isso acabou de acontecer?

– Ah! Já ia me esquecendo. – E me viro de novo. – Você pode ir à merda com esse comentário sobre eu ser gorda. – Inclino a cabeça para o lado e aponto para ela. – Melhore.

Engulo a vontade de desmoronar e, em vez disso, agradeço a Prue pela hospitalidade e aceno para Griz com um sorriso largo e falso no rosto enquanto saio apressada pela porta. Vou esperar até chegar ao meu chalé para remoer as notícias de Bea e revisitar a tempestade de merda que foi esse dia.

Eu nunca tinha sido convidada para um clube de leitura até hoje e, por mais que tenha gostado da ideia de me enturmar ali, gosto ainda mais da ideia de *não* me enturmar.

22

GRANT

– Acho que podemos oferecer uma degustação e, depois, engarrafamos tudo no próprio local, ali mesmo, enquanto as pessoas fazem a visita guiada – diz Lincoln.

Ele quer tornar a festa de 100 anos o mais memorável possível, e meu papel é apoiá-lo.

– Eu nunca esqueceria essa experiência – afirmo.

– Esqueceria se ficasse bebendo e se divertindo o dia inteiro. Isso vai consumir tempo demais e exigir muita mão de obra. E pra quê? Pra alguma merda de divulgação em rede social que a gente mesmo pode fazer? – rebate Ace, com os pés apoiados na mesa.

– Laney disse que seria uma ótima forma de engajar as pessoas. Essa exclusividade faz com que elas se sintam parte do processo – retruca Lincoln.

A menção ao nome dela me faz pensar naqueles lábios bonitos e em como estou totalmente ferrado, agora que a beijei. Um beijo só não vai ser o bastante.

– Você já tá tão carente assim? – Ace provoca Lincoln.

Ele se vira para mim, talvez esperando que eu achasse graça, mas só recebe um olhar fulminante em retorno. Essa breve comunicação silenciosa é tudo de que o meu irmão mais velho precisa para saber que acabou de entrar em águas perigosas.

– Lembra que você pediu para avisarmos quando começasse a falar mais como um empresário e menos como um dos caras do bourbon? – pergunta Lincoln, apoiando o queixo no punho.

Ace se recosta ainda mais na cadeira e entrelaça as mãos atrás da cabeça.

– Lembro. Isso está acontecendo agora?

É a minha vez de entrar na conversa.

– Não. Você é mais negócios do que bourbon faz um bom tempo. Quase tanto tempo quanto eu estou na equipe.

Ace estreita os olhos, e sei que ele vai vir com tudo para cima de mim. Ele ficou puto com o comentário. Sempre sei quando acerto um ponto sensível do meu irmão mais velho. O bicho vai pegar…

– É assim que você está chamando agora, Grant? De equipe? Porque, da minha perspectiva, você bate o ponto, faz o que tem que fazer e vai embora. Não participa da reunião de diretoria, da reunião de distribuição… Porra, acho que você não abre um barril maduro faz quase uma década.

Nenhum dos seus barris. Mas ele não sabe disso. E o Linc também não.

– O fato de você achar que eu preciso fazer isso pra ser considerado parte da equipe é exatamente o ponto dessa porra toda, irmãozão.

Lincoln, sempre o pacificador, se levanta um segundo depois de mim. Ace só abre aquele sorrisinho de merda, então enfio o dedo bem na ferida.

– Não veio de terno hoje?

– Vai se foder, Grant.

– Com prazer – respondo, já saindo do escritório para o corredor principal.

Ouço Lincoln perguntar:

– Isso era mesmo necessário?

Mas é a resposta de Ace que me faz dar meia-volta e retornar determinado para a sala.

– São esses boatos que estão deixando o Grant puto. Ele acha que eu dormi com a nova amiguinha dele. – Ace me vê avançar em sua direção. – Vai em frente. O que você vai dizer agora que eu sei que atingi o seu calcanhar de aquiles? Dói, né?

É essa frase que me impede de acertar um soco na cara dele. Meu irmão mais velho só está dizendo isso porque não gostou de eu ter sido sincero. Ele está me provocando. Sempre consigo perceber, porque, apesar de Ace ser capaz de agir como um filho da puta com os outros, ele nunca disse nada que passasse do limite. E, agora, está perigosamente perto disso.

Com as narinas dilatadas, aponto o dedo para ele.

– Você não tá pensando como alguém que ama isto aqui. Tá pensando como alguém que quer mais lucro e desempenho financeiro superior.

– E daí? Isto é um negócio. – Ele abre os braços. – Olhem ao redor, seus idiotas. Como vocês acham que a gente consegue viver assim? Como acham que os impostos da propriedade são pagos? Já pensaram por que nenhum de vocês precisa descobrir como pagar as contas? Vocês ganham acima da média. Sabem disso, né? – Ele passa os dedos pelo cabelo. – O Linc pelo menos estudou, tem um mestrado. Se saísse daqui e fosse pra outra destilaria, conseguiria ganhar alguma coisa próxima do que ganha agora. Mas você… – Ele aponta para mim. – O seu salário está absurdamente inflado, Grant.

Mostro o dedo do meio para ele.

– Então você deveria ter negociado melhor, seu merda.

Ace abre um sorriso e abaixa os olhos. *Peguei o infeliz.*

Olho para Linc, que também está sorrindo agora.

– O argumento dele é válido.

– Que seja – cede Ace. – Então me ajudem a fazer essa celebração gigante dos 100 anos ser tão impactante quanto estou planejando, aí alivio um pouco no lado empresarial. Isso vai nos dar um gás este ano e, se a gente conseguir manter o hype, talvez possa usar algumas garrafas como moeda de troca para parcerias com outras marcas.

Lanço um olhar para Lincoln, arqueando a sobrancelha.

– Entendeu o que ele disse, né? Sou só um policial aposentado que faz barris de carvalho nas horas vagas.

– Tá bom, seu babaca. Foi mal – diz Ace. – Eu sei que você tá se matando de trabalhar.

Talvez agora seja um bom momento para contar a eles. Mas, no instante em que abro a boca para compartilhar o que tenho feito e onde venho envelhecendo aqueles barris, Julep entra em disparada. Latindo e fuçando a minha perna.

– Ei, Jules, o que foi? – pergunto, como se ela fosse articular em palavras exatamente qual é o problema.

Mas eu conheço a minha menina. Alguma coisa a deixou agitada o bastante para vir me procurar. Ela late de novo e vai em direção à porta, esperando que eu a siga.

Levanto os olhos para os meus irmãos, acenando ao sair.

– Vou ver o que tá acontecendo.

– Tchau! – grita Lincoln. – Eu também preciso ir buscar as meninas.

Acelero o passo para seguir Julep. Ela ficou em casa depois que terminei o trabalho na destilaria hoje, mas tem acesso pela portinhola tanto da nossa casa quanto da de Ace. Já são quase oito da noite, mas o sol ainda está descendo pela linha do horizonte, irradiando uma luz dourada.

Julep para, me esperando, e late de novo. Ela é uma cachorra inteligente. Independentemente do treinamento de K9 para o departamento, ela tem um jeito de ler as pessoas que sempre senti que me dava vantagem quando a tinha por perto. Isso é mais do que fome ou vontade de ganhar um petisco antes de dormir. Está acontecendo alguma coisa. Apresso o passo para alcançá-la e sigo pelo caminho pavimentado que liga a casa principal à minha. E ao chalé de hóspedes. Não vejo nenhuma porta ou janela aberta, mas paro ali primeiro.

Assim que o meu pé pisa no primeiro degrau da varanda da frente, Julep começa a latir atrás de mim, e escuto a música. Fleetwood Mac está tocando ao fundo, e Laney canta alto sobre alguém seguir o próprio caminho. É impossível não sorrir. Mas, quando a vejo, o sorriso some.

Assimilo toda a cena enquanto Julep se deita ao lado do cocho dos cavalos. Laney está sentada dentro da tina galvanizada cheia de água, o cabelo preso no alto da cabeça em um coque bagunçado, um braço apoiado em cada lado. Em uma das mãos, ela segura uma longa tira de bala vermelha; na outra, uma fatia de pizza. A cabeça está inclinada para trás enquanto ela destrói a letra da música. Mas isso nem é a parte mais esquisita, e sim os ombros e as costas nuas dela, erguidos e apoiados na borda da tina. Será que Laney está bêbada? Afinal, ela está tomando banho pelada no meu quintal.

Eu me aproximo alguns passos. Ela deve ter me ouvido chegando, porque vira a cabeça para o lado e dá um sorrisinho.

– Quer se juntar a mim, caubói?

Não consigo esconder um sorriso diante da cena enquanto abaixo o volume da caixa de som portátil.

– Parece meio apertado aí dentro, docinho.

Ela vira um pouco mais a cabeça, com um sorriso estampado naqueles lábios bonitos. A curva de um dos seios aparece por baixo do braço quando ela se mexe.

– Não sou seu docinho, lembra?

Eu não quero me lembrar de nada. Gosto do jeito como Laney reage quando eu a chamo assim. Paro de avançar porque, por mais que eu fosse adorar, não quero me aproveitar da situação e ver algo que sei que não deveria. *Inferno, mas eu quero tanto…*

– Fã de Fleetwood Mac?

– Todo mundo é fã de Fleetwood Mac. – Ela dá uma mordida na fatia de

pizza. – O meu pai também adorava. E amava os Doobie Brothers. Ele ficou tão revoltado com o fim da banda… e isso foi muito antes de eu sequer existir. Mas me contou que foi a edição mais triste da *Rolling Stone* que ele leu na vida.

Por que será que esses pequenos detalhes que Laney compartilha me deixam tão ansioso para saber mais? *Isso* não deveria ser tão fascinante. Mas a mulher nua, desafinada, sentada em uma tina superpequena e berrando a letra como se fosse backing vocal da Stevie Nicks rouba muito mais da minha atenção do que eu gostaria de admitir.

– Grant, vem comer aqui comigo.

Balanço a cabeça, sorrindo para mim mesmo.

– Estou tentando ser um cavalheiro, Laney. Acho que, se eu chegar mais perto, vou acabar vendo muito mais de você do que deveria.

Ela ri e leva a mão ao peito em uma falsa expressão de choque.

– Grant, você é puritano? – E dá uma mordida na bala. – Vou ser sincera: eu me sinto muito confortável sendo essa mulher.

Sorrio diante da confissão.

– E que mulher é essa?

Ela deixa escapar um murmúrio sonhador.

– Alguém que não se sente mal com o próprio corpo. Que se sente confiante na própria pele. Que se defende, mesmo que depois chore por causa disso. – Ela inclina a cabeça para trás, e seus olhos encontram os meus. – E, definitivamente, que não liga mais para o que os outros pensam.

Cruzo os braços. Estou um pouco atrás e à esquerda dela, o suficiente para não ver nada além das costas e da lateral do rosto quando ela vira a cabeça para me olhar.

– E como essa mulher foi parar dentro do cocho dos cavalos, sem blusa?

Ela solta um suspiro longo e exagerado.

– Eu queria tomar um banho e beber alguma coisa. Mas optei pelo que estava acessível. – Ela olha para baixo e balança a bala no ar. – Além disso, o chalé não tem banheira. Você não estava em casa. E não achei que a Julep fosse me dedurar. – Ela aponta para a cachorra sentada ao seu lado. – Fofoqueira.

Julep solta um latido e, em seguida, coloca as duas patas dianteiras na borda da tina e se inclina para lamber o rosto de Laney.

Laney solta um gritinho e ri em resposta.

Assistir a essa cena me faz sentir… alguma coisa. Algo mais profundo do que atração. Talvez carinho, ao ver minha cachorra reagir desse jeito tão sincero com outra pessoa.

– Vou pegar uma toalha. E depois você me conta o que aconteceu. Que tal? – proponho.

O sorriso de Laney está mais suave do que a expressão provocante de alguns minutos atrás. Entro apressado no chalé, pego uma toalha e logo volto até ela. Eu estaria mentindo se dissesse que não vi nada. Parte dos seios de Laney estava logo acima da superfície da água, mas não me permito olhar por muito mais tempo, ou não conseguiria parar. Conheço os meus limites e estou a ponto de ultrapassá-los. Seguro a toalha à frente da tina e fico esperando que ela saia. Laney consegue se firmar e dá um passo na minha direção, com os braços erguidos acima da cabeça, o saco de doces em uma das mãos e a fatia de pizza na outra.

Não me importo com o fato de ela estar molhando as minhas botas, ou de eu precisar me inclinar em sua direção enquanto envolvo a toalha em seu corpo e prendo com firmeza para mantê-la no lugar. Laney ergue os olhos para mim com os cílios molhados, o que me faz notar os pontinhos castanhos próximos às íris dos seus olhos de um azul vivo. *Linda*.

– Qual foi o seu grau de cavalheirismo agora, caubói? – pergunta.

– Você vem me chamando de caubói, não de cavalheiro – respondo, piscando para ela. – Uma espiadinha. – Minha voz sai baixa, mais grave, quase um sussurro. – Foi impossível me controlar.

– Que tal a gente continuar de onde parou ontem à noite?

Essas palavras acertam em cheio o meu pau e quase me fazem gemer. Os olhos azuis de Laney se fixam nos meus, e ela passa a língua pelo lábio inferior. Cacete, eu quero muito isso. Mas preciso de mais informações sobre ela. Odeio saber que tem alguma coisa que Laney está escondendo – e não apenas o que quer que tenha acontecido hoje, mas o que fez com que ela aparecesse com uma agente federal aqui no meio da noite. Até eu saber mais, não posso repetir a noite passada.

Passo a mão pela costura da minha calça jeans, porque, se eu não tocar em alguma coisa, vou puxar essa toalha e saciar a minha vontade dela.

Laney morde a unha do polegar, tentando conter um sorriso, então caminha até as cadeiras ao redor da fogueira.

– Eu tô tornando a sua vida mais… dura? – provoca.

Cara, ela nem faz ideia do quanto. Passo a mão pela nuca e me afasto alguns passos de onde ela está sentada agora. Pego dois pedaços de lenha para alimentar o fogo, então me agacho para preencher o espaço embaixo com os acendedores. Em seguida, levanto os olhos para Laney e para a garrafa que ela tira da bolsa.

– Se importa de dividir um pouco disto?

Ela estende a garrafa de Foxx 1945.

– Esse é do ano do Griz.

Meus dedos roçam nos dela devagar demais para que qualquer um de nós dois ignore. Penso em entrelaçar minha mão à dela, puxá-la para o meu colo e

lamber o sabor desse bourbon dos seus lábios. Mas resisto, por pouco.

– O que isso quer dizer, que é do ano dele? – pergunta.

– Engarrafamos o barril mais antigo, que está descansando, no ano em que algo importante acontece. Uma tiragem pequena, de apenas cem garrafas. Nascer é uma dessas coisas importantes, e o ano do nascimento do Griz é 1945.

Ela arregala os olhos, que cintilam com interesse. Essa mulher, toda molhada desse jeito… é tentação demais. *Espaço*. Um pouco de espaço agora faria bem.

– Vou pegar copos e um isqueiro – digo, enquanto caminho de costas em direção à porta da minha casa, ainda olhando para Laney. Então recordo aonde ela foi mais cedo. Talvez isso tenha alguma coisa a ver com o fato de estar aqui fora desse jeito. – O Griz disse que você foi ao clube de leitura com ele.

A postura de Laney muda, e ela ergue o rosto rapidamente para o céu, com os olhos marejados. Nunca tive tanta vontade de brigar com Griz quanto agora, por tê-la jogado aos lobos. Porque posso garantir que foi isso que me ocorreu quando eu soube quem eram algumas das mulheres que estavam lá.

Abandono a ideia de pegar o isqueiro e os copos. Em poucos passos, já estou diante da cadeira de Laney e me ajoelho para que ela possa me ver quando falo:

– Seja o que for, ou quem quer que tenha te deixado chateada, eu aposto que não vale essas lágrimas.

Duas lágrimas escorrem de cada lado do seu rosto quando ela baixa os olhos. Não penso no que estou fazendo nem no motivo de sentir essa necessidade, só enxugo cada uma delas com a ponta dos polegares.

– Ou o livro era uma porcaria? – brinco.

Laney solta uma risadinha.

– Eu não deveria estar chorando por causa disso.

Limpo mais algumas lágrimas que escorrem pelo rosto de quem não costuma

chorar.

– Só umas emoções vazando – falo. – Acontece com os melhores.

Ela ri de novo, e aqueles olhos grandes e brilhantes encontram os meus.

– Por que você tá chorando, docinho?

Tiro a garrafa da mão dela e dou um gole rápido. Sinceramente, preciso me recompor. Sempre vou amar o jeito como o primeiro gole de bourbon atinge a língua e a garganta. Mas, neste momento, só preciso que ele me ajude a lembrar que isso não é inteligente… me aproximar tanto de Laney, confortá-la.

– Você ficou chateada porque eu estraguei a sua festinha de topless no cocho dos cavalos?

– Nua. Não só de topless – corrige ela.

Passo a mão pelo rosto e sussurro:

– Cacete.

Vejo os olhos dela descerem até a minha boca antes de voltarem a encontrar os meus. Sim, eu poderia me perder nessa mulher. Aquele beijo foi bom demais, mas eu poderia deixar por isso mesmo. Poderia recuar e tentar, com todas as forças, não querer mais.

Mudar de assunto seria uma boa ideia.

– O que mais, além da Fábrica da Pez?

Ela sorri para mim e se recosta na cadeira, com uma expressão intrigada.

– Pensar nas minhas coisas favoritas sempre me deixa melhor – explico.

Laney aperta a toalha ao redor dos ombros e levanta os olhos para o céu.

– Zoltar.

– A máquina de parque de diversões que adivinha o futuro?

Ela aponta para mim, corrigindo:

– Não é adivinhação. Ela diz o futuro mesmo. Como em *Quero ser grande,* quando o Tom Hanks desejou ser grande e virou um homem de trinta e poucos anos no dia seguinte.

Agora fiquei curioso.

– E o que Zoltar previu para o seu futuro?

Ela encara a minha boca de novo, como se estivesse determinada a me deixar desconfortável ou pensando exatamente no que eu não consigo esquecer.

– Não importa. Eu não tenho mais a previsão – diz, com um sorriso tingido de tristeza. – E também não acontece se você não tiver mais o cartãozinho com a profecia que a máquina cospe.

Dou de ombros.

– Ainda estou curioso.

– Posso te fazer uma pergunta? – fala Laney, em um sussurro.

Assinto e dou mais um gole no bourbon antes de olhar para ela de novo.

– Você acha que fazer uma coisa boa pode apagar o que a gente fez de ruim?

Meus joelhos reclamam, me pedindo para sair dessa posição agachada, mas não consigo. Não quando ela acabou de me fazer uma pergunta dessas. Dou um sorriso de lábios cerrados, então me sento no chão.

Ela estende a tira de bala vermelha na frente do meu rosto. Abro a boca para ela e mordo o fio de goma de cereja.

– Acho que o mundo não funciona exatamente assim. Algumas coisas são preto no branco quando se trata do que é certo ou errado. Mas os motivos para fazer essas coisas, o porquê, é que podem acabar ficando em uma área cinzenta. – Eu apoio os braços nos joelhos dobrados e a encaro. Ela assente – Que tipo de coisa ruim você poderia ter feito?

Por algum motivo, algumas semanas atrás eu teria imaginado qualquer coisa,

mas passar um pouco de tempo ao lado de Laney me dá vontade de acabar com qualquer pessoa que possa ter feito mal a ela.

– Do tipo que as pessoas costumam odiar – responde Laney.

E estende a mão, pedindo a garrafa. Passo para ela, muito consciente do jeito como os seus dedos roçam nos meus de novo. Laney projeta a língua e toca a borda do gargalo no instante em que inclina a garrafa para trás. Não consigo evitar engolir em seco. Só esse movimento mínimo já me acerta em cheio no estômago e desce direto para a virilha. Em vez de preencher o silêncio, deixo que Laney se acostume com ele e lhe dou espaço para que me conte o que quer que precise desabafar para se sentir melhor. Quero ouvir qualquer coisa que venha dela e se pareça com a verdade.

– Eu era apaixonada pelo Phillip quando tinha 16 anos. Ele foi o meu primeiro… tudo. E me sentia feliz do jeito mais ingênuo por achar que ficaria com ele para sempre. Mesmo depois que a família dele se mudou, eu continuei a escrever pra ele. Foi isso que fez com que eu não me envolvesse com ninguém na faculdade. Aí, eu perdi o meu pai – conta ela.

Laney levanta a cabeça de novo, exibindo os olhos marejados. Então enxuga uma lágrima e fixa os olhos na própria mão, a mesma que acabei de cobrir com a minha.

– Pode continuar, eu tô ouvindo.

Ela franze o cenho, como se estivesse revivendo a história em tempo real e repassando tudo para mim.

– A gente perdeu contato. Eu segui com a minha vida. Mais ou menos. Me mudei pra uma cidade grande e comecei a trabalhar em uma empresa de eventos que tinha clientes muito diferentes do tipo de gente com quem eu cresci. Acabei me saindo muito bem. As pessoas queriam que eu planejasse os eventos e os casamentos delas. Eu estava construindo uma boa reputação – ela pigarreia. – No

Colorado.

Mentirosa. Essa mulher nunca esteve no Colorado. Mas o resto do que ela está dizendo parece doloroso demais para não ser verdade.

– Fui colocada à frente da organização do casamento de uma cliente da alta sociedade. A mãe da noiva me contratou, o que era bem comum. Mas, quando me reuni com o casal, eram o Phillip e a noiva dele. Pensando agora, eu deveria ter desistido ali mesmo. Sabia que nada de bom podia sair daquilo.

– Mas você não desistiu? – pergunto.

Ela dá mais um gole no bourbon.

– Não, não desisti. – Ela solta um suspiro antes de continuar, olhando para mim com cautela: – Talvez você volte a não gostar muito de mim depois de ouvir isso.

Inclino a cabeça.

– Eu *nunca desgostei* de você.

Laney ergue as sobrancelhas, e eu me explico:

– Não confio em muitas pessoas. Muito menos em pessoas que estão escondendo alguma coisa.

Ela ergue o olhar de onde meu dedo percorre os nós dos seus dedos. O jeito como essa mulher expõe a própria vulnerabilidade é como uma droga – tenho vontade de experimentar, consumir, e dizer qualquer coisa que ela precise ouvir para que continue se abrindo desse jeito.

– Tudo começou com mensagens de texto sobre o casamento. Então vieram as piadinhas internas, que viraram flerte. Eu nem percebi que já tinham se passado meses sem que eu saísse de verdade com alguém. Eu nem sequer tentava marcar encontros, porque tinha começado a me apaixonar de novo pelo Phillip. – Ela faz uma pausa e engole em seco. – Eu esperava ansiosamente pelas

mensagens dele. E, ainda assim, continuava a organizar o casamento dele com outra pessoa. A única vez que fiquei a sós com o Phillip foi na noite em que eu disse que não queria vê-lo nunca mais.

Fica claro que Laney sente vergonha do que aconteceu naquela noite, porque afasta a mão da minha, talvez precisando de espaço.

– Phillip me ligou e disse que a noiva não o entendia como eu, que deveria se casar comigo e não com ela. Que precisava me ver e conversar sobre os sentimentos dele.

Eu odeio esse cara com todas as minhas forças.

– Ele disse que ia me encontrar onde quer que eu estivesse. Que só precisava conversar comigo. E eu, burra, aceitei. – Ela enxuga outra lágrima e solta uma risada curta e sem humor. – Imaginei que ele fosse dizer o que eu queria ouvir. Que ele tivesse terminado. Que fosse a mim que ele queria. – Ela olha para baixo, cutucando o polegar. – Eu estava em um galpão de armazenamento, mexendo em algumas coisas antigas que eu tinha guardado do meu pai. – A voz dela fica mais suave. – Odeio o fato de ter sido *naquele* lugar, entre tantos outros possíveis.

Se esse cara encostou nela sem consentimento…

– O Phillip me beijou. E eu queria que ele fizesse isso. Foi a única vez que a gente teve algum contato físico depois que se reencontrou. Antes disso, foram só conversas e mensagens. – Os olhos da Laney encontram os meus, e ela balança a cabeça, incrédula. – Talvez isso seja ainda pior. Eu presumi que, se ele disse que precisava me ver com tanta urgência, era porque tinha terminado tudo, afinal, o Phillip que eu conhecia era um cara bom. Aquele que eu conheci adolescente. – Ela para por um instante e me contenho para não voltar a segurar a sua mão. – As coisas foram ficando mais quentes entre nós, e ele disse que precisava daquele momento comigo. Só daquela vez… para me tirar da cabeça de vez.

A raiva que senti quando Laney começou a falar sobre querer esse homem não chega nem perto de como fico furioso por saber que alguém disse uma merda dessas para ela. Alguém que já estava planejando uma vida com outra mulher.

– Nunca senti tanta vergonha de mim mesma. – Outra lágrima escorre pelo rosto dela. – Eu nem tinha conseguido assimilar o que o Phillip tinha acabado de dizer e já senti a mão dele dentro da minha calça, e ele estava… Ele já tinha terminado. – Laney tenta rir, mas mais parece uma careta. – Ele se masturbou com dois movimentos rápidos de mão e gozou na minha perna. Nunca me senti tão enojada quanto naquele momento. Eu disse que achava que ele gostava de mim, mas, quando Phillip me olhou com pena, como se sentisse dó por eu ter entendido errado o que era tudo aquilo, perdi a cabeça. Gritei pra ele ir embora, disse que nunca mais queria ver a cara dele. E ele me disse que sempre ia gostar de mim, mas que precisava aproveitar a oportunidade que tinha surgido na vida dele.

– E que diabo quer dizer isso?

Eu me levanto, espanto os mosquitos que estão me tirando do sério, e lembro que deixei um isqueiro na caixa de pesca ao lado da pilha de gravetos.

Laney sorri para mim quando ergo os olhos e começo a acender o fogo.

– Nós éramos de uma classe social diferente da dos clientes pra quem eu trabalhava. A noiva dele é filha de um figurão que comanda uma grande instituição financeira. O futuro da carreira do Phillip e o estilo de vida que ele queria dependiam exclusivamente daquele casamento. Eu fui uma coincidência ou um incômodo. – Ela esfrega as mãos nas coxas, enquanto parece organizar o que mais está disposta a compartilhar. – Achei que o Phillip gostava de mim de verdade e nunca me senti tão estúpida na vida depois que me dei conta do quanto tinha me enganado.

Minha cabeça chega a doer por conta da força com que estou rangendo os dentes. Cerro os punhos ao lado do corpo, porque estou louco para acertar a orelha do próximo Phillip que encontrar. Mas engulo tudo, porque Laney está me contando algo verdadeiro sobre si, e isso pode fazer parte do que venho tentando entender sobre ela.

– E como isso te trouxe até aqui?

Laney pigarreia e espera alguns segundos antes de responder:

– Eu precisava ir embora.

Não sei dizer se ela está omitindo alguma coisa ou se é o bourbon que está deixando o seu rosto corado.

O sol já quase desapareceu no horizonte, e o céu acima de nós se aprofunda em um azul mais escuro, deixando os tons rosados do pôr do sol para trás. E não consigo de jeito nenhum lembrar por que estava tão obstinado em descobrir o que ela vinha escondendo. Achei que fosse alguma coisa perigosa, não só uma mulher tentando recomeçar e esquecer algumas escolhas infelizes.

– Phillip nunca planejou deixar a noiva. E, pra ser sincera, nem sei se eu realmente achei que ele ia deixar. E, mesmo assim, permiti que aquela situação acontecesse. E é essa parte que… – Laney respira fundo e, quando solta o ar, diz: – Eu sabia que aquilo era errado. Sou melhor do que isso. Então, hoje, no clube de leitura, ouvi algumas mulheres falando de mim, e foi como se… – Eu a vejo balançar a cabeça, tentando superar o que desencadeou tudo. – Foi como se eu fosse aquela pessoa de novo. Aquela que não se encaixava, mas se esforçava demais, e a pessoa que escolheu levar adiante uma situação com um homem que sabia ser errada.

Laney mordisca a cutícula e solta outro suspiro, quase aliviada por ter dito aquilo em voz alta. Conheço essa sensação, de ter que guardar algo trancado dentro de si porque não existe outro lugar para colocar quando a pessoa certa

ainda não apareceu para ouvir. Me sinto bem por poder ser essa pessoa para Laney. E o que ela não percebe é que uma pessoa realmente ruim não se sentiria como ela se sente em relação às próprias ações.

Laney encara o meu peito, de repente evitando encontrar os meus olhos, o que *não* me agrada em nada.

– Esse é o seu erro?

Demora um instante, mas ela assente e ergue um pouco o queixo.

– Dentre todas as coisas ruins que já testemunhei, isso não parece tão ruim assim, Laney.

As chamas da fogueira atrás de mim dançam refletidas nos olhos dela, que finalmente encontram os meus.

– Participar da traição de alguém é uma coisa muito ruim, Grant.

– É. Mas não acho que tenha sido essa a sua intenção. Você ainda estava apaixonada pelo cara. Queria que ele escolhesse você. E ele queria trair.

Laney faz menção de dar outro gole no bourbon, mas para antes de a garrafa tocar os lábios.

– Eu não contei isso pra ninguém.

Gosto do fato de ela ter desejado me contar.

– Sou bom em guardar segredos.

Laney me encara como se quisesse dizer mais alguma coisa. Consigo sentir essa energia vindo dela, quase pulsando entre nós.

– Tem mais?

Quando noto o olhar dela e a mudança na sua linguagem corporal – dos ombros relaxados para uma tensão contida –, me arrependo de ter perguntado. A verdade é que eu gosto de Laney. Gosto tanto que já não tenho mais necessidade de pressioná-la. Quando ela estiver pronta, espero que me conte. Vou estar aqui

para ouvir.

– Bala. Tem mais? – corrijo.

Dou um passo para trás e olho dentro do saco cheio de balas, enquanto um sorrisinho curva os lábios dela.

– Tem, sim.

23

LANEY

Sinto o calor nas mãos enquanto tento manter o corpo dela erguido e ainda continuar a andar com todo esse peso extra. Não esperava que os retalhos de tecido e pele estivessem tão quentes. Não sei onde segurá-la sem machucar. Mas isso não importa. Só tenho uma coisa na cabeça. Sair. Sair. Sair. Minha mão está tão molhada. E os gemidos não param.

Pisco e abro os olhos quando Julep lambe a palma da minha mão, o que me tranquiliza. A cachorra está esparramada em cima do colchão, deixando pouco espaço e poucas cobertas para mim.

– Ei, gracinha. Você dormiu aqui?

Eu me sento rápido demais e me arrependo na mesma hora. A cabeça lateja, o olho esquerdo pisca involuntariamente, e a minha garganta está seca e com um gosto horrível. Olho para baixo e vejo uma toalha azul-marinho meio frouxa ao redor do meu corpo, por baixo do edredom fofo. Não me lembro de como vim parar aqui. E essa ideia me faz sorrir. Acho que adormeci lá fora.

Quando olho para a minha amiga peluda, que não se mexeu nem um milímetro, os olhos claros dela apenas me encaram enquanto acaricio o topo da sua cabeça.

– Onde está o seu papai bonitão?

Sorrio, embora ainda sinta certo nervosismo em relação a tudo que aconteceu ontem à noite. Nadar nua no quintal dele, contar tudo sobre Phillip. E escolher deixar o resto de fora. Ele sabe que tenho mais a contar. Eu praticamente confessei isso, mas ele não me pressionou. Grant era o policial que me deixava nervosa. O irmão Foxx que não confiava em mim. Mas, ontem à noite, ele foi o meu bartender. O meu terapeuta. O meu… amigo.

Uma sequência de bipes começa a soar na área da cozinha. E, assim que

param, escuto a água escorrendo. Eu me sento e olho para o lado, sorrindo com o que vejo. Uma cafeteira. A cafeteira dele. Aquela que estava em cima do balcão da casa de Grant e parecia nunca ter sido usada. O relógio marca 7h10, o que ainda me dá bastante tempo para um banho antes de encontrar Lincoln na destilaria para uma reunião de alinhamento.

O cheiro de café se espalha pelo ambiente alguns minutos depois. Entre o gesto atencioso do café e o aroma de croissant amanteigado que sempre paira no ar do lado de fora do meu novo lar, faço uma pausa para reconhecer que estou me sentindo feliz.

Lembro tudo que Grant me disse ontem à noite. Pequenas coisas que eu não tinha percebido que precisava ouvir. Coisas grandes que eu precisava dizer em voz alta para qualquer pessoa que estivesse disposta a ouvir. E Grant ouviu. Ele ouviu, e eu me senti mais leve. Depois, começamos a conversar sobre música, sobre os nossos filmes favoritos e o negócio da família dele. E, agora, não vejo nem vestígio do que desencadeou o meu descontrole por pizza e balas.

– Você gosta de trabalhar aqui ou acha que talvez queira fazer outra coisa? – perguntou ele.

Contei que estava gostando de verdade de aprender sobre bourbon. Que, quando não estava planejando o evento do centenário, eu pegava um turno no bar de degustação da destilaria ou ajudava um dos novos contratados em uma visita guiada, se pedissem.

– É exatamente o que tenho vontade de fazer. E você? Gosta do que faz?

Enquanto respondia, Grant ficou encarando a fogueira, pensando bem antes de responder.

– Por muito tempo, achei que eu estava destinado a fazer outra coisa. Mas o trabalho na destilaria me curou de muitas formas. Me ajudou a encontrar uma nova versão de quem eu era.

Julep continua exatamente onde está quando me levanto para ir ao banheiro. Quando me arrasto até a pequena cozinha, vejo uma caneca ao lado da cafeteira, com um bilhete embaixo.

Eu nunca faço um bom café, então esse provavelmente vai estar horrível, mas a cafeteira é sua, se quiser. A Julep não quis ir embora depois que eu te carreguei até aqui. Espero que não se importe por ela se sentir em casa. Me procura quando terminar o trabalho hoje. – Grant

Leio o bilhete pelo menos mais três vezes, até que um assovio alto me faz virar e olhar pela janela.

As cortinas brancas translúcidas não me deixam ver direito, mas, pelo som da caminhonete, imagino que seja Grant. Julep também ouviu – o motor da caminhonete sendo ligado, o assovio – e, em segundos, deixa a preguiça de lado e já está na porta. Ela bate com as patas dianteiras bem no centro da porta e depois na maçaneta, ansiosa para sair. Quando abro, sou recebida pelo sol forte e por um manto de umidade, pronto para atacar qualquer um que ouse sair. No gramado da frente, ainda salpicado de flores silvestres, está Grant ao lado da caminhonete ligada, com a porta aberta. Julep corre direto para lá, pula para dentro da cabine, atravessa o banco da frente e vai para o de trás, onde imagino que haja uma correia esperando para que ela seja presa.

Cruzo os braços e me apoio no batente da porta.

– Bom dia – fala ele.

– Bom dia, caubói.

Eu sorrio e levanto a mão em um aceno preguiçoso.

Grant está usando o seu traje de trabalho típico: uma calça jeans gasta, botas e alguma variação de camiseta azul, justa o bastante nos braços para deixar claro para o resto do mundo que ele levanta muitas coisas pesadas. Hoje não vejo nenhum boné, mas o cabelo escuro ainda está úmido nas pontas, dando a ilusão

de que, se estivesse mais comprido, ficaria ondulado. A barba rente está bem aparada – aquele bigode que parecia mais espesso quando o conheci agora está nivelado. O bigode fez cócegas nos meus lábios na primeira vez que a gente se beijou, mas gostei daquele arranhar gostoso. Sinto o rosto quente só de recordar o beijo mais uma vez, o jeito como a língua de Grant se moveu junto da minha, a mistura da barba e do bigode. Então me pergunto se faria cócegas ou arranharia o meio das minhas pernas. É horrível eu querer sentir a ardência da barba entre as coxas? Talvez.

Grant devolve o sorriso, quase como se soubesse o que estou pensando. *Talvez não*.

– Obrigada pela cafeteira.

– Vai te poupar uma ida à cidade toda manhã.

Grant andou prestando atenção. E não me importo nem um pouco em saber disso.

O crush gigantesco que acabei desenvolvendo por Grant Foxx provavelmente está estampado no meu rosto enquanto fico observando-o sair com o carro e pegar a estrada em direção à destilaria. Meu sorriso permanece nos lábios até eu dar um gole no café e tossir ao sentir o sabor amargo demais. Mas então caio na gargalhada. *Que diabo ele colocou nesse café?*

Na mesma hora, despejo no ralo da pia o resto do café que está na caneca e o que está na cafeteira, e me lembro de como ele esperou que eu contasse mais na noite passada. Apoio as mãos no balcão e abaixo a cabeça. Grant precisa saber pelo menos o que Ace e Griz sabem. Como eu cheguei aqui e exatamente quem me trouxe. Eu praticamente contei quando estava bêbada e falando demais.

É só uma questão de "quando", não de "se", eu vou contar o resto da minha história pra ele. E a parte em que ainda há algo mal resolvido acontecendo em Nova York, deixando a mulher responsável pelo meu programa de proteção a

testemunhas em alerta. Ace não vai me querer aqui se houver qualquer indício de problema. Inferno, eu também não ia querer ficar aqui se isso significasse colocar qualquer um deles em perigo.

Respiro bem fundo e conto até três, porque me estressar com o desconhecido não vai tornar essa verdade mais fácil de ser contada.

Especialmente quando existe a possibilidade de isso colocar em risco essa minha felicidade recém-encontrada.

• • •

– Eu beijei ele – murmuro, olhando pelos binóculos.

– Você vai ter que ser mais específica comigo, porque você pode estar se referindo a mais de um Foxx – diz Hadley, com a boca cheia de pipoca.

Eu me recosto e observo enquanto ela enfia outro punhado na boca antes mesmo de terminar de mastigar.

– Não tem como o Sr. Alto, Moreno e Sedutor não estar em um trisal – comenta ela, olhando pela luneta do telescópio e apontando. – Eu só preciso saber com quem. Vou ficar morrendo de inveja se a florista, que, por sinal, era bem gata no ensino médio, estiver fazendo *ménage* com ele hoje à noite.

Solto uma gargalhada.

– Como você sabe que é um Foxx?

Sem tirar os olhos das pessoas que estamos observando, ela responde:

– Ah, o terceiro não é um Foxx. Só pode ser um dos bombeiros que começaram agora. Foram, tipo, três caras novos que acabaram de ser designados para o Corpo de Bombeiros de Fiasco.

– Não. Estou falando sobre quem eu beijei. Por que você simplesmente supôs que era um deles?

Ela se vira para mim com uma expressão pensativa.

– Todos eles te olham como se você tivesse trazido algum tipo de magia para a nossa cidadezinha. São os mais prováveis. Se eu tivesse que apostar, porém, chutaria o Ace ou o Grant. – Ela estreita os olhos. – Se fosse o Linc, eu já teria ficado sabendo. Ele é péssimo em guardar segredos.

Volto aos binóculos.

– Foi o Grant.

– E…?

O longo suspiro que eu deixo escapar já basta para ela entender.

– Tão bom assim?

Sorrio lembrando do jeito como ele me tocou, de como os nossos lábios simplesmente foram um ao encontro do outro, de como a língua dele fez cada centímetro do meu corpo virar massa de modelar só de roçar na minha. Da tortura que foi não beijá-lo de novo na noite passada… Afinal, eu sabia como era perfeito.

– Sim, foi tão bom assim.

Pigarreio quando vejo o bombeiro sair da floricultura.

– É o bombeiro.

– Nooossa, qual deles? – Ela leva a luneta ao olho. – Uau. O de cabelo escuro. Tatuagens. Ela está oficialmente vivendo a melhor fase da vida.

Meu celular vibra.

CAUBÓI

Encontrei uma bala de minhoquinha dentro da minha bota hoje de manhã.

LANEY

Que sorte! Você comeu?

Consigo quase visualizar a expressão dele ao ler isso, o bigode se erguendo nos cantos enquanto os lábios se curvam.

CAUBÓI

Também tinha pedaços de bala vermelha e manchas de chocolate no tecido da minha rede.

LANEY

Ótimo. Passo aí mais tarde para lamber tudo.

Hadley interrompe:

– Quem tá te fazendo sorrir desse jeito?

CAUBÓI

Já dei um jeito.

LANEY

Que pena. Limpar às vezes é a melhor parte.

Estamos no terraço da cobertura de Hadley há algumas horas, sentadas em espreguiçadeiras rosa-claro decoradas com almofadas fofas em formato de bolas de discoteca. Há uma piscininha inflável no canto mais distante, com duas boias em forma de cisne oscilando sob a brisa leve que sopra no centro de Fiasco. Eu sabia que um tempo com ela ajudaria a me distrair, e está sendo perfeito. Grant ficou preso com os irmãos depois do trabalho, então mandei mensagem para Hadley. Ela disse que tinha trabalhado até bem tarde, mas que, se eu quisesse ir

até lá relaxar com ela, estava em "modo espiã". Eu não sabia o que isso significava, mas queria conhecê-la melhor. Gosto do fato de ela ser meio encrenqueira, mas protetora ao mesmo tempo, as duas coisas reunidas em uma só pessoa muito divertida. Hadley é alguém que sabe o que significa ser curiosa e ainda assim gentil. E isso me dá vontade de estar perto dela. E parece que o sentimento é recíproco.

– E você? – pergunto.

Ela estica as pernas e inclina o rosto para o sol.

– O que tem eu?

– Tá saindo com alguém? Você não mencionou ninguém, mas…

– Aqui entre nós, estou tão solteira que isso virou a minha identidade. – Ela dá um gole no Aperol Spritz. – Mas, se alguém perguntar, estou sempre muito bem acompanhada.

– Isso é para manter a imagem, ou…

Hadley solta um suspiro longo e alto.

– Você já descobriu que aqui todo mundo sabe da vida de todo mundo. O meu pai ficaria imensamente feliz de ouvir que eu tô querendo sossegar. Ele tem vários canalhas na fila para casar comigo. – Ela abaixa os óculos escuros para me olhar. – E não é porque quer ver a filhinha feliz. Ele quer que eu me case com alguém de uma família que beneficie ele ou o negócio dele.

– Isso é tão antiquado, Hadley!

Eu me sinto mal na mesma hora pelo comentário ao ver o sorriso contido que ela me dá. Hadley claramente reconhece o tom de crítica.

– Meu pai nem sempre joga limpo quando o assunto é dinheiro e negócios. Ele tem ideias bastante misóginas. Então, a minha solução é ser o tipo de mulher que nenhum dos "associados" dele gostaria de ter. Pelo amor de Deus, a geração

dele diz “vadia” com uma conotação negativa. A nossa geração diz com orgulho, e sou a primeira a respeitar pra cacete quem levanta essa bandeira.

Não consigo evitar o sorriso. Não há como encaixar Hadley em uma categoria, e talvez seja por isso que eu goste tanto dela. A mulher tem pequenas tatuagens espalhadas pelos braços, um cabelo cheio e cacheado, e essa energia de mulherão que parece impenetrável.

Ela troca mensagens com alguém no celular.

– Quer mais?

– Claro, por que não?

– Aperta aquele botão. – Ela aponta para um botão preto emoldurado. Na parte de cima está escrito: *Atendente gato*.

– Então, aqui entre nós, minha vida anda meio sem grandes emoções no departamento de parceiros. E, por mim, tudo bem. Pelo menos por enquanto. Talvez eu me dedique a viver um romance indiretamente através de você.

A porta do terraço se abre, e surge um homem alto, de cabelo loiro-escuro, usando uma camiseta do *Corpo de Bombeiros de Fiasco*.

– Acabei de chamar alguém para trazer bebidas pra gente?

O sorriso dela é travesso.

– Sim.

– Srta. Wheeler, o tenente disse para eu vir aqui ajudá-la com o que precisasse.

Ela se vira para mim com um sorrisinho.

– Talvez eu não aprove como o meu pai faz negócios, mas é fato que tem os seus benefícios.

Hadley se volta para o homem e diz:

– Você pode ser um querido e fazer dois Aperol Spritz pra gente?

Ele dá um sorrisinho de lado.

– Senhorita, estou de serviço.

Ela ergue um pouco o corpo na espreguiçadeira, mostrando mais a parte de cima do biquíni em formato triangular – e é para lá que os olhos do bombeiro se voltam na mesma hora.

– Então, obrigada pelo seu serviço. – Ela aponta para o carrinho de bar em um dos cantos do terraço, sob um guarda-sol branco. – As instruções para os drinques estão ao lado dos copos.

Hadley estica as pernas de novo na espreguiçadeira e faz um gesto para que eu continue.

– Agora me diz: quem beijou primeiro? Você ou o Grant?

Dou uma risadinha antes de responder:

– Acho que eu te amo.

Ela estende a mão e segura o meu braço.

– Acho que eu também te amo, gatona. Ah – ela ergue os braços –, acabei de lembrar. O que você acha de me ajudar no Midnight Proof?

24

LANEY

Sou uma bartender decente, mas já faz algum tempo que não trabalho em um bar movimentado. As degustações no fim da visita guiada à destilaria às vezes podem ser agitadas, mas não se comparam, de forma alguma, ao que está acontecendo hoje. O Midnight Proof está tão lotado quanto a noite de inauguração de uma boate em Nova York. Eles estão no limite da capacidade, entre o evento privado que acontece no segundo andar, que demanda a atenção de duas das quatro garçonetes, e o piso principal, que está com todos os lugares ocupados. Sem falar no balcão, onde só há espaço para ficar em pé. Está um caos.

Hadley se divide entre me ajudar atrás do balcão do bar e dar um apoio às garçonetes no piso principal. O figurino que ela escolheu para mim é comportado em comparação com o que algumas outras estão vestindo. Corseletes e meias-calças arrastão, tops de cetim com decote em U que precisam ser colados ao corpo com fita para não saírem do lugar e minissaias justas.

Não tive tempo nem de checar a hora, muito menos de reparar em quem sentou ao balcão. São comandas abertas e pedidos de coquetéis demais para eu me concentrar em quem está nas mesas do salão.

– Ei – diz uma voz, um pouco mais alta, do outro lado do balcão.

Lanço um olhar para confirmar que não é nada sério. Já lidei com muita gente impaciente antes. Em geral, um sorriso para mostrar que estou atendendo outro cliente bastaria para acalmar a pessoa até chegar a vez dela.

– Eu disse "ei"!

Termino de coar o coquetel de gim com morango e manjericão que estava preparando e deslizo o copo pelo balcão, enquanto pego o cartão da cliente.

– Quer deixar a comanda em aberto ou fechar a conta?

A mulher faz um gesto para eu manter em aberto. Olho em volta do balcão, e

praticamente todo mundo já está bebendo alguma coisa. Acho que não há mais ninguém esperando, a não ser pelo Sr. Impaciente.

– Eu sei que você me ouviu, garota – diz o homem quando me aproximo, e lembro que já o vi antes.

– Waz, não é? – Sorrio, tentando ignorar a vontade de mandá-lo embora. – O que vai querer?

– Você já me preparou uma bebida, mas eu pedi um Manhattan e você me deu um Old Fashioned. – Ele estala a língua. – Quero o que eu pedi, Laney do Colorado. – Isso não é um segredo e todo mundo comenta tudo em Fiasco, mas não gosto da ideia de esse homem saber detalhes sobre mim. Tem alguma coisa repulsiva nele. – Não sabia que a Hadley estava contratando qualquer um para trabalhar aqui agora. Pensei que fosse preciso ter alguma experiência para servir coquetéis de vinte dólares.

Abaixo os olhos para o drinque dele, ainda com um sorriso no rosto. Ele foi servido em uma taça coupe com a cereja embebida em conhaque espetada. Eu jamais teria coado um Old Fashioned, nem servido em uma taça dessas, mas tenho a sensação de que ele não saberia me dizer a diferença entre as duas bebidas nem se eu colocasse os ingredientes separados na sua frente.

– Sinto muito por isso. Vou preparar o que você pediu.

Percebo alguns casais observando a conversa e mais algumas pessoas espiando quando me viro para começar a preparar o drinque.

A banda de jazz volta a tocar no salão principal, com uma batida forte da percussão. É alto o bastante para a conversa geral diminuir e dar atenção à música.

O babaca toma um gole grande da "bebida errada" e a empurra pelo balcão, bem na frente de onde eu coloquei a coqueteleira com gelo. Ele faz um gesto com o dedo, me chamando mais para perto.

Sério, eu realmente não gosto desse cara.

– Quer brincar um pouquinho mais tarde, garotinha?

Nem consigo manter a compostura para retrucar. Dou uma risada diante da pergunta. *Garotinha?* Ele não pode estar falando sério. Tento recusar da forma mais educada possível.

– Acho que tô de boa. Você tá com uma comanda aberta, Waz?

Pego as garrafas de vermute doce e seco e uma de bourbon de centeio. Quando me viro para preparar a bebida, um movimento à minha esquerda chama a atenção. A silhueta grande em uma camiseta preta poderia ser de qualquer um, mas já peguei o hábito de procurar a postura altiva de Grant. Se eu olhasse com mais atenção, apostaria que as mãos dele estão enfiadas nos bolsos da calça jeans, com os olhos fixos em mim, observando o que faço e com quem falo. Sinto a atenção dele sobre mim, e isso me deixa mais confiante.

Por isso, quando Waz se inclina um pouco por cima do balcão e começa a falar, deixo claro que já cansei de ser educada.

Alguns clientes ao redor, que ouviram a conversa inicial, continuam atentos, e decido que posso muito bem dar um showzinho. Tiro a tampa de uma garrafa nova de bourbon e coloco um dosador. Dou uma girada no gargalo e viro a garrafa sobre a coqueteleira para uma dose exata de duas partes. Isso atrai ainda mais olhares das pessoas sentadas próximas a mim diante do balcão. Seria de esperar que também fizesse o babaca recuar um pouco, mas ele prefere dobrar a aposta.

– Te deixa molhadinha, docinho, ficar se exibindo assim? – Ele passa a língua pelos dentes e acrescenta: – Ouvi dizer que você anda rebolando essa bunda gostosa pra qualquer um que te dê atenção.

Muito bem, vamos brincar, seu asqueroso.

Dou uma olhada rápida para ver se só eu ouvi aquilo. Algumas pessoas

interromperam a conversa para assistir à cena, e pelo canto do olho consigo ver certo Foxx se aproximando. Sim, ouviram.

Coloco o bourbon na bancada e pego o vermute doce com uma das mãos, dando uma boa virada para despejar o líquido num jato rápido. Com a outra mão, escolho um copo alto e coloco gelo. Quando estava na faculdade, eu era meio obcecada pelo filme *Cocktail*, com o Tom Cruise. Por mais que suspirasse pela história de amor, também me intrigava a ideia de ganhar um bom dinheiro como bartender. Era fácil imitar o floreio de jogar as garrafas para o alto, mas demorou um pouco mais para aprender a fazer um ótimo drinque.

Lanço o vermute seco mais alto, com espaço suficiente para duas voltas e um único sacolejo. A pistola de água com gás enche o copo alto enquanto uso a colher bailarina para misturar corretamente o Manhattan.

Faço uma pausa antes de servir o drinque na taça coupe.

– Não tem nada de doce em mim, Waz, então nem ouse me chamar de "docinho". – *Isso tá reservado para outra pessoa*. Seguro o coador e ergo o braço para servir de cima. Ele parou de prestar atenção na minha outra mão. Péssima escolha. Um jato de água com gás espirra e encharca a frente da calça social que ele está usando. Bem no alvo. Antes mesmo que Waz reaja, abro um sorriso enorme. – E aí, como se sente depois de *eu* deixar *você* todo molhadinho?

O homem solta uma enxurrada de palavrões enquanto espeto a cereja embebida em conhaque com um pequeno palito de metal e coloco no alto do copo. Um dos seguranças, que havia cruzado o olhar comigo quando a cena começou, junto com Grant e Lincoln, arrasta o babaca para fora do bar.

Cacete, isso foi bom. Algumas risadas e assovios acompanham o encrenqueiro se afastando do bar, e recebo uma rodada de aplausos dos espectadores mais próximos que assistiram ao show completo.

Hadley aparece atrás do bar poucos minutos depois, parecendo ter saído de

um calendário de *pinups*. O cabelo escuro e cacheado está preso para o alto, os lábios pintados de vermelho-vivo combinando com os meus e um delineado gatinho exagerado nos olhos. O body preto estruturado não é mais revelador do que um maiô comum, mas, de algum modo, com a cinta-liga e as meias até o meio da coxa, faz todo mundo encará-la enquanto passa.

– Você tá bem? – pergunta.

– Agora estou. Espero não ter piorado uma situação ruim, mas ele passou dos limites.

– Me pareceu que estava tudo sob controle. O Lincoln e o Grant pareciam ansiosos pra descontar um pouco da energia acumulada no Waz.

Merda.

– Já tem muita coisa mal resolvida ali. Você não começou nada – diz ela, sorrindo e dando de ombros. – Talvez só tenha colocado um pouco mais de lenha na fogueira.

Hadley se afasta para dar um pulo na cozinha.

– Você tá bem, Laney? – pergunta Ace, se aproximando do bar.

Assinto.

– Obrigada.

Ele olha para a porta, por onde os irmãos acabaram de sair.

– E lá foram eles. Vou me certificar de que não acabem presos.

– Ela tá bem – diz Hadley, voltando.

– Que porra é essa? – pergunta ele para ela, em um grunhido.

– Que porra é o quê?

Quando Ace baixa os olhos para o corpo dela, não consigo conter o sorriso. Hadley acompanha o olhar dele e olha para si mesma. Então, coloca as mãos na cintura, faz um beicinho e diz:

– Ah, qual é o problema, gostosão? Não gostou da minha roupa?

Ele passa a mão pelo cabelo, murmurando algo que soa como "pesadelo dos infernos", enquanto se afasta do bar e sobe as escadas em direção à porta da frente.

Ao ver Hadley sorrindo, pergunto:

– Que diabo foi isso?

– Só o Ace sendo chato. E faz parte da minha constituição molecular irritá-lo sempre que eu posso. É tipo um hobby.

Dou uma risadinha.

– Você é mesmo uma encrenqueira.

Ela pisca para mim enquanto pega uma garrafa de tequila à minha frente.

– Pelo que vi esta noite, parece que somos duas.

25

GRANT

O Midnight Proof está lotado esta noite. Eu deveria ter imaginado, já que é a semana do feriado de Quatro de Julho e os turistas estão na cidade para a grande celebração em Fiasco no fim de semana. Só estou aqui porque sabia que Laney estaria atrás do balcão do bar servindo drinques e distribuindo aquele sorriso dela. E, para ser sincero, eu queria um desses sorrisos pra mim.

– Eu gosto dela – diz Lincoln enquanto nós dois a observamos zanzar atrás do bar.

Laney parece estar ali há anos. A experiência dela como bartender definitivamente não era mentira. Assim como eu não estaria mentindo se dissesse que vê-la assim, com o cabelo jogado para trás dos ombros e aquele top preto justo, com o decote cavado o bastante para realçar muito os seios fartos, está mexendo comigo de todas as maneiras possíveis. Laney morde o lábio inferior e enche a coqueteleira com vodca e água de azeitona, então sacode com vigor, alto o bastante para ter que usar o corpo inteiro no movimento. A minha vontade é deixar as mãos correrem novamente por aqueles quadris e capturar os lábios dela entre os dentes. É me perder no cheiro e no gosto dela. O que sinto por Laney no momento é praticamente primitivo. Ainda mais agora, depois que ela se abriu comigo.

Quero entender qual é a do Lincoln. Meu irmão flerta com todo mundo, mas, desde aquele dia no rio, não vi muito disso com Laney. E, mesmo se ele me dissesse que quer investir nela, não sei se eu recuaria agora. Eu beijei Laney… e isso vale mais do que qualquer reivindicação.

– Eu também – digo a ele, enquanto observo aquele desgraçado do Waz se inclinar por cima da bancada do bar e dizer alguma coisa para Laney.

– Imaginei – responde Lincoln. – Você não precisa fingir que não está

obcecado por ela.

– Obcecado é um pouco forte, não acha?

Mas não ouço o que ele diz depois, porque estou atento à forma como a linguagem corporal dela muda com o que quer que Waz tenha acabado de falar.

Dou um passo à frente, mas Lincoln me segura pelo braço.

– Não começa nada aqui dentro, Grant.

Eu me viro para o balcão da recepção e cruzo o olhar com Brady, o chefe dos seguranças. *Então vou começar alguma coisa lá fora*. Indico o bar com um gesto de cabeça, e ele olha para lá e entende exatamente o que estou indicando. Waz é um canalha que gosta de arrumar confusão, especialmente com Hadley. Tenho quase certeza de que ele nem deveria estar aqui.

No entanto, quando chego mais perto, com Linc ao meu lado, não é a mulher que me confidenciou coisas com lágrimas nos olhos que está ali. Não. Laney agora está totalmente no controle da situação. Ela lança um sorriso forçado para Waz enquanto gira algumas garrafas no ar. Vejo como ela prende a atenção dele e de todos no bar que conseguem ouvir a conversa. Segundos depois, Laney usa a mão direita para encharcar a calça dele com um jato de água com gás.

– Parece que ela está tirando de letra – comenta Lincoln.

Ver Laney se virar sozinha é excitante pra cacete. Mas isso não apaga o fato de que essa já é a segunda vez que tenho vontade de quebrar a cara de Waz só por ele sequer dizer o nome dela.

– Rapazes, podem deixar comigo – diz Brady, enquanto arrasta Waz escada acima em direção à rua.

Linc e eu estamos logo atrás quando ele solta o sujeito, ainda xingando, do lado de fora.

– Só vim pra conferir se você tá bem, cara – diz Lincoln, mas ele já está

arregaçando as mangas, claramente se preparando para uma briga.

Waz vem direto na minha direção, se livrando do aperto de Linc em seu ombro. Brady só observa da porta, sem se meter na nossa confusão.

– Policial Foxx, que bom ver você de novo. Já ficou tempo demais se escondendo atrás dos seus irmãos. O Sr. Finch não vai gostar nada de saber como vocês estão abusados agora, sabia?

Empurro o rosto dele para longe do meu e aponto o dedo.

– Não abusa *você* da sorte, Waz.

– Ou o quê? Nós dois sabemos que você não vai fazer nada. Nem você, Linc. – Ele olha o meu irmão de cima a baixo. – Ainda não comeu a Hadley, né?

Isso é o suficiente para deixar Lincoln furioso, então bloqueio sua passagem para detê-lo.

– Não – digo.

– O Wheeler sabe que você fala desse jeito da filha dele, seu merda?

Waz cospe no chão na nossa frente e ajeita o colarinho da camisa.

– O Sr. Finch considera a Hadley uma mercadoria. Para ele usar quando for conveniente. E não tá nem aí pro que eu digo sobre ela.

– Por que você tá aqui, hein? – pergunta Lincoln em um grunhido de raiva. – Hadley deixou bem claro que você não é bem-vindo. Acha que ela não vai contar pro pai sobre isso?

– Eu não vim por causa dela. – Ele se vira para mim com um sorrisinho debochado. – Não. Eu vim por causa daquela com um rabão gostoso. A garotinha de Nova York.

De que diabo ele tá falando?

– Quer que eu me meta? – pergunta Lincoln.

Waz balança a cabeça, estalando a língua.

– Pra ser sincero, é uma pena. Achei que fosse dar uma voltinha com a garota antes que ela receba o que tá reservado pra ela.

Ace passa por Brady e se adianta com passos largos até parar ao meu lado. Ele está fervendo de raiva daquele jeito contido tão típico, e o seu tom deixa claro que ouviu tudo o que Waz disse.

– Se você não for, eu vou.

Jogo o meu celular para Brady.

– Se ele não estiver no chão em dois minutos, liga pra delegacia.

Dou um passo à frente sem dar a Waz a chance de reagir. Acerto o nariz dele em cheio, e o estalo seguido do jorro de sangue que logo escorre pelo rosto me garante que atingi exatamente onde queria.

– Um.

– Você quebrou o meu nariz! – grita ele, tapando o rosto.

– Agora vou fazer você mijar sangue por um mês. – Faço um gesto chamando-o com o dedo.

O idiota está furioso e tenta me acertar um soco, mas sou mais rápido. Quando ele se desequilibra, encaixo um golpe na lateral do seu corpo. Waz cai no chão, bem quando uma viatura preta e branca encosta com as luzes ligadas, sem sirene. Não ia demorar. Eu sabia que uma viatura sempre ficava estacionada a alguns quarteirões daqui, esperando qualquer bêbado disposto a começar uma briga ou a dirigir alcoolizado depois que o Midnight Proof anuncia o último pedido.

O policial novato arrasta Waz e o coloca no banco de trás. O outro é um amigo da academia de polícia e me cumprimenta com um aceno.

– Imagino que você não tenha visto o que aconteceu aqui, não é, Foxx?

Enfio os nós dos dedos ensanguentados nos bolsos.

– Ele foi inconveniente no bar e levou um banho no colo por isso. Deve ter irritado mais alguém aqui fora também.

– Um dos lados ruins desse trabalho – comenta o policial, olhando por cima do meu ombro para Lincoln, então novamente para mim – é não poder dar um soco em quem realmente merece. – Ele esboça um sorriso contido. – Boa noite, senhor.

– Pra você também, Cortez.

Depois que eles vão embora, me pego pensando sem parar no que Waz disse: Nova York. Esse detalhe não tinha nada a ver com o que ele estava falando até ali. Se houver algum fundamento nisso, então o sigilo de Laney no programa de proteção a testemunhas não é tão confiável quanto deveria ser.

– Vai voltar lá pra dentro? – pergunta Lincoln atrás de mim.

Olho para a minha mão.

– Não. Vou dar uma volta. Tomar um ar.

Eu precisava esfriar a cabeça. Laney tinha se virado muito bem lá dentro. Aquela mulher não precisa que ninguém a defenda, mas, cacete, foi bom fazer o serviço sujo. No instante em que vi Waz se aproximar dela, perdi a noção de tudo.

Não planejava sentir por ninguém o que estou sentindo por ela, mas o que é que eu posso fazer? Estou com os nós dos dedos sangrando, quase surtando com o que ela está escondendo, e me dando conta de que não dá para voltar atrás. E eu nem quero. A sensação de estar me apaixonando por essa mulher é avassaladora.

– Me manda mensagem se quiser carona para casa – grita Lincoln. – Vou ver se o Ace já tá pronto pra ir.

Não sei como os meus irmãos reagiriam se descobrissem o que está acontecendo entre mim e Laney Young. Sempre confidenciei praticamente tudo a

eles, desde o primeiro beijo até o momento em que decidi largar o negócio da família e entrar para a academia de polícia. Os dois sempre foram as pessoas mais importantes da minha vida. Mas já faz anos que não compartilho nada assim. Ace e Lincoln nem sabiam de Fiona até ela morrer. Talvez Ace tenha percebido, mas nunca disse nada. Tenho medo de que, se eu colocar em palavras o que sinto por Laney, isso exploda na minha cara.

O problema nem é eles saberem, e sim essa maldição desgraçada que está sempre rondando a minha mente. Some-se a isso a ideia de que Laney pode estar em perigo real. E, se esse perigo chegar até aqui, eu teria que dar adeus a ela. Ace pode até tê-la acolhido, mas conheço o meu irmão mais velho: ele com certeza avisou a Bea de que, se o problema chegasse perto demais, Laney teria que ir embora. Com ou sem a aprovação do programa de proteção a testemunhas.

Estou tão perdido em pensamentos que não presto atenção para onde estou indo e, quando vejo que cheguei ao Hooch's, fico surpreso. Vejo Del sentado ao balcão. Não é noite de costela nem de pôquer, mas ele não cozinha muito. Já que o meu amigo está aqui, a opinião dele nesse assunto pode ser útil. Sempre ajuda conversar com Del quando tenho ideias ou suspeitas. Ele vai saber me orientar. E confio nele.

O sino da porta toca quando entro. Tem só um grupo de jovens de férias da faculdade na última mesa do fundo, além de Marla e Del.

Dou uma tapinha camarada nas costas dele, surpreendendo-o, então me dou conta do que está acontecendo. E o que eu estava deixando passar. *Merda, como eu pude esquecer?* Olho para o quadro de avisos onde Marla costuma escrever a data e, claro, é 2 de julho. *Aniversário da Fiona*.

– Ela faria 34 anos hoje – comenta ele, com uma grande fatia de cheesecake à sua frente.

Como eu esqueci? Eu *nunca* esqueço.

– Achei que você talvez tivesse esquecido. – A voz de Del sai mais baixa no final, enquanto ele seca o rosto.

O movimento é rápido demais para eu ver a lágrima, mas sei que ela estava ali. Meu estômago afunda quando me dou conta de que Del ficou aliviado ao me ver ali. Já eu, ao vê-lo, me senti culpado.

Pigarreio, me sento ao lado dele e aperto o seu ombro com carinho. *Perdão*.

Nunca conversamos sobre o que houve entre mim e Fiona. Nunca pareceu certo eu ter me apaixonado pela filha dele depois de meses dormindo com ela e nunca termos saído em público porque estávamos mantendo tudo em segredo. Mas Del sabia. Eu não precisei dizer que a amava. Ficou claro para toda a cidade que desmoronei no dia em que ela morreu e continuei a me perder aos poucos nos últimos cinco anos.

Marla coloca a cabeça para fora da cozinha.

– Grant, você chegou. Achei que tinha esquecido. Vou trazer a sua fatia.

– Você brigou com um cortador de grama ou alguma coisa assim? – pergunta Del, olhando para os nós dos meus dedos machucados.

– Alguma coisa assim – respondo, soltando o ar.

As perguntas que rodavam a minha cabeça sobre Laney já se dissiparam, dando lugar a uma enxurrada de sentimentos sobre o dia de hoje. Eu tinha me esquecido de Fiona e, se não tivesse caminhado aleatoriamente até aqui, a data teria se perdido completamente. Quando pedi desculpas, anos atrás, por não ter contado a ele sobre nós dois, prometi que nunca esqueceria o que Fiona significava para mim. Agora estou me sentindo um mentiroso.

– Toma, meu bem – diz Marla, e coloca a fatia de cheesecake na minha frente.

– Obrigado, Marla.

Ela coloca um saco de gelo ao meu lado.

– Ouvi dizer que teve uma confusão perto do Midnight Proof.

Dou uma risadinha.

– Como você ficou sabendo tão rápido?

– Pelo rádio da polícia.

Del ri para si mesmo.

– Já te contei daquela vez em que ela não conseguiu tirar o gato da Loni da árvore de Natal? – pergunto.

Del já está rindo antes mesmo de eu chegar à melhor parte, mas era assim que fazíamos. No aniversário de Fiona, ou no dia de nos lembrarmos dela, sempre comíamos um pedaço de cheesecake no bar de Marla – porque era o doce favorito de Fi – e contávamos histórias sobre ela. Esse era o único momento em que eu me permitia mergulhar nas lembranças, porque, de qualquer jeito, a culpa que eu sempre carregava me atingia com força total no dia seguinte.

Uma hora depois, com os rostos dormentes de tanto rir enquanto Marla serve o resto do café e fecha a conta do pessoal da faculdade, Del me olha, ainda sorrindo.

– Você sabe que, se tivesse outros planos hoje à noite, eu teria entendido.

– Para com isso. – Dou uma palmadinha no braço dele. – Estou exatamente onde preciso estar.

Del é um dos meus melhores amigos. Mesmo que nunca tivesse existido nada entre mim e Fiona, eu estaria aqui por ele. Eu lhe devo isso. Não protegi a filha dele.

Nunca vou me reconciliar com esse fato. E é por isso que preciso me certificar de que o que quer que tenha colocado Laney no programa de proteção a testemunhas não a encontre.

– Ainda tem gente te devendo favores lá no Norte que talvez você possa

cobrar agora?

Ele mal me deixa terminar a pergunta.

– É claro. Do que você precisa?

26

LANEY

– Como você nunca experimentou um Modjeska? – pergunta Romey de trás da barraca onde estão expostos caramelos e chocolates. E, antes que eu possa responder ao que aparentemente era uma pergunta retórica, ela continua: – São divinos. Há quanto tempo você já está em Fiasco?

– Cerca de um mês – respondo, sorrindo.

– Muito bem – diz ela, abrindo as mãos à frente do corpo. – Modjeskas são doces típicos do Kentucky. De Louisville, especificamente, mas, na minha opinião, esses são ainda melhores do que os originais. Eles têm regras, assim como o bourbon. O básico é sempre marshmallow mergulhado em um caramelo macio e amanteigado, tipo uma bala.

Ela aponta para um canto de bancada.

– Este aqui é de chocolate amargo com infusão de bourbon. – Romey cobre parte da boca, se inclina e cochicha: – Não é bourbon da Foxx… Não consegui me dar esse luxo, mas ainda assim é bom pra caramba.

Eu salivo quando experimento a prova que ela cortou para mim. Não há a menor chance de eu sair daqui sem estar completa e absurdamente empanturrada. Já devorei um waffle de cheddar com jalapeño no palito, um pouco de pipoca de panela com tomilho e mel local, e estou conseguindo manter o suor sob controle com o meu coquetel Mint Julep em formato de raspadinha, que, por sinal, está derretendo rapidamente.

– Romey, isto aqui é o paraíso.

Ela abre um sorriso enorme enquanto embala cerca de uma dúzia para outras pessoas que tinham se aglomerado em volta da barraca. Há facilmente outras cem montadas por todo o gramado do centro de Fiasco e só consegui passar por algumas até agora.

– Foi bom ter um rosto novo no clube de leitura – comenta Romey, enquanto amarra a fita.

– Vou levar uma caixa desses e outra daqueles com cobertura de pistache também – digo, e sorrio para as duas mulheres que estão tomando as suas próprias raspadinhas de olho na banca de doces.

– Você pensa em ir à próxima reunião?

Respondo com sinceridade:

– Não sei. Troquei algumas palavras nada gentis com algumas mulheres que falaram umas coisas bem desagradáveis sobre mim quando acharam que eu não estava ouvindo. Não estou interessada em gastar energia com coisas ou pessoas que não me fazem feliz. Não mais.

– Imagino quem pode ter sido. – Romey me entrega a sacola, e eu lhe passo o dinheiro pelos bombons. – Eu não me preocuparia com isso. Acho que o Griz talvez tenha ouvido o que aconteceu. E ele deixou bem claro quem vai e quem não vai ao próximo encontro do clube de leitura.

Ela dá uma piscadela.

Ergo as sobrancelhas. Não estava esperando por isso.

– Além do mais, não acho que Grant Foxx saia por aí distribuindo socos, mas ele colocou algum juízo naquele homem, o Waz, do lado de fora do Midnight Proof. E ouvi dizer que você foi o motivo.

Então foi por isso que ele não voltou para dentro do bar? Eu sabia que Grant tinha saído de lá furioso, mas fiquei quebrando a cabeça para entender por que não tinha voltado. Não tenho notícias dele nem o vejo direito há uns dois dias.

E, por mais que eu estivesse ocupada com alguns itens de última hora que Lincoln pediu para um evento na destilaria, esperava ao menos vê-lo em algum momento. Olho para o meu celular e para as mensagens sem resposta.

LANEY

Você sumiu. Achei que talvez estivesse a fim de uma saideira…

Julep me deixou outro “presente” hoje de manhã. Quanta pele uma cobra consegue trocar, afinal? Está beirando o ridículo.

Preciso mandar nudes pra você me responder?

Agora, sem qualquer resposta dele entremeada ali, as minhas mensagens parecem menos engraçadas e mais desesperadas. Contei muita coisa para Grant entre copos de bourbon e balas – mais do que eu tinha planejado compartilhar. Sinto um peso no estômago. Ai, meu Deus… enquanto eu estava nua no cocho dos cavalos dele. O que eu estava pensando? Como é que se apaga a última mensagem? Talvez eu possa fingir que mandei quando estava bêbada. Essas não contam.

Romey sorri para mim, fazendo um gesto com a cabeça por cima do meu ombro, e consigo imaginar quem vai estar ali se eu olhar.

– Deixa aquelas mulheres engolirem o próprio veneno. Vai doer ter que aceitar que não tem nenhum Foxx brigando por elas.

Meu rosto deve estar demonstrando exatamente o que estou sentindo, porque Romey dá uma palmadinha carinhosa na minha mão quando diz:

– Laney, a esta altura não faria diferença se você nem sequer conhecesse o homem. Quando a fofoca começa nesta cidade, é tratada como notícia local. E esse Foxx em particular não é como os irmãos. Grant ignora a maioria das pessoas e, com certeza, não costuma começar e terminar brigas por alguém.

Acho que ele não olha para uma mulher, muito menos sai com alguém, desde a Fiona.

Fiona. Hadley tinha mencionado esse nome quando me contou sobre as perdas ligadas aos irmãos Foxx.

– Sinto pena por ele ter se fechado desse jeito. O Grant é um bom homem. E um deleite para os olhos também!

Isso faz com que eu me vire. E Romey tem razão: o homem é mesmo um deleite para os olhos. Especialmente caminhando na minha direção. Lark está montada nas costas de Grant, enquanto Lily está nos ombros de Lincoln. O jeito como eles amam aquelas meninas é de fazer qualquer um suspirar, mas é comovente ver como todos naquela família cuidam uns dos outros. Dá uma sensação boa estar perto deles. Absorver um pouco desse afeto, mesmo sabendo que será passageiro.

Quando Lily me vê, tenta acenar com as mãos – sendo que uma está segurando um algodão-doce no palito e a outra, uma girafinha de pelúcia. Lincoln acompanha os movimentos da filha, sorri e acena para mim. Mas é de Grant, um pouco mais atrás, que não consigo desviar os olhos. Ele coloca Lark no chão e, de repente, queria ser eu ali, ainda apoiada nas costas dele.

– Laney! – diz Lily, sem fôlego e rindo, já se aproximando de mim.

– Oi, meninas – cumprimento, sem conseguir conter a minha própria empolgação com aquele encontro.

Olho de relance para trás delas e vejo os dois irmãos se aproximando, ambos usando jeans como se o tecido tivesse sido feito especificamente para eles. Lincoln está com uma camiseta que tem o logotipo da Foxx Bourbon em destaque na frente, enquanto Grant usa uma ainda mais desbotada, com as mangas cortadas. Seus braços musculosos, que se encaixam tão bem ao meu redor, são fruto de trabalho pesado e estão bronzeados pelo sol do verão. É

perfeitamente possível que eu esteja babando. Nunca tive vontade de lamber um bíceps e sentir o cheiro da pele de alguém como tenho agora. Meu Deus, eu sou patética. Sem falar no boné azul. Ele é facilmente o homem mais bonito que eu já vi. A aba do boné está baixa o bastante para fazer sombra no rosto, mas não esconde o fato de que Grant não me encara por mais do que um segundo rápido. E isso é como um soco no estômago.

– Oi, caubói.

Quando os seus olhos encontram os meus, não é o interesse nem o fogo que normalmente me encaram de volta. É uma expressão diferente. Parece mais culpa, talvez até arrependimento. Eu reconheço, porque já senti ambos.

– O tio Grant não é caubói – diz Lily, rindo.

– Não, florzinha, eu não sou – responde ele.

Ai. Isso não saiu de um jeito brincalhão.

Pigarreio.

– Acho que hoje ele não é.

Talvez ele finalmente tenha assimilado as verdades que contei sobre o que eu fiz – ter me envolvido com um homem comprometido. Grant não sabe a parte em que fui corajosa e que acabou me trazendo até aqui. E a parte feia foi o bastante para afastá-lo.

Não vou me martirizar por causa disso. Se Grant está tendo uma espécie de revelação a meu respeito, então talvez eu deva me sentir aliviada por não ter compartilhado mais. Vou superar o beijo e a gentileza. Os gestos doces e os momentos a sós. Em algum momento.

E se tivesse sido mais do que isso? E se eu tivesse acordado ao lado dele? Se tivesse me deixado seduzir até irmos para a cama? Aí talvez eu tivesse mais dificuldade para superar. Talvez Grant esteja me poupando de uma dor maior no futuro. Por isso, ergo os ombros, estufo o peito e mudo de assunto.

– Isso é hena?

Lark vira as mãos e me mostra os desenhos lindos que vão das pontas dos seus dedos até os pulsos.

– Não é legal demais? E não vai sair depois que descascar.

– Você gostou da minha pintura de borboleta? – pergunta Lily, com a boca cheia de algodão-doce.

– Gostei! Quase não te reconheci.

Lincoln enfia as mãos nos bolsos. É óbvio que ele percebe o clima estranho entre mim e o irmão.

– A gente estava pensando em ir ali fazer carinho nos bichinhos. Parece que também trouxeram alguns para adoção hoje.

Mesmo o convite tendo partido de Lincoln, os meus olhos continuam fixos em Grant. Olho para os nós dos dedos dele e me lembro do que Romey me contou alguns minutos atrás.

– O que aconteceu com a sua mão?

Ele pigarreia antes de responder:

– Alguém passou dos limites.

Sinto o rosto quente e me esforço ao máximo para conter um sorriso. Gostei de saber que o ex-policial caladão resolveu acertar um soco naquele sujeito nojento que estava me assediando.

– Quer vir com a gente, Laney? – interrompe Lincoln.

– Acho que vou dar mais uma volta por aqui. Nunca estive em uma feira tão grande. – Olho ao redor das barracas e sinto que, além de gastar um pouco mais de dinheiro, talvez seja um bom momento para conversar. Não consigo entender o que está acontecendo e prefiro colocar tudo em pratos limpos. Arrancar o band-aid de uma vez só. – Você quer…?

Mas Grant me impede de continuar, porque já começa a se afastar.

– Meninas, vamos!

As sobrinhas veem isso como sinal para sair correndo na frente dele.

Lincoln fica um pouco para trás.

– Elas vão comer o dia inteiro.

Levanto o copo do meu drinque e o saco de pipoca.

– Eu também.

– Você vai ficar por aqui até mais tarde para assistir à banda?

– Talvez.

– Que bom – diz ele, sorrindo. – Sei que tem alguma coisa acontecendo entre você e o Grant. Eu teria que ser cego pra não perceber. – Ele balança a cabeça e suspira. – O meu irmão gosta de você, Laney.

– Nossa, então ele sabe mesmo como confundir uma garota – comento, com um olhar de canto. O sorriso contido de Lincoln me diz que ele sabe. Solto um suspiro e admito: – Mas eu também gosto dele.

– Tem alguma coisa afligindo o Grant. Quando ele se afasta e fica quieto assim, é porque está processando alguma coisa. Pode parecer que é sobre você, mas eu apostaria todo o meu dinheiro que tem muito mais a ver com ele mesmo.

Assinto, porque, sinceramente, o que eu poderia dizer em relação a isso? Não teria como adivinhar. Não conheço Grant o bastante. A maior parte do que descobri sobre ele foi por meio de outras pessoas.

Meu celular vibra dentro da bolsa. *Hadley*.

– Vou atrás deles. – Lincoln aponta para mim e se afasta. – Te vejo na pista de dança mais tarde, Laney.

HADLEY

Então, cadê você? Já estou quase terminando a minha raspadinha de Mint Julep.

LANEY

Nas barracas de artesanato.

HADLEY

Me encontra na barraca das raspadinhas. Depois a gente passa na da Loni. Tô torcendo pra ela ter trazido algumas novidades. Preciso de uma roupa bonita pra hoje à noite.

LANEY

Te encontro lá.

• • •

Sempre havia algum lugar para ir em Nova York. Fosse conhecido ou novo. Havia os que varavam a madrugada e também os que abriam e fechavam cedo. Eu estava muito acostumada com o constante movimento da cidade. Ver sempre alguma coisa acontecendo era tão natural quanto respirar – feiras, eventos sazonais, restaurantes novos, gravações de filmes ou séries. Mas em Fiasco a vida não é assim. Exceto neste fim de semana, em que a agitação dominou a nova cidadezinha onde moro. E eu me deleito com a aglomeração de moradores e com o jeito como todo mundo parece ocupado ou curioso. Na sequência da feira de artesanato vêm as barracas de jogos e competições – de *corn hole* (um jogo de arremesso de saquinhos em uma tábua com um buraco) e lançamento de

ferradura até um leilão de equipamentos agrícolas e garrafas de bourbon.

Hadley e eu passamos tempo demais na barraca da Boutique da Loni. Depois, fizemos uma pausa muito necessária para nos refrescarmos no ar condicionado e trocar de roupa por algo mais adequado a um evento noturno, deixando para trás a aparência meio derretida de calor depois de tantas horas na feira.

Ainda tem mais um dia inteiro de festividade, mas esta noite parece ser o evento principal do Quatro de Julho. Agora só restam algumas poucas crianças pequenas, todas cochilando no colo dos pais enquanto eles terminam de jantar mais tarde do que o normal. O ar cheira à lenha usada nas barracas de comida que ainda estão funcionando, e um leve aroma de cerveja derramada se mistura à doçura constante do bourbon que sempre paira ao nosso redor nesta cidade.

Há luzes penduradas no alto, de um carvalho a outro. Elas cruzam uma pista de dança improvisada em frente ao palco, onde uma variedade de bandas toca repertórios que vão de covers a música country. Ainda está quente, mas, como o sol já se pôs, o clima agora só parece úmido. Todo mundo que passou o dia na feira tem queimaduras de sol para contar a história.

– Por favor, me diz que estas botas de caubói não são exageradas demais – peço.

Hadley olha para as minhas botas pretas novas e sobe os olhos até o vestido floral curto, trapézio, que eu tinha cobiçado na loja de Loni.

– Acho que você está parecendo uma espécie de deusa do Sul. Eu sabia que esse vestido ia cair bem pra caramba. Agora só precisamos encontrar um caubói bonito para ser o seu par.

Não consigo conter a risadinha autodepreciativa que escapa diante da escolha de palavras delas. Perdi o caubói antes mesmo de chegar a tê-lo. E, apesar da enxurrada de emoções que me invade em relação a que diabo Grant está pensando, ainda quero vê-lo. Examino o espaço aberto cheio de grupos de

pessoas aqui e ali, em sua maioria rostos novos e apenas alguns que reconheço – Prue está sentada com Romey e algumas mulheres do clube de leitura, bebendo nas mesas de piquenique ao fundo. Del e Marcus tomam cerveja e observam a pista de dança. Quando nossos olhares se encontram, ambos erguem os copos em cumprimento. Ace está nas mesas altas, junto de alguns colegas da destilaria e de uma mulher que não reconheço. Mas não há sinal de Grant.

– Parece que tem uma nova aquisição no esquema de rodízio dele – bufa Hadley.

– Admite que você gosta dele.

– Não. – Em vez de elaborar ou de me deixar dizer mais alguma coisa, ela bate palmas. – Tô com vontade de dançar até me acabar. Que tal a gente tomar um gole e depois ir para a pista?

Hadley tira um cantil de debaixo da saia.

– Você tinha um cantil aí?

– O que foi? Acho que consigo sustentar a imagem de uma mulher que carrega um cantil preso à coxa.

Solto uma risada.

– Consegue mesmo. Hadley, acho que você consegue ser o tipo de mulher que quiser.

– Você me faz bem – diz ela, com um olhar de canto e um sorriso. – Sabe disso, não sabe?

Dou um gole do cantil, com as iniciais dela gravadas no metal polido.

– É recíproco, gatona.

Olho em volta novamente.

– Aquele é o Griz? – pergunto, vendo o meu amigo abrir e fechar o acordeão enquanto os seus dedos dançam pelas teclas.

A percussão e o dedilhado constante do banjo mantêm o ritmo rápido e leve. A voz grave dele ecoa no microfone, cantando sobre um trem para Memphis.

– É, sim. Espera só – diz ela, com os olhos presos ao palco. – É meio que uma tradição.

Griz encerra aquela música e conduz a banda para algo mais lento.

– Vou precisar de um pouco de ajuda aqui para a próxima.

Ele passa os olhos pelas pessoas ao redor e se detém onde Ace está parado.

– Meu neto, Grant Foxx, senhoras e senhores. Vamos lá, meu rapaz, vamos precisar da gaita para essa. Vem logo pra cá.

Eu não tinha visto Grant ali, mas agora fico olhando enquanto ele assente, meio tímido, abrindo caminho pela plateia que já começou a aplaudir e gritar para que suba ao palco. Grant trocou a roupa que usava mais cedo – a camiseta sem mangas deu lugar a uma daquelas camisetas pretas que parecem envolver os braços dele na medida certa. O tecido enfiado dentro do jeans, a fivela do cinto cintilando e o jeito como chama a atenção têm tudo a ver com a atitude dele. A autoconfiança daquele homem deveria ser engarrafada e vendida. Que bourbon, que nada… Ele faria uma fortuna com aquele ar seguro de não-tô-nem-aí-pra-nada que o acompanha. Tento ignorar como aquela bunda fica bem na calça jeans, e aposto que mais da metade das pessoas num raio de seis metros está olhando.

Eu não deveria estar entrando em combustão interna. Mal dancei. O sol já se pôs, mas, droga, Grant Foxx resolveu se posicionar bem no centro do palco. Tenho a sensação de estar sendo atingida por um trem no instante em que os olhos dele encontram os meus – mesmo em meio àquela aglomeração, ele consegue me achar imediatamente. Só que, desta vez, não desvia o olhar. E eu também não.

A boca e as mãos dele se movem contra a gaita metálica de um jeito que puxa

as notas e conduz o restante da banda. O homem parece feito para estar ali em cima. Griz o observa, e os dois se complementam. Engulo com dificuldade, sentindo a garganta seca, e dou um gole grande na minha cerveja. Porque ficar olhando para Grant ali também reforça, mais uma vez, a constatação de que nunca desejei nada como passei a desejar as coisas nesta cidade.

Quando o ritmo acelera, Hadley puxa a minha mão e nos leva para a pista de dança.

– Vamos dançar. E o que quer que esteja acontecendo ali pode ser resolvido depois que estivermos um pouco mais bêbadas e muito mais suadas.

Algumas mulheres que trabalham como garçonetes no Midnight Proof já estão lá. A maioria está seguindo algum tipo de dança em fila que eu não faço ideia de como funciona, mas Hadley grita acima do som da banda:

– É tipo *electric slide*, mas com uns rebolados e muita atitude. Você logo vai pegar o jeito.

Quando olho ao redor da pista, encontro rostos sorridentes, alguns mais bêbados do que outros, e é impossível não me soltar. Bastam poucos minutos para eu pegar o ritmo dos movimentos. E, de repente, estou suando, rindo, e me distraí totalmente do homem que ainda mantém os olhos fixos em mim.

27

GRANT

Bebo um gole de água gelada, e o prazer do líquido descendo pela minha garganta é comparável ao da sensação provocada pelo vidro gelado nas minhas mãos. Cumprimento Marcus com um aceno de cabeça enquanto desço pela lateral do palco e ele dá uma palmadinha nas minhas costas. Sorrio para algumas pessoas que dizem coisas como: "A apresentação foi maravilhosa" e "Você e o Griz juntos assim no palco me trazem tantas lembranças". Griz sempre foi meio exibido. Ou seja, quando ele me ensinou a tocar gaita – fui o único neto disposto a aprender –, não era difícil imaginar que eu acabaria no palco com ele em qualquer feira que estivesse acontecendo no condado. Como sei que isso o deixa feliz, eu faço. Caso contrário, poderia muito bem passar sem a atenção de praticamente a cidade inteira voltada para mim. A não ser por uma pessoa. Assim que procurei, encontrei os olhos dela fixos nos meus e não consegui desviar. Mais que isso, aqueles olhos me fizeram querer dar o meu melhor na apresentação.

Não consegui encarar Laney mais cedo. Estou tão angustiado por ter esquecido o aniversário de Fiona e pelas promessas que fiz a Del que não sei como ela se encaixa nisso. Venho remoendo há anos a perda de Fiona e toda a culpa que senti por não estar lá quando aconteceu, por não ter pegado eu mesmo quem fez aquilo com ela. Foi mais fácil simplesmente afastar todo mundo. Até Laney aparecer.

Quando ela me chamou de caubói hoje, não consegui encontrar uma forma de dizer que estou tentando entender que diabo eu estou fazendo. Que ainda estou me punindo por algo sobre o qual ela não sabe nada a respeito e que ela está sofrendo, injustamente, as consequências disso. Eu não conheço a história inteira de Laney, mas sei que ela já passou por coisa demais.

Vê-la rindo com Hadley mexe comigo. Cacete, aquela mulher ri com o corpo inteiro. Ela não faz nada pela metade. E aqui estou eu, sem saber como lidar com o fato de que, por mais que eu a queira, não sei como tê-la. Como mantenho uma promessa de honrar a memória de alguém e, ainda assim, sigo em frente com a minha vida? E, lá no fundo, tenho medo de não conseguir manter Laney segura, especialmente porque a morte parece rondar a minha família.

Passo a mão pela nuca, mas é um tapa forte nas costas que me tira dos meus pensamentos.

Lincoln me estende uma cerveja.

– Você está com cara de quem está pensando demais em alguém, irmão.

Dou um sorrisinho de lado, porque ele não está errado. E nem valeria a pena negar. Lincoln pode ser um babaca quando quer, mas ele sabe exatamente para quem estou olhando. Só quer que eu admita.

– Bela apresentação lá em cima com o Griz – diz ele. – Eu não sabia que você ainda tinha disposição pra tocar diante de uma plateia. As meninas vão ficar muito bravas por terem perdido.

Resmungo em resposta enquanto continuo olhando para Laney. Ela está balançando os quadris contra os de Hadley e, não vou mentir, é sexy pra caramba. Nas bordas da pista de dança, entre mesas de piquenique e mesas altas, tem muita gente observando as duas.

Lincoln acompanha a direção do meu olhar, então grita, rindo:

– Isso aí, Hads! Cara, elas são incríveis. – Ele olha ao redor do gramado. – É melhor não ter mais nenhuma criança acordada vendo isso.

Eu me apoio na mesa alta e também dou uma olhada ao redor, nos grupos animados, muitos com rostos conhecidos. A banda muda para um repertório de covers e, com isso, a pista de dança passa dos mais velhos e dos casais para jovens na casa dos 20 e estudantes universitários de férias.

Laney é linda, tem uma beleza natural – eu já a vi de cara limpa pela manhã, só com uma camiseta, e senti essa beleza por todo o meu corpo. E de repente ela potencializa essa beleza quando se arruma de um jeito incrível e inesperado. E fica gostosa pra cacete. Os cílios escuros parecem mais longos, e a maquiagem ao redor dos olhos faz o azul parecer ainda mais intenso. Ela está impecável, quase perfeita. E, por mais que essa versão dela chame a atenção de todo mundo, o meu desejo é pela Laney que conversa comigo sem filtro. A Laney que exagerou no bourbon e ficou encarando a minha boca por tempo demais. A que me ouviu gozar do outro lado da porta de tela e, ainda assim, teve a autoconfiança de brincar com isso depois. Inferno, já estou meio duro só de pensar nela berrando a letra da música a todo volume no meu quintal, completamente nua dentro de um cocho de cavalo, sem se importar com nada, enquanto comia uma quantidade exagerada de balas.

Eu me concentro no jeito como aquele cabelo cor de morango balança em suas costas quando ela gira os quadris. Quero segurar aquele cabelo, enrolar ao redor do meu punho e puxar só o bastante para ver se ela vai abandonar um pouco essa fachada controlada. O jeito como Laney pinta perfeitamente os lábios naquele tom de vermelho me faz querer ver aquele batom borrado até o queixo. Quero bagunçá-la toda e depois lambê-la até limpar.

Deixo os olhos descerem pelas pernas dela. As botas pretas de caubói são um belo toque. Devo ser um completo narcisista ou um pouco mais obcecado do que admito, porque estou torcendo para que ela tenha escolhido aquelas botas especialmente para mim. Afinal, sou o caubói *dela*.

Escuto alguns assovios vindo do outro lado da pista de dança. E o ambiente fica um pouco mais cheio e bem mais animado quando a banda ataca o refrão de "You Shook Me All Night Long", do AC/DC.

– Sabe que eu tinha esquecido que você tocava gaita? – diz Del, chegando ao meu lado.

– Del, como você tá, cara? – pergunta Lincoln, apertando a mão dele.

– Sem reclamações. E como estão as suas meninas?

– Crescendo rápido como erva daninha. O que só reforça o quanto eu tô velho. Mas elas são incríveis. – Meu irmão se anima na hora quando fala de como Lark e Lily dominam o universo dele. – Del, quer que eu pegue um refil da sua bebida?

Ele ergue a mão.

– Eu tô bem.

– Quer outra cerveja que parece mijo ou quer que eu convença o Hugo a dar uma amostra da aguardente de melancia dele? – me pergunta Lincoln, erguendo as sobrancelhas.

– Fico com a cerveja que parece mijo.

– Fraco – diz ele, e segue em direção à barraca de Hugo.

Alguns segundos se passam antes de Del dizer:

– Você estava certo.

– Sobre o quê?

– A sua garota é uma ninguém. – Eu me encolho por dentro com o jeito como ele diz "a sua garota". Faz com que eu me sinta desleal de alguma maneira, como se eu já devesse ter contado a ele o que está acontecendo. Estou pisando na bola a torto e a direito. – Não é que ela tenha vivido uma vida discreta em algum lugar. Estou querendo dizer que ela não tem pegada digital. Não existe nenhuma Laney, Elaine ou Eleanor Young nascida no Colorado nos últimos cinquenta anos. A sua garota ali – ele indica com a cabeça a massa de corpos se movendo com o baixo e a bateria – está mentindo sobre quem ela é ou de onde ela vem.

Não foi difícil juntar essas peças. O que me deixa preocupado é o que ainda está no encalço dela.

– Tirando aquele jogo de pôquer, ela não parece ser uma grande mentirosa – comento.

Ele solta uma risada.

– Proteção a testemunhas? – pergunta.

Eu não mencionei a agente federal para ele, mas Del foi policial por tempo suficiente. Ele sabia que não encontrar informação também podia significar alguma coisa.

– Se for esse o caso – continua ele –, você não vai conseguir respostas fuçando por aí, a menos que consiga diretamente com ela.

Eu já sabia disso.

– E quanto a alguma ligação com Nova York?

– Não sei, Grant. Tem alguma coisa acontecendo com os meus contatos lá. Está todo mundo em polvorosa por causa de alguma merda importante. Ninguém quis falar muito. Não havia nada sendo comentado sobre qualquer pessoa desaparecida ou suspeita, nem sobre algum ativo que bata com a descrição de Laney.

Essa conta não fecha. Se ela estivesse no sistema e ligada a Bea, Del teria encontrado. Fiasco é para turistas e moradores, mas ela não era nem uma coisa nem outra. Então, por que aqui? Havia milhares de outros lugares onde Laney poderia ter sido colocada.

Dou um tapinha nas costas de Del.

– Agradeço por ter procurado pra mim.

– Sempre às ordens. Você sabe disso. – Ele pigarreia. – Você está atrás de informações por ela estar próxima da sua família ou tem outro motivo?

– Posso ser sincero e dizer que não sei como quero responder a isso agora?

Não estou pronto pra ter essa conversa. Droga, primeiro preciso falar com

Laney antes de compartilhar qualquer coisa a mais com Del.

Ele tamborila os nós dos dedos na mesa.

– Tudo bem. Vou estar aqui quando você estiver pronto, então. Te vejo na quinta?

Assinto.

– Combinado, Del.

Eu estava torcendo para que fosse assim. Para que o meu amigo não acabasse ressentido comigo por eu estar me interessando por outra pessoa. De repente, sinto que consigo respirar com mais facilidade.

Eu me viro enquanto Del se afasta e vejo Hadley se aproximando de dois caras que estão perguntando alguma coisa a ela no meio da pista de dança. E, assim que eles começam a se esfregar uns nos outros, Laney fica se balançando sozinha justamente quando a música muda para algo mais lento. Uma batida mais profunda de bateria e uma melodia errante de piano fazem com que ela sorria, parecendo desconfortável, enquanto olha ao redor.

Eu me apoio na mesa e dou um gole na minha cerveja morna. Lincoln volta para o meu lado e imita o meu gesto. Nós dois ficamos observando Laney se balançar sozinha, enquanto casais se formam ao seu redor.

– Estou prestes a ir até lá e dançar com aquela mulher linda…

Só se for por cima do meu cadáver. Lanço um olhar fulminante para o meu irmão antes de voltar a encarar a pista de dança. Estou em guerra comigo mesmo entre o que eu quero e a sensação de que não tenho o direito de querer.

– Depois que eu acertei o Waz outro dia, acabei entrando no Hooch's – digo para ele. – Esqueci que era o aniversário da Fi. – Respiro fundo e estalo os nós dos dedos. – Eu me senti um merda por não ter lembrado.

– Cacete, Grant. – Ele passa a mão pelo cabelo. – Na sua cabeça, se lembrar

de alguém significa ter que parar de viver. Não sei quando você instituiu essa regra. Vou te dizer uma coisa: se a Fiona ou a Olivia estivessem aqui e ouvissem que você pausou a sua vida depois que elas perderam a delas, iam te dar um tapa.

Ele tem razão. Elas fariam isso.

– Não precisa escolher. Você amou alguém. Mas você ainda está aqui. E pode fazer o que quiser… já está bem crescidinho agora.

Ele me dá uma olhada da cabeça aos pés.

– E ganhou alguns músculos, isso é fato.

– Vai se foder – digo, rindo.

– Eu sou todo fodido das ideias também, mas a Laney mexeu com você. Você está diferente desde que ela chegou. E não de um jeito ruim. De um jeito que me faz começar a lembrar por que eu gosto do meu irmãozinho.

Dou um gole na cerveja e balanço a cabeça.

– Seja lá o que ela esteja escondendo, que mentiras está contando, Linc, isso vai dar confusão. Eu consigo sentir.

Ele solta o ar e me encara.

– Todos mentimos sobre alguma coisa, Grant. A gente faz isso pra conseguir jogar a mão de cartas que recebe da vida. E você vem lidando com as minhas confusões e as do Ace há anos. Desde quando tem medo de uma confusão?

– Acho que vocês é que vêm cuidando de mim, não o contrário.

Ele dá um gole no copinho de líquido transparente que imagino ser aguardente.

– Esse não é o Grant que eu conheço. O irmão que eu conheço escuta e nos deixa bem na fita. É o cara que entendeu quando a gente precisou que ele voltasse para casa. – Lincoln pigarreia. – Que era o que eu precisava para erguer a cabeça e começar a me curar. Você sempre foi o melhor de nós, Grant. E o

melhor de nós iria atrás do que quer. – Ele levanta os olhos na direção do rio e solta um suspiro pesado. – A vida é imprevisível demais para a gente querer que ela seja *arrumadinha*. – Ele cutuca meu braço com o cotovelo. – Aceita a bagunça, a confusão.

Parece simples. Vá em frente. Viva e aproveite. Junte os pedaços se eles caírem. Mas já estou com um medo do cacete diante da mera ideia de perder Laney.

Ele vira o que resta da bebida e bate palmas.

– E a vida é curta demais pra ficar só olhando.

Eu sei o que ele vai dizer. Do mesmo jeito que sei que está prestes a dar em cima de uma mulher que tomou completamente os meus pensamentos, e não posso deixar isso acontecer. Esvazio o resto da minha cerveja.

– Portanto, vou tentar a sorte…

– Nem pensar – interrompo e saio andando sem olhar para trás.

Lincoln sabia que esse era o empurrão de que eu precisava. Que não havia a menor chance de eu ficar assistindo enquanto ele dançava com ela.

Já tomei a minha decisão. Eu escolho a confusão, a bagunça.

Quando chego a alguns metros da pista de dança, encontro Laney. Ela está de cabeça baixa, quase chegando perto de onde a madeira do piso encontra a grama. Mas não consegue avançar, porque pego a sua mão e seguro firme enquanto continuo andando. O impulso a faz se virar para me acompanhar de volta até o meio da pista. Paro em um pequeno espaço entre os casais ali, fico de frente para ela e a puxo mais para perto, guiando o seu corpo para os meus braços. *Onde é o seu lugar, docinho*.

Os olhos de Laney buscam os meus, em uma pergunta silenciosa do que estou fazendo ou como apareci ali. Aperto a mão dela com mais força e elimino qualquer espaço que ainda exista entre nós. Laney inclina a cabeça para trás e fica

na ponta dos pés enquanto balançamos o corpo no ritmo da música.

– Você sumiu – diz ela, me chamando à responsabilidade, exatamente como deveria.

– Eu sei.

– Por quê?

Ela me encara com o cenho franzido.

– Você me assusta, mulher.

Laney solta um arquejo discreto, e aproximo o rosto do dela, ficando a apenas alguns centímetros de distância.

– Desde o momento em que você apareceu, tenho a sensação de que não consigo respirar direito. Esqueci as promessas que fiz. Para mim mesmo. Para outras pessoas. O que eu tô sentindo bagunçou tudo que eu tentei manter em ordem. – Meus lábios pairam perto da orelha dela. Não quero que mais ninguém ouça isto. – Eu sei que você está mentindo sobre quem você é.

Ela tenta se afastar, e eu a seguro com mais força. Contraio o braço que envolve as costas dela enquanto tento manter a frente do seu corpo moldada ao meu. Mal consigo ouvir a música agora ou ver os casais ao nosso redor se movendo no próprio ritmo. Só vejo ela. Só sinto ela.

– Se você acha que eu te devo alguma coisa, está enganado. Não estou nem um pouco disposta a dever nada a um homem que não tenha conquistado esse direito. Não mais – diz ela, com os dentes cerrados. – Me solta.

Eu a puxo de volta para mim em um tranco. Mas Laney não se deixa seduzir pelo gesto. Ela tenta se afastar até eu inclinar a cabeça mais para perto, para que consiga ouvir o que vou dizer.

– Fica quieta e me deixa terminar. – E, por mais que tenham saído mais ásperas do que eu pretendia, as palavras a detêm, e aqueles olhos azuis se erguem

de repente para encontrar os meus. – Eu não me importo. Pode mentir, se precisar. Se for necessário para que você continue em segurança, então minta pra todo mundo. Mas não pra mim, docinho.

É tão bom estar assim, tão perto de Laney que os meus lábios roçam a lateral da cabeça dela enquanto inspiro fundo o seu perfume.

– Não me chama de docinho – diz ela.

O tom de durona perde a força diante da expressão mais suave em seu rosto.

– Por quê, minha mentirosinha? Isso faz a sua bocetinha latejar?

A minha voz sai baixa e rouca no ouvido dela.

Com uma expiração trêmula contra mim, o corpo dela fica menos tenso.

– Meu Deus, você tá me confundindo, caubói.

Ela está encarando fixamente os meus lábios e, no instante em que seus olhos voltarem a encontrar os meus, não vou conseguir me conter. Vou beijar essa mulher na frente da porra desta cidade toda. Muitos olhos já estão em nós, pessoas que eu preferiria que não testemunhassem quanto eu a desejo.

– Tem coisas que eu te contei que ninguém mais sabe. Você talvez não saiba tudo, mas…

Ela interrompe as próprias palavras quando eu a abraço com mais força.

– Sei que o seu nome verdadeiro não é Laney Young. Sei que você não é do Colorado e que está escondendo alguma coisa. Assim como sei que só penso em você – digo, enquanto me inclino e roço os lábios em seu ombro nu. Ergo a cabeça e olho ao redor da pista de dança antes de voltar a me concentrar nela. No ritmo da música, levanto seu braço e a faço girar. – Todo mundo consegue ver isso – falo, quando ela volta para os meus braços e apoio os lábios em sua testa. – Essa atração que eu sinto quando você está perto de mim… Não dou a mínima pra quem você foi, Laney. A única coisa que importa é a mulher que tá dançando

comigo agora.

Em vez de resistir a qualquer parte do meu abraço, Laney se inclina mais para perto e finalmente se deixa moldar totalmente ao meu corpo. Os dedos dela deslizam pela minha nuca. Até esse toque mínimo me faz me sentir seguro. Ouvido. Visto…

Os sons ao nosso redor voltam a entrar em foco quando Laney se afasta um pouco para me olhar. Encontro o azul e os pontinhos castanhos dos seus olhos refletindo as lâmpadas amarelas que pendem acima de nós. Esse momento com ela me acerta em cheio no peito, e uma sensação quente e agradável se espalha pelo meu corpo até a ponta dos meus dedos.

– E o que você quer da mulher que está dançando com você? – pergunta Laney.

Aí está aquele fogo. Deslizo as mãos pelos braços dela, sentindo um nervosismo com o qual eu não contava pulsando nas minhas veias.

– Você não é o que eu pensei. Nem de longe – digo, balançando a cabeça, tentando colocar isso para fora. – Além disso…

Eu me interrompo. Não estava planejando ser tão sincero assim.

– O quê? – pergunta ela.

Que se dane.

– Eu te quero pra cacete, a ponto de não conseguir pensar em mais nada. – A minha mão percorre o quadril dela em direção à cintura, com um aperto leve. – Só penso em você. Nas coisas que você diz, no jeito como me olha. Nessa boca. Nesses lábios. Tem ideia de quantas vezes já imaginei esses lábios em volta do meu pau? De como eu preciso saber se escolhi o apelido certo para você?

Ela solta um murmúrio e inclina a cabeça mais para perto da minha boca.

Não consigo conter um sorrisinho presunçoso ao ver que ela quer ouvir mais.

Roço os lábios em seu rosto.

– Me diz, Laney, você tem gosto de mel ou é ainda mais doce? Seja como for, eu vou saborear cada gota do prazer que escorrer de você.

Sinto o corpo dela estremecer enquanto um arquejo audível escapa de sua boca.

– *Grant*…

Quando ela diz o meu nome nesse tom ofegante e suplicante, não consigo mais esperar. Pego a mão dela e, sem fazer mais nenhuma cena além da que já fiz dançando com a garota nova da cidade, saio com ela da pista de dança. O ex-policial que se aposentou tão cedo, meio recluso. O irmão Foxx menos propenso a demonstrar qualquer tipo de interesse por qualquer coisa, muito menos por alguém. Não vou fingir que não estou levando Laney para algum lugar longe de olhos curiosos para poder beijá-la exatamente do jeito que eu quero.

Seguro a mão dela, puxando-a atrás de mim enquanto caminhamos pela trilha principal do gramado. Passamos entre mesas de piquenique e apressamos o passo em direção às barracas de artesanato que já estão fechadas.

– Precisa de outra carona nas costas? – pergunto.

Ela solta uma risada.

– Meus pés estão me matando nestas botas.

Paro de repente, o que faz com que Laney me dê um encontrão. Quando me viro, ela vem parar praticamente nos meus braços. Olho para trás, para o lugar de onde acabamos de sair, e decido que já estamos longe o bastante. Não vejo ninguém olhando na nossa direção, então envolvo a cintura dela com o braço e levanto o seu corpo só o bastante para que os pés dela fiquem suspensos acima da grama. Laney solta um gritinho e, com cerca de cinco passos, já estamos escondidos na penumbra entre duas barracas de artesanato.

Eu a abaixo alguns centímetros, de modo que as suas botas toquem a terra, e

busco os seus olhos, antes de dizer:

– Sem mentiras, minha linda.

O peito dela sobe e desce contra o meu enquanto ela responde, ofegante:

– Começando agora.

Então eu mostro a ela a minha verdade, a única em que eu quero pensar enquanto a tenho nos braços, e ela me olha como se eu fosse alguma coisa muito especial. Eu me aproximo mais e roço o nariz no dela, antes de mergulhar naqueles lábios volumosos. O ar escapa dos meus pulmões em um suspiro de alívio que ela acompanha. Laney desliza a boca pelo meu lábio superior, e não consigo evitar arrastar os dentes pelo lábio inferior dela. O jeito como ela enterra os dedos no meu cabelo devagar e geme baixinho é sexy pra cacete. Como se a gente já soubesse o que o outro quer, nossas línguas se encontram, se exploram e se provocam. É o tipo de beijo que não se esquece.

Mas o estouro dos fogos de artifício à distância rompe o nosso transe. *Merda*. É no condado vizinho, mas isso significa que, em breve, eles vão começar aqui também. Eu me afasto do beijo, odiando cada centímetro de espaço que crio.

– Os fogos vão começar em cerca de vinte minutos, e a Julep vai surtar se eu não prepará-la para o barulho.

– Vou com você – diz Laney.

Então, se inclina e me beija mais uma vez, antes de abrir um sorriso. É quase impossível não sorrir também diante disso, desse momento roubado com ela.

Volto de mãos dadas com ela para onde viemos, saindo da escuridão e entrando outra vez no meio da aglomeração. Seguimos em direção às últimas fileiras de mesas de piquenique, onde Hadley e Ace estão mergulhados até os cotovelos em algum tipo de duelo de olhares. Eu me inclino mais perto de Laney.

– Acha que consegue convencer a Hadley a te levar para casa? Se você vier comigo agora, só vão falar disso durante todo o verão.

Laney olha ao redor, sorrindo. Tenho que dar o braço a torcer para a maioria dos fofoqueiros de Fiasco: eles são discretos, mesmo que, com certeza, estejam nos observando ou escutando escondidos. E é exatamente o fato de que ninguém está olhando para cá que me deixa certo de que estão todos prontos para começar a falar assim que a gente der as costas. E, embora eu realmente não esteja nem aí, não acho que Laney queira esse tipo de atenção.

– Você quer me ver em casa ou…?

Fácil demais. Abro um sorrisinho e não deixo que ela termine.

– Quando chegar a hora, vou querer ver você gozando pelo menos uma vez na minha língua. E duas no meu pau, se eu tiver sorte.

Laney morde o lábio inferior para impedir que o sorriso tome conta de seu rosto.

Deslizo a mão pelo quadril dela e aperto uma vez antes de me aproximar um pouco mais de Ace.

– Ei, cara, eu preciso ir antes de os fogos começarem.

Os olhos dele encontram os meus.

– Tá certo, beleza.

Não estranho o tom seco, mas Ace parece mais irritado do que o normal. Hadley sorri para mim e finalmente desvia os olhos do meu irmão.

– Laney, será que a gente pode, por favorzinho, ir caçar um bolinho de chuva?

Eu me viro na direção de onde estacionei, ao lado do parque de Fiasco, me esforçando ao máximo para não sorrir como uma criança ansiosa quando escuto Laney pedir uma carona à amiga.

28

LANEY

– Você finalmente está se tocando.

Enfio um pedaço de bolinho açucarado na boca. Tenho a sensação de que sei o que ela vai dizer. O jeito como eu me derreti junto ao corpo de Grant naquela pista de dança não passou despercebido.

– De quê?

Ela guia o volante com o joelho enquanto morde outro pedaço do bolinho. Depois de mastigar um pouco, abaixa o volume da música enquanto seguimos pela estrada em direção à destilaria.

– De que aquele homem está te *cortejando* desde que você chegou. Seja lá o que ele esteja tentando arrancar de você… – ela olha para mim de relance e abre um sorriso – está conseguindo.

Meu celular vibra no bolso.

BEA

Só checando.

É um balde de água fria. Um lembrete de que não estou aqui só para começar do zero, e sim me escondendo de outra vida. Tentando recomeçar com o receio de que alguma coisa… ou alguém… me alcance.

LANEY

Oi! Por aqui tudo ótimo.

Mais do que ótimo, Bea. Para de ser empata-foda.

Abaixo o vidro para deixar entrar um pouco de ar fresco. Não vou pensar demais no fato de essa já ser a segunda checagem dela esta semana. Em vez disso, movimento os dedos pelo ar que corre do lado de fora e sinto a umidade se

acumular nas pontas.

– O que isso quer dizer, afinal? *Cortejar*?

– Ele é um Foxx, então não dá pra saber se o plano dele é só te levar pra cama ou fazer você se apaixonar por ele. De um jeito ou de outro, a intenção é conseguir o que ele quer. – Ela diminui a velocidade conforme nos aproximamos das nossas casas. – O Grant é o irmão calado. Ou pelo menos vinha sendo. As pessoas esquecem, mas eu lembro como ele era antes. E o homem é persistente quando mira em alguma coisa.

– E essa alguma coisa sou eu.

Ela ri.

– Mas acho que aquele idiota já até esqueceu qual era o plano original e acabou se apaixonando por você.

Abaixo o para-sol e limpo um pouco do delineador preto borrado abaixo da linha dos cílios, então pego o batom vermelho na minha nécessaire.

É isso que está acontecendo, não é? Estamos nos apaixonando.

Dou leves batidinhas com o batom para dar cor às bochechas e espalho o mínimo possível no lábio inferior, só para dar uma renovada.

– Você está ótima, por sinal.

O carro para, e abro a porta.

– Essa é a entrada da casa do Grant.

Ela me olha com um sorrisinho presunçoso.

– Tô te poupando alguns passos.

Não consigo conter o sorriso. Assim como não consigo me lembrar de já ter tido uma amiga como Hadley. Alguém muito perspicaz, mas que, ao mesmo tempo, não julga. É revigorante aproveitar o tempo com uma pessoa sem segundas intenções nem dissimulações. Fecho a porta do carro e me apoio na

janela aberta.

– Isso é uma má ideia?

– Acho que é justamente esse tipo de má ideia que a gente mais acaba lembrando. – Hadley solta um suspiro exagerado e apoia a cabeça no encosto. – Ele é um bom homem, Laney. E, entre tanta gente que eu conheço, é um dos que mais precisam de um pouco de diversão, mesmo que seja uma má ideia.

– Valeu, Hadley.

– Me agradeça amanhã quando me contar quantas vezes ele te fez… – Ela buzina e acelera pela estrada.

Ainda estou rindo quando subo os degraus da varanda e bato à porta. Passo as mãos pela frente do vestido e, de repente, fico muito consciente de que a lingerie por baixo é bonita, só que está bem suada por causa do dia e da dança.

No entanto, esses pensamentos desaparecem da minha mente quando Grant abre a porta com aquele sorriso característico e vestindo a mesma camiseta e a mesma calça jeans de apenas meia hora atrás. Por que ele parece ainda mais sexy? Talvez seja a expectativa de arrancar cada peça de roupa que ele está usando.

Grant não diz nem uma palavra, fica só me observando praticamente despi-lo com os olhos. Mas, assim que estou prestes a quebrar o silêncio, ele envolve a minha cintura com o braço e me puxa junto ao corpo.

Então, atravessamos abraçados o batente e entramos na casa.

– Hadley te deixou bem aqui na frente, não foi?

– Ela é bem intuitiva. Disse que estava me poupando alguns passos.

Ele afasta o meu cabelo do ombro.

– Hadley não é a maior fofoqueira do grupo. Quem me preocupava era o Griz e todas as garotas dele.

Julep late do sofá da sala, e não consigo conter uma risada quando olho para

ela.

– Ela está usando abafadores de ouvido?

Vou até ela e faço um longo carinho na barriguinha branca, virada para cima. Sua pelagem é tão caótica e bonita quanto a personalidade dela.

– Ela foi a melhor cadela policial do condado. – Grant inclina a cabeça, olhando para nós. – Eu poderia até apostar que a melhor do país, mas, no instante em que ouve fogos de artifício, tudo vai por água abaixo. A pobrezinha encontra um canto e fica encolhida, tremendo até o barulho acabar. Os abafadores e a caverninha dela costumam resolver.

– Ainda bem que você chegou em casa a tempo, então.

Sorrio, mas lembro o que ele disse antes de eu me distrair com Julep.

– O que você quis dizer com "todas as garotas do Griz"?

Grant pega em um dos armários da cozinha dois copos de degustação de uísque Glencairn e uma garrafa.

– As garotas do clube de leitura. Ele já dormiu com metade delas, sabia?

Eu me viro para Grant, boquiaberta.

– Não é possível. Meu Deus. – Cubro a boca e dou uma risada. – Isso é verdade?

– É aquele tipo de coisa que todo mundo sabe, mas ninguém comenta. Provavelmente porque são elas que controlam todos os boatos da cidade.

– Para com isso!

O pior é que consigo visualizar perfeitamente Griz fazendo isso.

– O Griz gosta de usar a maldição dos Foxx a favor dele. De vez em quando, a gente só precisa de um pouco de diversão, nada além. A maioria delas é viúva. Acho que a Prue nunca se casou. Mas, sim, o Griz e as garotas dele são quem começam e terminam as fofocas por aqui.

– E seria ruim se elas soubessem que eu fui embora com você?

Isso faz Grant sorrir.

– Eu não disse que seria ruim. – Ele se aproxima, a pele roçando na minha, e enlaça o dedo mindinho no meu. – Só que a gente ia acabar virando o único assunto da cidade. E eu não tenho a mínima vontade de… ser o assunto das conversas de todo mundo.

Ele pega a minha mão, me leva em direção ao lado mais afastado do espaço integrado e através de uma porta que eu achei que levaria à garagem. Mas, quando Grant acende as luzes depois de atravessarmos o batente, fica bem claro que aquilo é muito mais do que um espaço para guardar carros e equipamentos esportivos. O cheiro doce e ácido me atinge primeiro.

– Isto aqui engana bem.

O cômodo tem o dobro do tamanho da sala, mas, em vez de sofás confortáveis e uma lareira aconchegante, há um saco de pancadas pendurado nas vigas e uma grande tina de metal. É bem menor do que as da destilaria, mas contém o mesmo mosto amarelo espesso. A parede à minha direita é dominada por uma bancada com várias coisas que não reconheço, mas os barris e o alambique de cobre entregam qual é a função do espaço.

– Tem um bom lugar para ver os fogos lá atrás.

– É uma baita estrutura para um mero hobby.

Eu rio ao ver a naturalidade dele quanto ao que tem ali.

Paramos diante de alguns barris de bourbon, e ele coloca os copos em cima.

– Antes era só uma garagem, mas, quando reformei, quis ter mais espaço. Na época, não sabia exatamente para quê, mas, quando vi, já tinha um monte de equipamentos. Talvez uma parte de mim sempre soube que eu acabaria encontrando o caminho de volta para o bourbon. Então, transformei isso… – ele olha ao redor e solta o ar – na minha fuga.

Passo os dedos pela madeira de carvalho do barril.

– De quê?

Quando os olhos cor de avelã de Grant encontram os meus, não consigo evitar passar a língua pelos lábios na expectativa de tocar os dele. O jeito como me sinto quando esse homem olha para mim é transformador. Mudou tudo que eu imaginei, porque essa energia entre nós, essa química inegável que ganha vida em cada centímetro do meu corpo quando estou perto dele, me tirou completamente do eixo.

– Os boatos ainda não chegaram até você, então?

– Alguns, sim.

Inclino a cabeça para o lado, pensando em como posso abordar cuidadosamente um assunto que não sei se ele quer discutir.

Grant solta a minha mão e vai até a bancada. Na prateleira acima, pega uma garrafa de bourbon sem rótulo.

– É uma fuga de tudo. Da vida que eu escolhi. Da que não consegui sustentar. Da pessoa que eu já não reconhecia mais. E das pessoas me olhando como se…

Ele balança a cabeça. Então dá um passo na minha direção, reduzindo o espaço entre nós, e serve um pouco do líquido em um dos copos.

Fico em silêncio, só olhando para ele e esperando que continue. Mas, em vez de concluir o pensamento, Grant ergue o copo, aproxima o nariz para sentir os aromas e então leva-o até os meus lábios.

– Esse é meu. – Mantenho os olhos fixos nos dele enquanto ele leva o copo até meus lábios. – O meu ano.

Inclino a cabeça para trás para deixar a língua sorver o primeiro gole e abro os lábios para deixar entrar mais. A baunilha quente e o carvalho defumado atingem o meu paladar primeiro, depois um caramelo queimado assume o

protagonismo conforme envolve a língua e a garganta.

Algumas gotas escapam dos meus lábios, mas, quando vou limpar, ele segura a minha mão e a afasta. Busco os seus olhos por um instante, antes que ele se incline para lamber o líquido que escorreu pelo meu queixo, deixando a língua subir até o canto da minha boca, fazendo o meu ventre se contrair.

– Fica ainda mais gostoso em você…

A voz dele sai rouca.

– Mais? – pergunto, e passo a língua pelo lábio inferior.

Então, mergulho o dedo no que restou no copo.

Ele fica olhando atentamente enquanto levo o indicador até a sua boca e deixo meus dedos correrem pelos lábios, umedecendo-os com o bourbon. Então me inclino e beijo o rastro que deixei. As nossas línguas se movem lentamente, um vaivém sensual em um ritmo delicioso.

O som grave que sai da garganta dele vibra nos seus lábios, atravessa o meu corpo, desce até o peito, mergulha no ventre e incendeia tudo mais abaixo. Quando me afasto, Grant enfia o dedo na alça fina do meu vestido, puxa para baixo do ombro e beija a extensão do meu maxilar.

– Ainda tô com sede, docinho.

– Não para – sussurro.

É só o que ele precisa ouvir para soltar as rédeas do que vinha contendo.

Grant acaba de puxar a alça para baixo, revelando o sutiã de renda rosa que combina com a calcinha provocante sob o vestido. Agradeço ao calor que me obrigou a escolher algo leve em vez do efeito modelador que uma calcinha maior teria oferecido.

– Cacete, olha pra você – diz ele, enquanto roça os dedos calejados pelo alto dos meus seios, deixando que mergulhem um pouco dentro do sutiã. – Linda

demais…

O toque áspero nos meus mamilos me provoca um arrepio, e praticamente arquejo pedindo mais, ávida pelo elogio e faminta pelo toque dele.

Grant leva a mão à nuca e despe a camiseta em um único movimento rápido. Já o vi sem camisa antes, mas nunca com a garantia implícita de que era permitido tocá-lo. De que ele é meu, mesmo que só por esta noite. Nem percebo que comecei a deslizar os dedos pelo peito de Grant, pelas tatuagens que começam nos ombros e se encontram no meio. Quando ele deixa escapar mais um gemido rouco, não consigo conter o sorriso, porque sei que estou provocando o mesmo efeito nele.

– Sua vez agora. – Ele pega a garrafa de bourbon e dá um gole. – Deixa eu ver o que venho sonhando em chupar, Laney.

As palavras não são doces nem românticas, mas me deixam mais do que pronta para fazer exatamente o que ele diz. Deslizo o resto do vestido pelo abdômen e pelas coxas até deixar cair no piso de madeira, e vejo os olhos de Grant acompanharem o movimento. Eles percorrem o meu corpo inteiro, sem parar, até voltarem aos meus olhos. Quando solto o fecho do sutiã e o deixo cair, ele passa a língua pelos lábios.

– O tanto que eu pensei em você assim. Se oferecendo pra mim.

Ele passa a mão pela boca, e o tesão em seu rosto já basta para me causar arrepios pelo corpo todo.

Estendo a mão e olho para o bourbon que Grant segura entre dois dedos. Ele se aproxima e me entrega a garrafa pesada, quase cheia, a não ser pela dose que serviu quando abriu. Levo aos lábios e dou o menor gole possível. Deixo um pouco escorrer da boca, então afasto a garrafa, inclinando-a só o necessário para que um fio de bourbon trace um caminho do alto do meu peito, passando pela curva do seio até a ponta do mamilo.

O sorriso de satisfação que dança nos lábios de Grant é tudo de que preciso para me encorajar a dizer:

– Bebe tudo, caubói.

Grant solta um grunhido baixo antes de responder:

– Sim, senhora.

Ele se inclina e deixa a língua deslizar pelo alto do meu seio, lambendo o rastro de bourbon, mas não se detém ali. Seus lábios voltam a encontrar os meus em um beijo voraz. Então Grant enfia as mãos no meu cabelo e me inclina exatamente como ele quer. À medida que sua boca desce pelo meu pescoço, seus quadris pressionam os meus até me encostarem na parede. Na sequência, Grant abaixa a cabeça e deixa um rastro de beijos, partindo do ponto logo abaixo da minha orelha, descendo pelo pescoço até a clavícula, o que me faz gemer baixinho. Com uma das mãos ainda firme no meu pescoço, Grant envolve o meu maxilar e deixa o polegar contornar a minha boca. O dedo pressiona os meus lábios até que eu os entreabra, passa pelos dentes até chegar à minha língua, já à espera, sugerindo sem palavras que eu o chupe.

– As coisas que eu imaginei fazer com essa boca bonita… – fala Grant. Ele fica de joelhos e envolve um dos meus seios com a mão. Então passa a língua pelo outro, fazendo enrijecer o mamilo onde uma gota de bourbon o aguardava pacientemente. – Esse corpo.

Mas aquilo não basta, eu quero mais. Projeto o peito e praticamente empurro os quadris na direção dele em busca de algum atrito. Enfio a mão livre no cabelo de Grant e deixo as unhas arranharem o couro cabeludo.

– Não me tortura.

– Você quer mais? Então continua derramando, meu bem.

– Vou desperdiçar demais.

Solto uma risada.

– Essa é a melhor edição que eu já bebi. E não tem nada a ver com as notas ou com o ano, e sim com a forma como eu tô saboreando. – Ele se inclina e lambe o vale entre os dois seios, então ergue os olhos para mim e sorri. – Agora derrama.

E eu faço exatamente o que ele manda, porque, se acabei de perceber alguma coisa, é que gosto quando Grant Foxx me diz o que fazer. Mais do que gosto. Eu praticamente gozo só com as palavras dele.

Pequenos filetes de bourbon escorrem pelos picos e pelo vale do meu peito em direção aos lábios dele, que aguardam. Grant provoca cada seio com a língua e traça um caminho pelo meu abdômen. Quando chega perto da calcinha, ele espalha beijos com a boca aberta abaixo do meu umbigo. Grant levanta os olhos pedindo permissão enquanto passa os dedos por baixo do elástico da renda rosa.

Mordo o lábio e assinto com um sorriso. Mexo os quadris enquanto ele desliza a calcinha em uma lentidão torturante pelas minhas coxas até chegar às botas de caubói. Depois de despi-la, ele joga o pedaço de renda em algum lugar.

– As botas ficam.

Solto um gemido baixo enquanto ele refaz o caminho de volta.

– Quando a minha língua lamber essa sua boceta sexy, ela vai estar bem molhadinha para mim?

Não consigo conter uma risadinha nervosa. Nunca ninguém falou comigo desse jeito. As palavras de Grant despertaram um nível totalmente novo de confiança sexual em mim, e pretendo estimular isso.

Ele afasta as minhas pernas enquanto beija e mordisca a pele que suas mãos acariciam. Quando chega à parte interna da minha coxa direita, Grant para muito perto de onde eu quero que chegue e passa para o outro lado. Ele pega a garrafa que eu já mal consigo segurar, dá mais um gole e a pousa no chão. Se aquela boca chegasse só um pouquinho mais perto, eu com certeza teria deixado a garrafa cair.

Quando ele se inclina na minha direção, seu nariz roça a fenda da minha boceta, me arrancando um arquejo. É um gesto indecente de tão provocante, mas nem se compara ao que vem a seguir. Grant solta um gemido quando se afasta.

– Você tá quietinha demais, docinho.

Ele não me deixa responder, porque logo desliza a língua, lenta e firme, da entrada da minha boceta até o clitóris.

Perco o ar na mesma hora. É como se eu não estivesse esperando por isso, mesmo sabendo que estava por vir. Grant faz o mesmo movimento, ainda mais devagar, saboreando com gosto a minha carne, a julgar pelo gemido profundo que deixa escapar.

– Então me faz gritar, Grant.

Ele abre ainda mais as minhas pernas para que os ombros largos se encaixem ali, então passa os braços por baixo das minhas coxas, segurando-as com firmeza. O movimento ergue o meu corpo o bastante contra a parede para que os meus pés mal toquem o chão. Nem me preocupo, sei que ele vai me manter firme. Eu me agarro àquele cabelo escuro e cheio, enquanto o meu caubói desliza a língua sem piedade sobre o meu clitóris até que esteja tão úmido e inchado que já não é mais possível ficar em silêncio, e os gemidos escapam dos meus lábios.

Os estrondos dos fogos de artifício irrompem ao fundo, mas mal consigo registrar aquilo acima dos sons que ele produz enquanto me devora totalmente. Grant suga o meu clitóris para dentro da boca, e a aspereza da barba me arranha, amortecendo a pele o bastante para que eu só consiga sentir o calor do hálito dele, a umidade da língua e a minha excitação. Quando as mãos dele apertam as minhas coxas, sei que ele não vai pegar leve comigo. Esqueço todos os detalhes que me mantinham ancorada ao momento: o cômodo em que estamos e a luz baixa, a suavidade da parede contra as minhas costas, o jeito como estou aberta e totalmente à mercê dele. Tudo isso desaparece. Só penso na minha pulsação

disparada e no esforço que preciso fazer para respirar. Meus ouvidos parecem cada vez mais abafados conforme o orgasmo se aproxima em um crescendo, me levando a um limite do qual nunca estive tão perto.

Grant se afasta e sopra com o hálito quente exatamente onde a sua boca estava até então. A mudança de pressão me deixa agoniada.

– Quero ver você perdendo totalmente o controle pra mim – exige.

Então seus lábios encontram mais uma vez o meu clitóris, sugando, e ele corre os dentes por cada ponto sensível que acabou de provocar.

Estou com a boca aberta e a cabeça inclinada apenas até onde a parede permite, e me sinto consumida pela pressão e pelas sensações. Meu coração está disparado, e meu corpo, tenso, a respiração presa no peito. Então Grant diz aquelas duas palavras que ouvi na varanda dele, atrás da porta de tela, em uma noite não tão distante:

– Isso, docinho. – Ele desliza dois dedos para dentro de mim. – Olha pra mim.

Abro os olhos, encontro os dele e grito de prazer. Meu corpo se projeta para a frente quando o orgasmo me atravessa como um trem desgovernado, deixando minha boceta pulsando. É tão intenso que não permite que qualquer pensamento ou palavra penetre o meu cérebro; estou dominada por uma completa e absoluta intoxicação sexual. O orgasmo se espalha do centro do meu corpo até a ponta dos dedos dos pés, me deixando ofegante, zonza e totalmente entregue àquelas sensações, enquanto Grant arranca de mim os últimos espasmos de prazer. O som dos dedos dele me penetrando e dos nossos gemidos misturados é deliciosamente indecente. As minhas coxas tremem em resposta, completamente rendidas ao prazer.

– Isso foi… – Solto uma risadinha, porque palavras não são o meu forte neste momento.

– Delicioso – diz Grant, sorrindo, de joelhos, enquanto me encara. Seu rosto ainda paira entre as minhas pernas, com o resultado da minha excitação lambuzando os seus lábios e o bigode. Ele solta as minhas pernas e permite que os meus pés toquem totalmente o chão. – Eu já achava você gostosa antes, mas te ver assim, sentir o seu cheiro na minha barba e o seu gosto na minha boca… – Grant apoia o queixo na minha coxa, com um olhar vidrado. – Como vou conseguir não me apaixonar por você agora?

29

GRANT

As palavras saem fácil demais da minha boca, e talvez de um jeito meio idiota. E, pelo modo como o corpo de Laney se enrijece, pela risadinha que ela solta, sei que está pensando exatamente o mesmo que eu: isso foi corajoso. Eu a conheço há apenas algumas semanas, flertei até conseguir uma dança, falei sacanagem para achar o caminho entre as suas pernas, e de repente já estou levantando a possibilidade de um relacionamento mais sério. Isso é imprudente e perigoso, mas não vou retirar o que disse.

Levanto um pouco o corpo; meus joelhos estão doendo pra cacete, mas não estou nem aí. Se Laney me mandasse voltar a enfiar a cara na boceta dela e ficar ali, eu obedeceria e ignoraria a dor.

– Eu tinha planejado te mostrar o mezanino para a gente assistir aos fogos, mas…

Ela termina o meu pensamento.

– Tivemos os nossos próprios fogos aqui dentro. Mal reparei no espetáculo lá fora.

Roço os dentes na coxa dela.

– Ainda não terminei.

Ela morde a unha e me encara com aqueles olhos azuis enormes, como se o que eu tivesse acabado de dizer fosse exatamente o que queria ouvir. Meu pau lateja tão forte que chega a doer, então me levanto e abandono minha posição de joelhos diante de Laney, como se ela fosse o meu altar.

– Eu ia adorar que você me dissesse o que fazer, caubói.

Ela estende a mão e corre os dedos pela frente da minha calça jeans.

Meu grunhido em resposta é um som primitivo. Nunca me senti tão excitado

e nunca me diverti tanto com alguém. Não desse jeito.

– Mas talvez você precise me carregar. Ainda não consigo sentir as pernas.

Eu me inclino, passo os braços logo abaixo da bunda dela e a levanto. Laney envolve a minha cintura com as pernas e passa os braços ao redor da minha nuca.

– Pega aquela garrafa – falo.

Tenho toda a intenção de chegar até a minha cama e foder essa mulher sem piedade, mas meus passos vacilam quando o hálito de Laney faz cócegas na minha orelha. Ela cola os lábios à minha pele logo abaixo e sussurra:

– Você vai montar em mim tão bem quanto monta aquele seu cavalo?

– Porra, baby – murmuro.

Capturo os lábios dela com os meus, ainda tentando me orientar pela sala de estar.

Julep late várias vezes quando passamos por ela.

– Ela está bem – digo para a minha cachorra, que está muito preocupada com a cena. – Está sorrindo, olha só.

Viro Laney na direção dela.

– Vou roubar o seu pai por um tempinho, Julep – promete ela, em um tom doce. – Devolvo quando terminar.

– Acho que ela tá latindo para mim. Ela gosta mais de você.

Enfio o rosto no pescoço dela e roço os dentes pela lateral, ainda andando pela casa. Sigo pelo corredor em direção à minha suíte e dou com o ombro no batente da porta.

Laney ri o tempo todo e solta uns gemidinhos provocantes enquanto seus dedos brincam com a pele da minha nuca e se enfiam no meu cabelo.

– Eu também gosto muito dela.

Não quero machucá-la quando me aproximo da cama, por isso, em vez de jogá-la no colchão, eu me viro e me deixo cair, fazendo Laney ficar por cima. *Cacete, que vista*.

Laney mantém a postura ereta, os seios à mostra, enquanto ergo um pouco o corpo para deslizar os dedos ao longo da pele macia dela. Toco o mamilo de um rosa-escuro e vejo que logo fica rígido. Ela solta um gemido baixinho, pega a minha mão e leva ao pescoço.

– Está gostoso?

Laney sorri e assente.

A vontade que tenho de ouvi-la se perder no gozo outra vez faz o meu pau pressionar os quadris dela, que já começaram a rebolar lentamente. Nem sei se ela percebe que está fazendo isso, mas preciso senti-la. Laney deixa os dedos roçarem pelo meu abdômen, deslizando como uma pluma em direção ao cós da minha calça.

– Tira isso.

Ela morde lentamente o lábio inferior. Então abaixo os olhos para vê-la soltar meu cinto, desabotoar a calça e abrir o zíper. Laney não perde tempo e logo está enfiando os dedos por dentro da minha cueca boxer e acariciando a cabeça do meu pau.

– Cacete – falo por entre os dentes cerrados, e deixo a cabeça cair para trás.

Não sou tocado por outra pessoa há mais de cinco anos, e a sensação agora é boa demais. Ela tira todo o meu pau da cueca e fecha a mão ao redor, deslizando para cima e para baixo.

Pego novamente a garrafa de bourbon e dou um gole. Então mantenho os olhos fixos nos dela e inclino a garrafa devagar, derramando um pouco ao longo do meu membro.

– Prova.

Laney me dá o sorriso mais sexy do mundo com aqueles olhos ardentes. Então se abaixa um pouco entre as minhas pernas, só o bastante para ter mais espaço e inclinar a cabeça. Ela lambe toda a extensão da glande, passando por cima dos próprios dedos que ainda me seguram. Então, encaixa os lábios ao redor do meu pau para chupar e saborear o bourbon que derramei.

– Me diz qual é o gosto.

– É como se eu ainda estivesse com sede – fala Laney, com um sorriso falsamente tímido. – Acho que eu nunca desejei ninguém assim, caubói.

Porra, como eu quero que isso seja verdade.

Eu me sento e envolvo o corpo dela com o braço, erguendo-a junto a mim e virando os nossos corpos colados. A mudança de posição me deixa por cima, permitindo que eu tire totalmente a calça. Eu me afasto apenas pelo tempo necessário para abrir a gaveta da mesa de cabeceira do meu lado e tatear em busca de um preservativo que está guardado lá no fundo. Jogo a embalagem na cama e volto a atenção para Laney, que está estendida à minha frente como uma espécie de presente.

– Você tem ideia de como é gostosa, Laney? – pergunto.

Ela ergue os braços acima da cabeça, alongando o corpo, e me deleito com as curvas macias dos seus quadris, com o modo como as suas coxas se abrem um pouco, deixando à mostra a boceta molhada, pronta para mim.

– Fica à vontade pra me dizer – fala Laney, com um sorrisinho travesso.

Apoio novamente o peso do corpo na cama, tocando as pernas dela para abri-las ainda mais. Seguro as suas coxas e deixo as mãos subirem, afundando os polegares na pele enquanto avanço em direção ao seu centro. Dessa vez, não paro. Envolvo os quadris de Laney com as mãos, enquanto os meus polegares encontram os lábios da sua boceta – exatamente onde eu quero me enfiar em breve.

– Desde a primeira vez que pus os olhos em você, tive vontade de levantar aquela camiseta e afundar os dedos bem aqui.

Deslizo dois dedos pelo clitóris dela e deixo que desçam mais, provocando a entrada do seu sexo. Laney está tão molhada que os dedos entram com facilidade. Quase reviro os olhos de prazer com a sensação daquela boceta molhada apertando os meus dedos. Meu pau pulsa, cheio de inveja.

Ela inclina a cabeça para trás e fecha os olhos, sentindo os meus dedos se movendo pelo seu corpo. Curvo os dedos dentro dela, em um gesto lento e provocante, enquanto o polegar faz círculos sobre o clitóris. Isso arranca dela o gemido mais sexy do mundo, enquanto Laney se contorce embaixo de mim.

– Me mostra esses olhos lindos.

Ela abaixa o queixo para me encarar e abre os olhos com uma expressão suplicante, implorando para que eu lhe dê o que está esperando.

Mantenho os dedos cravados nela e uso a outra mão para estimular o meu pau com mais força.

– Docinho.

Ela abre a boca, mas não sai nenhum som.

Laney solta o ar em um gemido e abaixa as mãos para segurar os próprios seios e puxar os mamilos. Quando vejo aquilo, não consigo mais esperar. Recolho a mão que estava no seu corpo, mas, antes de pegar o preservativo, levo os dedos à boca para saborear o gosto dela.

– Ai, meu Deus – fala Laney, observando cada movimento meu.

Rasgo a embalagem da camisinha e ajusto no lugar, então umedeço novamente os dedos na boceta dela e espalho ao longo do comprimento do meu pau.

– Abre as pernas. Deixa eu te ver inteirinha.

Laney mantém os olhos fixos nos meus e faz exatamente o que eu peço. Ainda ajoelhado diante dela, roço seu clitóris com o pau e começo a provocá-la, abrindo-a devagar.

– Olha como eu entro em você, meu bem.

Ela se apoia nos cotovelos e inclina a cabeça para assistir. Eu a penetro sem pressa, tentando aproveitar cada sensação, o calor e o aperto delicioso, e também a urgência do que significa me perder completamente em uma mulher que desejo desde o instante em que pus os olhos nela. Movo os quadris para abri-la mais para mim, até me afundar nela por completo. Aguardo um instante, depois de penetrá-la, para que ela se ajuste ao meu tamanho. É gostoso demais estar dentro de Laney, não sei quanto tempo vou conseguir me segurar. Deslizo a mão pelo peito dela e, quando envolvo o seu pescoço, ela relaxa novamente o corpo na cama e eu me acomodo logo acima, eliminando qualquer espaço que já tenha existido entre nossos corpos.

– Grant – diz ela em um suspiro. – Estou tão preenchida, meu Deus…

Eu a interrompo com um beijo e uso a distração para mover meus quadris. A língua dela dança com a minha no mesmo ritmo sensual em que a penetro. Profundo. Completo. Devastador. Ao ouvir o seu gemido seguinte, sei que toquei no ponto certo. É um som baixo, longo, um pedido sem palavras que a impede de retribuir o beijo. Apoio o peso no antebraço, me deslocando um pouco para o lado só para poder ver o meu pau afundando nela outra vez.

Eu me inclino para beijar o seu pescoço e deixo os dentes roçarem a sua pele até o ombro.

– Sente como você me recebe bem…

Ela geme antes mesmo de olhar. Então sorri e pergunta, a voz ofegante:

– Por que isso é tão excitante?

Ficamos olhando enquanto arremeto dentro dela, e a visão me faz fodê-la

com mais força, até eu quase chegar ao clímax. Recuo devagar, tentando prolongar a sensação insana de ter o meu pau quase estrangulado pela carne dela.

Consigo perceber que Laney está quase gozando. Como tenho toda a intenção de senti-la gozar ao meu redor, acelero o ritmo. Levanto um pouco a bunda dela e meto mais fundo, sentindo seus quadris encontrarem os meus, ambos desesperados para que ela goze. Ela se mantém vidrada em nossos corpos se chocando, mas, quando vejo seus olhos se fecharem e o corpo se enrijecer enquanto ela fica totalmente em silêncio, sei que está prestes a mergulhar completamente no orgasmo que se aproxima.

E, quando isso acontece, é com o meu nome outra vez em seus lábios, em espasmos que percorrem o corpo dela inteiro, visivelmente subindo de sua boceta pulsante, passando por cada membro, enquanto suas unhas se cravam nas minhas costelas, me puxando mais para perto. Eu continuo a meter, rápido e fundo, determinado a arrancar até a última gota de orgasmo dela.

Estou por um fio quando Laney geme de novo e abre os olhos.

– Vou gozar, baby – falo.

– Em mim.

– Puta merda.

Não pergunto se ela tem certeza, apenas saio de dentro dela e arranco o preservativo.

Laney aperta aqueles peitos lindos um contra o outro, e essa é a deixa de que preciso enquanto escalo o corpo dela e encaixo o pau ali, deixando o orgasmo me atingir com tudo. Gemo enquanto gozo nos peitos dela, deixando-a toda melada. É a cena mais sexy que já vi, e ela fica só olhando, mordendo o lábio. O que eu mais quero é espalhar o meu gozo por toda a pele dela, marcando-a como minha. Mas nem preciso, porque a própria Laney leva o dedo ao peito e faz isso. É como se ver o meu gozo cobrindo a pele dela destravasse alguma coisa dentro de mim.

Ela é minha.

Eu me abaixo, pego a minha cueca boxer e limpo a bagunça que fiz nos seios dela enquanto Laney só murmura, toda derretida na cama. Jogo o meu corpo satisfeito sobre o dela e beijo os seus lábios, só parando por um instante para sorrir. Então me inclino para mais um beijo antes de dizer:

– Mente para mim se precisar, mas, por favor, diz que a gente vai fazer isso de novo.

– Não preciso mentir – responde Laney, enquanto arrasta o dedo pelas minhas costas. – Eu também ainda não terminei.

Ela fecha os olhos e sorri de um jeito preguiçoso enquanto se recupera de tudo que acabamos de fazer. Linda demais. Deixo os dedos correrem pela lateral dos braços e dos ombros dela, perdido em pensamentos.

No instante em que ela me beijou, eu soube que não ia querer mais ninguém, nunca mais. Eu não planejava ter alguém na minha vida, mas queria abrir espaço. Com o corpo nu dela aninhado ao meu, tenho a sensação de finalmente estar me encaixando no lugar certo.

30

LANEY

Grant Foxx é um tarado. Mesmo depois de tomarmos banho juntos, ele sussurrou as promessas mais indecentes no meu ouvido enquanto cochilávamos. "Não consigo parar de imaginar o meu pau afundando na sua boceta linda. E ela é maravilhosa demais", falou, deslizando os dedos pelos meus lábios.

Ele me acordou quando se encaixou entre as minhas pernas. Então, com os olhos sempre fixos nos meus, me chupou devagar até eu gozar. "Seu gosto é mais doce logo depois que você goza." Seus lábios deslizaram pela parte de trás do meu ombro enquanto ele me abraçava. "Acho que nunca provei nada tão delicioso quanto você."

Agora, acordo com o corpo dele enroscado no meu e sua mão entre as minhas pernas, com apenas um dedo se insinuando de leve, provocante, pela fenda da minha boceta. Quase achei que ele estivesse dormindo, brincando comigo enquanto sonhava, mas, quando olho por cima do ombro, vejo seu sorrisinho, mesmo com os olhos fechados.

– Ainda com fome?

Vejo os lábios dele se curvarem ainda mais. Grant é um homem lindo. Mesmo tão de perto, com o cabelo bagunçado e as pálpebras inchadas e cansadas, ele tem uma beleza rústica e sexy.

– Não sei se algum dia vou deixar de sentir fome de você.

Ele move o braço para me puxar mais para perto.

Não consigo esconder o sorriso que aquelas palavras provocam. É assim que deveria ser a sensação de querer ser completamente abraçada por alguém. E aqueles braços me envolvem com mais força, se inclinam querendo mais. É impossível não me lembrar do que ele disse: "Como vou conseguir não me apaixonar por você agora?"

Meu estômago ronca alto o bastante para ele erguer a cabeça e me encarar.

– O seu estômago concorda.

Ele beija o meu ombro e se levanta da cama em um movimento rápido. Acho que o meu corpo não conseguiria se mover com essa agilidade agora nem se eu fosse obrigada.

Ele anda pelo quarto ainda na penumbra, naquele tom acinzentado da manhã que surge pouco antes de o sol decidir aparecer no horizonte. As janelas do chão ao teto exibem o que tenho certeza de ser uma paisagem linda, mas não me importo com isso. Estou ocupada demais assimilando a imagem desse homem nu, percorrendo o corpo dele do dorso largo até a bunda grande e firme. Dá vontade de morder.

É a primeira vez que consigo ver de verdade a tatuagem que corre logo acima do quadril e segue pela lateral em direção às costas.

– Eu estava curiosa em relação a isso…

Grant segue a direção do meu olhar e sorri para mim.

– Meus irmãos e eu fizemos quando éramos mais novos. Achamos que era uma boa forma de nos lembrarmos da nossa mãe. Ela chamava a gente e o nosso pai assim. Seus "meninos do bourbon". – Ele passa o polegar pela parte da tatuagem que consegue alcançar. – Não me lembro de muita coisa dela, mas disso eu me lembro.

Os Meninos do Bourbon.

– Quanto tempo faz que…?

Ele pega uma calça de moletom.

– Eu tinha 9 anos quando eles se foram.

Ah, Deus. Ele cresceu sem a mãe e sem o pai. Eu ainda não tinha me dado conta disso.

– Acidente de carro. Eles não faziam muita coisa um sem o outro. O meu pai dizia pra gente que não existia ninguém neste mundo com quem ele gostaria mais de estar do que com a minha mãe. Ele a amava muito. – Grant sorri e abaixa os olhos para as mãos. – Foi difícil para todos nós perder os dois daquele jeito. Mas acho que o meu pai não teria sobrevivido por muito tempo se só a minha mãe tivesse morrido. Levei muitos anos para entender que era assim que tinha que ser.

– Então o Griz criou você desde os 9 anos? – pergunto.

Ele assente.

– E a minha avó. O Griz se casou de novo quando o meu pai ainda era jovem. E depois a gente a perdeu quando eu me formei no ensino médio.

Sinto os olhos marejados quando penso em quantas perdas esse homem já viveu. E sei que ainda tem mais. Grant se senta de frente para mim na cama e, na mesma hora, enxuga a única lágrima que escorre pelo meu rosto. Tenho vontade de contar coisas sobre mim também.

– Eu nunca conheci a minha mãe. Ela deixou o meu pai quando eu era pequena. – Engulo a emoção que sempre surge quando penso em como o meu pai foi incrível. – Ele me criou. Foi promovido a meu melhor amigo quando eu tinha uns 8 anos. E tive muitos anos maravilhosos com ele. É assim que tento pensar. Quando sinto muita falta do meu pai, eu me lembro de tudo que eu tive. Não do que perdi.

Beijo a palma da mão dele, que ainda está pousada no meu pescoço.

– Me conta sobre ele qualquer hora dessas?

Assinto e me recomponho.

– Em algum momento.

Grant levanta o meu queixo e pressiona os lábios nos meus. É o beijo mais singelo que ele já me deu, mas, por algum motivo, tem um significado diferente.

Certo gosto de promessa.

– Vou levar a Julep para um passeio rápido. Acho que ela esqueceu que você está aqui dentro, porque não escuto a bichinha choramingar na porta faz um tempo.

– Ela realmente me ama – digo, rindo.

Ele se detém pouco antes de abrir a porta e me encara como se quisesse dizer mais alguma coisa. É um olhar sério. Um olhar que me dá a sensação de que a energia no ambiente acabou de mudar.

Sorrio, nervosa.

– O que foi?

Ele balança a cabeça.

– É verdade. Acho que *ela* está se apaixonando perdidamente por você – diz ele.

Eu preciso contar tudo a Grant. Que existe a possibilidade de eu ter que ir embora de novo. Que estaria comprometendo a minha segurança, e a dele, contando quem eu sou.

Engulo o nó na garganta quando Grant fecha a porta ao sair e fico remoendo tudo que ele acabou de dizer enquanto o escuto falar docemente com Julep até deixar a casa.

Levo apenas vinte minutos para encontrar uma das camisetas dele, escovar os dentes e colocar um pouco de ordem na bagunça do meu cabelo. Reparo que estou com um brilho especial na pele quando dou uma última olhada no espelho do banheiro. Enquanto sigo pelo corredor, acho a casa de Grant ainda mais aconchegante do que o meu chalezinho. O estilo e os acabamentos são bem parecidos, mas a casa tem fotos espalhadas por todos os cantos, das sobrinhas e dos irmãos. Há varas de pescar encostadas na porta da área de serviço, camas de cachorro enormes em vários cômodos e quadros sobre bourbon pendurados por

toda parte. O ambiente é masculino, mas Grant tem um gosto não muito distante do meu – uma casa com cara de bem vivida.

Quando ele volta, com Julep logo atrás, eu já estou na cozinha, batendo ovos na frigideira de ferro untada e aquecida.

– Você está preparando café da manhã para mim?

Sorrio ao ouvir aquilo. Julep late e vem correndo até onde estou, mas, em vez de pular, ela se senta à minha frente, balançando o traseiro, esperando que eu lhe dê atenção.

– Tá quase pronto, Julep. Só um segundo e já te faço carinho.

Coloco o tabuleiro no forno e ajusto o timer.

– Oi, gracinha – murmuro ao me agachar diante de uma cachorra muito animada.

Faço carinho atrás das orelhas dela e ao longo do pelo marrom que termina no pescoço. Quando levanto os olhos para Grant, vejo que ele está colocando dois copos de café em cima da bancada.

– Você trouxe café pra gente?

– Não tenho mais cafeteira.

Ele se inclina e rouba um beijo.

– Mas esses são da Crescent de Lune – observo.

– Ainda não sei como você gosta do seu café, mas sabia que uma das meninas da padaria ia lembrar. Descobri hoje que o seu preferido é o flat white. – Ele coloca uma framboesa na boca. – Hadley comentou com você que o aniversário do Ace é daqui a algumas semanas?

– Comentou, sim. Eu vou estar lá. Mas pra ajudar. Hadley sabe que pode contar comigo sempre que precisa.

– É mesmo? – diz ele, com um sorrisinho travesso. – E eu aqui achando que

você ia ser a minha acompanhante.

Checo o timer no fogão e vejo que ainda faltam cerca de dezesseis minutos para a panqueca alemã que eu estou preparando ficar pronta.

– É assim que você convida uma garota pra sair? Simplesmente supõe que ela vai aceitar te acompanhar depois que você já fez o que quis com ela?

Ainda estou impactada com o fato de esse homem ter se dado ao trabalho de trazer meu café preferido, o que me deixa um pouco sem palavras. Mas também gosto de provocá-lo.

Ele se apoia na bancada e hesita por um segundo antes de falar:

– Faz muito tempo que não convido uma garota pra sair. – Isso não deveria ser tão surpreendente, levando em consideração que ele não parece muito interessado na maioria das pessoas. – Mas, caso você tenha me entendido mal, docinho, quando acordei com o seu gosto na minha língua e o seu cheiro na minha barba, passei a te considerar minha.

Pisco algumas vezes, impactada, porque o jeito como ele fala comigo parece uma espécie de preliminar sexual. E só o que consigo pensar é que quero ser dele. Neste exato momento, quero reivindicar Grant como meu, do jeito como ele acabou de fazer comigo.

– Alguma chance de a Julep querer ir brincar no quintal por alguns minutos? – pergunto.

Ele me encara, sem entender o motivo da minha sugestão, até que eu me aproximo e passo os dedos pelo volume que começa a sobressair na calça de moletom cinza.

– Eu gostaria de considerar você meu também, mas ainda não tive o prazer de sentir o seu gosto na minha língua.

O sorriso largo no rosto dele é contagiante.

Deslizo os dedos para dentro do cós da calça e na mesma hora encontro a cabeça firme do pau dele acomodada ali. Levanto os olhos e vejo a surpresa no rosto de Grant se transformar no mesmo tipo de fome que eu estou sentindo.

Ele dá um sorrisinho e inclina a cabeça na direção da própria ereção.

– Eu já estava de pau duro desde que te vi usando a minha camiseta.

– Foi só o que bastou?

– Você subestima quanto eu sou louco pelo seu corpo. – Grant passa o polegar pelos meus lábios… um gesto que estou percebendo que é um dos seus favoritos. – E agora que sei o que tem por baixo dessa camiseta…

Ele solta o ar com força.

– Ótimo, porque eu fiquei com tesão só de ver você me trazendo um café – confesso, e fico de joelhos diante dele.

– Porra… – Grant arqueja e solta uma risadinha.

Abaixo mais a calça dele, e aquele pau tão duro por minha causa praticamente salta para fora. Ansioso. Pronto.

– Que enorme, caubói – digo, em um tom brincalhão.

Mas a verdade é que ainda não tinha dimensionado o tamanho dele e o quanto realmente é de dar água na boca. Eu me inclino e dou uma lambida rápida, como se estivesse testando o sabor de um pirulito.

Grant geme quando envolvo a base com a mão, mas, antes de dar outra passada com a língua, ergo os olhos.

– Você me conta uma coisa?

Com a cabeça inclinada para trás e os lábios entreabertos, ele diz:

– Sim. Manda. Claro. Eu conto qualquer coisa que você quiser agora.

Grant deixa escapar um suspiro quando envolvo com os lábios a cabeça do seu pau, fazendo-o estremecer.

– Quem diria que seria tão fácil arrancar informações de um policial?

Sorrio e giro a língua, e os olhos dele encontram os meus.

– Docinho, eu não sou mais policial – diz ele entredentes, em meio a um gemido. – E vou contar qualquer coisa que você quiser, mas você tem noção de que isso seria coerção se eu ainda fosse policial, né?

Quando passo a língua pela glande, sou presenteada com o gosto da excitação de Grant.

– Há quanto tempo você está fantasiando com isso? Com a minha boca no seu pau? – pergunto.

Eu o guio até o fundo da minha garganta.

Ele está ofegante.

– Desde que te vi pela primeira vez.

Deixo a mão correr duas vezes por toda a sua extensão, então me concentro em provocá-lo, lambendo só a borda.

– Porra, tá bom – continua ele. – Quando eu te vi de novo na destilaria, na tanoaria. Aquela boca vermelha… Inferno, tive vontade de borrar aquele batom vermelho todo, foder a sua boca e gozar nesses peitos lindos.

Volto a abocanhá-lo mais uma vez, fazendo o pau inchado dele descansar sobre a minha língua. Então o envolvo com os lábios e chupo, criando um ritmo intenso que é quase um castigo. O gemido que consigo arrancar dele faz com que eu me sinta como uma deusa recompensando o seu devoto. Aperto ainda mais os lábios e deixo a língua brincar enquanto subo e desço em direção à minha mão que aperta a base. Afasto a boca com um estalo dos lábios, porque preciso saber com o que Grant estava fantasiando quando eu deixei aqueles band-aids na varanda.

– E quando eu te ouvi, aqui na cozinha?

Grant abre os olhos, com uma expressão totalmente vulnerável, mas pronto para que eu continue.

– Eu estava fantasiando em foder os seus peitos e a sua boca. – Ele inclina a cabeça para trás quando o envolvo novamente com os lábios. – Estava muito curioso pra saber se você ia mesmo me levar à loucura. E pra ver como você ficaria linda de joelhos para mim. – Quando Grant solta outro gemido baixo, deixo que seu pau escorregue mais fundo na minha garganta e acelero o movimento da mão. – Porra! Exatamente assim.

A respiração dele acelera, e os sons molhados e irregulares da minha boca, somados aos ruídos curtos que escapam dos lábios dele, me deixam tão excitada que aperto as coxas, buscando atrito.

– Que boca perfeita, puta merda – diz ele, quando todo o seu corpo se enrijece e os dedos se enfiam no meu cabelo. – Você vai me fazer gozar.

Ergo os olhos para ele, com a saliva escorrendo pelo meu queixo, e Grant percebe que não vou fazer por menos. Que pretendo engolir tudo que ele me der. No instante em que isso se torna claro, ele pergunta:

– Você quer que eu goze na sua boca?

Assinto apenas o necessário para deixar claro que ele tem a minha permissão. Então acelero o movimento da boca, engolindo-o o mais fundo que consigo sem engasgar. Os quadris de Grant vacilam por um instante e a sua mão segura com mais força o meu cabelo, até que ele solta um suspiro trêmulo.

– Engole tudo, amor.

Ele goza na minha garganta, enquanto deixa escapar um gemido gutural que talvez já seja o meu novo som favorito.

O timer do forno apita bem no momento em que engulo o gozo e retiro o pau dele da boca. Um arrepio visível percorre o corpo de Grant. Limpo o canto da boca com o polegar e me levanto para desligar o timer.

Ele se inclina para trás, como se a bancada fosse a única coisa que ainda o mantivesse de pé.

– *Isso* foi só por causa do café? – pergunta, e afunda mais os dedos no meu cabelo, emoldurando o meu rosto.

– Ninguém nunca se deu ao trabalho de sequer parar para pensar em como eu tomo o meu café, muito menos de descobrir do que eu gosto e ainda sair para buscar. E, se eu já não tivesse me comprometido a ajudar a Hadley com o aniversário do Ace, eu seria a sua acompanhante na festa.

Grant se recompõe, ajeita a roupa e me puxa pelo braço para junto do seu corpo. Não usa palavras, apenas ações como resposta.

O jeito como esse homem beija com o corpo inteiro me tira completamente o fôlego.

31

GRANT

– Me dá aqui, deixa eu ver isso.

Estendo a mão e espero Laney me entregar o esmalte vermelho que está equilibrando entre dois dedos.

Ela ergue a cabeça e sopra uma mecha de cabelo para afastá-la do rosto.

– Por quê? Vai fazer pra mim?

– Vou.

Laney ergue as sobrancelhas, surpresa, e dá um sorrisinho.

Faço um gesto com os dedos e repito:

– Me dá.

Ela ri e mantém os dedos abertos para secar as camadas que acabou de pintar. Julep volta trotando com o brinquedo de corda na boca e sobe na manta que estendemos no gramado, perto de onde tínhamos nadado com Lincoln e as meninas. Jogo o brinquedo longe e a vejo correr feito louca atrás, então puxo o pé de Laney para o meu colo.

– Me dá uma daquelas – digo, e aponto para o saco de balas de goma cobertas de chocolate que ela guardou na bolsa térmica.

– Quando foi a última vez que você pintou as unhas dos pés de alguém?

Eu me concentro no pincel e deslizo devagar sobre o dedão do pé dela.

– A Lark tentou fazer sozinha, mas ficou brava porque não estava bom, então assisti a um vídeo no YouTube e consertei pra ela.

Pelo canto do olho, vejo que ela está me encarando.

Cerro os lábios, tentando segurar o sorriso. Sei que ela vai querer fazer um grande alarde disso.

– O que foi? – pergunto.

– Isso definitivamente não era o que eu estava esperando que você dissesse. – Eu me viro para Laney, mas, em vez de me dizer o que "estava esperando", ela completa: – Você não é nada do que eu achei que fosse.

Volto a me concentrar nos dedos do pé dela. Para ser bem sincero, nem é tão difícil assim.

– E como você achava que eu era?

– Um babaca que está o tempo todo na defensiva.

Solto uma gargalhada e acabo quase derramando o esmalte.

Laney sorri ao ver a minha reação. Essa é a única coisa que tem sido constante em tudo isso – ela tem o dom de sempre provocar uma reação em mim.

– Mas você não é nada disso. – Ela suspira. – Você é um babaca quando quer, mas, no resto do tempo, é o tipo de cara que garotas como eu esperam que apareça montado num cavalo e faça quase tudo… ficar melhor.

Paro de pintar quando escuto isso. Essa mulher não existe…

– Eu gosto de você – fala Laney, quase em um sussurro.

Abaixo os olhos novamente, tentando me concentrar em terminar de pintar a unha dela com precisão. Então falo, com um sorrisinho, porque preciso implicar um pouco com ela depois disso:

– Você até que é legal.

– Vamos ver se você ainda vai achar que eu sou só "legal" quando eu estiver cavalgando no seu pau mais tarde.

– Deus do céu.

Perco o rumo do que estava fazendo e passo o pincel do esmalte por todo o mindinho dela.

– Desculpa! – diz ela.

Laney deixa escapar uma risadinha e logo cobre a boca e o nariz com a mão. É fofo demais.

– Você não pode falar esse tipo de coisa enquanto eu tô tentando me concentrar.

Ela se inclina para a frente e sussurra:

– Eu acho você incrível, Grant Foxx.

Não sei por que isso me atinge com tanta força, mas o fato é que aquelas poucas palavras, somadas ao que ela disse antes, soam como algum tipo de redenção. Como se eu tivesse conquistado o direito de mostrar certas partes de mim para alguém outra vez.

Tem sido uma semana dos infernos desde que começamos o que quer que seja isso, mas este momento é, sem dúvida, uma redenção. Praticamente todo mundo da minha equipe na tanoaria precisou recorrer a mim para alguma coisa. Foi exaustivo e maçante. Estou tentando delegar mais das minhas tarefas habituais agora que estamos com a equipe completa. E começamos barris novos para um blend que Lincoln queria fazer em edição limitada, o que significou novos tempos de tosta. *Uma semana*. É por isso que o dia de hoje, com ela, é como uma recompensa. É um dia preguiçoso. Daquele tipo sem planos, que sempre tentei evitar. Me manter ocupado sempre ajudou a fazer os dias passarem mais rápido e impediu que os momentos de silêncio se transformassem em sentimentos conflituosos. Mas estou aproveitando cada segundo do ritmo de hoje. É tranquilo.

O ar esfria um pouco enquanto escuto Laney falar de coisas aleatórias, como quais são os seus bolos favoritos da Little Debbie e o que ela diria se algum dia encontrasse o Michael Douglas. Esse gramado onde escolhemos ficar está praticamente todo coberto de flores silvestres e tingido pelos restos da luz

dourada do fim da tarde. Se o verão pudesse ser apenas um dia, seria este.

– Só estou dizendo que acho que não conseguiria fingir que ele é só um cara qualquer vindo à destilaria pra provar bourbon.

Consigo passar para outro dedo sem borrar a pele dela.

– Por quê? – pergunto.

– Grant, você ao menos sabe quem é Michael Douglas?

Não consigo evitar o sorriso diante do tom da voz dela. Como se fosse um absurdo eu não saber.

– Toma. Abre a boca – diz.

Faço isso, e ela coloca uma bala de goma na minha boca.

– Por que isso é tão bom? – A pergunta é retórica. – E sim, eu sei quem é Michael Douglas. *Wall Street*. *Instinto Selvagem*.

– *Tudo por uma Esmeralda* – acrescenta ela, colocando outra bala na própria boca.

Puxo o outro pé dela para o meu colo.

– Minha avó ficava acordada até bem tarde vendo filme. Era o que mais gostava de fazer. – Molho o pincel no esmalte e começo a pintar mais uma unha. – Ela me deixou ver esse com ela. E acho que só fui perceber que era engraçado quando fiquei mais velho, mas o Grant criança achava que o Michael Douglas era o cara.

Ela se apoia nos cotovelos.

– Ele é um charme. Não me importa a idade. Aquele homem sempre vai ser…

– O cara – completo.

– Mas, em *Tudo por uma Esmeralda*, a Kathleen Turner era mais foda – corrige ela, e tenho que concordar. – Ela era a heroína. – Laney sorri para os

próprios dedos dos pés enquanto termino de pintar o último. – Você fez um trabalho e tanto, caubói.

Fecho o vidro e deixo de lado. Então me deito ao lado dela com o braço embaixo da cabeça. Tento gravar esse momento na memória enquanto afasto uma mecha de cabelo da boca de Laney.

– Me diz que você não tá mais em perigo – peço.

Laney inclina a cabeça, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas, e seus olhos encontram os meus. Talvez ela não estivesse esperando a mudança de assunto. Eu também não planejava, mas não vou me censurar com ela. Não agora. Preciso ter certeza de que podemos ter mais dias como hoje. Com a pergunta ainda pairando no ar, sem resposta, ela se inclina para a frente e roça os lábios nos meus.

– A gente disse que não teria mais mentiras, lembra?

32

GRANT

– Você sabe que tá velho agora, né? – diz Lincoln, dando um tapa em Ace.

– Você me chama de velho há uma década, Linc. Não fui eu que quis uma festa de aniversário. Foi tudo ideia sua – rebate ele. Ace me olha de lado enquanto seguimos pela calçada. – Eu teria adorado apreciar uma boa garrafa e alguns charutos no quintal dos fundos.

Lincoln solta uma gargalhada.

– Conversa fiada, Ace. Você adora essa porra.

– Oi, Grant.

Aceno para a dona da Crescent de Lune enquanto cruzamos a padaria e descemos a escada dos fundos até o bar secreto.

– Você parece ter feito muitos amigos novos ultimamente – provoca Lincoln, enquanto ajeita as mangas arregaçadas.

– Ela é uma das irmãs que são donas da padaria. E é quem prepara o café da Laney pra mim de manhã.

No exato instante em que digo isso, percebo o que acabei de fazer.

– Você anda comprando café pra ela de manhã?

Olho de relance para ele, que parece estar adorando a situação.

– Eu cuido do que é meu, mano.

– Já estava na hora de você dizer isso. Deu muita bandeira naquele dia em que eu estava rindo com ela no rio. E eu estava torcendo para aquela dança não ter sido em vão.

– Ela te faz bem – diz Ace entrando na conversa e dando um tapa na parte de trás da cabeça de Linc. – Você estava flertando com a Laney enquanto as suas filhas estavam lá?

– Ace, deixa as minhas princesinhas fora do assunto quando estou falando de mulheres. E desde quando flertar é uma coisa ruim? – Ele aponta para Ace. – Quando é que o grande e temível Atticus Foxx vai atrás do que ele quer?

– E quem você acha que eu quero, Lincoln? – retruca Ace.

Um silêncio cheio de significado, que eu conheço muito bem, se instala entre os dois. Lincoln e Ace se dão bem, mas existe uma rivalidade tácita entre os dois desde que éramos crianças.

– Eu acordo sozinho por escolha. – Ele enfia as mãos nos bolsos da calça do terno e mantém o olhar fixo à frente, impassível. – Dormir acompanhado dá trabalho demais.

Lincoln ri, e eu acompanho.

– Ace, a confusão é metade da diversão.

– Falou o rei da confusão – resmunga Ace.

Dou apenas um sorrisinho de lado e balanço a cabeça. Esses dois são os meus melhores amigos. Depois de tudo pelo que passamos juntos como família, não tem como ser de outro jeito. Nunca houve outra opção para nós. E odeio ter escondido coisas deles – o que sinto por Laney e o bourbon que venho produzindo.

– Posso falar com vocês sobre uma coisa mais tarde?

– Tá sentimental hoje, Grant? – provoca Linc, e bate no meu ombro.

Afasto a sua mão com um tapa.

– Cai fora.

Ace olha para trás antes de atravessarmos as portas.

– Na hora que você quiser, Grant.

O salão principal do Midnight Proof nos recebe, a iluminação baixa e o jazz suave embalando os presentes. Garçons passam apressados com bandejas cheias

de bebidas, e o bar principal está tomado por pelo menos três fileiras de pessoas ao redor. Os sofás estão ocupados por turistas, provavelmente vindos das corridas de cavalo ou prontos para encerrar a rota do bourbon com o tipo de clima que só um bar secreto pode oferecer. Chamamos alguma atenção enquanto subimos o lance de escadas e seguimos em direção ao espaço privado no segundo andar. Nós três juntos sempre nos destacamos, mas Ace tem alguns amigos famosos que tenho certeza de que já se acomodaram no espaço VIP.

Lincoln escancara as portas duplas, e vemos que a festa particular já está a todo vapor, com quase vinte caras reunidos em torno de uma mesa de pôquer no centro do salão. Eu não poderia me importar menos com o arremessador titular de Chicago prestes a perder uma rodada para o jogador mais valioso da Liga Nacional. Meu corpo vibra, ansioso para ver Laney. Sei que há um salão cheio de homens que vão querer o que é meu.

Eu a vejo no instante em que meu irmão sai da minha linha de visão. Seu cabelo está preso de um lado, deixando o pescoço e o ombro nu à mostra. Linda demais, cacete… Laney se move atrás do bar, despejando destilados na coqueteleira enquanto ri do que um dos caras está dizendo. Seus lábios estão pintados daquele vermelho que lembra imediatamente ao meu pau quanto nós dois amamos aquela boca, mas é o que ela está vestindo que prende o resto da minha atenção. A blusa, em um tom pêssego muito próximo da cor da pele dela, é coberta por cristais que captam a luz dos lustres que pendem baixos no salão. O sutiã preto aparece sob a transparência e realça os seios incríveis. Eu salivo só de olhar para ela.

– O chefão chegou! – cantarola Hadley, e dá a volta para sair de trás do bar. – Feliz aniversário!

– Deus do céu – murmura Ace, tentando disfarçar como aquela mulher tem mexido com ele ultimamente.

– Seu irmão realmente não tem senso de humor – comenta ela, enquanto

passa o braço pelo meu e se vira para Linc. – Lincoln, preciso que você pegue uma garrafa no bar lá de baixo.

Sorrio para ela. Hadley é uma das poucas pessoas que sempre conseguem me fazer rir. E, geralmente, às custas de Ace.

– Você gosta de provocar. Sabe que isso tira o cara do sério.

Ela faz um gesto displicente com a mão.

– As pessoas só ficam bravas quando a coisa chega perto demais da verdade. – E arregala os olhos de um jeito dramático. – Você acha que o seu irmão tem fetiches de dominação?

– Hads, eu não quero pensar nos fetiches do meu irmão.

Ela cutuca o meu peito e abre um sorriso de canto.

– Mas eu sei no que, ou melhor, em quem você anda pensando muito.

Laney observa enquanto nos aproximamos do bar, ao mesmo tempo que serve o drinque que estava agitando na coqueteleira, decorando o copo com uma casca de limão. Como não respondo ao comentário de Hadley, ela dá uma palmadinha no meu peito e segue em direção à partida de pôquer atrás de mim, onde a escuto voltar a provocar o aniversariante:

– Ace, pode até ser o seu aniversário hoje, mas você vai perder todo o seu dinheiro mesmo assim.

Tenho uma visão completa do que Laney está vestindo, e isso facilmente atinge níveis épicos de fantasia com essa mulher. Ela parece uma junção de *pinup* vintage com deusa moderna. A blusa foi só o começo, valorizando os seus seios, mas ela também tem coxas fortes e grossas. Me arrependo de não ter deixado a minha marca em algum lugar perto daquela bainha curta demais do short preto.

Meus lábios se curvam em um sorrisinho presunçoso, e faço um gesto com o dedo para que ela se aproxime. Laney sorri e dá uma olhada rápida ao redor para

ver quem está observando. Estou torcendo para que seja praticamente todo mundo.

– O que você vai querer, caubói?

Quando ela chega perto o bastante, em vez de fazer o pedido, eu me inclino por cima da bancada do bar, levanto o queixo dela com o dedo e lhe dou um beijo na boca. Um beijo suave e gentil – apenas o suficiente para deixar claro que não me importo com quem esteja vendo. Eu me afasto devagar, e os olhos dela encontram os meus na mesma hora.

– Bourbon puro, docinho.

Laney me dá um sorriso provocante, ciente de que não houve nada de discreto naquilo. Ela se vira de volta para a fileira de bourbons, e aproveito para me deleitar com a sua presença mais de perto. A verdade é que as únicas coisas que eu quero sorver esta noite são a suavidade do toque dela e a mordacidade da sua perspicácia. Mas o bourbon vai ter que servir enquanto espero.

Hadley se aproxima do bar alguns segundos depois, e seus olhos buscam o meu irmão.

– Linc! Cadê aquela garrafa que eu te pedi?

Laney ri ao voltar com uma garrafa de Foxx e me serve uma boa dose.

– Eu pego, Hadley – diz ela. – Preciso ir ao banheiro mesmo.

– Desde quando? – me pergunta Linc.

Se não fosse Hadley gritando o nome dele, eu teria esquecido que meu irmão estava bem ao meu lado.

Hadley permanece onde está, esperando a resposta.

– Foi no Quatro de Julho.

Ela estende a mão para Lincoln, então diz:

– Pode pagar. Eu falei que era recente.

– Você tinha informação privilegiada – reclama ele, já tirando a carteira do bolso.

Lincoln entrega cinco notas novas de cem dólares a Hadley.

– O que vocês apostaram? – pergunto.

– Só quanto tempo a gente achava que levaria pra você se dar conta do que estava acontecendo – responde Linc. – Eu estava certo de que tinha sido logo depois daquele dia no rio com a Lily e a Lark. O olhar assassino que você deu para mim enquanto eu balançava Laney no pneu… – Ele ri. – Foi impagável.

Olho ao redor do salão à procura de Laney. A mesa de pôquer está animada porque um dos caras resolve apostar todas as fichas contra o meu irmão assim que as cartas são distribuídas. Sorrio, pensando que Laney provavelmente deixaria todos eles no prejuízo. Bastaram mais três rodadas para Ace perder as fichas, mas, em vez de fazer drama, ele grita:

– Muito bem, eu tô velho demais para tomar shots, mas, Hadley, vamos abrir aquela garrafa de Pappy que você anda guardando pra mim.

Quando olho novamente para o bar, percebo que Laney ainda não voltou. Talvez ela tenha ficado presa ajudando alguém lá embaixo, mas, assim que o meu instinto me diz que pode ter alguma coisa errada, atropelo a fala do meu irmão e interrompo a conversa.

– Hads, a Laney já voltou?

– Não. Você pode ir ver…?

Antes que ela termine de falar, já estou me aproximando das portas duplas e seguindo em direção à escada. No salão principal, a voz de uma cantora de jazz saindo do sistema de som embala o ambiente com uma música antiga e romântica, e dou uma olhada atrás do bar para ver se a encontro. Nada. Quando chego ao pé da escada e olho mais adiante, passando pelo banheiro feminino, escuto a voz dela.

– Você mentiu pra mim! – grita Laney.

Eu me aproximo de onde ela está e vejo um homem um pouco mais alto do que eu à sua frente. *Quem é esse cara, cacete?* Ele é mais franzino, então, se for necessário, consigo tirá-lo daqui à força.

Os olhos dela encontram os meus, e seu leve balançar de cabeça faz com que eu diminua o ritmo antes de dar mais um passo. O homem olha por cima do ombro.

– Quem é esse, Laney?

Ela franze o cenho e infla as narinas.

– Você não tem o direito de perguntar. A gente não é nada um pro outro, Phillip.

O desgraçado do Phillip.

– Porra, como você pode dizer isso?

Ah, não. Aponto para ele enquanto dou mais um passo na direção dela.

– Maneire o palavreado quando estiver falando com a minha garota.

Ela dá um sorrisinho quando chego mais perto. Pouso a mão nas costas de Laney, que se aproxima só mais um pouquinho.

– O que você tá fazendo aqui, afinal?

– Eu é que devia te perguntar isso. Venho te ligando e mandando mensagem sem parar. – Mesmo ele tentando manter a voz baixa, as palavras saem apressadas quando completa: – A gente estava… – Ele solta o ar em um suspiro trêmulo. – Você simplesmente sumiu.

– Isso devia ter sido o suficiente para você entender.

Eu o encaro, e Laney relaxa mais um pouco sob o meu toque. Está com as mãos cerradas ao lado do corpo e a postura rígida. É óbvio que se sente profundamente desconfortável.

Ele levanta a mão para mim, como se aquilo fosse me deter.

– Isso é entre nós – diz Phillip, com os olhos semicerrados.

Eu me viro para a entrada do salão e encontro o olhar de Brady. O tamanho do homem, por si só, já abre caminho para que se aproxime.

Desvio os olhos, e Laney faz o mesmo, inclinando a cabeça ao ver além de Phillip. Há alguns caras perto do bar prestando atenção na cena.

– É a sua despedida de solteiro? – Laney não deixa que ele responda. Em vez disso, sorri e balança a cabeça. – Volte pra sua vida. Case e tenha uma porrada de filhos, por mim tudo bem. Só me faça um favor: esqueça que algum dia me viu aqui e me deixe viver a minha vida também.

– Você não tá falando sério.

É como se o cara tivesse apertado um interruptor com essas poucas palavras, porque todo o corpo de Laney se enrijece, e agora ela não está nervosa. Está furiosa.

– Agora você vai me dizer se eu tô falando sério ou não? E o que eu quero, você também vai me dizer? Vou te contar o que eu não quis. Você. Aquela noite. Eu não… – Ela se interrompe e respira fundo, tentando organizar as palavras. – Eu não queria que tivesse ido tão longe e…

– O que você tá dizendo? – retruca ele, irritado. – Você me queria do mesmo jeito que eu te queria. Não finge que não.

– Não. Eu queria alguém que tinha conhecido no passado, e você só queria sentir alguma coisa antes de se comprometer com outra pessoa. Eu cometi um erro.

Para mim já bastava. Para ela já bastava. Eu me inclino e digo junto ao seu ouvido:

– O escritório da Hadley fica na última porta à direita.

Laney me encara com os olhos marejados.

– Ele não vale a pena.

Ela está certa, mas não posso deixar esse cara achar que ficou com a última palavra. Ele a tratou como um passatempo. Enquanto, para mim, Laney é a única pessoa em quem quero prestar atenção.

– Vou só me certificar de que ele encontre a saída.

Faço um gesto, e Brady se aproxima rápido, pedindo que Phillip se retire.

– Tá de sacanagem? É a minha despedida de solteiro.

Brady dá só um sorrisinho de canto.

– Parece que a sua festa vai ter que continuar em outro lugar.

Levanto os olhos para a escada e vejo Lincoln observando tudo. Ele vai me apoiar se for preciso. E agora não tem a menor chance de esse cara sair de Fiasco sem um lembrete de por que nunca mais deveria voltar. Sigo Brady enquanto ele escolta Phillip para fora do bar e, depois, cruzando a padaria. Quando os pés do homem pisam na calçada, eu não paro.

– Agora que somos só nós dois, deixa eu ser um pouco mais claro sobre quem eu sou.

Phillip olha por cima do meu ombro para os amigos que vêm logo atrás. Estou em menor número, mas sei lidar com caras assim – muita fala, pouca substância.

– Preciso voltar lá para dentro, Grant – diz Brady, da porta.

– Já vou. Pode avisar ao Lincoln que eu tô aqui fora? – E me viro de novo para o babaca. Meu corpo vibra com uma mistura de raiva e ansiedade para voltar e ver Laney. – Você vai fazer o que ela pediu. Porque, se não fizer, não tenho problema nenhum em contar para alguns amigos seus em Nova York, especificamente no seu local de trabalho, que você é um babaca mentiroso. –

Passo a palma da mão pela barba por fazer no meu rosto. – Tenho a sensação de que o seu futuro sogro acharia essa informação bem interessante, não acha?

A expressão de Phillip me diz que eu o peguei de surpresa. Ele esperava um soco, mas, com caras como ele, prefiro acertar onde dói.

– Grant, tá tudo bem aí? – pergunta Lincoln da porta.

Bem na hora.

– Tudo certo, tô só garantindo que o meu amigo aqui encontre o caminho de casa.

Eu me viro para Phillip, e seus olhos se desviam para trás de mim. O homem está claramente nervoso ao me ver cada vez mais perto.

– Você vai esquecer a existência dela. Vai esquecer que viu a Laney aqui. Não vai mencionar isso pra ninguém.

Ele ergue as mãos e recua quanto mais me aproximo.

– Escuta, cara, eu não quero confusão. Ela tá bem?

– A Laney não é mais problema seu. Ela é minha. E agora quero você fora da minha cidade. Hoje. – Eu me aproximo mais um passo. – Se eu descobrir que você sequer falou o nome dela outra vez… mesmo que seja pra contar à sua noiva o que você fez, vou transformar a sua vida num inferno.

Ele não diz nada. Seus olhos arregalados e a óbvia falta de coragem bastam para eu saber que esse cara não vai ser um problema para Laney. Ainda assim, vou me certificar de que um dos contatos de Del em Nova York faça uma visita no trabalho dele, de uniforme completo, só como lembrete.

Passo direto por Lincoln. Agora só quero ver Laney e ter certeza de que ela está bem.

– Eu quero saber o que foi aquilo? – pergunta meu irmão, vindo atrás de mim.

– Não – respondo.

Lincoln para perto das escadas.

– Você vai voltar lá pra cima?

Eu o ignoro e sigo direto para o escritório de Hadley. Quando fecho a porta atrás de mim, Laney está encostada na mesa pequena, mexendo nos próprios dedos. Ela parece menos abalada do que quando a deixei, mas precisa saber que não tem mais com o que se preocupar. Está silencioso aqui, levando em consideração que há um bar lotado e uma banda tocando logo atrás da porta, no final do corredor.

Laney endireita o corpo e começa a dizer:

– Tem mais uma coisa que eu preciso…

Tranco a porta.

– Tá resolvido.

Seus olhos se desviam para a porta e depois voltam para mim.

– O quê?

– Com ele. Tá resolvido agora.

Não quero que ela passe nem mais um segundo pensando naquela parte do passado. Ela ficou arrasada com o jeito como as coisas se desenrolaram com aquele cara, e odeio o fato de ela ter revivido tudo quando esbarrou com ele ali.

Laney morde o lábio e me olha com atenção.

– Você o machucou?

– Só ameacei, para garantir que ele vai ficar longe de você. Dei só um aviso pra ter certeza de que ele ouviu tudo que você disse.

Ela baixa o olhar para as mãos.

– É horrível te agradecer por isso? – pergunta.

Atravesso a distância entre nós, pouso o dedo sob o queixo dela e levanto o seu rosto. Os olhos lindos de Laney, sob a luz baixa atrás da mesa, agora têm pontinhos de azul e redemoinhos castanhos que me lembram o meu bourbon. O jeito como ela me olha é algo muito precioso para mim.

Sussurro perto dos seus lábios:

– Vira de costas.

Ela busca nos meus olhos uma explicação para o que estou prestes a fazer, mas, assim que entende, fica de costas para mim. Deslizo as mãos pelos seus ombros nus, pela pele macia. Essa necessidade que tenho de tocá-la é esmagadora.

Afasto o cabelo dela para um lado, me inclino e beijo logo abaixo da orelha, naquele ponto específico que a faz deixar escapar um gemido baixo. Laney inclina a cabeça para trás e a apoia no meu ombro, e deixo as mãos passearem pelo tecido áspero de sua blusa. Sigo o contorno das costuras e passo pelos cristais que tocam a sua pele. Ela parece tão perfeita assim, nos meus braços… Tenho uma necessidade profunda de protegê-la, de fazer com que se sinta bem e que se veja exatamente como é: forte, sexy e exatamente a mulher que eu quero.

Eu me inclino só o bastante para passar o nariz pela lateral do pescoço dela. Laney tem aquele cheiro floral suave, como as flores silvestres atrás da minha casa, misturado ao leve traço de bourbon dos meus lábios.

– Ele não foi o motivo de eu ter ido embora.

Eu já sabia que havia mais coisa ali, mas não vou pressionar. Não agora.

Assinto junto à pele dela, então deslizo a mão pelas curvas do seu corpo até chegar ao espaço entre as coxas. Esfrego sua boceta por cima do cetim do short que ela está usando, enquanto pressiono o pau já duro contra a sua bunda.

– Posso ser o motivo pra você ficar?

E aí está, a verdade de por que sempre me mantive mais reservado. O motivo

que me fez odiar a ideia de Laney invadir as nossas vidas e morar em frente à minha casa. Essa é a única coisa que eu tive medo de querer, e mais medo ainda de pedir a alguém. Que a pessoa *ficasse*.

Laney passa a mão pelo meu braço que envolve a sua cintura, afastando-o do corpo e levando minha mão à boca. Ela beija a minha palma e diz, com um suspiro entrecortado:

– Pode.

Apoio os lábios na parte de trás do seu pescoço e fico ali por algum tempo, assimilando os efeitos da resposta dela em mim. É como finalmente ver deixada de lado a quantidade absurda de tempo em que fui incapaz de realmente me importar com alguém. Laney rebola os quadris contra o meu corpo em resposta, e é bom pra cacete.

– Faz isso de novo.

Ela se inclina para a frente, apoia as mãos na mesa e empina a bunda para trás, se esfregando em mim.

Deslizo os dedos pelo lugar onde a calcinha quase inexistente encontra as nádegas perfeitas.

– Me diz o que você quer.

Deixo os polegares irem só um pouco além das costuras para provocá-la.

– Você. Eu quero você – responde ela.

As palavras de Laney são como fogo na minha pele, arrepiando tudo e deixando o meu pau inchado por baixo da calça. Recuo um passo.

– Tira esse shortinho pra eu ver quanto.

Ela me olha por cima do ombro, com um sorrisinho naqueles lábios lindamente pintados, e enfia os polegares no cós para abaixar a peça um pouco além da curva da bunda. A cinta-liga fica no lugar conforme ela desliza o short

de cetim preto para baixo. Não posso evitar… A mulher está praticamente implorando pela minha boca, por isso nem penso, apenas me deixo cair de joelhos, pouso uma mão em cada nádega e abro Laney para mim. Sua boceta brilha de tão molhada.

– Porra, docinho. Isso tudo é pra mim?

Ela solta o som mais sexy do mundo, um misto de arquejo e gemido baixinho. Enterro o rosto entre as suas pernas e uso a língua para tentar alcançar o clitóris. Quando chego lá, brinco por um instante, antes de arrastar a língua para baixo e de volta, até o ânus contraído.

– Por favor, não me provoca. Preciso desse pau grosso me fodendo agora.

Mordo uma das nádegas dela. *Puta que pariu, a boca suja dessa mulher…*

– Eu não tenho preservativo aqui, docinho – aviso.

Seu olhar cheio de tesão encontra o meu enquanto deslizo os dedos pelos lábios encharcados da sua boceta.

– Eu disse que quero você. Agora faz o que eu mandei, caubói.

Cacete, eu gosto disso. Aperto meu pau por cima da calça jeans. Está tão duro que chega a doer. A verdade é que eu não poderia me importar menos com as consequências de não usar preservativo. Mas não quero que Laney se arrependa de nada. Não comigo.

– Sim, senhora – respondo.

Ela se inclina para a frente e empina mais a bunda.

– Me deixa toda melada.

33

LANEY

Apoio os braços na mesa de Hadley. Tem post-its colados em praticamente todos os cantos ali, com lembretes sobre remessas de bebidas e sobre comprar um presente de aniversário para o pai dela. Consigo sentir a excitação escorrendo de mim enquanto escuto e antecipo o que vem a seguir. O cinto de Grant tilinta enquanto está sendo desafivelado. Não consigo evitar, preciso olhar de novo. Ele abre o botão da calça com um puxão e baixa o zíper no mesmo movimento. Quando enfia a mão na cueca boxer preta e puxa o pau grosso e duro para fora, passo a língua pelos lábios. Sinto a boceta formigando ao vê-lo se masturbar com uma das mãos enquanto aperta o tecido da cinta-liga ao redor da minha cintura com a outra.

No instante em que encontrei os olhos de Grant, quando Phillip estava diante de mim, me senti mais forte. Segura. Não me importei com o meu passado, com o que eu tinha feito ou com a pessoa que achei que queria que me escolhesse. A única coisa que eu queria era que Phillip esquecesse que tinha me visto. Queria voltar logo para a minha nova vida. Só vou me preocupar em contar o que aconteceu para Bea quando conseguir pensar direito. Mas, agora, a única coisa que consigo fazer é desejar e sentir. Estar presente aqui. Eu desejo Grant de um jeito que nunca desejei nada. Se ele me pedisse para implorar, eu faria isso. De coração. Se ele me perguntasse de novo se estou segura, eu contaria cada detalhe.

Grant segura cada uma das minhas nádegas como se não se cansasse de tê-las nas mãos e me abre. Seu olhar permanece fixo no que ele quer – eu, curvada e empinada para ele. Quando rebolo um pouco, seus lábios se inclinam em um sorrisinho presunçoso.

– Linda demais – diz ele, então se inclina para a frente e cospe direto na minha boceta.

É a coisa mais pervertida que alguém já fez comigo. A sensação da saliva escorrendo devagar pela parte mais sensível do meu corpo acende algum tipo de fogo novo lá no fundo, e solto um gemido longo, carregado de desejo.

– Você gosta disso, minha linda? De eu fazer o que quiser com o que é meu?

Deixo escapar um som baixo, sinto o meu ventre se contraindo, e respondo com mais um gemido que carrega alguma versão distorcida de um "sim" enquanto Grant pousa a mão livre nas minhas costas e entrelaça os dedos no meu cabelo. Ele segura algumas mechas e me puxa um pouco para trás enquanto arrasta a cabeça do pau pela minha entrada, se lambuzando de nós dois.

– Isso mesmo, quero ouvir você gemer. Não me importo se esse bar inteiro ouvir. Não fica em silêncio. Não pra mim.

Então Grant me penetra de uma vez, bem fundo, os quadris pressionando com firmeza a minha bunda. O jeito como ele me preenche sempre me deixa sem fôlego.

– Porra, isso é bom demais.

Grant deixa escapar um grunhido e inclina a cabeça para trás.

– É tão grosso – digo em um arquejo, enquanto deixo escapar outra mistura de sons sem sentido que, no fundo, são gemidos de um prazer completo e absoluto.

Grant se move dentro de mim com estocadas lentas e profundas, como se precisasse sentir cada centímetro da minha boceta. Ele me fode com cuidado, com intensidade, como se estivesse se perdendo no meu corpo do mesmo jeito que eu me perco no ritmo dele.

Os sons que ele faz atrás de mim me incentivam a fazer o mesmo.

– Grant.

– Isso, linda. Fala pra mim.

Ele continua a segurar o meu cabelo com uma das mãos e passa a outra ao redor da minha cintura, para me afastar da mesa e me apertar contra o peito dele. Grant não para de se mover, o pau avançando dentro de mim, arrancando os sons mais indecentes dos nossos corpos, me fazendo me contrair ao redor do comprimento dele.

Viro a cabeça para encará-lo e, assim que nossos olhos se encontram, Grant devora os meus lábios. Todos os meus sentidos estão tomados enquanto a língua dele dança com a minha. Ainda não quero gozar… estou consumida demais por essa sensação inebriante. Por esse momento. Com ele.

– É gostoso demais estar dentro de você, docinho… Acho que não… *Cacete*.

Eu me movo para encontrar o corpo dele toda vez que Grant arremete dentro de mim.

– Mais forte, caubói. Não quero esquecer isso tão cedo – imploro.

Tento agarrar a camisa dele, buscando algo para me apoiar enquanto ele me sustenta contra o seu corpo, colando o peito nas minhas costas.

Grant faz exatamente o que eu peço, mantendo o ritmo lento e punitivo, e indo tão fundo que as minhas pernas tremem. Quando ele corre os dentes e os lábios pela lateral do meu pescoço, passo o braço pela sua nuca. A respiração pesada e os sons que ele deixa escapar toda vez que o pau dele desliza fundo são o que me leva mais rápido ao limite. As palavras e o mundo ao nosso redor de repente se apagam. Meu corpo fica tenso, em um alerta de que nada vai evitar que eu me jogue nesse precipício. Sinto a pele formigando, e uma sensação fria e entorpecente começa a envolver minha boceta. Grant me abraça com mais força, um braço embaixo dos meus seios e o outro descendo até o feixe de nervos entre as minhas pernas, que será a minha perdição. A força das estocadas por trás e a pressão dos dedos dele me fazem suplicar e repetir:

– Não para. Não para.

Vou gozar a qualquer instante e ele sabe disso. *Ele sente isso*. Quando Grant me segura com mais força, sinto que também está perdendo o controle.

– Essa é a minha garota. Você vai aguentar tudo o que eu te der, não vai?

Aperto os seus braços com força e cravo as unhas em sua pele. *Tudo*. O peito de Grant vibra quando apoio a cabeça no ombro dele e sua boca cobre o meu pescoço, mordiscando. São os sons profundos, ofegantes, carregados de desejo, e as palavras dele que fazem com que eu me perca de vez.

– Goza pra mim, docinho. – Seus lábios deslizam pela minha pele enquanto ele sussurra: – Isso mesmo. Essa boceta perfeita. Que acabou de deixar o meu pau todo melado.

Já não escuto nada além dos meus gemidos e dos dele. Só quando me derreto inteira, satisfeita, sinto o corpo de Grant ficar tenso atrás de mim e, segundos depois, ele goza junto comigo. Então, sai de dentro de mim, e sinto o seu gozo espirrar na minha pele enquanto ele se masturba entre os nossos corpos.

– Cacete, baby – diz em um gemido.

Ele ainda me mantém presa pela cintura, a testa apoiada no meu ombro. O peito dele sobe e desce no mesmo ritmo profundo e acelerado do meu.

– Foi melado o bastante pra você? – provoca Grant, com um sorriso, enquanto esfrega o pau nas minhas costas e desce pela minha bunda, por onde seu gozo escorre.

– Por enquanto.

Ele passa o braço por entre os meus seios, e a mão dele envolve o meu pescoço, virando a minha cabeça em direção ao seu ombro para que consiga me beijar.

– Agora você parece mais minha.

– Não sei, não, caubói. Você parece muito mais *meu* agora.

Ele solta uma risada.

– Você não está errada. – Então se inclina e beija o meu nariz. – Vamos te limpar.

Eu me apoio na mesa, e ele me limpa com um lenço que estava pendurado atrás da porta de Hadley. Tomara que ela não procure por aquilo depois. Grant se inclina, e os joelhos dele estalam enquanto ele sobe o meu short, deixando um rastro de beijos ao longo da parte interna da minha coxa. Eu não deveria ter vontade de repetir agora. Eu deveria me sentir satisfeita, mas a verdade é que Grant só aguçou ainda mais o meu apetite. E as próximas palavras que saem da sua boca não ajudam.

– E se eu não quiser voltar para a festa e ficar vendo você servir mais ninguém? E se eu preferir passar o resto da descobrindo todas as formas como *eu* posso te servir? – propõe ele.

Olho por cima do ombro e observo enquanto ele desliza as mãos pelo meu corpo outra vez. Passo os braços ao redor dos seus ombros e brinco com o cabelo na nuca, do jeito que Grant sempre faz quando está se sentindo desconfortável ou pensando. *O sinal dele*. Ele se inclina para mim, roça o nariz pelo meu maxilar, e me derreto com a sensação. Com o jeito como o meu toque o deixa mais entregue ainda.

Grant me beija mais uma vez e me olha como se tivesse muito mais a dizer. Quero ouvir tudo.

– Me leva pra casa, caubói.

34

LANEY

Três fotos. É tudo o que eu tenho para me lembrar da minha mãe. Lembrar não é a palavra certa… Talvez seja eternizar o fato de que eu tive uma mãe, embora nunca a tenha conhecido. Fico olhando para o jeito como ela sorria para o meu pai e como parecia feliz no vestido de noiva improvisado, com a Capela de Las Vegas ao fundo e uma garrafa de champanhe na mão. Sempre achei aquele tipo de casamento vulgar e impulsivo, mas, depois de passar tanto tempo vendo tanto dinheiro sendo gasto nos casamentos que organizo, me pergunto se eles não fizeram o certo. Amar um ao outro e fazer uma promessa. Ela não conseguiu cumprir a parte dela, mas o meu pai dizia que a melhor parte de amar a minha mãe tinha sido a minha chegada em sua vida. Enxugo as lágrimas e penso nele e no quanto sinto nojo de mim mesma pelo que acabou de acontecer.

Guardo as fotos de volta na caixa de madeira e passo os dedos pelo ímã da Disney, pelas fotos de cabine que tiramos no calçadão depois de comemorar o último dia de aula do sétimo ano e pelo pequeno Buda que ele disse que me traria sorte quando passamos o dia em Chinatown, caminhando e comendo ao longo da Pell Street. Pequenas bugigangas e pedaços de papel são as únicas coisas que estão guardadas naquele galpão que têm alguma importância para mim.

– Alguém…

É a única palavra que escuto antes do grito angustiante que ecoa pelo corredor. Eu não sabia que era esse tipo de pessoa. Não sabia se, caso me deparasse com alguém em perigo, ou se a situação exigisse, eu enfrentaria ou fugiria. Mas não penso duas vezes. Saio em disparada do box de armazenamento no galpão, mas, em vez de fugir, corro em direção ao grito. Deixo meu celular, bolsa e carteira para trás. Simplesmente corro para ajudar quem estiver precisando ou seja lá o que estiver acontecendo. Quando entro no canto bem iluminado e vejo o sangue

escorrendo pelo pescoço dela, a pele rasgada e as lágrimas descendo pelo rosto sujo, estaco, com o coração na garganta. Mas a mulher não para. Não entro em pânico. Ao contrário, me vejo dominada por uma necessidade instantânea de ajudar, de descobrir o problema e resolver.

– Por favor! Ai, meu Deus, por favor, me tira daqui. A gente precisa sair daqui!

Olho atrás dela e não vejo nada. Quando me viro, o alarme de incêndio chama a minha atenção. Levanto a tampa de plástico e puxo para baixo. Nada acontece. Não há nenhum alarme ensurdecedor ou sirene tocando, apenas uma luz piscando acima das saídas. Por que não tem alarme?

É quando eu escuto. Quando o escuto.

– Você é minha, ladra bonita.

Eu arquejo. Parece que tem um peso enorme em cima do meu peito. Começo a tossir assim que abro os olhos. Minhas costas, a área abaixo dos seios e o lábio superior estão úmidos de suor. É a mão quente no meu braço que me traz de volta à realidade. É ela que me ajuda a acordar. Pisco para afastar os restos do pesadelo. Alguns trechos são diferentes do que realmente aconteceu, mas ainda amplificam a minha ansiedade. Sei que não foi isso que ele disse, mas ouvir aquela voz me deixa com o estômago embrulhado.

Talvez ver Phillip de novo tenha reavivado tudo. Mesmo que Grant tenha me garantido que Phillip não seria um problema. Aposto que Grant não precisou de muita persuasão caso tenha ameaçado explodir a vida opulenta que Phillip construiu em Manhattan. Isso seria suficiente para mantê-lo longe e calado.

Mas os meus sonhos não são sobre Phillip. São sobre tudo o que aconteceu naquele depósito *depois* de Phillip. Tenho acordado todas as noites da última semana suando e inquieta, relembrando trechos do pesadelo. E já estou farta disso. Nem é mais chateação, agora é raiva. Odeio ter que reviver esses sentimentos, a ansiedade, a adrenalina de ser perseguida, os intermináveis "e se".

Olho ao redor do quarto. As cortinas estão fechadas, e o zumbido baixo do ar-condicionado central mantém a temperatura fresca apesar do meu corpo superaquecido.

– Está tudo bem. Foi só um sonho ruim – diz Grant baixinho, acariciando a minha mão em movimentos circulares.

Ele não sabe sobre o que são os sonhos, mas ainda assim me consola.

Eu me sento e esfrego as mãos no rosto. A cama sacode, e Julep pula, sentando-se alerta aos nossos pés.

– Eu estou bem, menina – digo, e faço um gesto com os dedos para que Grant chegue mais perto.

Ele se ergue de onde estava deitado de bruços e beija o meu braço.

– Quer falar sobre isso?

– Na verdade, não. Eu não…

Não sei exatamente como estou. Meu corpo vibra com a sensação de alguma coisa fora do lugar. Uma inquietação que eu gostaria de ignorar.

Com aquela voz rouca de quem acabou de acordar, ele responde por mim:

– Não está bem?

Balanço a cabeça. Grant beija a minha mão, bem no ponto que estava acariciando há pouco.

– Que tal eu te mostrar o que eu faço quando não estou bem?

Ele se levanta antes que eu possa responder, e vejo a cueca boxer preta colada àquela bundinha deliciosa.

Cerro os lábios para conter um sorriso enquanto reparo em como esse homem é bonito, especialmente de manhã. Gostoso de um jeito que deixa a gente sem fôlego.

– Isso envolve você ficar nu na cozinha? – pergunto.

Ele joga uma camiseta no meu rosto.

– Se veste e me encontra lá embaixo, na minha oficina.

• • •

– Bate de novo.

Quase uma hora depois, estou sem fôlego. É bom descarregar toda essa energia acumulada em um saco de pancadas. Depois de escovar os dentes e optar por um top esportivo e um short, em vez de uma das camisetas dele, cheguei à oficina e encontrei Grant à minha espera, já de bandagens e luva de boxe.

Acerto o saco outra vez.

Ainda estou de mau humor. Tentando digerir tudo, mas cheia de raiva. Eu ajudei uma pessoa, e qualquer sensação boa ligada a isso se perdeu no fato de eu ter tido que deixar a vida que eu tinha para trás. E ainda não contei tudo para Grant. Talvez o meu mau humor tenha mais a ver com estar escondendo alguma coisa dele do que com a aparição de Phillip.

Acerto o saco mais uma vez.

Mudar de cidade e fugir, por mais inteligente ou segura que tenha sido a decisão, me fez sentir que eu não tinha controle. E esses pesadelos me lembram que as coisas ainda estão inacabadas. Sem resposta. Eu não conheço a história inteira. E é a *minha* história, inferno.

Acerto três socos em sequência, então me apoio no saco e levanto os olhos para Grant.

– Por que você está só me olhando?

– Continua. A mesma combinação, mas acrescenta um joelho no final.

– Continua você – retruco, irritada e sem fôlego.

– Eu tô te olhando porque você fica gostosa pra cacete batendo nesse saco.

Não quero que Grant flerte comigo. Estou suada, me matando nesse saco de

pancadas, e ele só fica olhando. Julep também.

– Então é só isso que eu sou? Um objeto decorativo para o seu deleite visual?

Acerto dois diretos e um gancho de esquerda.

Grant dá um sorrisinho, e eu paro.

– Isso não tá funcionando.

Arranco as luvas.

– Me diz do que você precisa.

Ele inclina a cabeça para o lado, me avaliando.

– Ótima pergunta. Por que você não me diz?

Estreito os olhos quando vejo Grant morder o lábio inferior, tentando esconder o sorriso.

– Você quer alguém que desafie essa sua boquinha atrevida?

– Você não achou que era uma boquinha atrevida quando estava engasgando com o seu pau.

Grant solta uma gargalhada alta, e tenho que me esforçar para conter a minha. Eu não tinha planejado dizer aquilo.

Consigo imaginar como deve estar a minha aparência agora. Descabelada e toda melecada de suor, que se espalha do meio dos meus peitos até a dobra onde a bunda encontra as coxas. Estou suando em lugares que nem sabia que era possível suar. E estou arrumando briga.

– Você tem sido doce demais comigo ultimamente – comenta Grant. – É isso? Toda essa raiva aí dentro tá tentando encontrar uma válvula de escape?

Mesmo com o estômago embrulhado, acerto o saco de pancadas de novo e solto um grunhido.

– O que exatamente você quer dizer com isso, Grant?

A cada minuto que passa, a nuvem da verdade parece mais pesada sobre a minha cabeça. Cada soco agora parece uma luta comigo mesma. Nós dissemos que não haveria mais mentiras, mas o meu segredo precisa ser guardado, aconteça o que acontecer. Não importa o que aconteça entre nós. Porque é algo que poderia colocá-lo em risco também, tanto quanto eu. Não posso fazer isso com ele.

– Estou dizendo que tô aqui para o que você precisar, não importa o que seja. – Ele se aproxima, e só isso já me amolece um pouco. – Se você quiser bater nesse saco a manhã inteira para extravasar, tudo bem. Se quiser dar uma caminhada até as baias, aqueles cavalos sempre me ajudam a esquecer quando as coisas estão barulhentas demais na minha cabeça. Se quiser que eu te deixe sozinha porque precisa de espaço, também posso fazer isso.

Meu peito se aperta, e seguro o braço dele, puxando-o para mais perto.

– Essa última opção, não.

Por mais cheia que esteja a minha cabeça, sem saber o que devo fazer ou o que devo parar de sentir para sair desse buraco, ficar longe de Grant não é uma opção.

Sem mentiras.

Eu pigarreio e fecho os olhos por um instante antes de encará-lo.

– Você já sabe que eu não sou do Colorado.

Ele solta um murmúrio baixo e se apoia no saco de pancadas.

– Sei.

– Eu estava no lugar errado, na hora errada. Ou talvez no lugar errado, na hora certa. Te contei sobre aquela noite no galpão com o Phillip.

Grant assente e entrelaça um dedo ao meu mindinho. Ele quer me tocar, mas está me dando espaço.

– Continua, meu bem.

E só essas palavras já bastam para eu soltar o ar que venho prendendo há tanto tempo.

– Eu estava abalada com o que tinha acabado de acontecer. Mas aí ouvi um grito…

Então conto tudo. Como ajudei a outra mulher a escapar de um pesadelo e as horas caóticas que se seguiram e que me levaram até a varanda da casa de Ace.

– Não sei o que vai acontecer agora. Nem consigo dizer com certeza se estou segura. – Balanço a cabeça. – Só sei que confio em você.

– Entendo o que significa carregar um segredo como o seu. O tipo de confiança que você precisa sentir em mim para compartilhar isso. – Grant arruma uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e envolve o meu queixo com a mão. Então promete, olhando bem nos meus olhos: – O seu segredo tá seguro comigo. Você tá segura comigo.

Com os olhos embaçados por lágrimas que ainda estou contendo, digo apenas:

– Eu sei.

Ele passa os braços ao redor da minha cintura e me puxa junto ao corpo.

– Tô toda suada – digo, rindo, e tento me afastar.

Mas ele não deixa.

– Fica quieta – fala Grant, e me abraça com mais força. Então ele lambe a lateral do meu pescoço. Uma lambida exagerada, a língua subindo bem onde o suor escorre, e juro que sinto aquela lambida entre as pernas. – Você acha que um pouquinho de suor vai me assustar? – Ele me levanta do chão, de modo que meus pés ficam a poucos centímetros do piso, me beija e roça os dentes pelo meu lábio inferior. – Qual é o seu doce favorito? – pergunta.

Solto uma risada.

– O quê?

– Me diz qual é o seu doce favorito.

– Não é fácil responder a essa pergunta…

– Diz mesmo assim.

Ele sorri e belisca de leve a minha cintura.

– Bala de alcaçuz e ursinhos de goma azedos, e talvez aqueles docinhos, Modjeska, empatados em primeiro lugar. Ah, e os ursinhos de goma cobertos de chocolate também.

Grant prestou atenção. Ele já sabe que ursinhos de goma azedos são uma das minhas primeiras escolhas. Na semana passada, encontrei pacotes fechados no armário dele e na mesa de cabeceira. Ele disse que eram "para alguma emergência".

– Você é tudo isso pra mim. Meus sabores favoritos. – Ele beija os meus lábios outra vez. – A sua boca. – Então o meu pescoço. – Suor. Lágrimas. – Seus lábios roçam o meu maxilar. – A sua boceta. O jeito como ela fica molhada pra mim. O gosto dela quando me quer. O gosto depois de me ter. Tudo isso.

Não consigo conter um sorriso e solto uma risadinha ao ouvir aquilo. Meu corpo fica quente na hora, pronto para ele, que me coloca de volta no chão e se ajoelha à minha frente.

– Obrigado – diz Grant, baixinho.

Procuro em seu rosto o que significa aquilo, mas ele me encara com tanta adoração que meus olhos ficam marejados.

– Pelo quê, meu bem? – pergunto, ainda sorrindo.

Ele pega a minha mão, beija o meu pulso e diz apenas:

– Por você.

Apesar de toda a merda que me trouxe até aqui, e mesmo que eu precise ser lembrada disso de vez em quando, a questão é que… estou aqui. Diante de um homem que quer ser o motivo de eu ficar.

Um homem que agora está literalmente de joelhos para me fazer me sentir bem.

35

GRANT

Eu me apoio na parede mais distante da destilaria, aquela com a melhor vista de onde as visitas guiadas começam e terminam. Bem em frente ao bar de degustação. Ainda tenho algumas coisas para finalizar, mas ouço a risada dela, e isso interrompe o meu fluxo de pensamento. Laney está enfeitiçando um pequeno grupo de pessoas sem nem se dar conta disso. E ela sabe exatamente do que está falando enquanto serve as réguas de degustação.

– Este é o 1936. Ele traz esses sabores mais encorpados e em camadas para o paladar porque passa por barris duplos. É um dos meus favoritos.

Laney vira uma garrafa do blend mais recente, serve e arranca alguns assovios de aprovação.

Eu fiz uma promessa quando disse que ela estaria segura comigo. Droga, foi uma promessa para mim mesmo também, porque é a única coisa que eu tenho medo de não conseguir cumprir. Eu já falhei uma vez e não vou permitir que isso aconteça de novo. Custe o que custar.

– Você percebe que está encarando a mulher e sorrindo como um idiota?

Olho para o meu avô, que apareceu do nada ao meu lado, encostado na mesma parede.

– De onde você surgiu?

– Tenho andado de olho em você ultimamente.

Respiro fundo, então solto o ar e me afasto da parede para voltar ao trabalho.

– E por quê, Griz?

– Eu sempre presto atenção, Grant. Os seus irmãos gostam de ser o centro de tudo isso, mas eu e você sabemos que o que mantém as coisas funcionando de verdade é fabricar barris, fazer o trabalho duro, sem precisar dos holofotes. – Ele

cruza os braços e observa o salão, a marca que construiu até se tornar o que é hoje. Griz sempre foi bom em ter uma excelente visão do todo. – Tenho visto o jeito como você vem ajudando os novatos a se encontrarem na tanoaria. Todos eles realmente querem estar perto de você agora.

– Griz, eu nunca tive interesse em fazer amigos aqui.

– Não estou falando de amizade, mas de respeito. Eles sempre respeitaram o seu sobrenome, o seu papel quando você começou como mestre tanoeiro, mas agora estão respeitando *você*. Você está mostrando a esses caras o que significa ter orgulho do próprio trabalho. Resolver problemas sem precisar pedir permissão. É algo poderoso trabalhar duro e ter a sensação de que o que você faz tem importância.

Estou nesse emprego há um bom tempo e nunca desejei nada além de entrar, fazer o meu trabalho e ir embora. Olho para a mulher servindo o bourbon da minha família. Agora tudo parece diferente. *Eu* me sinto diferente.

– Ouvi dizer que esse é o emprego em que o Jimmy Dugan ficou mais tempo. A loja de ferragens não conta. Sei com certeza que o pai dele tentou demitir o rapaz pelo menos três vezes.

Sorrio ao ouvir isso.

– O Jimmy dá duro aqui. Acho que ele só precisava encontrar alguma coisa além da loja de ferragens. Se assentar em um lugar diferente.

Griz volta a olhar para Laney.

– Às vezes é só disso que a gente precisa. Se assentar em terreno novo. Encontrar alguém que te enxergue como você é, não como foi um dia. – Griz dá uma palmadinha no meu ombro e o aperta com carinho. – Tenho orgulho de você. – Mordo a parte interna da boca, tentando manter as emoções sob controle. A aprovação dele ainda significa muito para mim. – Ouvi dizer que os peixes estão mordendo a isca de novo no fim da tarde. O que acha de você e eu

mostrarmos à Laney o que mais a gente sabe fazer bem por aqui?

– Eu pego as varas se você comprar as iscas hoje à tarde. Que tal?

• • •

– Vou dizer uma coisa a vocês, meninos: quando vocês conhecerem a pessoa certa, vão saber – disse Griz enquanto lançava a linha.

Ele fazia a mosca deslizar pela água de um jeito que ela parecia estar em câmera lenta, e tocava a água na velocidade certa para criar uma ondulação e atrair as trutas. Embora, naquele fim de verão, fosse mais provável a gente pegar robalos ou carpas.

Ace gritou de cima da pedra no meio do rio:

– Os meninos do bourbon não precisam de mais ninguém, Griz. Meninas só querem rir e fazer coisa chata.

Griz riu sozinho consigo mesmo, e eu sabia, tão bem quanto meu irmão mais velho, que, independentemente do que ele dissesse, aquilo não era verdade.

– Você não vai pensar assim daqui a alguns anos, Atticus. Isso eu posso garantir.

Meu avô era o homem mais inteligente que eu conhecia, então, quando ele dizia que uma coisa era verdade, eu acreditava. E, se ele dizia que a gente ia encontrar alguém que tornaria nosso mundo mais incrível do que jamais imaginamos, eu mal podia esperar para conhecer a minha pessoa.

Há anos não me lembrava desse momento. De como ficamos exatamente nesse lugar, rindo enquanto Griz explicava como a vida funcionava.

– Não importa se é um homem ou uma mulher, mas ter alguém…

Lincoln completou:

– Como a vovó, né, Griz?

Griz sorriu.

– *Sim, Linc, exatamente como a sua avó.*

É claro que não era tão simples assim, mas, aos 7 anos, parecia tão fácil quanto seguir regras e pistas. E eu sempre fui bom nisso.

Julep passa correndo pela margem rasa, espirrando água enquanto persegue um sapo. Normalmente, isso seria a parte mais divertida de uma pescaria ao entardecer. Mas é a mulher linda parada na água que chega até os quadris, usando um macacão de pesca grande demais, que realmente prende minha atenção.

– Acho que os peixes não gostam de mim. Não preciso de uma minhoca ou alguma coisa assim? – Ela está segurando a vara no ângulo perfeito para lançar, enquanto Griz ainda discursa sobre como segurar mais solto ajuda a linha a deslizar melhor pela superfície.

Enrolo a linha ao redor do anzol e faço dois nós.

– Quantas vezes eu tenho que fazer isso?

Não consigo segurar a risada, porque quase posso ver a fumaça saindo das orelhas de Griz. Ela está falando alto, e ninguém pega nada fazendo barulho quando está pescando com mosca.

– Eu posso fazer mais daqueles muffins de abobrinha com chocolate pra você, Griz.

Ele recolhe a linha e quase cai na água.

– Como assim, abobrinha com chocolate?

– Aqueles muffins que você comeu eram sem glúten e tinham abobrinha.

– Aquela coisa verde dentro era abobrinha?

Mas Laney não responde. Em vez disso, faz um movimento brusco com o pulso e quase cai para trás quando a linha arrebenta e a vara voa.

– Inferno, essa vara do capeta, desgraçada… – resmunga, e cai na gargalhada

quando vê que o anzol ficou preso no tronco da árvore à minha esquerda.

Griz solta uma risada abafada e balança a cabeça.

– "Vara do capeta". Adorei. Vou começar a usar.

Laney atravessa a água na minha direção. Com o cabelo preso no alto, alguns fios com tons de morango e dourado escapam pelo pescoço. Talvez seja o jeito como o sol toca o horizonte ou como a água ondula enquanto ela se aproxima, mas sinto o peito aquecer e a boca secar. De repente, parece que o mundo decidiu que já é hora de eu reconhecer o que está acontecendo. E talvez eu tenha sido teimoso demais para perceber antes, mas não vou esquecer esse momento. Nem o nome do que estou sentindo por ela. Em algum ponto entre os xingamentos dela a mim e àquela linha de pesca, eu me apaixonei de vez.

– Está impressionado com as minhas habilidades?

Laney enfia os polegares nos suspensórios que mantêm as alças do macacão impermeável no lugar e ergue as sobrancelhas.

Dou uma risada baixa e tento engolir o nó na garganta.

Quando ela chega mais perto, passa os braços ao redor da minha nuca e inclina a cabeça para trás com um sorriso fácil nos lábios.

– Está tudo bem, baby?

Hummm. Adoro quando ela me chama assim. Eu a puxo mais junto ao corpo, envolvo a sua cintura com os braços e beijo aqueles lábios perfeitos. Não é preciso um grande incentivo para que as nossas línguas se encontrem em uma carícia lenta. Quero ficar assim, com meu corpo colado ao dela. Beijando-a desse jeito, como se ela fosse tudo para mim. Tenho medo até de piscar. Medo de soltar Laney e fingir que esse é só mais um fim de tarde qualquer.

Um barulho de água e um animado "Uhuuu!" chamam a nossa atenção. Griz está rindo no meio do rio, com água na altura dos quadris, enquanto recolhe um peixe.

– Grant, esse deve ser o melhor peixe do verão. Você e a Laney fiquem aí, para os peixes voltarem.

– Pode deixar, Griz – respondo, rindo, e a aconchego no meu colo.

– Laney – chama ele. – Parece que sua sorte de principiante está servindo para mim, enquanto você fica aí agarrada no meu neto.

Volto a olhar para ela, sorrindo, então puxo o seu queixo mais para perto e encaro aqueles olhos azuis.

– Não tenho do que reclamar, docinho.

36

LANEY

As duas batidinhas à minha porta fazem Julep latir.

– Pode entrar – grito, com as mãos cobertas de massa pegajosa, consequência da vontade repentina de fazer rolinhos de canela.

Cozinhar virou um tipo de higiene mental. Evita que eu me afunde em pensamentos ansiosos demais. De certa forma, permite que eu me sinta mais perto do meu pai e, ao mesmo tempo, simplesmente aproveite um momento só meu.

– Oi, Laney.

Não é o Foxx que eu esperava ver na minha casa – tecnicamente, na casa dele. Mal consigo ouvi-lo com Ella Fitzgerald tocando ao fundo.

Sorrio, cumprimento-o com um aceno de cabeça e me inclino para abaixar o volume da caixinha de som ao meu lado.

– Ace, o que te traz aqui?

– Eu ia te perguntar a mesma coisa – responde ele, e se apoia na bancada com as mãos enfiadas nos bolsos da calça social e um sorriso tranquilo.

Paro de misturar o açúcar mascavo com a canela.

– Merda. Estou abusando da sua hospitalidade? Sei que você disse que não queria que eu pagasse aluguel, mas venho separando uns cento e poucos dólares por semana, caso você peça.

Ele balança a cabeça.

– Eu não preciso que você pague aluguel. Só quis dizer que não imaginava que você estaria aqui. Imaginei que estaria na casa do Grant – explica.

– Ah.

Como eu deveria responder àquilo? *Para falar a verdade, sim. Tenho passado*

bastante tempo na cama do seu irmão. Sem mencionar que a curiosidade de Ace vem em um momento estranhamente próximo da conversa que tive com Grant hoje cedo.

Espiei pelo canto do olho enquanto passava rímel. Grant observava a bancada do banheiro coberta, em sua maior parte, pelas minhas coisas.

– Vou arrumar tudo assim que terminar.

– Essa é toda a maquiagem que você tem?

Grant colocou uma boa quantidade de pasta na escova e começou a escovar os dentes enquanto me observava curvar os cílios.

– Por favor, não seja o cara que diz "você não precisa disso".

Ele apenas sorriu por cima da escova, cuspiu na pia e voltou a me encarar.

– Laney, dou valor à minha vida. Jamais diria o que você precisa ou não fazer.

Então piscou para mim.

Foi impossível não sorrir, principalmente diante daquela toalha azul-marinho presa tão baixa no quadril dele.

– Levanta esses olhos, meu bem. – Ele pigarreou e passou a mão pela nuca antes de me olhar novamente pelo espelho. – Estou perguntando porque talvez você devesse pegar mais coisas. Para deixar aqui.

Aquilo me fez parar o que eu estava fazendo.

Seu sorriso era tenso, ele parecia nervoso. E Grant, mesmo com tudo que venho descobrindo sobre ele, nunca pareceu nervoso em situação alguma. Até agora.

– Estou tentando ter mais de você.

Aquilo me tirou o chão. E não de um jeito ruim. Eu nunca tinha ouvido essas palavras. Em nenhum momento da minha vida, alguém, além do meu pai, quis mais de mim. Sempre foi o contrário. Parte dessa surpresa e talvez um leve pânico devem ter se refletido no meu rosto.

Grant limpou qualquer resto de pasta de dentes, se aproximou e se inclinou para beijar o meu ombro.

– Deixa eu ter mais de você.

A verdade é que eu também queria isso. Talvez tudo isso esteja acontecendo cedo demais. Talvez acabasse sendo a pior decisão da minha vida – me aproximar de um homem que rapidamente deixou de me chamar de mentirosa e começou a me reivindicar como dele.

– Tem espaço pra você aqui. Na gaveta de cima, ali no meu armário, e a mesinha do seu lado da cama está praticamente vazia. – Grant roçou os dentes pelo meu ombro e completou: – Pensa nisso.

Ele saiu do banheiro dando uma palmadinha de leve na minha bunda.

Não parei de pensar nisso desde então. O que justifica o pacote de balas que já devorei depois de ter comido uma cumbuca enorme de granola.

– A Prue perguntou sobre a possibilidade de organizar uma cerimônia de casamento na destilaria. Uma das netas dela está procurando um espaço pequeno, e a Prue queria saber se teria como a gente fazer alguma coisa assim. Respondi que precisava conversar com a minha gerente de eventos antes de me comprometer com qualquer coisa.

Termino de espalhar a mistura de açúcar mascavo com bourbon por cima da massa aberta e vou até a geladeira pegar manteiga. Gosto muito do fato de Ace ter vindo conversar comigo antes de assumir qualquer compromisso. O gesto me faz perceber o quanto eu respeito esse homem, a forma como faz negócios e como trata as pessoas. Principalmente as que trabalham para ele.

– Acho que, se elas quiserem um evento ao ar livre no auge do inverno ou no meio do verão, vai ser complicado por causa do clima. Mas se for no outono, por exemplo, talvez a gente só precise se preocupar em ter um espaço coberto.

– E se tivéssemos um espaço dedicado para eventos assim?

Isso me faz parar novamente o preparo dos rolinhos.

– Eu diria que a destilaria é movimentada demais durante o horário normal das visitas guiadas para um evento privado. Mas, se houvesse um lugar especial para esse tipo de coisa, aí a gente poderia oferecer com frequência.

– Você levaria isso em consideração pra ficar por aqui? A longo prazo?

Fico lisonjeada com o que ele está propondo.

– Por quê? – Pigarreio. – Quer dizer, se a gente conseguir organizar um casamento para uma amiga da família aqui, é claro que sim. Mas, se você tá falando em criar um espaço que se torne um destino para casamentos, nossa, acho que seria incrível.

Ace apenas assente. Um aceno breve de cabeça, como se o assunto estivesse encerrado.

– Muito bem. Vou pedir para a Prue falar diretamente com você, então. Faz um levantamento dos custos envolvidos e a gente vê se cabe no orçamento da neta dela.

– Hum, claro. – Limpo rapidamente as mãos e o chamo antes que ele chegue à porta: – Ace?

Ele percebe o questionamento no meu tom.

– Parece que você vai ficar. Então quero que tenha alguma coisa aqui. Este lugar é seu, se você quiser. – Ace dá um sorriso contido. – Você merece coisas boas, Laney. Não sei os detalhes, mas vi o suficiente para saber que, seja do que for que você tenha fugido, era alguma coisa séria. E tô dizendo, de um coração endurecido para outro, que, não importa o que aconteceu, você tem direito de encontrar coisas boas.

Você dá conta de encarar qualquer problema, Laney.

– E você trouxe o meu irmão de volta. – Ele engole em seco. – Estou

reconhecendo novamente o Grant. E sei que isso tem muito a ver com você.

Ele vai embora logo depois, e sinto os olhos marejados. Não seco as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Encaro a porta e me permito sentir. Não pretendo menosprezar, de jeito nenhum, essa sensação de pertencimento e cuidado que encontrei aqui. Olho ao redor do chalé e encontro Julep enroscada no canto, dormindo. Sinto que tenho um lar.

O relincho alto de um cavalo me arranca daqueles pensamentos. Olho pela janela da frente e vejo o contorno de Grant escovando Tawney, usando aquele bendito boné azul virado para trás. Ele foi à tanoaria hoje cedo e saiu para cavalgar depois do almoço. Estou descobrindo que esse é um domingo típico para ele. Não houve um único dia em que Grant não tivesse dado pelo menos uma passada na destilaria. Ele ama estar lá, e entendo perfeitamente.

O alerta da chegada de uma mensagem no meu celular soa através da caixa de som e interrompe a música.

BEA

Laney, me liga.

Tem uns colegas me perguntando sobre Fiasco.

Alguém anda fuçando.

Sinto um embrulho no estômago.

Olho para Grant. E sei, no mesmo instante, que isso é culpa minha. Demorei demais para contar a ele. Desligo o timer dos rolinhos de canela e os tiro do forno, tentando processar o que pode significar isso. Só sei que não é coisa boa.

Em vez de ligar para Bea, saio de casa e atravesso o gramado, falando antes mesmo de me aproximar dele.

– Você andou investigando o meu caso? Fazendo perguntas?

Grant para de escovar Tawney e se vira, o sorriso desaparecendo rápido do rosto. É o modo como ele parece se dar conta do que aconteceu que me detém.

– Droga. O que foi que você fez? – sussurro.

Penso nas possíveis repercussões do que ele fez: perigo, mudança, ter que ir embora. Minhas mãos começam a tremer e sinto a boca ficar seca.

Ele larga a escova e se aproxima.

– Fiz merda.

Recuo um passo.

– Antes de você me contar tudo… – Grant esfrega a nuca. – Meu bem, eu soube que você estava enrolada com alguma coisa no instante em que murmurou o nome da Bea. Quando o Ace confirmou que foi ela que te trouxe pra cá, eu relaxei. Mas, naquela noite no Midnight Proof, o Waz comentou alguma coisa sobre Nova York e isso me deixou em alerta. Gente como ele nunca tá metida em coisa boa.

Ele estende a mão para mim, mas não quero que me toque. Quero que fale, por isso me afasto.

Grant passa as mãos pelos cabelos e solta um suspiro pesado.

– Pedi pro Del investigar um pouco. Ele tem muitos amigos no FBI e no Serviço de Delegados dos Estados Unidos em escritórios lá do Norte.

Merda. Arregalo os olhos, quase sem acreditar nisso. Por que eu simplesmente não contei a ele antes? Grant já foi policial, inferno… É claro que saberia lidar com isso!

Eu me viro e começo a andar de volta para o meu chalé. Preciso de espaço e preciso ligar para Bea.

Quando escuto Grant me seguindo, algo no que ele disse me faz parar.

– Como o Waz…?

– Não sei. Mas o Del não encontrou nada sobre você. Nada que chamasse atenção. Então ele deixou pra lá. E esperei você me contar quando estivesse pronta.

Ai, meu Deus. Não tem motivo nenhum para Fiasco estar no radar de ninguém, a não ser que um ex-policial tenha começado a investigar uma mulher que apareceu do nada. Fecho os olhos. Uma lista de preocupações se descortina dentro de mim. Se eu tivesse contado antes, Grant não teria tentado investigar.

Só percebo que estou praticamente correndo quando ele chama:

– Docinho, espera!

– Não me chama assim agora. – Levanto o celular. – Você fez perguntas demais, para pessoas demais, e isso pode ter me colocado em perigo, Grant. Pode ter colocado VOCÊ em perigo. O Ace, o Griz, o Lincoln, as meninas! – grito, sentindo o corpo inteiro tremer. – Só o fato de ter perguntado já colocou *todo mundo* em perigo.

Deixo escapar um soluço quando ele se aproxima mais e tenta me abraçar. Tem emoções demais disparando pelo meu corpo para eu conseguir pensar com lógica.

Ele apoia as mãos nos meus ombros e dobra os joelhos para que eu possa encará-lo.

– Meu bem, me conta o que aconteceu.

– Você parou de me chamar de mentirosa. Eu te contei tudo. Mas sabe de uma coisa? – Aponto entre nós dois e continuo a me afastar. – Eu fui a única que falei sobre a minha vida. Você não me contou absolutamente nada sobre você. Sobre a Fiona. Sobre como você e a sua família conhecem Bea Harper. Sou eu que tô me arriscando e confiando em você. E pra quê?

A expressão dele reflete o estresse e a dor que estou sentindo, e meu coração

se aperta no peito. Sei que Grant não merece essa reação exagerada, mas não há mais ninguém aqui em quem eu possa descarregar a minha raiva. Julep aparece latindo atrás de mim, interrompendo o nosso confronto silencioso. Ela sabe que tem alguma coisa errada, mas estou agoniada demais e em uma espiral de ansiedade para conseguir acalmar a cachorra. Continuo a andar em direção ao chalé.

– Porra, Laney, para!

Eu me detenho no alto da escada da varanda e me viro para encará-lo.

– Fala comigo, docinho. Por favor – pede Grant, soltando o ar com força, as mãos entrelaçadas sobre a cabeça. – Me conta o que aconteceu. Foi a Bea?

Assinto e levanto o queixo, tentando com todas as forças impedir que ele trema.

– Eu preciso de um minuto. – Meus olhos estão marejados quando o encaro. – Não sei o que nada disso significa, mas preciso fazer uma ligação.

Fecho a porta do chalé, me encosto nela e deixo o corpo deslizar até o chão. Solto o ar lentamente, seco as lágrimas que continuam escorrendo pelo meu rosto e ligo para Bea.

Ela atende antes mesmo de tocar.

– Laney, dois colegas já me perguntaram sobre uma fonte no Colorado e se eu trouxe alguém de Manhattan para o programa fora do radar. Isso não é bom, garota. Não é só você que eu preciso proteger, entende?

– Eu não sabia – digo, fechando os olhos.

– Grant?

– Sim. Nós nos aproximamos, e eu deveria ter te contado antes.

– A culpa é tão minha quanto sua. Eu deveria ter avisado a ele. Vou até aí pra te ver nos próximos dias.

Há muitas outras perguntas que eu deveria estar fazendo, mas só quero saber a resposta para uma.

– Eu vou ter que ir embora?

Ela fica em silêncio por tempo demais.

– Eu prometi que te manteria segura. E prometi ao Ace que essa história não chegaria nem perto dele ou da família dele. E pretendo cumprir as minhas promessas, Laney.

E a única coisa em que consigo pensar é que prometi a Grant que ficaria.

37

GRANT

– Eu preciso que você faça uma coisa pra mim – digo a Griz enquanto subo apressado os degraus da varanda da casa dele.

Ele me observa com atenção. Estou me sentindo péssimo, e a minha aparência também deve estar horrível, porque ele pergunta, hesitante:

– Você está bem?

– Você quer a verdade ou pode, por favor, só fazer o que vou te pedir?

Meu tom sai áspero, mas não tenho energia para suavizar nada agora.

Ace sai pela porta da frente.

– Grant, tá tudo bem?

Deslizo as mãos da testa até a nuca.

– Fiz merda.

– Bem, isso já ficou claro – resmunga Griz.

Ace aponta para ele.

– Isso não ajuda.

– Se eu pedir pra vocês não fazerem perguntas, conseguem respeitar isso?

Ace assente e Griz cruza os braços. *Já é alguma coisa*.

– Em quanto tempo a gente consegue transferir o dinheiro necessário para que eu possa sacar a minha parte da empresa?

Evito olhar para Griz quando ele solta um grunhido e murmura algo que soa como desaprovação. Não quero ver o efeito que essa pergunta causa nele. Sei que é uma decisão tomada no pânico, mas preciso saber quais são as minhas opções. Se Laney precisar ir embora rápido, quero saber de quanto dinheiro disponho.

Não vou deixá-la ir sozinha. Vou junto.

Ace me encara, tentando entender o que está acontecendo.

– Alguns dias, provavelmente. Você tá falando em dinheiro vivo ou a gente pode transferir pra contas no exterior?

– Isso é com você. Os números da última reunião trimestral colocaram nosso faturamento bruto em pouco mais de 1,2 bilhão de dólares. Sei que isso não representa uma divisão completa de ativos se incluirmos as propriedades, mas vou deixar essa parte de lado.

Ace coloca as mãos nos bolsos.

– Você tem certeza disso?

Inclino a cabeça para trás e fico olhando a madeira ripada que reveste o teto da varanda. Ajudei a projetar aquilo.

– Não tive certeza de muita coisa na vida. Mas isso… – Olho bem fundo nos olhos do meu irmão mais velho, implorando em silêncio para que ele veja como estou falando sério. – Isso é a única coisa de que tenho certeza absoluta. Estou perguntando por precaução. Ou talvez seja inevitável, mas essa parte ainda não está clara.

Ace mexe no celular, calculando o que estou pedindo.

– A gente dá um jeito. Vou fazer a divisão o mais justa possível. Qualquer aumento depois a gente reserva, por precaução.

– Você não precisa fazer isso. Se estou sacando minha parte, estou vendendo a minha fatia do negócio pra você.

– Seu sobrenome é Foxx, o que significa que você tem um terço de tudo. Sempre – responde Ace, com um tom firme. – E depois recalculamos quando Griz ficar gagá ou for para aquela ilha deserta que eu arrumei pra ele.

Griz rebate na hora:

– Não sabia que eu tinha criado dois babacas. Vocês dois, cacete…

É difícil não rir deles, sempre implicando um com o outro, mas incapazes de viver separados. Não ignoro a importância do que estou deixando para trás ao escolher Laney.

A brisa constante que tem amenizado a umidade hoje é o único alívio para o peso desse momento. Volto novamente a atenção para Griz e entrego um bilhete a ele. Não quero discutir isso com os meus irmãos antes da hora. Preciso que fique só entre mim e Laney primeiro, antes que alguém interfira.

– Isso é para você ler em particular. Mas ia significar muito pra mim.

Ele abre o papel, lê, e seus olhos estão marejados quando me encara e assente brevemente. O bigode espesso esconde os lábios cerrados.

– Ela gostaria disso.

Ele pousa a mão no meu ombro e aperta com força.

Lincoln sai pela porta da frente quase sem fôlego.

– Aquelas duas doidinhas finalmente dormiram. Já passou da *minha* hora de ir pra cama, pelo amor de Deus. – Mas ele logo se interrompe. Olha para mim, depois para a mão de Griz no meu ombro. – O que eu perdi?

Um entendimento silencioso se passa entre nós. Em vez de mil perguntas que sei que ele gostaria de fazer, Lincoln vem para o meu lado e faz apenas uma:

– Ela também te ama?

Laney ainda não disse as palavras, mas eu sinto. Mesmo com o que a minha investigação sobre o passado dela pode ter causado, o jeito como ela me olha sempre foi a resposta a essa pergunta. Engulo de volta a emoção que aperta a minha garganta e assinto.

– Ela tá muito puta comigo agora, mas, sim, ama.

Quem me surpreende é Ace:

– Então vai pra onde ela for.

Lincoln aperta o meu outro ombro, e Ace dá um passo à frente e faz o mesmo.

– Não importa o que aconteça.

– Não importa onde você esteja – acrescenta Griz, olhando para cada um de nós. – Vocês são os meus meninos do bourbon. E tenho um orgulho desgraçado disso.

• • •

Um rangido nas tábuas do piso me acorda, e sei na mesma hora que não é Julep. Os movimentos são silenciosos demais para ser ela. O colchão afunda à minha frente, e sinto Laney se acomodar ao meu lado.

Abro os olhos e pisco devagar para afastar o torpor de sono enquanto ela passa os dedos pelo meu cabelo. Nenhum de nós diz nada por alguns segundos, ficamos só nos olhando. O toque da mão dela no meu pescoço é uma delícia. Uma coisa era certa: se Laney não viesse até mim esta noite, eu estaria na varanda dela antes do amanhecer. Esperei o máximo que consegui. Fiquei sentado ali até depois da meia-noite, mas ela não voltou a sair. Eu a via se movimentando dentro do chalé, com a música alta, tentando lidar com o que provavelmente viria a seguir. Mas Laney tinha deixado claro que queria espaço, por isso me esforcei ao máximo. E fiz planos.

GRANT

Tô aqui quando você estiver pronta.

Não me afaste, meu bem.

Ela não respondeu. Esperei até não conseguir mais manter os olhos abertos.

Fecho os olhos enquanto ela deixa as unhas correrem pelos meus fios. Sei que temos que conversar. Explicações e verdades precisam ser ditas. Mas, neste

momento, é bom demais só sentir. O calor dela, o corpo tão perto. Quando os lábios de Laney tocam os meus de leve, eu a envolvo com o braço e puxo para perto de mim.

– Me conta o que está acontecendo – peço em um sussurro.

Ela começa a dizer:

– Me desculpa…

– Não. – Quando abro os olhos, encontro os dela me encarando. – Não faz isso. Você não tem que se desculpar por nada. Eu fiz merda. Fiquei tão focado no que você podia estar escondendo que não pensei nas consequências do que isso poderia causar. Não pensei…

Não sou mais policial, mas deveria ter sido mais cuidadoso.

Ela se espreguiça e entrelaça os dedos nos meus. Procuro compreensão em seus olhos, ou talvez perdão.

– Sim, você omitiu coisas sobre o seu passado, mas a verdade é que eu estava procurando um motivo pra não confiar em você. – Engulo em seco antes de continuar. – Um motivo pra não te querer. – Estendo a mão e afasto uma mecha de cabelo do rosto dela. Meu polegar acompanha o movimento e traça uma linha suave pelo maxilar, e os olhos de Laney ficam marejados. – Até que tudo isso deixou de importar.

Laney se inclina e me beija, e sinto cada grama da emoção dela nesse gesto. Não quero que ela vá a lugar nenhum. E sei que é isso que ela veio dizer – que talvez não possa ficar. Mas não existe uma parte de mim capaz de aceitar isso. Sentir algo tão profundo por essa mulher, querer tanto alguém assim e simplesmente deixá-la ir? Não vai acontecer, a menos que seja o que *ela* queira.

Quando Laney se afasta devagar e me encara de novo, levo a palma da sua mão à boca e beijo de leve.

– Eu estou apaixonado por você.

Ela deixa escapar um pequeno suspiro de surpresa, e seu rosto se contrai ao ouvir essas palavras. As lágrimas escorrem.

Beijo a palma da mão dela mais uma vez e volto a falar, em um tom mais suave:

– Tenho quase certeza de que comecei a me apaixonar no momento em que você me mostrou o dedo do meio. – Tento sorrir, mas é difícil. Sinto o peito pesado e a adrenalina disparando pelo corpo, fazendo as minhas mãos tremerem enquanto digo a essa mulher linda exatamente o que ela é para mim. – Mas é isso, docinho. Eu estou completamente apaixonado por você. E isso é definitivo pra mim.

38

LANEY

Eu sinto o mesmo. Na verdade, não é de hoje que me sinto assim. Não estou em Fiasco há muito tempo, mas, meu Deus, estou caidinha por esse homem. Ouvir essa declaração enquanto ele desenha pequenos círculos no meu pulso me faz soltar um suspiro trêmulo. Quero acreditar, porque também sinto. Não sei se algum dia tive tanta certeza de um sentimento como tenho agora.

– Você tá apaixonado por mim?

– Você já sabia disso… Se não sabia, então acho que não fui claro. Eu te amo, Laney Young. – Ele beija a minha boca e rouba qualquer palavra que pudesse competir com as dele. – Um pouco mais a cada dia.

Grant desliza o polegar pelos meus lábios, e eu me aproximo mais, passando os dedos pelo peito dele, bem no ponto em que pulsa acelerado. Tudo por minha causa.

– Essa é a parte em que seria bom você dizer algo.

– Shaw – digo, e sorrio ao ver a curiosidade dançando em seus olhos.

Os movimentos do polegar dele se tornam mais lentos.

– Laney Shaw. Você precisa dizer: "Eu te amo, Laney Shaw."

O bigode dele se curva para cima.

– Você primeiro.

Sorrio, solto o ar e digo:

– Eu também estou apaixonada por você, caubói.

Ele dá um sorrisinho ao ouvir o apelido e afasta o meu cabelo do ombro. Seu toque sempre parece possessivo e forte, mas agora transmite admiração. Grant segura minha nuca e enfia os dedos no meu cabelo.

– Eu te amo, Laney Shaw.

Então, ele elimina qualquer espaço que pudesse restar entre nós. Quando a sua boca encontra a minha, é como se estivéssemos fazendo uma promessa, selando as palavras com a força que existe entre nós. A língua de Grant desenha o contorno dos meus lábios e se enrosca na minha, fazendo um ardor profundo irradiar pela minha pele. Um gemido baixo escapa dos seus lábios quando nos afastamos um pouco para respirar. E tudo que parecia suave e simples se transforma em um desejo intenso, uma vontade irrefreável de expressar com o corpo tudo o que sentimos um pelo outro. Os dedos de Grant afundam mais no meu cabelo e me puxam com mais firmeza. Ele vira o meu corpo para que fique em cima do dele, até eu estar montada em seu pau. A extensão rígida que me pressiona está separada da minha pele por apenas algumas camadas finas de tecido.

Jogo os ombros para trás, e a sensação dos olhos de Grant percorrendo as curvas do meu corpo parece a mais sacana das preliminares. Projeto os quadris para a frente e tiro a regata que estou usando. Ele cruza um braço atrás da cabeça e, com o outro, traça uma linha do meu umbigo até o meio dos meus seios. A autoconfiança que o olhar desse homem instila em mim é algo que nunca imaginei sentir. Inclino a cabeça para trás enquanto a mão dele continua a subir até o meu pescoço.

A voz rouca de Grant vibra na minha pele quando ele diz:

– Você fica tão linda assim… tentando conseguir o que deseja. Essa é a minha garota.

Rebolo de novo, ansiando pelo atrito. Seguro o pulso de Grant, levo os seus dedos à minha boca e beijo as pontas ásperas.

– Isso, docinho. Olha pra mim.

Passo a língua pelos dedos dele, umedecendo-os, e faço com que sigam o contorno da minha boca. Mantenho os olhos fixos nos de Grant e sugo seus

dedos. O pau dele pulsa na mesma hora, e não consigo conter o sorriso ao sentir essa reação.

– Ele também quer – comenta Grant com uma risada.

Solto um gritinho quando ele gira rapidamente os nossos corpos – as minhas costas encontram o colchão, e Grant agora paira sobre mim. Quando ele se acomoda entre as minhas pernas, meu sorriso desaparece e voltamos à intensidade de instantes atrás.

Meus olhos ficam marejados enquanto o encaro, e o sussurro rouco e baixo só faz a minha visão embaçar ainda mais.

– Não me olha assim – pede ele.

– Eu gosto de olhar pra você. Você é muito lindo, sabia?

Sorrio, tentando tornar o momento mais leve, para que ele não perceba que estou decorando cada detalhe. O peso dele. O jeito como inspira, sentindo o cheiro do meu cabelo. A barba áspera fazendo cócegas no lugar certo. Como os seus olhos ficam mais suaves quando estão fixos em mim.

– Não me olha como se precisasse decorar minhas feições. Eu sou seu, docinho.

Procuro mais nos olhos dele, alguma condição, alguma exceção. Mas não há. Vejo apenas uma promessa calma e silenciosa. Uma entrega. Ele é meu, se eu quiser. E… Deus, como eu quero. Mantê-lo junto a mim. Ficar com ele. Amá-lo.

Grant pousa um beijo breve nos meus lábios, outro na minha testa, antes de enterrar o rosto no meu pescoço. Seus braços o sustentam acima de mim, aninhado entre as minhas pernas. Quero esse homem de todas as formas possíveis.

– Faz amor comigo – peço.

O pedido é atendido imediatamente, e ele desliza os lábios pelo meu ombro.

Grant se ajoelha e ergue as minhas pernas até pousá-las nos seus ombros. Então, enfia os dedos no cós do short do meu pijama e me despe enquanto vira a cabeça para beijar o meu tornozelo. Depois de tirar tudo, ele abre as minhas pernas e deixa o polegar deslizar para cima e para baixo na minha boceta. Não diz nada, fica só olhando o próprio polegar brincar desde a entrada até o clitóris e voltar, enquanto gemo baixinho. Ele se ajoelha novamente e abaixa a cueca boxer que usou para dormir, revelando o pau grosso e duro que deixa claro exatamente o que deseja.

O mesmo que eu. O gemido que escapa da minha boca agora é mais alto.

Ele passa o polegar pela minha boceta outra vez – uma, duas, três vezes – antes de se inclinar e deslizar o mesmo dedo pelos meus lábios, espalhando a minha umidade pela minha boca. Então, ainda pairando sobre mim, ele lambe a minha boca, recolhendo aquela umidade com seus próprios lábios.

– Melhor que bourbon – diz.

Sorrio contra os lábios dele. Antes que eu possa responder, sinto seu pau roçando onde o polegar estava, tocando o meu clitóris com ritmo e pressão exatos para me arrancar um suspiro. Grant se ajoelha outra vez e me penetra, mas continua fazendo movimentos curtos e calculados no meu clitóris.

– Grant… – sussurro.

É como se eu tivesse acendido alguma coisa nele. Grant envolve a minha cintura com os braços e ergue o meu corpo para me beijar. É um beijo intenso e punitivo, com lábios e línguas se encontrando e se consumindo enquanto eu monto nele, rebolando e recebendo-o mais fundo a cada estocada. O suor que deixa os nossos corpos escorregadios e o jeito como ele geme fazem o meu orgasmo esperar pacientemente, pronto para explodir a qualquer momento, enquanto o prazer faz a minha pele vibrar desde a união dos nossos corpos até a ponta dos meus pés.

– Laney… *porra*.

– É – respondo, sem fôlego.

Os braços de Grant continuam firmes ao meu redor enquanto me seguro nele, escondendo o rosto em seu pescoço e correndo os lábios por sua pele.

– É tão gostoso dentro de você, tão perfeito.

Ele geme contra o meu pescoço e se inclina para encontrar os meus lábios outra vez. Mas Grant mal consegue terminar o beijo e já está abrindo a boca, me mantendo colada a ele, metendo tão fundo que atinge aquele ponto dentro de mim que me faz estremecer.

– Eu vou gozar, baby – diz ele.

Eu o abraço com mais força e não deixo que se afaste, enquanto reivindico o meu próprio orgasmo rebolando sem parar.

– Goza – peço.

Ele olha nos meus olhos para se certificar de que entendeu a ordem.

Então esclareço. Quero que ele possua cada parte de mim.

– Comigo.

Grant ajusta o quadril do jeito certo para pressionar o meu clitóris, e isso é tudo de que preciso. No último segundo antes de eu me entregar completamente, ele diz:

– Baby, se você quiser que eu goze fora, precisa me dizer agora.

Balanço a cabeça e deixo que ele me foda mais rápido.

– Ai, eu quero dentro, agora – peço em um gemido, pouco antes de gritar o nome dele.

Grant me segura pelo cabelo e me mantém colada a ele, enquanto solta um gemido que nasce no fundo do peito. O som do prazer dele faz com que a minha visão fique turva de vez. Meu corpo inteiro se retesa e começa a pulsar no exato

momento em que ele se derrama dentro de mim. É uma sucessão de arquejos pesados e suor, a umidade do nosso desejo e do nosso amor, tudo se espalhando por cada centímetro da minha pele enquanto vejo estrelas dançando diante dos meus olhos.

Grant deixa o corpo cair para o lado, desabando no colchão, e me leva junto. Somos um emaranhado de pernas e lençóis enquanto nos abraçamos e começamos a nos recuperar do que acabamos de compartilhar.

Vários minutos se passam antes que qualquer um de nós dois consiga se mexer. E consigo senti-lo escorrendo para fora de mim.

Viro a cabeça para Grant. Ele está de olhos fechados e com um sorriso nos lábios. Examino o seu perfil – do maxilar quadrado à curva marcante do nariz. Isolados, seriam traços duros e intimidadores, mas, somados àqueles olhos e ao jeito como os seus lábios se encontram com a barba, fazem de Grant um homem lindo.

– Você está me olhando e trepando comigo como se isso fosse um adeus.

Como ele consegue me conhecer tão bem?

– Estou dizendo que também amo você…

Grant abre os olhos, e o seu sorriso se alarga, mas vacila quando ele percebe os meus olhos marejados e vê que não estou conseguindo sorrir diante do que vou dizer.

– Mas…?

– Mas não sei se posso ficar, caubói. Não posso colocar ninguém da sua família em perigo. Não posso arriscar sua vida…

Engulo as lágrimas que ameaçam escapar.

Ele ergue o corpo e segura o meu rosto entre as mãos fortes.

– Então se casa comigo.

– O quê?

Meu estômago parece dar um salto enquanto procuro os olhos dele. Não esperava ouvir isso.

– Casa comigo. Se você precisar ir embora, eles vão permitir que eu vá junto se a gente for casado.

Não consigo esconder o sorriso e a risada nervosa que escapa da minha garganta.

– Isso é loucura, Grant. A gente acabou de começar… – Ergo as sobrancelhas, me dando conta do que ele realmente está dizendo. – Você por acaso tem vontade de se casar?

– Com você? Tenho – responde ele com convicção, como se não fosse uma decisão apressada, como se a gente não se conhecesse há tão pouco tempo.

– Mas a sua vida é aqui. A sua família está aqui. A gente só se conhece há…

Ele ergue meu queixo para que eu o encare, e me interrompo quando vejo como está sério.

– A minha família sempre vai ser minha família. Não importa onde eu esteja, eu amo todos eles e sei que me amam. Mas você está enganada sobre a minha vida, docinho. Eu estava apenas sobrevivendo. Gastando o meu tempo tentando manter as pessoas afastadas. Só comecei a viver de verdade agora. – Ele enxuga a lágrima que escorre pela lateral do meu nariz. – Essa mulher sem filtro que me chama de caubói é a pessoa com quem eu quero dividir a vida. Não preciso de mais tempo para saber uma coisa que eu já sei.

Eu me sento, sentindo o coração disparado, e continuo a encará-lo enquanto os olhos dele buscam os meus, esperando uma resposta.

Grant respira fundo e afasta o meu cabelo do ombro.

– Começou com a mãe do Griz. Depois aconteceu com a primeira esposa

dele, e de novo com a minha avó – conta, e pigarreia. – Então com os meus pais. – Ele corre os dedos pela minha mão, e sinto que o toque acalma a nós dois. – Em Fiasco, gostam de falar dessa história e não pensam no quanto isso machuca. Ouvimos isso desde crianças: "Os garotos Foxx são amaldiçoados." Eu nunca levei isso muito a sério, até perder a Fiona. E depois, quando o Lincoln perdeu a Olivia.

Consigo ver e sentir como isso o devastou, como o assombrou. É quase impossível imaginar como foi para ele perder tantas pessoas que amava. E ainda achar que foi o culpado? Eu me esforço para engolir o nó que aperta a minha garganta e entrelaço os nossos dedos.

– Eu conhecia a Fiona desde criança. A gente estudou junto na escola e, de lá, fomos para a academia de polícia. Eu estava um ano à frente dela, mas ela queria seguir os passos do Del.

– O Del é pai dela?

Ele assente.

– E meu melhor amigo, depois que comecei a trabalhar na polícia de Fiasco. O meu relacionamento com ela não começou como um grande amor. A gente tinha uma "amizade colorida". Bebíamos, ficávamos juntos. E em algum momento eu me apaixonei por ela. – Ele sorri, com uma expressão nostálgica nos olhos. – A Fiona não queria contar pra ninguém sobre nós. Eu queria, mas sabia que era mais difícil para ela, afinal era uma das poucas mulheres do departamento. E era respeitada… O Del garantia que fosse assim. – Grant pigarreia. – Ele era meu superior e eu me sentia um mentiroso.

Grant passa a mão pela nuca, e percebo como é difícil para ele falar sobre isso. Eu me pergunto se já contou essa história para alguém.

– Eu disse "eu te amo" pra Fiona pela primeira vez numa manhã e, à noite, ela atendeu a um chamado e… – Ele pigarreia de novo. – A informação não era

confiável, mas ela foi. No instante em que ouvi o rádio, tive certeza de que havia alguma coisa errada. Mandei que ela esperasse. E eu… eu não consegui chegar a tempo. – Seus olhos se enchem de lágrimas, e vejo que tenta controlá-las enquanto continua, com uma tristeza profunda na voz. – Eu não consegui chegar a tempo de dar cobertura a ela. – Grant aperta a minha mão com mais força. – Depois disso, não consegui mais continuar na polícia. Eu falhei com a Fiona, e ir para lá todos os dias me lembrava que, quando alguém realmente tinha precisado da minha ajuda, alguém que eu amava, não cheguei a tempo.

Ele cobre os olhos com a mão livre, mas, assim que faz isso, eu me aproximo e o envolvo nos braços. Meu coração está apertado por ele e pela culpa que carrega.

Grant inclina a cabeça e descansa a testa no meu ombro.

– E, um ano depois, a gente perdeu a Liv. Eu engoli a minha dor para dar apoio para o Linc e para as minhas sobrinhas, mas depois disso não quis mais sentir nada. Trabalhei, descontei tudo no saco de pancadas e me dediquei ao meu bourbon. Só isso.

Eu me afasto. Preciso que ele veja o meu rosto quando eu falar. Quando os seus olhos encontram os meus, seco as lágrimas que chegam aos seus lábios e digo, pausadamente:

– Eu sou muito, *muito* sortuda.

Grant mantém os olhos fixos nos meus por um momento.

– Pergunta por que eu sou sortuda, caubói.

Sorrio, e o meu corpo todo se aquece diante do olhar de pura adoração no rosto dele. Eu já sabia qual era a minha decisão, mas esse olhar teria dissipado qualquer dúvida.

Um sorriso tímido curva os lábios dele.

– Por que você é sortuda, meu bem?

– Porque você me ama.

Grant fecha os olhos com força e franze o nariz ao ouvir isso.

– Porque eu posso amar você – continuo. – E porque eu posso me casar com você.

Ele segura o meu rosto entre as mãos, e seus olhos dançam quando se fixam nos meus.

– Sério?

– Sério – confirmo, assentindo, enquanto uma lágrima rola pela minha face.

Minhas mãos cobrem as dele, que ainda emolduram o meu rosto. Quando os lábios de Grant encontram os meus, a sensação não é só de beijar o homem que eu amo. É de lar. E o lar é esse homem complexo e cuidadoso que se escondeu atrás de tanta perda, com medo de que aquilo fosse a única opção para ele.

Interrompo o nosso beijo e me afasto, pensando em algo que ele tinha dito e que só agora fez sentido para mim.

– O que você quis dizer com *me dediquei ao meu bourbon*?

39

GRANT

– Eu acho, sinceramente, que eu poderia ter vindo no meu próprio cavalo – diz ela enquanto se inclina contra mim, deixando as costas apoiadas no meu peito.

E, nossa… é bom demais ter Laney assim tão perto. Quis trazê-la aqui quando ela perguntou sobre o meu bourbon ontem à noite, mas eu tinha um plano. E precisávamos da luz do dia.

– Poderia mesmo, mas gosto de ter você junto de mim.

Enfio o nariz no pescoço dela.

– É aqui que você sempre vem de manhã cedo?

Olho para o espaço aberto ao redor e escuto o zumbido das cigarras e Tawney bufando por conta do pólen da grama *bluegrass* do Kentucky que foi levantado pelos ventos mais fortes dos últimos dias.

– Não todo dia, mas venho aqui pelo menos uma ou duas vezes por semana.

Antes de ver, ela escuta.

– O que é isso…?

Quando chegamos ao topo da pequena colina que estávamos subindo, escuto Laney soltar um arquejo. Eu me senti do mesmo jeito na primeira vez que vim aqui com Griz. Esse é, de longe, o meu lugar favorito em Fiasco. Mais do que a destilaria ou os estábulos. Esse lugar passa uma sensação de grandiosidade, de imponência… Sempre foi assim.

A água despenca da cascata por dez metros, batendo nas pedras e formando um poço profundo no final. As quedas têm mais de trinta metros de largura, fazendo algo tão simples como água parecer uma cortina viva de névoa branca e bruma fina.

O volume não é tão intenso nesta época do ano, com menos chuva ou neve

para manter o rio caudaloso, mas ainda assim ruge. E é uma visão e tanto.

Julep vem correndo e latindo atrás de nós. Ela disparou atrás de um coelho alguns quilômetros atrás, o que costuma ser a sua brincadeira favorita sempre que estamos por aqui. Só precisei ir atrás dela em uma ocasião – quando encontrou uma toca e não queria ir embora. E, assim como adora aqueles coelhos malditos, Julep também se encantou por Laney. A minha cachorra soube, antes mesmo de eu me dar conta, o que aquela mulher significaria para nós. Solto um assovio curto.

– Jules. Junto, garota.

Não havia chance de ela ficar para trás com nós dois saindo tão cedo. E a quero ao nosso lado neste momento.

O som da risada de Laney quando Jules passa correndo me faz sorrir.

– Isso te faz bem.

Inclino a cabeça para olhar para Laney.

– Seja lá o que vai me mostrar, dá pra ver como você está animado – comenta ela.

– Pode apostar que sim.

Passo uma perna por cima do lombo de Tawney e pulo para a grama alta. Eu não tinha planejado pedir Laney em casamento ontem à noite. A minha ideia era fazer isso aqui. Mostrar uma parte desconhecida de mim e depois perguntar se ela gostaria de pular direto para a parte boa. Começar a nossa vida agora, não importa qual seja o nosso próximo destino, ficando aqui ou indo embora. Quando decidi que queria passar o resto da vida com ela, precisava saber se ela queria o mesmo.

Estendo a mão para ajudá-la a descer, mas Laney é teimosa e passa a perna por cima sozinha, segurando na sela, e solta um gritinho de comemoração quando os seus pés tocam o chão. Então, ergue as mãos como se tivesse acabado

de cravar um salto difícil de ginástica.

– Graciosa.

– Um talento natural – brinca ela.

Pego o celular, checo a hora, então seguro a mão dela. Ainda temos bastante tempo para eu mostrar o que tenho feito nos últimos anos.

– Vem.

– A água não vai estar congelante a esta hora, sem sol?

Continuo caminhando ao lado das quedas-d'água.

– A gente não vai entrar na água. Vamos passar por trás.

Ela ri, mas logo franze o cenho.

– O quê?

Continuo guiando-a para a frente, e Julep corre adiante de nós. O caminho é nivelado, os trilhos que existem ali ajudam a saber onde devemos pisar, então é uma subida simples… só não é muito fácil de encontrar. E eu queria que continuasse assim. Quando chegamos perto da cascata, a névoa dança ao nosso redor como se fosse uma parede de verdade, e não umidade em movimento.

Ela olha para baixo pela lateral.

– É fundo?

Meu estômago se aperta de medo, e puxo-a pelo ombro para trás.

– O Ace e o Lincoln costumavam correr e mergulhar mais perto de onde a Tawney está. Ou seja… é fundo o bastante para isso.

– Você não pulava com eles?

Engulo em seco e olho de novo para a água despencando no poço profundo abaixo. Amo esse lugar, o som da água rugindo, o jeito como o campo aberto se transforma em algo completamente diferente e de tirar o fôlego depois dessa

curva.

– Eu tentei uma vez. Acabei caindo de barriga porque não gostei da sensação da queda.

Ela encara a água corrente e encontra meus olhos, curiosa.

– Como foi a sensação?

– Como se eu não tivesse controle do que ia acontecer comigo.

Ela assente, compreendendo, e volta a atenção para o motivo de estarmos aqui. Sorrio ao ver sua expressão animada, alcanço a abertura da caverna e, com um único toque, acendo as luzes pisca-pisca que coloquei ao longo das fendas da parede de pedra, iluminando tudo.

Laney corre os olhos pelo espaço, entrando devagar. Há uma pequena bancada de trabalho com apenas alguns dos vários equipamentos de que preciso quando venho aqui: luvas, lascas de carvalho, rolhas e um ladrão de uísque. Depois de avançar mais alguns passos, ela olha para mim.

– O seu bourbon?

Sorrio.

– O meu bourbon.

Laney entreabre os lábios e observa as fileiras de barris empilhados dos dois lados, cada fileira com quatro barris de altura, tão extensas que ela precisa continuar andando para ver onde terminam.

– Eu vim aqui quando tinha uns 13 ou 14 anos com Griz. Ele me disse que, se eu fosse esperto, não esqueceria os lugares que me deixavam feliz. Não sei por que isso ficou na minha mente, mas ficou. Uma coisa aleatória que o meu avô me disse anos atrás. – Olho ao redor do espaço fresco e úmido. – A beleza do bourbon está no jeito como ele envelhece. É uma das poucas coisas que, quanto mais velhas ficam, mais são apreciadas. Mas, além disso, o bourbon do Kentucky

é tão bom por causa…

– Por causa das mudanças extremas de clima – completa Laney, com uma piscadinha. – E da água.

A lembrança daquele dia na tanoaria, quando brinquei com ela sobre o que havia na água daqui, volta com tudo.

– Essa é a minha garota.

Amo que ela saiba disso. Agora, o conhecimento de Laney sobre bourbon vai muito além do básico. Eu a observo e escuto enquanto serve as degustações no fim dos passeios guiados – ela tem opiniões sobre sabores e aprendeu a ciência que Lincoln insiste tanto em ensinar. E isso é só mais uma das coisas que me excitam nela.

Pego as luvas, a chave de fenda e o martelo.

– Eu precisava de alguma coisa para me manter ocupado, alguma coisa que me impedisse de me perder dentro da minha mente.

Não tenho orgulho de como fiquei depois de deixar o departamento de polícia.

– Então você fez bourbon.

– Então eu fiz bourbon.

Eu me agacho diante da fileira de baixo, alguns passos à frente dela.

– Eu queria transformar o luto que eu carregava em alguma coisa. Um jeito de lembrar, mas também de esquecer por um tempo, se é que isso faz sentido.

Ela passa a mão pelo meu braço.

– Faz.

– Eu sempre fui bom em poucas coisas. – Aponto para o barril que acabei de abrir. – E conhecer bourbon de qualidade está no topo da lista. Não tenho planos para isso. Ninguém sabe… nem os meus irmãos.

– O quê? – Ela me encara boquiaberta, a incredulidade evidente na voz. – Como assim, eles não sabem disso?

Mergulho o longo medidor na abertura.

– Era uma coisa só minha. E agora… – Abaixo os olhos para a fileira de barris. Eu me lembro do esforço e do tempo que investi para produzir tudo isso, da espera até chegar nesse ponto de maturação e do espaço necessário para que se transformasse em algo melhor, e me sinto orgulhoso. – Agora isso aqui é deles, se quiserem. Eu não preciso mais.

– Você não pode simplesmente deixar tudo isso pra trás. Eu nem consigo imaginar o trabalho que deu trazer tudo até aqui. E o tempo pra acertar o mosto.

Eu a encaro com um sorriso.

– Olha só você usando a terminologia correta.

Laney apoia a mão no quadril e diz:

– Eu tenho vivido, respirado e dormido com Foxx Bourbon. Sei do que estou falando.

Ela me lança um sorrisinho.

– É sexy pra cacete, isso, sim. Vem cá – digo, e estendo a mão para ela.

Laney se inclina até onde estou ajoelhado. Meus joelhos doem pra caramba, mas, droga, como eu adoro beijar essa mulher. Seus lábios macios encontram os meus e, se eu não tomar cuidado, vou acabar transando com ela bem aqui. Então me afasto e volto a me concentrar no que estava fazendo. Ergo o longo ladrão de uísque, observo a cor, um âmbar profundo nessa fileira.

– Prova.

– Da última vez que ficamos servindo bourbon um para o outro, acabamos nus – comenta ela.

Sorrio com a lembrança.

– Abre – mando, segurando o tubo comprido de bourbon junto aos lábios dela.

Laney abre a boca, e deixo cair um gole. Os olhos dela encontram os meus enquanto engole devagar, e ela solta um gemido baixo de aprovação.

– Tem um final adocicado. Gostei.

Estou esperando o momento de engarrafar. E, mesmo que ainda não estivesse pronto, eu seria obrigado a engarrafar só para poder levar um pouco comigo. Mas, quando provo e sinto o líquido envolver a minha língua, tenho certeza: isto aqui é um bourbon de qualidade. Com mais um tempo nesses barris, parte dele pode virar um bourbon excelente.

– Você vai simplesmente deixar tudo aqui? – Laney observa o espaço ao redor com os lábios cerrados. O barulho das quedas-d'água e do gerador faz com que precise praticamente gritar da distância em que ela está. – Eu não entendo como você conseguiu trazer tudo isso para cá.

– Um quadriciclo e um reboque pequeno preso atrás. Eu produzia lotes pequenos. E, depois de chegar aqui, coloquei aqueles trilhos no caminho e fui rolando tudo para cima.

– E o que acontece com tudo isso?

– Talvez seja bom deixar. Dar para as minhas florzinhas quando elas herdarem parte disso.

Laney sorri para mim e passa os braços ao redor do meu pescoço. Tiro as luvas e a puxo mais para perto.

– Você é um bom tio. Irmão. Neto. Você é um bom homem, Grant Foxx.

– Tenho meus momentos – brinco.

Mas ela balança a cabeça.

– Como vai conseguir simplesmente ir embora? – Laney franze o cenho, mais

séria a cada segundo. – Você não pode querer ir embora.

Para tentar aliviar as preocupações dela, beijo-a profundamente.

– Eu quero estar onde você estiver. Simples assim. Ninguém me pediu para escolher, mas eu escolho você, docinho. Você é o que eu estava esperando. Corajosa. Inteligente. – Beijo seus lábios de novo. – Cheia de fogo e doce. É tudo que eu quero.

Afasto a cortina de mechas loiro-avermelhadas de cima do ombro dela.

– Vou levar duas garrafas e vamos beber quando eu estiver com saudade de casa. Que tal?

Laney apoia a cabeça no meu bíceps e levanta os olhos, e é a primeira vez em muito tempo que me sinto animado com uma coisa nova. Com o desconhecido.

– Não é verdade, sabia?

Procuro em seus olhos o que ela quer dizer.

– Você é bom em muito mais do que apenas algumas coisas, Grant.

Laney desliza a ponta dos dedos pela linha do meu cabelo, e me inclino para aproveitar o seu toque.

O latido de Julep ecoa pela caverna enquanto roço os lábios nos de Laney mais uma vez.

– Tá na hora de a gente ir.

Ela não faz perguntas, só abre um sorriso largo para a minha cachorra e coça atrás das orelhas dela. E acerta o ponto certo, porque vejo a perna traseira de Jules começar a bater. O pelo está sujo de lama e úmido, mas Laney não liga e dá todo o carinho que Julep pede.

– É lindo aqui.

Ela leva a mão à testa para proteger os olhos do sol alto que reflete na água. Quando voltamos para o cavalo, troco as garrafas que carrego por uma caixa de

madeira do tamanho de uma caixa de sapatos que estava guardada no alforje de Tawney.

Laney ergue a sobrancelha quando lhe entrego a caixa.

– Eu não estava me dando conta do que estava fazendo até ver que tinha reunido todas essas coisas que… – Eu me interrompo. – Abre.

Ela olha para mim e de novo para a caixa enquanto desliza os dedos pela tampa de madeira lixada e envernizada.

– Você fez isto?

Assinto rapidamente e enfio as mãos nos bolsos de trás da calça.

– Usei algumas tábuas de carvalho imperfeitas que não serviam para barris. Demorou para achar os encaixes certos. Mas no fim ficou bem bonita.

Ela se senta na grama alta, e as flores silvestres se inclinam ao redor para abrir espaço. Então, apoia a caixa nas pernas e tira de dentro hastes secas de camomila e equinácea roxa… as mesmas que trançou no cabelo com Lark e Lily. Na sequência, vêm alguns cristais que estavam presos na blusa transparente que ela usou na noite do aniversário de Ace no Midnight Proof.

– Alguns desses foram parar na minha bota e no meu bolso.

Sorrio.

O sorrisinho presunçoso que curva os lábios de Laney deixa claro que ela lembra exatamente por que os cristaizinhos teriam acabado ali. Ela levanta a isca de pesca que usou na manhã em que Griz e eu a levamos para pescar com mosca.

Mas, quando tira o ímã de *Fiasco, Kentucky*, seus olhos encontram rapidamente os meus. Eu lembrava o que ela havia dito sobre o pai e as lembranças que guardava dele. Na verdade, eu me lembrava de tudo que Laney dizia. Estava começando a catalogar os seus diferentes sorrisos e como todos os seus sinais não eram sinais, e sim manias e hábitos que eu ainda não tinha

memorizado. Quero aprender todos eles.

– Você está criando novas memórias aqui. – Inclino a cabeça. – Portanto, precisava de uma nova caixa de lembranças.

E a maneira como ela franze o rosto, tentando segurar as lágrimas, do mesmo jeito que fez ontem à noite, me faz piscar para também conter as minhas. Seus olhos encontram os meus novamente, agora marejados e cheios de tudo que sei que ela quer dizer, mas olho de novo para a caixa, incentivando-a a continuar investigando o que tem ali. Resta uma coisa.

Sei o momento exato em que Laney o vê. Ela entreabre ligeiramente os lábios, deixando claro que não esperava por isso. Então, ergue um aro fino de ouro com um diamante redondo simples. Pode não servir perfeitamente, mas a gente dá um jeito.

– Era o anel da minha avó. Perguntei se o Griz se importaria que você ficasse com ele. Vai ser um pedacinho da minha família sempre com a gente, onde quer que a gente vá parar. – Eu me apoio sobre um dos joelhos, do jeito que teria planejado se tivesse mais tempo. – Eu te amo, Laney. Quero que seja minha assim como serei seu. Prometo que vou fazer você se orgulhar de usar esse anel. E prometo ser a sua família, te proteger e continuar te amando um pouco mais a cada dia.

Lágrimas escorrem pelo rosto dela. Laney deixa escapar um soluço baixo antes de jogar os braços ao redor do meu pescoço.

– Um pouco mais. A cada dia – diz ela baixinho. – Você também vai estar protegido comigo, caubói.

Passo os braços ao redor da cintura dela e a levanto do chão. Encaro o azul dos seus olhos, captando a luz do sol, engolindo o medo persistente de que a história se repita. Não vou deixar esse medo estragar a vida que eu quero. Já fiz isso por tempo demais. Penso naquela noite na pista de dança, quando perguntei

que tipo de mulher ela era. E como foi finalmente tê-la. Nunca quis tanto alguém como quero Laney.

– Lembra quando perguntei do que você gostava?

– Sim – sussurra ela, e roça os lábios nos meus por mais um instante.

Deslizo a boca pelo seu pescoço.

– Me mostra.

Laney se afasta para me encarar com um sorriso travesso brincando nos lábios. Cerro um pouquinho os olhos enquanto ela se solta dos meus braços, dá um pequeno passo para trás e olha ao redor do campo aberto. Estou vibrando de desejo por ela e pela expectativa do que vai fazer. Do que vai dizer. Seus olhos se voltam novamente para mim e percorrem o meu corpo.

– Tira a camisa.

Não questiono. Faço o que ela manda.

Os olhos dela passeiam pelas minhas tatuagens, pelo peito, e descem pela barriga.

– Agora o cinto.

Mantenho os olhos fixos nos dela, que desabotoa o short e deixa deslizar pelas coxas. Laney começa a se afastar enquanto eu desafivelo o cinto. Depois de colocar uns bons três metros entre nós, ela diz:

– Agora a calça.

Ela tira a camiseta com a estampa *Fiasco Bourbon*, com as mangas cortadas, que pegou do meu armário de manhã, e fica só com uma calcinha mínima e uma regata branca curta.

Laney continua andando para trás, mas, quando olho atrás dela, entendo o que está fazendo.

– Aonde você vai, Laney?

– Com vontade de mergulhar, caubói?

Corro na direção dela, usando apenas a cueca boxer preta. Desde que conheci Laney, não houve um dia em que eu não tenha sido empurrado para fora da minha zona de conforto, mas isso me pega de surpresa.

– Não!

E, em vez de ignorar e pular mesmo assim, ela para bem na beira da margem íngreme do rio e sorri para mim.

– Se joga comigo, Grant.

Capturo os seus lábios em um beijo intenso, quase suplicante. A adrenalina do nervosismo e da empolgação vibra mais alto do que o barulho da cachoeira sob meus pés descalços. Estou pronto.

– Tudo bem, docinho, segura firme!

É o que ela faz. Damos uma corridinha e pulamos da borda do penhasco. Caio por apenas alguns segundos com Laney em meus braços antes de mergulharmos na água fria.

É o mesmo ponto de onde os meus irmãos pulavam quando éramos crianças. Sempre pareceu tão alto. Muito mais do que a queda realmente é.

Solto Laney para que ela possa emergir o mais rápido possível. Quando volto à superfície para respirar, já a vejo ali, esperando por mim com um sorriso radiante. Balanço a cabeça para tirar o cabelo molhado do rosto e grito:

– Uhuu!

O eco criado pela água e pela terra que nos cerca faz o som reverberar de volta até nós.

Rimos enquanto nadamos na direção um do outro – minhas mãos encontram os quadris dela enquanto ela passa as pernas e os braços ao meu redor assim que estamos perto o suficiente.

Não consigo me lembrar de uma época, um dia, um momento em que a única coisa que eu sentia era felicidade. Não há nada previsível quando se trata dessa mulher, e sorrio ao pensar no tipo de vida que nos espera.

40

LANEY

– Laney!

– Laney! – grita Lily por cima de Lark enquanto as duas vêm correndo em direção aos estábulos. – Laney, a gente fez as flores mais perfeitas do mundo pro seu cabelo.

Elas me mostram um pedaço de renda decorado com flores silvestres que pegaram no quintal de Grant.

– Você vai usar? – pergunta Lark, muito mais calma do que a irmã mais nova.

Lily quica esperando a resposta.

– Por favor? Por favor?

– Acho que o Griz contou pra vocês, né? – pergunto.

– Que você vai se casar com o tio Grant? Contou. Por que demorou tanto? Ele voltou faz um tempão.

Encontro o olhar de Grant e sorrio, pensando em como passamos nosso tempo celebrando um ao outro. Esquecendo o que estaria nos esperando aqui.

– É claro que vou usar.

Abro a boca, fingindo estar chocada, mas a verdade é que estou absolutamente impressionada.

– A renda era da nossa avó, do casamento dela. E o papai disse que a nossa mãe usou no casamento deles, então agora tem que ser sua.

Essa é a primeira vez que escuto qualquer uma delas mencionar a mãe, e o fato de quererem dividir essa peça comigo acerta direto o meu coração. *Como é que eu vou embora e deixar isso para trás? Deixar as meninas para trás?*

Olho para Griz, reconhecendo a participação dele em tudo isso, e ele se aproxima para me envolver em um abraço.

– Se eu fosse quarenta anos mais jovem…

Grant cai na gargalhada.

– Tira a mão, Griz.

Antes de me soltar, ele sussurra:

– Bem-vinda à família, querida.

Engulo as emoções que têm sido tão intensas hoje. Entrar para essa família e saber que não vou estar aqui para aproveitá-la…

Hadley aparece atrás das meninas e praticamente se joga em cima de mim, envolvendo a minha cintura com os braços.

– Você fisgou um Foxx, sua danada!

Enrugo o nariz, sem conseguir evitar uma risadinha.

– Eu sei.

– Eu entendo, Grant. Também quero ficar com ela.

Ela sorri com malícia quando Grant aparece atrás de mim e beija primeiro a lateral da minha cabeça, depois os meus lábios. Então ele se inclina na direção de Hadley e diz:

– Minha.

Nada além disso, apenas *minha*.

Grant pega Lily no colo, e a garotinha começa a rir enquanto caminham em direção à casa principal. Ouço-o perguntar a ela:

– Você sabia que eu te amo, minha florzinha?

Hadley passa o braço pelo meu.

– Ele acabou de me chamar para a briga, espero que ele saiba.

– Ah, ele sabe.

É tão bom… tanto amor entre tantas pessoas.

Passo o braço ao redor de Lark.

– Você me ajuda a amarrar essa renda linda no meu cabelo?

Ela abre um sorriso radiante, muito mais madura do que eu imaginaria que uma menina de 10 anos seria.

– Você vai embora?

– Por que está perguntando isso?

Enquanto seguimos pela lateral da casa na direção do quintal dos fundos, Lark diz:

– Aquela moça que tá brigando com o tio Ace falou que veio por sua causa.

Quando levanto os olhos, vejo a agente Bea Harper. Meu estômago afunda, e todo o ar parece escapar dos meus pulmões imediatamente. Ela fala gesticulando sem parar, a frustração evidente direcionada a Ace. Conforme nos aproximamos, Bea percebe Grant vindo à minha frente, com Lily nos braços. Ela interrompe a bronca, apoia as mãos nos quadris e fixa os olhos nos meus. Claramente não está nada satisfeita.

– Lark, você e os seus tios podem me dar alguns minutos aqui fora?

Mas é Hadley quem responde:

– Vamos, meninas – fala em um tom leve, levando as duas para dentro.

– Bea – cumprimenta Grant, com um aceno de cabeça.

Então ele se aproxima de mim, a postura muito reta enquanto entrelaça os dedos nos meus. Um protetor que eu não tinha percebido que queria.

Ela abaixa os olhos para a minha mão esquerda e vê o aro dourado que foi colocado no meu dedo há poucos instantes.

– Você se casou com ela? – pergunta Bea para Grant.

Ele olha para mim primeiro e sorri, então responde com calma:

– Ainda não, mas vou.

Bea relanceia para mim, então muda o foco para Ace, como se, de alguma forma, isso fosse culpa dele ou como se ele devesse ter impedido.

– Não olha pra mim, Bea – fala Ace, erguendo as mãos. – Eu também só fiquei sabendo agora.

Ace sorri para Grant, então pisca para mim.

Volto novamente a atenção para Bea, porque há algo que ainda não entendi. A relação dela com a família Foxx.

– Como vocês se conhecem? Eu não entendo…

Grant ergue um pouco mais o queixo, como se estivesse se preparando para alguma oposição. Ele aperta a minha mão.

– Quer responder essa, Bea?

Não passa despercebido o modo como o clima muda – a dinâmica não está mais concentrada na frustração dela, e sim em um segredo que parece que só eu não sei. Bea tira um cigarro de cravo da cigarreira prateada e enfia entre os lábios enquanto procura o isqueiro no bolso do blazer.

Lincoln se aproxima com Griz. Todos os homens Foxx estão aqui para ouvir a verdade.

Grant se aproxima mais um passo de mim e preenche o silêncio.

– O que eu ainda não consigo entender é: por que aqui? Por que trazer Laney pra cá, Bea? – Ele olha para mim e beija a mão que está segurando. – Fico feliz por isso, mas não entendo. Você nunca conseguiria autorização para isso se fosse uma colocação legítima no programa de proteção a testemunhas.

Ela acende o cigarro, traga fundo e bate o dedo nos lábios.

– Estou esperando – pressiona Grant.

Só depois de soltar uma grande nuvem de fumaça, que parece ficar suspensa

na umidade do meio-dia, é que ela responde:

– Porque eu precisava de um lugar onde ela estivesse segura.

Grant cerra os dentes.

– Mas por que aqui? Há tantos lugares pra onde você poderia ter ido. Por que Fiasco? – Ele aponta para o chão. – Por que aqui?

A agente mal deixa que ele termine.

– Porque devo isso a ela!

Eu a encaro, tentando entender o que isso poderia significar. "Porque devo isso a ela." *Deve a mim?*

Lincoln se intromete:

– O que você quer dizer…?

Bea ergue a mão, mas logo volta a deixá-la cair ao lado do corpo.

– Porque ela deteve a pessoa que matou a Fiona.

Meu coração quase para, e Grant fica tenso ao meu lado.

Isso não pode ser verdade.

– Porque ela ficou cara a cara com um monstro. O monstro que tirou a vida da minha filha.

Minha mente gira com o que ela está dizendo. Demoro um instante para realmente compreender. E vejo a mesma reação nos homens ao meu redor.

– Ela salvou uma vítima. Correu direto para o perigo, acionou um alarme de incêndio e depois deu um depoimento conclusivo que teria o colocado atrás das grades.

– Como assim, *teria*? – pergunta Grant.

Solto a mão dele, inquieta, tentando processar tudo isso.

– Você é a mãe da Fiona?

– No papel – murmura Grant.

– Ah, vai se foder, Grant. Não finge que você tem alguma ideia do tipo de relação que eu tinha com a minha filha – diz ela, e apaga o cigarro no chão.

– Eu tenho mais ideia do que você pensa, Bea – retruca ele no mesmo tom.

Ela fecha os olhos por um instante, claramente querendo evitar que isso vire um bate-boca.

– Eu ouvi o meu instinto. Vinha traçando o perfil do assassino da Fiona havia anos. Eu sabia, assim como você, Grant, que não tinha sido nenhum drogado no lugar errado, na hora errada. Não com aquele tipo de precisão da faca. E aquela parte dela que tinha sido dilacerada nas costas… – Bea balança a cabeça. – Não havia a *menor* possibilidade de aquilo ter sido resultado de um atrito no chão.

Nenhum de nós diz uma palavra. Todos ouvimos atentamente, cientes de que ela ainda tem mais a dizer.

– Quando fiquei sabendo de um serial killer em Nova York, que mantinha mulheres em cativeiro e depois guardava partes delas, meu instinto me disse para ir mais fundo. Investigar. – Ela engole em seco. – E foi o que eu fiz. – Bea ergue o queixo, tentando impedir que qualquer emoção escape. – O sujeito guardava "lembranças" delas. E tinha um pedaço de pele cujo DNA correspondia ao da Fiona. – Outra tragada no cigarro. – Laney está aqui porque esse homem não tinha um nome. Sem impressões digitais? Tudo bem. Tem muitos psicopatas que queimam ou cortam fora. – Ela balança a cabeça e aperta a ponte do nariz. – Mas não havia histórico. Nenhum rastro digital. Nenhuma família ou parente próximo que a polícia de Nova York ou o FBI conseguissem identificar. Eles não viram, mas eu vi. Sou agente federal há mais tempo do que qualquer outra coisa. O meu instinto me dizia que esse cara estava no programa de proteção a testemunhas.

Grant esfrega a nuca e balança a cabeça em descrença.

– Você está me dizendo que o cara que levou a Laney a precisar entrar no programa de proteção a testemunhas é amparado pela porra do programa?

Bea passa os olhos pela plateia que se formou, mas devia saber que, mesmo que tivesse pedido sigilo, isso acabaria sendo discutido entre esses quatro homens.

– Algumas fontes desapareceram do programa ao longo dos anos. Na maioria das vezes, são pessoas que querem voltar à vida antiga e acabam sumindo, nos levando a crer que foram capturadas por quem quer que as estivesse perseguindo. Mas, quando eu soube onde procurar, não foi tão difícil começar a ligar os pontos.

Griz se senta em uma das cadeiras de balanço, enquanto Lincoln se acomoda nos degraus que levam a este trecho do quintal. Mas Grant e Ace permanecem de pé, de frente um para o outro, com os braços cruzados, esperando ouvir o resto.

– Ele foi alocado originalmente em Montgomery, a cerca de trinta quilômetros daqui. Isso foi antes de eu liderar equipes ou ser o principal ponto de contato. Esse era inteligente. O homem sabia o que estava fazendo quando virou informante do Estado. Era o contador de famílias criminosas tanto de Nova York quanto de Chicago. Era calculista. Mas não acho que soubessem sobre as… – ela pigarreia – atividades extracurriculares dele. Então o cara delatou e se tornou invencível por causa disso. Ajudou a colocar muita gente atrás das grades. Testemunhou, contando para qual propósito os fundos estavam sendo usados, para onde iam e de quem vinham. Foi uma das maiores sequências de prisões por crime organizado em décadas. Resumindo, quando o Procurador-Geral consegue fazer prisões desse porte, capazes de desmantelar famílias criminosas, não pode haver pontas soltas que revertam isso. Quando esse homem foi preso naquele galpão, e havia testemunhas para colocá-lo atrás das grades, isso daria munição às famílias criminosas envolvidas para recorrer das decisões da justiça e talvez reverter todas.

– E o Procurador-Geral não ia deixar isso acontecer, não é? – conclui Griz.

– Não. – Bea encara Grant por um instante, tentando conter a tristeza imensa que isso deve estar trazendo à tona. – Nós protegemos esse homem. E eles ainda estão fazendo isso.

Ace deixa escapar um suspiro pesado e pergunta:

– E agora, Bea?

– O Del sabe? – interrompe Grant.

– Ainda não. Eu preciso levar a Laney para algum lugar seguro. Essa é a minha prioridade máxima.

Lincoln ergue a mão.

– Espera. Você está me dizendo que eles deixaram esse cara sumir?

– Estou dizendo que eu não sei. A audiência foi retirada da pauta do tribunal e não consigo que ninguém no gabinete do Procurador-Geral me dê uma resposta direta. Também não consigo encontrar nenhum homem não identificado detido ou transferido recentemente.

– Não é possível – diz Lincoln, passando os dedos pelos cabelos.

Grant observa Bea com a mesma expressão impassível de Ace, e tenho a sensação de que faz alguns minutos que não respiro.

– Eu pretendo manter as promessas que fiz a vocês. – Ela olha para Grant e para mim. – Vai ser um pouco mais complicado agora, com vocês dois.

– E uma cachorra – diz Grant.

Ela balança a cabeça.

– Não.

Dou de ombros e finalmente digo alguma coisa no meio disso tudo:

– Isso é inegociável.

41

GRANT

Temos dois dias. Quarenta e oito horas até eu deixar Fiasco para sempre. Mesmo quando eu odiava este lugar – quando gente demais me olhava com pena ou quando eu era o assunto de algum boato idiota –, ainda assim, aqui sempre foi o meu lar. Nunca tive o sonho de envelhecer aqui, mas acho que supus que acabaria como Griz. Sobrevivendo de bourbon e mentiras. Vivendo com as poucas certezas que tínhamos: o tempo e o jeito cruel, ao mesmo tempo lento e rápido, com que ele seguia adiante. Os lembretes devastadores de que nada nem ninguém durava para sempre.

Minhas suposições se mostraram erradas. E isso provocou um tipo de despertar que me fez reconhecer como lar algo completamente diferente do que eu tinha imaginado. Meu lar não era necessariamente um lugar, mas uma pessoa. A minha família sempre seria a minha família, e sentiria falta deles todos os dias, mas, quando eu olhava para Laney, via uma vida e uma família que nunca tinha me permitido imaginar antes. E era uma visão e tanto.

Apoio a mão na maçaneta prateada e quente da porta, ciente de que essa será a última vez que coloco os pés aqui dentro. O último jantar de costela com um amigo a quem estou devendo uma conversa faz muito tempo.

O sino acima da entrada toca, e o cheiro de carne grelhada e o aroma salgado dos painéis antigos de carvalho impregnam as paredes do Hooch's. Há muitos restaurantes no condado, mas este lugar sempre foi a constante. Vou sentir falta daqui. *Vou sentir falta deles*.

– Vai querer a costela ou o hambúrguer esta noite, Grant? – grita Marla detrás do balcão.

Ela joga o pano de prato por cima do ombro e aguarda, como se eu estivesse atrasado para pedir, mesmo tendo acabado de entrar. As sobrancelhas já estão

erguidas para mim, porque a única certeza sobre Marla é que ela não tem paciência para muita coisa. Especialmente para esperar.

– Vou querer o mesmo que ele – digo, e indico com um gesto de cabeça Del, que está na outra ponta do balcão.

Ele dá um gole no café.

– Ela está fazendo pão de milho cremoso para servir com a costela hoje à noite.

Sorrio para o meu amigo.

– E ambrosia?

– Marla, diz que você fez ambrosia – grita ele.

Ela berra da cozinha:

– O cu de um sapo é à prova d'água?

Misericórdia. Olho ao redor do restaurante, e tem só um punhado de fregueses aqui, mas já é noite nesta quinta-feira, e a maior parte do pessoal que vem jantar em família já está em casa colocando as crianças para dormir. O ar-condicionado está trabalhando pesado depois do calor de hoje.

O auge de agosto no Kentucky deixa a pele grudenta de suor se você ficar do lado de fora. Mesmo sem sol agora, está abafado. Bom para o bourbon, ruim para o restante de nós.

– Vou entender isso como um sim.

Ele olha para mim.

– Você está aqui com essa cara toda nervosa porque quer me dizer que está apaixonado por aquela garota?

Sinto os músculos do rosto se contraírem e a nuca esquentar. Há muita história entre nós. Muito afeto também, mas sempre mantivemos tudo em um nível superficial. Sempre foi assim, até mesmo antes de Fiona.

– Tem a ver com isso.

– Alguma chance de a víbora fumante de cigarros de cravo ser o outro motivo?

O relacionamento entre Bea e Del foi um dos poucos que nunca viraram fofoca por aqui. Mas eu sei que, depois que Bea foi embora, Del nunca mais teve ninguém. Ele nunca deu detalhes e eu nunca perguntei.

– Sim – respondo, quando Marla volta para reabastecer o café dele e servir uma xícara para mim. – Valeu, Marla.

– A comida já sai – avisa ela, e segue apressada em direção às mesas com uma jarra de água.

– Venho tentando te dizer… sem muito sucesso, ao que parece… que estou feliz por você. Eu não sabia de você e da Fi… até o fim. Se eu pudesse ter escolhido alguém para ela, teria sido você, Grant. Mas ela não está mais aqui. – Ele faz uma pausa e engole em seco. – Sinto falta dela todos os dias da minha vida, mas a Fi teve uma vida feliz. E gosto de saber que você fez parte disso.

Eu realmente não queria chorar esta noite, mas juro que, se ele disser mais uma palavra, vou desmoronar.

– Você não precisa disso, mas sempre terá a minha bênção. Para quem quer que escolha.

Inferno. Apoio os braços no balcão, abaixo a cabeça e fico olhando para o linóleo gasto do chão.

– Eu não tinha planejado escolher ninguém.

– Bem, essa é a coisa mais engraçada sobre o amor, não é? – Del olha em direção à janela da cozinha, onde Marla serve a ambrosia com uma concha. – Ele tende a ignorar os nossos planos. E você não consegue continuar sendo um idiota por muito tempo depois que alguém te faz sorrir.

Se eu tivesse piscado, teria perdido. O sorrisinho de Del se abrindo enquanto ele observava Marla. *Ora, mas vejam só…*

– Você tá brincando comigo? – pergunto.

Del dá um gole no café, sem encontrar os meus olhos, que estão cravados nele.

– Você nunca se perguntou por que venho aqui com tanta frequência?

Inclino a cabeça.

– Achei que fosse pela comida.

Ele sorri e solta uma risadinha baixa.

– Começou assim.

Solto uma gargalhada.

– Certo. – Assinto, e me dou conta de que o meu melhor amigo acabou de me contar que está com alguém há um tempo e, de algum modo, ninguém sabe disso.

Marla surge pela porta vaivém da cozinha.

– Tenho uma aqui ao ponto pra você – diz ela, enquanto coloca um prato de costela à minha frente. – E uma malpassada pra você, Del. – Marla desliza os pratos de pão de milho cremoso que estão equilibrados no outro braço e, do nada, coloca também à nossa frente duas taças de ambrosia verde-limão, salpicadas de coco e cerejas marrasquino. – Vou pegar o molho da carne. Só um instante, meninos.

– O pão de milho tá ótimo – comenta Del de boca cheia.

Na minha segunda mordida, algo chama minha atenção.

– A gente não serve nada além de água aqui – diz Marla, a voz um pouco mais alta do que o normal.

Corto mais um pedaço da carne e olho para a outra ponta do balcão, para o

turista. Alto e magro, sem nada em particular que se destaque. Cabelo preto penteado para trás, grisalho nas laterais. Mas é o arrepio na nuca que me faz cutucar a perna de Del, que dá uma olhada rápida para trás, nada mais.

– Parece que vocês servem costela – diz o homem, com um sotaque do Norte.

– Como eu disse, água é a única coisa do cardápio pra você – rebate Marla.

Lanço outro olhar para o homem e reparo no anel de ouro chamativo no mindinho. Ele pega um palito no recipiente do caixa e solta uma risada baixa, como se não estivesse gostando da atitude dela.

– Você se incomoda de me dizer se, por acaso, viu a minha irmã por aqui?

Tirando o noticiário passando na televisão, o lugar agora está no mais completo silêncio.

Marla o encara com uma das suas melhores expressões de "Você só pode estar de sacanagem".

– Se ela se parece com você, então não. Não apareceu ninguém novo por aqui.

– Ela se parece mais com a nossa mãe. Uma loirinha. Atende pelo nome de Laney ou Eleanor.

Mantenho a respiração estável e enfio outro pedaço de costela na boca, mas estou nauseado. Só consigo pensar que deixei o celular no carro. Limpo a boca com o guardanapo e digo a Del:

– Vou ao banheiro. Pede a ela pra embrulhar isso pra mim.

Não olho para Marla. Apenas passo pelos dois e sigo na direção do banheiro ao fundo. Quando viro em um canto, escuto Marla responder:

– Como eu disse, não apareceu ninguém novo por aqui.

Não escuto o resto do que é dito enquanto saio o mais rápido possível pelos fundos e dou a volta no restaurante até onde a minha caminhonete está

estacionada.

Engato a marcha e ligo para Laney, mas ela não atende. Quando tento de novo, cai na caixa postal depois de alguns toques.

– Amor, me escuta. Pega a Julep e sobe para a casa principal. Fica lá até eu ir te buscar.

Mando uma mensagem para Bea, o coração prestes a sair pela boca.

GRANT

Emergência. Ele tá aqui.

BEA

Chamando reforços. Pega ela e tira daí.

Não me importa pra onde.

Ligo para Del, que atende antes mesmo de tocar.

– Ele saiu alguns minutos depois de você.

– Chama reforços. – Desligo na cara dele e piso fundo. – Merda! – grito e dou um soco no volante.

A minha pulsação está disparada, e a adrenalina sobe mais um nível enquanto acelero pela estrada particular e coloco o carro em ponto morto. A caminhonete mal para e já estou descendo e correndo para dentro.

Não fomos rápidos o bastante.

Quando escancaro a porta da frente, Julep abana o rabo, me esperando. Se ela está esperando, isso significa que Laney não está aqui.

– Amor, você tá aqui?

Ela deve estar no armazém de barris com Ace.

– Jules, cadê a Laney?

Ela late para mim – conhece Laney e, se existe alguém que pode protegê-la, além de mim, é Julep.

– Vai achá-la, garota. – Dou um assovio e um comando que ela não ouve de mim há muito tempo. – Vai, Jules! Proteger.

Ela dispara como um raio pela portinhola nos fundos, rápido demais, como se soubesse exatamente para onde está indo.

Digito o número de Laney de novo, mas então escuto o celular dela vibrando no balcão da cozinha.

– Merda.

Saio correndo para fora e bato a porta. Há poucos lugares onde Laney poderia estar, então vou começar pelo armazém e depois seguir para a casa de Ace. Mas meus passos falham quando o estranho que estava no Hooch's contorna a frente da velha caminhonete Chevy dele assim que eu coloco os pés para fora da varanda.

– Boa noite, senhor.

– Você está invadindo. Isto é propriedade privada. Nada de vendedores aqui.

Minha pistola está na caminhonete, e guardo um rifle de caça na oficina, mas não tenho uma única arma à minha disposição agora.

Ele ergue as mãos.

– Só estou procurando uma coisa que perdi. Achei que talvez você pudesse me ajudar a encontrar, Sr. Foxx.

– Como eu disse…

– Acho que não fui muito claro. – Meu coração dispara quando ele leva a mão à parte de trás da cintura, puxa uma pistola Glock e mira em mim, como alguém que sabe exatamente como usar a arma. – Tenho um pedido bem

específico a fazer e acredito que você sabe exatamente do que estou falando. Parece que nós dois temos gostos parecidos.

Isso me faz avançar sem pensar. No mesmo instante, sinto uma dor lancinante na coxa direita. Mas isso não me impede de continuar avançando. Não vou cair sem lutar. Avanço no homem e acerto de surpresa o maxilar dele com um gancho de direita. Mas o movimento me desequilibra.

Um novo disparo ecoa e, dessa vez, sinto a bala atingir a lateral do meu corpo de raspão. Dói pra cacete, o bastante para me derrubar. Bato com força no chão enquanto a dor irradia pela coxa. Mas é a parte de trás da perna que queima mais. O ferimento de saída da bala.

O homem paira sobre mim enquanto a lateral do meu corpo sangra e minha coxa lateja. Ouço Julep latindo à distância. Quando viro a cabeça em direção ao som, ele olha para baixo, para mim, e sorri. Então, enfia o cano da arma no ferimento da minha coxa, e solto um grito tão alto que meus ouvidos zumbem. Tento engolir, com a garganta seca, e pisco várias vezes, tentando me recompor. *Porra, não desmaia*. Preciso me mexer.

– Vou perguntar mais uma vez. Onde?

– Vai se foder – digo com ódio, mas a voz soa fraca e a minha visão começa a embaçar.

O homem limpa o cano da arma, agora encharcado com meu sangue, no ombro da minha camisa, mas nem consigo sentir. Estou me esforçando muito para permanecer consciente.

– Já fiz bastante disso – diz ele, de um jeito sinistro. – Agora eu gostaria muito de brincar com a minha ladrazinha bonita.

Não consigo me mexer para avisá-la. Ou reagir para salvá-la. Ou causar qualquer tipo de dano nesse pedaço de merda para impedir que chegue até Laney. Eu sei que Julep chegou a tempo. Elas vão cuidar uma da outra. Sei disso.

– Você não foi de muita ajuda.

Então, tudo fica escuro.

42

LANEY

– Foi uma boa ideia.

Ace sorri enquanto caminha pela frente do armazém de barris. O lugar agora está parecendo mais um espaço rústico para recepção de casamentos do que um velho armazém de bourbon caindo aos pedaços.

– Você podia colocar alguns barris ali – digo, apontando para a saída lateral. – Usar aquilo como uma estação onde os convidados podem tirar selfies, assim eles teriam um ótimo pano de fundo com as prateleiras cheias. E, durante o dia, com as portas duplas abertas, a iluminação ficaria perfeita.

Ele examina o lugar para onde estou apontando.

– Vou mandar o Griz vir aqui. Pra se certificar de que não tem mais nenhuma cobra escondida atrás das fileiras de barris. A última coisa que eu preciso é da participação especial de uma cascavel. Já é ruim o bastante que você e o Grant não vão estar aqui. – Ele me dá um sorriso contido. – Vou sentir falta dele. E de você também. Mas o Grant não foi feito pra ficar sozinho. O meu irmão se puniu por tempo demais tentando viver assim, mas a verdade é que ele foi feito pra estar com alguém como você, Laney.

Lanço ao irmão mais velho dos Foxx um sorriso que diz "você deveria seguir o próprio conselho", então passo os braços ao redor dos seus ombros. Ele não retribui o abraço, mas também não se afasta.

– Acho que nenhum de vocês foi feito pra ficar sozinho. Tem amor demais neste lugar.

Ele se inclina para trás e aperta o meu ombro.

– Você agora é da família. E isso significa que vamos cuidar de você. Não importa o que aconteça.

Talvez seja o jeito como ele diz, como se já fosse uma conclusão inevitável. Ou o fato de falar com aquele aperto no ombro típico dos homens Foxx, mas isso deixa o meu peito pesado e meus olhos marejados. Se Ace disser mais alguma coisa sentimental, vou acabar caindo no choro.

– Muito bem, preciso levar o Gostoso de volta para o estábulo.

– Gostoso?

– Vou te dar uma chance para adivinhar de quem é esse puro-sangue – fala Ace, impassível.

– Não estou nem um pouco surpresa.

Sorrio, porque sei que o cavalo é de Hadley.

– Sir Gostoso-Demais. Foi assim que ela batizou um cavalo criado pra ganhar a Tríplice Coroa.

Dou risada ao constatar quanto Ace se irrita fácil com ela.

– Brilhante jogada de marketing. Eu apostaria num cavalo com um nome desses.

– Pessoas brilhantes são sempre meio desequilibradas, então faz sentido. – Ele fecha a porta e ergue o queixo para mim. – Pode fechar tudo quando sair?

Assinto e depois reúno o resto das embalagens onde vieram as luzinhas.

– Ah, e, Laney, só pra deixar claro… sei que o que te trouxe pra cá foi uma história terrível, mas mesmo assim fico feliz que você tenha encontrado o seu caminho até nós.

Porra, Ace… Meus olhos ficam embaçados, e mordo o lábio. Espero até ele desaparecer de vista para me permitir desmoronar. Estufo as bochechas e solto o ar bem devagar, tentando me acalmar. Então, solto uma risadinha comigo mesma ao ouvir o cavalo dele relinchar. Eles podem não ser caubóis, mas Grant estava certo quando disse: cavaleiros e caras do bourbon.

Eu me viro na direção das portas duplas abertas quando escuto Julep latindo. Me adianto um pouco, mas não consigo ver muito além das luzes da casa principal à distância.

– Estou aqui, Jules – chamo, franzindo os lábios para assoviar.

Não sai tão alto nem tão perfeito quanto o assovio de Grant, mas funciona, porque ela entra correndo no armazém de barris, quase passando direto por mim. Deve ter vindo ver por que estou demorando tanto. Quando late de novo, é alto, como se estivesse falando comigo, mas soa mais agressivo que o cumprimento de costume.

– O que foi, garota? – Olho para a escuridão de onde ela veio, mas não vejo nada. – Onde está o seu pai? Ele já voltou?

Mas ela permanece parada no lugar, sem abanar o rabo, sem se jogar de costas pedindo carinho, o que é estranho. Em vez disso, fica sentada, ereta, latindo para mim com força e convicção.

– Tudo bem. Vamos embora – digo a ela, já apagando as luzes.

Um estampido alto me faz estacar. Meu corpo trava e meu coração dispara. Olho de novo para o espaço escuro lá fora. Os outros armazéns ao longe estão fechados, sem nenhuma luz acesa. A casa principal está iluminada, mas é longe demais para que eu pudesse ver Griz se ele estivesse soltando um rojão. Olho para a bancada onde deixei a garrafa d'água, mas não vejo o meu celular. *Droga*. Deixei em cima da bancada na casa de Grant.

Julep se senta ao meu lado, esperando que eu tome uma decisão. Seguir o som ou esperar e prestar atenção. Outro estampido. Quando estendo a mão para acender as luzes de novo, o rosnado baixo de Julep aumenta a inquietação que começa a crescer no fundo do meu estômago. *Esse barulho não foi um rojão. Fogos estouram mais de uma vez, em sequência, e teriam iluminado o céu. Mesmo se fossem fracos.*

Sinto a pele toda arrepiada antes mesmo de me dar conta do frio. *Tem alguma coisa errada*. Olho na direção do estábulo e não vejo nada além das luzes delineando as baias. Relaxo um pouco quando uma caminhonete velha se aproxima devagar, apenas com as lanternas dianteiras amarelas acesas. O carro para na beira da estrada.

Julep rosna ao meu lado quando o motorista desce.

– Dave? É você?

Mas não é Dave, nem Tim, nem nenhum dos outros caras do armazém que responde. Em vez disso, o que ecoa é uma voz que eu não queria lembrar. Uma voz que ouvi apenas uma vez dizendo poucas palavras, mas que me assombraram desde então.

– Estava procurando por você, minha ladrazinha.

Sinto um aperto no peito e fico tonta na mesma hora. Mas não espero para ver se vou desmaiar. Acendo as luzes, deixando tudo claro como dia, e corro de volta para dentro do armazém, sussurrando:

– Julep, vem.

Ela me segue pela passagem principal até o último corredor de barris enfileirados, o mais distante da porta. Mesmo que ele acenda as luzes daqui, este ainda é o ponto mais escuro do local.

Julep solta outro rosnado baixo. Acaricio a sua cabeça e passo a mão devagar ao redor do focinho retraído. Ela precisa ficar quieta.

– Quietinha, Jules – sussurro.

Ela obedece. E nós esperamos.

Enquanto permanecemos ali, agachadas, o silêncio vai se transformando em um zumbido alto nos meus ouvidos. Me esforço para escutar. *Por favor, vai embora*.

Alguns minutos se passam até que as luzes se acendem.

– Se esconder assim não é exatamente o que eu esperava. Caçar é a minha parte favorita, ladrazinha – diz o homem, calmo demais. – Isso vai ser mais divertido do que eu imaginava. – Ele arrasta os pés. – Eu vou te encontrar. E vai ser muito gratificante quando isso acontecer. – A voz ecoa pelo espaço enorme e me faz tremer. – Uau! Eu pretendo brincar com você por um bom tempo.

Eu me encolho mais para trás, ainda com a mão cobrindo o focinho de Julep, tentando mantê-la o mais silenciosa possível.

– Aparece, aparece, onde quer que você esteja, minha linda ladrazinha.

Minhas mãos e meus braços tremem num misto de nervosismo e vontade de sair correndo. Se ele caminhar para o outro lado da construção, longe de onde estamos, conseguiremos escapar pela saída lateral. Julep vibra com um rosnado baixo, abafado pela minha mão, mas ainda audível. Ela sabe que estamos em perigo.

– Você tirou o meu último brinquedinho de mim. E todas as minhas partes favoritas das outras – diz o homem, e o eco da voz fica mais alto à medida que avança pelo corredor principal. – Eu tinha um pedaço muito especial de carne fatiado, já sendo curtido por um bom tempo. Teria ficado tão bom com os pedacinhos que eu planejo provar de você…

Subestimei o nível de monstruosidade desse homem, mas não vou deixar o que ele está dizendo me atingir. Preciso sair daqui.

Tento me mover mais para perto do outro lado do corredor. Só preciso chegar àquela porta lateral. Mas meu pé esbarra em alguma coisa que faz um barulho metálico no concreto. *Droga, droga, droga*.

É um ladrão de cobre para tirar bourbon dos barris que alguém deixou aqui. Se nada mais funcionar e ele chegar perto o suficiente, vou usar isso como um bastão. Quando me abaixo, ouço um som fraco de zumbido, como o barulho que

as cigarras fizeram o verão inteiro. Meus dedos tocam o cobre frio, mas fico paralisada quando o zumbido é abafado pelo som mais alto de passos se arrastando. *Ah, não*.

– Aaaah – fala ele, com o tom sarcástico. – Você facilitou demais pra mim, minha ladrazinha.

É como levar um banho de água fria. Não mexo um músculo, mas eles tremem sozinhos. Meus dedos se apertam mais ao redor do longo cabo de cobre.

A figura alta e magra do homem surge na entrada do corredor, se aproximando devagar. Ele tem uma arma na mão esquerda e aponta o cano para mim enquanto faz círculos no ar, casualmente.

– Você fez barulho… – Ele estala a língua, como se eu tivesse falhado em um teste. – Essa é a única regra do pique-esconde. Precisa ficar em silêncio. Achei que fosse mais esperta do que isso. – O homem inclina a cabeça para o lado, me avaliando de cima a baixo. – Filha de um agente do FBI e tudo mais.

Meu corpo se enrijece ao ouvi-lo falar de mim como se me conhecesse. Me olhando como se tivesse qualquer direito sobre mim. Engulo em seco, tentando relaxar a garganta apertada.

"Você dá conta de encarar qualquer problema, Laney. Nunca se esqueça disso."

Seguro firme no peitoral de Julep. Esse monstro não me conhece. Está apenas repetindo dados. Detalhes superficiais que poderiam ser encontrados em minutos no Google se ele tivesse descoberto o meu nome verdadeiro. E ele descobriu. Mas, quando o homem ergue a arma na minha direção, prendo a respiração. O meu corpo fica tenso e os meus dedos afrouxam ligeiramente o aperto no peitoral de Julep. E ela sente. Não espera por comando nenhum. Lança-se contra ele, rápida, precisa, pegando-o completamente de surpresa.

Quando ela o atinge em cheio, eu grito. A arma que ele segurava cai e dispara

ao bater no chão de cimento. Os movimentos da cabeça de Julep criam uma confusão de sons. Rosnados dela, gritos dele. Ela o derruba e morde o braço do homem, que berra e xinga. Cubro a boca, paralisada por segundos demais, em pânico, sem saber o que fazer. Preciso fugir. Mas não existe a menor chance de eu sair daqui sem a minha cachorra.

A arma.

Tropeço nos meus próprios pés na tentativa de me mover rápido o bastante para alcançá-la.

O grito de dor de Julep chama a minha atenção, e vejo quando o homem consegue chutá-la em algum lugar, fazendo-a afrouxar a mordida. A cachorra geme, e vejo que está poupando a pata traseira, torcida na queda. Mas isso não a impede de tentar avançar de novo para morder.

Não vou deixar isso acontecer.

A arma está caída a cinco passos do homem monstruoso, que geme e sangra, e que não tem outro plano além de me machucar. Corro na direção dela, com o longo ladrão de cobre firme na mão e os pés batendo com força no cimento, já sem hesitar mais.

– Nem fodendo! – grita o homem, e joga o ombro contra a minha barriga, tirando todo o meu ar.

Nós dois caímos no chão. O ladrão de cobre escorrega e desliza para dentro de uma prateleira vazia ao nível do chão, onde deveria haver um barril.

Tento puxar o ar e organizar os pensamentos antes de voltar a me mover. Com as costas travadas pelo impacto, rolo o corpo para o corredor principal e me forço a continuar me afastando do ponto onde colidimos. Mas não consigo ir além disso, porque duas coisas acontecem quase ao mesmo tempo. O zumbido que eu tinha ouvido, achando que eram cigarras, não era um zumbido coisa nenhuma, mas um chocalho. Uma cobra enrolada e muito irritada se projeta e

morde o tornozelo do monstro uma, duas vezes, então avança para uma terceira e fica agarrada nele. Os olhos do homem encontram os meus por uma fração de segundo, e as tentativas dele de me alcançar cessam.

– Filha da puta – solta ele. E grita novamente, em outro gemido engasgado: – Não consigo sentir a minha perna!

Fico quase em choque com o que está acontecendo a poucos metros de mim. Preciso sair daqui. Mas é o tremular de uma chama e o calor dela que me despertam e finalmente me fazem reagir.

Rolo de lado, até ficar de joelhos, e me coloco de pé o mais rápido possível. Eu deveria ter imaginado que o disparo de uma arma em um ambiente cheio de álcool altamente inflamável teria resultados letais. E já começou a acontecer.

Corro de volta até Julep, porque, pelo jeito como o homem continua gemendo e mal consegue se mover, ele já não é mais a ameaça. O que chama a minha atenção agora é o calor que começa a se espalhar.

Meu corpo é arremessado para a frente ao mesmo tempo que uma explosão ecoa à minha direita. Se eu tiver sorte, terei apenas alguns minutos para sair daqui. Me levanto, as costelas doendo pelo impacto no chão de cimento. Quando alcanço Julep, ela está consciente e tenta ficar de pé, mas as patas traseiras não a sustentam. Passo a mão pela lateral do corpo dela.

– Eu tô aqui, menina. Eu tô aqui. Você vai ficar bem.

O calor no ambiente aumentou, e o som da madeira estalando é meu aviso de que as prateleiras e os barris vão desabar a qualquer momento.

– A gente precisa ir, Jules.

Passo o braço pela barriga dela e a levanto. Ela geme quando ajusto a posição, mas preciso correr. E preciso correr agora.

– A gente não pode parar. Temos que correr… – gritou ela para mim.

Seu corpo ensanguentado tremia descontrolado, mas não era hora de fazer perguntas. Corremos, torcendo para que o alarme de incêndio funcionasse.

– Vai ficar tudo bem – repito a mesma frase várias vezes enquanto as minhas pernas avançam o mais rápido que conseguem em direção à saída lateral. Exatamente como naquela noite. – *Vai ficar tudo bem*.

Empurro a porta com o ombro, no exato momento em que outra explosão ecoa. Preciso me afastar o máximo possível daqui.

A única coisa na minha mente é chegar até Grant. É fazer nós duas chegarmos até ele. Meus pulmões ardem e meus braços latejam de dor por causa do peso dela, mas não vou parar nem por um segundo, não até encontrá-lo.

O som de cascos no chão e o relincho de um cavalo me fazem forçar os olhos na escuridão, até que ouço a voz de Grant, e é como receber um choque direto na alma. Finalmente consigo respirar de novo.

– Laney! Cacete, LANEY!

O fogo que começa a se espalhar atrás de mim ilumina a escuridão o suficiente para eu perceber que ele está vindo na minha direção em alta velocidade.

– Aqui – consigo dizer, quase sem voz. – Eu tô aqui. A gente tá aqui!

Ouço-o soltar o ar com força.

– Laney!

Toda a adrenalina que tinha me dado energia para lutar, para correr, começa a desaparecer, e eu desabo. Um soluço escapa, e fecho os olhos com força.

– Grant!

Continuo segurando Julep o melhor que posso. Aquele desgraçado machucou minha cachorra.

– Você salvou a minha vida, gracinha – falo, sem forças.

Meu queixo treme enquanto tento não pensar em como ela soube me encontrar.

Assim que chega perto o bastante, Grant grita:

– Meu amor, a gente precisa sair daqui! Esse lugar vai explodir!

– A Julep tá machucada. Pega ela.

Ele se abaixa enquanto tento erguer a cachorra. Depois de pegá-la, ele a acomoda à frente do corpo, em cima do pescoço do cavalo.

– Me dá a mão – diz, se virando para mim.

Estendo a mão, e Grant me segura pelo braço e me puxa para cima do cavalo que já está em movimento. Me acomodo atrás dele, me agarrando firme. Com as rédeas em uma das mãos e segurando Julep com a outra, Grant parte a galope. Gostoso corre rápido, e meu cabelo bate no meu rosto molhado de lágrimas.

Segundos depois, o armazém atrás de nós explode.

Já estamos longe o bastante para não sentir o calor nem a pressão da explosão. E sei que, se Grant não tivesse chegado na hora que chegou, eu não teria conseguido.

Caminhões dos bombeiros passam a toda na direção oposta, subindo a estrada estreita rumo ao incêndio. Viro a cabeça e vejo a construção inteira ardendo em uma imensa labareda. Meus olhos embaçam com o fogo. Me agarro ainda mais a Grant, mas ele se contrai e inclina o corpo como se houvesse alguma coisa errada.

No alto da colina, perto da casa principal, Grant para o cavalo.

– Cuidado, amor, não aperta tanto – pede ele com uma careta de dor, e percebo, assustada, que está ferido e sangrando.

A lateral do seu corpo está úmida e pegajosa. As minhas mãos estão cobertas do que agora me dou conta de que é sangue. Já senti isso antes. Não é bom, e o

pânico volta com força total.

– Eu estou bem, amor. Você está ferida? – pergunta Grant por cima do ombro, sabendo que estou surtando, sem nem precisar olhar para mim.

Mas eu o ignoro.

– Você *não* está bem.

E eu também não estou nem perto de estar bem, mas não estou sangrando. Tanto Grant quanto Julep estão feridos, e precisamos de ajuda. Coloco a minha aflição de lado e deixo o corpo escorregar pela lateral do cavalo.

– Aonde você vai?

Eu me viro em direção à estrada.

– Você está sangrando. Vou buscar ajuda.

Começo a acenar com os braços acima da cabeça, tentando chamar a atenção dos carros de polícia e da ambulância que se aproximam.

– Ei! Estamos aqui! – grito.

Um dos carros reduz a velocidade. *Graças a Deus*.

Quando me viro de volta, vejo a coxa de Grant. Está envolta em um torniquete improvisado com o cinto.

– O que aconteceu?

Tento conter outro soluço que ameaça escapar. Ainda não. Não até eles estarem bem.

Mas Grant não me responde. Mantém Julep apertada contra o corpo, desce do cavalo e coloca a cachorra na grama, acariciando a cabeça dela com reverência.

– Você foi muito bem, garota. Você foi bem demais, Jules.

Ainda agachado ao lado de Julep, Grant se vira para mim, se levanta e

simplesmente continua a andar na minha direção. E não para até me envolver em seus braços. Respiro fundo enquanto ele beija o alto da minha cabeça, o meu cabelo, a minha testa, e depois enterra o rosto no meu pescoço.

– Eu tentei chegar até você. Tentei tanto.

– Mas ela conseguiu – digo, apontando com a cabeça para Julep. Ela está machucada, mas abana o rabo enquanto me ajoelho para confortá-la. – Ela me encontrou, me avisou e conseguiu atacar o homem quando ele levantou a arma. Foi isso que começou o incêndio. O revólver disparou quando aquele desgraçado o deixou cair – conto, e olho para o armazém de bourbon, agora completamente tomado pelas chamas.

– Merda.

Grant se abaixa o melhor que pode para acariciar a cabeça de Julep outra vez.

– Acho que ele deu um chute nela, e Julep caiu feio no chão. Não consegue apoiar peso nenhum na parte de trás.

– Minhas meninas corajosas.

Grant mantém uma mão sobre o peito de Julep enquanto me segura junto ao corpo. Ele beija a lateral da minha cabeça e deixa os lábios se demorarem ali.

Eu me agacho ao seu lado, e Grant se afasta um pouco, procurando os meus olhos. Suas mãos alcançam o meu rosto, emoldurando-o, e ele me puxa mais para perto, até que os seus lábios se chocam contra os meus. Nós nos beijamos como se ambos tivéssemos plena consciência de que estivemos muito perto de nunca mais poder fazer isso de novo.

Dessa vez, quando se afasta, com lágrimas escorrendo pelo rosto, Grant pergunta:

– Ele te machucou? – Ele examina o meu rosto e o meu corpo, para se certificar de que estou bem. – Eu não consegui chegar até você. – E me beija de novo. – Ah, merda – diz, fazendo uma careta quando muda o peso do corpo,

tentando se levantar.

Eu olho para a perna dele, e meus olhos se arregalam diante da realidade do ferimento.

– Meu Deus. Grant? A sua perna.

Ele abaixa os olhos e dá de ombros de leve.

– Foi um tiro certeiro. Atravessou direto.

– E você está me beijando como se nada tivesse acontecido enquanto tem um buraco de bala na perna?

Ele solta uma risada, mas, quando tenta se mexer de novo, volta a fazer uma careta.

– Esse não dói tanto quanto o que me acertou de raspão na lateral do corpo. – Quando ele se vira para olhar, até esse pequeno movimento o faz sibilar. Grant sorri para mim. – Parece que não vou poder te carregar nas costas por um tempo.

Deixo escapar uma risada abafada, mas os meus olhos se enchem de lágrimas novamente. Apoio a testa no ombro dele, e a adrenalina que vinha nos mantendo de pé, nos impedindo de desmoronar completamente, começa a deixar o nosso corpo.

– O Ace chegou a cavalo assim que ouviu os tiros lá em casa. Acordei com ele me dando tapas na cara. Fizemos um torniquete rápido… Eu não tinha sangrado até desmaiar, então não acertou nenhuma artéria. E nada nesta vida ia me impedir de ir atrás de você. Peguei o cavalo e comecei a gritar e a cavalgar na direção de onde ele disse que você estava.

Seguro a lateral do meu próprio corpo enquanto mudo de posição, as costelas doendo a cada inspiração, e fico olhando para o incêndio. Julep late quando outra explosão ecoa. Não tem como esse fogo ser contido, nem como alguém sobreviver a ele. O céu escuro se enche de uma fumaça ainda mais escura, que

sobe rápida e densa.

– Os bombeiros não vão conseguir fazer muita coisa até isso queimar por completo.

– Todo aquele bourbon – sussurro.

– Olha para mim – fala Grant, desviando a minha atenção da visão quase hipnotizante do incêndio. – Nada daquilo importa. Você está bem. Nós estamos bem. É só isso que importa pra mim.

– … mas a sua família. Todo aquele tempo e…

As mãos quentes dele no meu rosto, o jeito como afasta os fios de cabelo molhados de suor que estão grudados nos meus lábios, fazem com que eu não consiga mais conter a emoção.

– Você é a minha família. E você está segura agora. Eu protejo você.

Grant apoia a testa na minha.

– Não sei, não, caubói. Do jeito que você está apoiado em mim agora, parece que sou eu que tô protegendo você.

Ele sorri.

– É, acho que é verdade. – Grant passa os dedos ao longo da lateral da minha cabeça e prende uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Você é corajosa pra cacete.

Meu queixo treme, e meu nariz volta a arder ao ouvi-lo dizer isso.

– E eu te amo, minha garota corajosa – diz, encostando a testa na minha. – Eu me apaixonei perdidamente por você. E pensei… – Ele faz uma pausa e inspira fundo antes de encontrar as palavras para terminar. – Pensei que ia acontecer de novo. Que eu não ia conseguir chegar até você a tempo. E que eu – Grant me beija enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto – ia te perder. Docinho, eu não posso te perder. Por favor, fica comigo. Eu quero isso. Nós. –

Ele solta outro suspiro trêmulo. – Mais do que eu já quis qualquer coisa na vida.

Sinto o peito apertado de emoção enquanto passo os dedos pela nuca dele. Se homens pudessem ronronar, esse seria o ponto ideal para arrancar esse som de Grant. Aperto a frente da camisa dele para garantir que me escute.

– Você disse que eu era sua. Então, a menos que fosse só conversa fiada, é exatamente isso que eu sou. Para mim, é simples assim. Escolho ser sua do mesmo jeito que você escolheu ser meu. E não vou a lugar nenhum, caubói.

Dou um sorriso choroso.

Os lábios de Grant pressionam os meus como se estivéssemos selando novos votos no meio de um pesadelo caótico. Ele sorri contra a minha boca, a mão pousada no meu peito, logo acima do coração.

Atrás dele, o fogo continua a arder e, enquanto olho, quero acreditar que está consumindo os medos que assombraram nosso passado e que deixamos controlar nossa vida. A ideia faz com que os últimos nós na minha garganta se desfaçam lentamente. As coisas que nos mantiveram presos. Um monstro e uma maldição. Vendo as chamas dançarem sobre aquele armazém, enquanto sinto os braços de Grant tão firmes ao meu redor e seus lábios roçando a minha pele, fica muito claro para mim: este é o fim de tudo aquilo.

– Acho que *ele* não teria conseguido sair de lá vivo.

Nada poderia ter sobrevivido àquela explosão.

Grant olha para as chamas por cima do meu ombro.

– Também acho.

– Julep fez um estrago nele, mas foi a cascavel que…

Os paramédicos chegam em um frenesi e nos afastam um do outro para avaliar os ferimentos de Grant. Começo a dizer que estou bem, quando ele diz:

– Examinem ela assim mesmo. – Então vira a cabeça para mim de repente,

finalmente registrando o que eu tinha dito. – Espera aí. Cascavel?

Faço que sim com a cabeça.

– Deve tê-lo picado três, talvez quatro vezes. Foi só por isso que eu consegui pegar a Julep e correr.

Olho para ela, que está só nos observando. A minha protetora. Essa cachorra salvou a minha vida. E, com aquela ameaça eliminada, não vai haver motivo nenhum para irmos embora. Sinto um alívio imenso me invadir quando me dou conta disso.

Grant ignora o paramédico que perguntava se ele conseguia andar, passa a mão ao redor da minha nuca e me puxa para perto, em um movimento rápido e abrupto, enquanto a sua boca se funde à minha e ele sussurra contra os meus lábios:

– Minha esposa.

Eu mordo de leve o lábio inferior dele.

– Quase.

43

LANEY

Foram necessários quatro dias para que o incêndio fosse apagado, com cinco condados e um número incalculável de bombeiros lutando para que não se espalhasse. O fogo não chegou aos outros armazéns naquele trecho da propriedade dos Foxx, o que, por si só, já foi um milagre. A intensidade das chamas foi tamanha que os únicos vestígios encontrados do monstro que eu derrotei e do pesadelo ao qual sobrevivi foram dentes e fragmentos de ossos.

Aquele homem tinha virado cinzas. Foram duas noites da minha vida que eu sabia que nunca me deixariam por completo, mas aquilo tinha acabado. Encontrei algum conforto nisso, pelo menos. Lembro-me de ter perguntado uma vez ao meu pai se ele estava bem. Foi depois de um caso para o qual ele precisou viajar – e que o fez perder o dia de abertura da temporada de beisebol naquele ano. Quando ele voltou, eu soube na hora que tinha sido difícil.

– Você tá bem, pai?

Ele me deu aquele sorriso paternal com os lábios cerrados. E que pareceu mais um prefácio para algo que eu não ia gostar de ouvir do que um sorriso de felicidade. Estávamos na lanchonete da rua 22, e ele não tinha terminado o milk-shake de chocolate. E o meu pai sempre terminava o milk-shake antes de nossos hambúrgueres chegarem. Eu já tinha terminado de comer e ele ainda não tinha dado mais do que um gole na bebida. Eu sabia que, seja lá o que tivesse acontecido enquanto esteve fora, uma parte daquilo viera para casa com ele.

– Só um caso difícil, filhota.

– Teve que derrotar um monstro?

– Dessa vez, sim. Tive que derrotar um monstro.

Eu me recostei no banco, satisfeita com as minhas batatas fritas e com o meu milk-shake de morango. Àquela altura, eu já conhecia as várias possibilidades do

que aquilo queria dizer. Também sabia que, se o meu pai tivesse machucado alguém, tinha sido para manter outras pessoas seguras.

– Eu acho que você é corajoso, pai. É preciso ser corajoso para derrotar monstros.

Depois disso, ele terminou o milk-shake de chocolate.

Ele também teria dito que fui corajosa depois de tudo isso.

Revivi aquela noite do incêndio e a noite no depósito várias vezes na terapia, até conseguir dormir a noite inteira. Não conseguimos uma resposta clara sobre como Waz pode ter descoberto que algo ou alguém estava vindo atrás de mim. Ou como ele sabia que eu tinha vindo de Nova York.

– Mas é assim com quase tudo que envolve o pai da Hadley e seus associados – disse Ace. – A gente sabe que nunca pode baixar a guarda.

A conversa terminou ali e as autoridades não chegaram a ir mais fundo.

As semanas seguintes foram difíceis, mas, como parecia acontecer com tudo, o tempo ajudou a aliviar a ansiedade causada pelos pesadelos que me acordavam. Eu não sentia remorso. Mas tinha emoções de sobra em relação ao que havia acontecido com as pessoas que eu amava. Para começar, Grant precisou passar por uma cirurgia para reparar os danos do ferimento à bala na perna, além de muita fisioterapia.

– Aonde você vai? – pergunto.

Ele para no meio do movimento, com um pé já encaixado no estribo da sela. Eu sabia que Grant não tinha descido até os estábulos só para escovar Tawney e passar um tempo com ela.

– O médico disse que você precisava caminhar, não cavalgar.

Eu o encaro com a sobrancelha arqueada.

Ele passa a outra perna por cima da sela e faz uma careta.

– Ela precisa sair para dar uma volta. Eu não vou fazer trilha, vou só dar um passeio. Está tudo bem.

Ele é mesmo um péssimo paciente. Grant não sabe ficar parado por muito tempo. Então, recorro à chantagem emocional.

– *Eu* preciso sair para dar uma volta.

Ele dá um sorriso de lado e olha para as rédeas que está segurando.

– É assim que vai ser agora, docinho?

– A proposta é essa, caubói. Você tem uma escolha: ou eu ganho um passeio, ou a Tawney ganha. Você escolhe.

Dou meia-volta e sigo em direção à casa, com Julep atrás de mim. Ela é uma paciente muito melhor do que o pai.

Julep late, seu jeito de dizer "vamos!". Faço carinho na sua cabeça e seguro a alça presa às patas traseiras. O quadril e uma das patas ficaram bem comprometidos, mas ela tirou o gesso ontem, e a órtese de quadril está ali para dar suporte extra até que esteja forte o bastante para correr de novo. Eu sei que Julep sente falta das cavalgadas matinais ao lado de Grant tanto quanto ele, por isso tenho preenchido esse espaço até que os dois possam voltar a sair juntos. A minha garota – é isso que Julep é agora. Tão minha quanto de Grant. Eu já sentia essa conexão muito antes, mas agora a sinto com ainda mais força, especialmente pela forma como ela salvou a minha vida e o jeito como me amou desde o primeiro dia. Julep e eu fazemos uma caminhada lenta até o café todas as manhãs e pegamos um flat white para mim, um café preto para Grant e um copinho de chantilly puro e sem açúcar para ela.

– Anda, docinho, eu já fiz a parte mais dura – grita ele para mim, como se tivesse levado um segundo para pensar.

Isso me faz rir.

– Então acho que não vai ter parte *dura* mais tarde.

Eu o ouço praguejando consigo mesmo, mas sei que ele vai estar a uns dez minutos de mim e de Julep. O apetite daquele homem por mim é voraz. E o meu por ele também.

– Você ainda está planejando se casar com ele?

Ao ouvir essa voz familiar, mas inesperada, ergo os olhos e vejo Bea encostada na caminhonete estacionada em frente à nossa casa.

– Eu meio que amo o sujeito, então, sim, estou planejando me casar com ele. Você vai vir pro casamento?

Ela balança a cabeça e puxa a cigarreira prateada.

– Eu não sabia que você estava na cidade – falo.

Bea pigarreia.

– Você se saiu bem, garota. Mais do que bem. Só vim te dizer que os itens do seu depósito não são mais considerados evidência. Achei que você talvez quisesse um pouco da sua vida antiga de volta.

Ela me entrega uma chavezinha dourada e um cartão.

– Mandei tudo para um lugar nos arredores de Montgomery, a uns vinte minutos daqui.

Viro a chave na mão, engolindo as emoções que ameaçam me dominar.

– Obrigada.

– Você é filha do seu pai, Laney. Sem sombra de dúvidas.

Ela abre a porta da caminhonete.

– Então é isso? – pergunto.

Não consigo evitar a sensação de que há mais por vir, mas no fundo eu sei que isso é só a ansiedade residual por tudo que aconteceu.

– Você foi liberada. A sua participação na morte dele foi considerada legítima

defesa. Não haverá acusações. Você nem está tecnicamente no programa de proteção a testemunhas, então, sim. É isso.

Antes de entrar no carro, ela para e olha para baixo, procurando palavras para o que quer dizer.

– Você acabou se salvando sozinha. De novo. Isso não acontece naturalmente para a maioria das pessoas… fazer o que precisa ser feito para sobreviver.

Ela dá uma longa tragada e, quando solta a fumaça, diz:

– Da próxima vez que a vida ficar difícil, ou quando você se sentir soterrada pelas memórias de toda essa merda, lembre-se: você é foda, Laney.

"Você dá conta de encarar qualquer problema, Laney."

– Que merda ela queria? – pergunta Grant, a poucos metros de distância.

Enquanto a caminhonete de Bea se afasta, levantando poeira na estrada, percebo que fiquei parada no mesmo lugar depois de acenar em despedida.

Penso nas muitas dificuldades que me trouxeram até aqui. No quanto isso me transformou em alguém que eu não reconheceria aos olhos da Eleanor de Manhattan.

Então me viro para Grant, sorrindo.

– Ela só queria me dizer que sou incrível. – Mesmo mancando de leve, Grant se mantém de pé com toda a confiança. – Parece que você decidiu qual passeio prefere, hein, caubói?

Ele corre até mim e me ergue pela cintura enquanto solto um gritinho.

– Sempre você, docinho. Eu sempre vou escolher você.

• • •

– Agora talvez seja uma boa hora para nos contar no que você anda se metendo, Grant.

Lanço um olhar para Griz enquanto ele provoca o neto.

Com a celebração dos 100 anos da destilaria chegando em poucos dias, houve milhares de ligações, atenção da mídia e fãs de bourbon preocupados, porque o destaque da nossa comemoração literalmente virou cinzas.

Aperto a mão de Grant, para deixar claro que estou ao seu lado.

Ele olha para Ace e arrisca:

– E se vocês celebrassem 100 anos com uma coisa inesperada?

Ace anda estressado e dormindo pouco desde o incêndio. Há muita coisa envolvida em comandar essa empresa, mas ele sempre fez parecer que tocava aquilo tudo quase sem esforço. Mas o incêndio foi um golpe grande para eles – poderiam ter perdido muito mais do que perderam. E agora Grant tinha uma solução para apresentar.

Ace cruza os braços e apoia o corpo na mesa, enquanto Lincoln para de digitar no celular.

– Depois que a Fiona e a Olivia morreram, eu comecei a fazer bourbon. Meu próprio mosto – diz Grant, e seca as palmas suadas na calça jeans. – Eu não planejava que fosse nada além de uma forma de passar o tempo. Queria tentar fazer a única coisa que o meu sobrenome me garantia ser capaz: um bourbon realmente bom.

Observo o resto daqueles homens, todos um pouco impassíveis, confusos e entretidos ao mesmo tempo.

– Esses lotes estão prontos. – Grant abre um sorriso, e eu também. – E ficaram bons pra cacete.

– Onde? – interrompe Ace. – Em que porcaria de lugar você está envelhecendo esses barris?

Griz começa a rir.

Grant lança um olhar feio para o avô, mas o riso grave continua.

– O que foi? Não acredito que ninguém tenha percebido antes. Vocês são um bando de idiotas se não sacaram isso até agora. – Griz olha para mim e pisca. – Menos você, querida.

– As cavernas perto da cachoeira.

Lincoln entra na conversa:

– Você tá de sacanagem?

Grant balança a cabeça.

– Eu não comentei nada porque a ideia nunca foi acrescentar alguma coisa à marca. Ou invadir o território de ninguém. Não queria que nenhum de vocês achasse que eu estava tentando tomar o que passaram a vida toda construindo.

Observo o mestre destilador e o CEO da marca parecerem genuinamente confusos com o que Grant acabou de dizer. Não acho que eles se sentiriam assim.

– Eu tive a minha carreira e a deixei pra trás. Produzir barris de bourbon foi o que me fez seguir em frente. Fiz o que fomos ensinados a fazer. A coisa que está no nosso sangue há gerações. – Ele aponta para Ace com um gesto de cabeça. – Você fez isso por mim. Eu fiz bourbon, me envolvi no processo e na química, nas nuances. Fiz pequenos lotes, com variações diferentes, até encontrar algo digno. Isso me deu propósito de novo. Levei muito tempo para aprender a liderar uma equipe de pessoas. – Quando ele sorri, sei que é por causa de como a tanoaria tem funcionado ultimamente. Grant já compartilhou um pouco disso comigo e é algo que eu também testemunhei desde que cheguei. – Mas eu quero isso. É um bourbon excelente.

– Estamos falando de que quantidade, Grant?

– Mais ou menos uns 250 barris.

– Você tá falando sério?! – brada Lincoln. – Mas a temperatura em um lugar desses deve ter variado demais. Extremos absurdos? Ou é climatizado? Qual é o teor alcoólico final? Já chegou no ponto de doçura ideal?

Grant solta uma risadinha. Seu rosto e pescoço estão corados de nervosismo.

– Eu acho que sim, mas vocês vão ter que me dizer.

Ace olha para Lincoln, e há um entendimento silencioso entre eles.

– Você quer colocar isso no lugar do que perdemos?

Griz entra na conversa:

– A verdade é que a maior parte do que queimou naquele armazém era nostalgia. Eu provei barris demais com sabor excessivo de carvalho. Talvez metade do que estava lá fosse ser descartada de qualquer forma.

Ele olha para Ace.

– Acho que já passou da hora de cada um de vocês ter o próprio bourbon. E não estou falando da idade de vocês. Estou falando de cada um ter um mosto especial. Se querem encontrar uma novidade para rejuvenescer nossa velha marca, vão ter que parar de olhar para mim em busca de respostas.

Ace estende a mão, frustrado.

– Você tem as respostas prontas, Griz. É difícil ignorá-las.

Griz não lhe dá atenção e se vira para Grant.

– Vou precisar provar.

Os lábios do patriarca se curvam em um sorriso.

– Posso providenciar.

– Laney, o que você acha disso? – pergunta Ace, com o cenho ligeiramente franzido.

Mas dá para ver que ele está interessado.

Pego uma pastinha cheia de ideias e esboços sobre como batizar o bourbon, como lançá-lo e, o mais importante, como fazê-lo rivalizar com algo que vem sendo exaltado há anos.

– Há muitas formas de comercializar isso. Mas, se você acha que os seus garotos precisam ter o próprio blend artesanal, Griz, então só existe um nome para esse.

44

GRANT

Um mês depois…

– Está completamente esgotado.

– Como assim, esgotado?

Ace olha para Lincoln antes de voltar a me encarar.

Lincoln solta uma risada abafada.

– Eu sei que sou o mais inteligente de nós três, mas a frase não tem nenhum significado oculto, Ace.

Ele assente na minha direção, para que eu finalize os detalhes. Afinal, era o meu bourbon.

– A Edição Caubói da Foxx Bourbon está completamente esgotada. Nós criamos uma edição de colecionador de um blend totalmente novo e original em um único fim de semana!

Ace abre um sorriso largo.

– Eu avisei – murmura Griz.

– Fica quieto, velho – diz Ace, ainda sorrindo. – Quantas garrafas nós guardamos?

– Duas caixas. Tudo o mais já foi reservado para as degustações que começam em… – Lincoln checa o relógio – … cerca de uma hora. E o restante é para a retirada dos participantes. Se não buscarem a garrafa em 24 horas, ela vai para a nossa lista de espera.

– Vocês acham que a gente deveria continuar produzindo? Fazer dessa uma edição especial e depois mudar as garrafas?

Olho para os meus irmãos e depois para Griz, que resmunga:

– Você tá *me* perguntando?

Ace dá de ombros.

– O bourbon é seu, você decide.

Olho na direção dos estábulos, onde Laney caminha com Lily e Lark. Elas conversam animadas, gesticulando, e as meninas estão rindo. Laney não estava mentindo quando disse que era boa pra cacete em organizar grandes festas. Tem brinquedos de parque de diversões montados em frente à destilaria, mantendo crianças e famílias entretidas. Bandas locais se apresentam em um palco principal atrás do galpão, tocando o dia inteiro. Convidados VIP e amantes de bourbon que compraram ingressos circulam por toda a propriedade. Há degustações de outros chefs da cidade harmonizadas com todos os nossos blends em um Bourbon Brunch. E a Crescent de Lune preparou para esta noite uma degustação gourmet de doces para fechar com chave de ouro. A degustação apenas para adultos também conta com os chocolates de cânhamo de Romey, e Marla abriu o Hooch's por um único dia para turistas que queriam provar um "autêntico jantar do Kentucky".

– Vamos fazer.

Lincoln pigarreia.

– Então isso significa que teremos mais um mestre sommelier se juntando à minha equipe?

– Só se você me quiser lá. Esse posto é todo seu, mano.

Dou uma palmadinha no ombro dele e um apertão carinhoso.

– Eu quero você lá. Ponto-final.

– Estou orgulhoso de vocês, meninos – diz Griz enquanto se levanta do banco onde ficou sentado boa parte do dia.

Ele está bem no meio da destilaria, visível de qualquer ângulo, com as portas

duplas abertas ao redor do espaço. O próprio Griz se declarou uma atração do evento, tanto quanto o próprio bourbon. E é verdade.

Ace mandou o avô se danar, mas as pessoas realmente fizeram fila para apertar a mão de Griz e ouvir histórias sobre como foi crescer e ver a família prosperar nesse negócio.

Ele aperta o ombro de Lincoln e me lança um sorriso travesso.

– Eu sabia que aquela garota ia ser boa pra gente.

Ace esvazia o copo.

– Grant, nada mais de segredos como esse. Pode não ter começado como um negócio nosso, mas é fato que você praticamente salvou a gente de afundar este ano depois que perdemos aquele armazém de bourbon.

Ele dá uma palmada no meu outro ombro e aperta. Então faz o mesmo com Griz. É a primeira vez em muito tempo que me sinto orgulhoso do que ajudei a construir.

– Ao fim dos segredos!

Lincoln ergue o copo. Nós brindamos.

– Que porra é essa? Como é que eu fico de fora de todo esse círculo de amor? – Hadley ri, da porta.

Ace apenas resmunga e se afasta, irritado, enquanto Griz cai na gargalhada.

– Hadley Jean, traz essa bunda aqui – chama Griz.

Lincoln a cumprimenta com um daqueles apertos de mão idiotas que os dois têm há décadas, enquanto se afasta comigo para irmos encontrar as nossas garotas nos estábulos.

– Pai! Você precisa provar o croissant recheado que a Laney comprou pra gente – diz Lily quando nos aproximamos.

Laney me recebe com aquele sorriso doce característico. Toda vez que ela faz

isso, o meu peito se aquece, e não consigo resistir. O jeito como ela se recusou a sair do meu lado enquanto a minha perna se recuperava, como cuidou de Julep quando ela voltou do veterinário com a perna engessada. Eu descobri que Laney é muito mais do que engraçada e bonita. Ela é sexy e gentil. Carinhosa e atrevida. Virou a minha parceira em todos os sentidos. E amo essa mulher um pouco mais a cada dia.

Ela passa os braços ao redor do meu pescoço, enquanto envolvo a sua cintura e a levanto só um pouquinho do chão para beijá-la.

– Eca! – diz Lark, enquanto se afasta com o pai e a irmã em busca de algo doce para encerrar a noite.

Isso nos faz sorrir contra os lábios um do outro. Ela inclina a cabeça para trás.

– O chapéu foi uma ótima escolha.

Laney me disse que a sua única exigência para hoje era que eu usasse o chapéu de caubói preto que ela levou para casa ontem à noite.

– Há quanto tempo você queria me ver usando isto?

Laney fecha um dos olhos, fingindo pensar.

– Literalmente desde a primeira vez que te vi.

Eu me aproximo do seu ouvido para que as próximas palavras sejam só para ela.

– Eu não me importaria de ver você usando mais tarde.

Consigo sentir o sorriso dela contra a minha barba.

– Só o chapéu?

Balanço a cabeça lentamente, e ela sorri.

Cacete, eu amo quando essa mulher me olha desse jeito.

– Me diz o que mais, caubói.

– Que tal eu te mostrar? – respondo, com um sorrisinho malicioso.

Mas Laney não faz ideia do que planejei para ela.

Seus olhos brilham.

– Sim, por favor.

Entrelaço os nossos dedos e caminho com ela em direção ao último andar da destilaria. É um lugar que só conheci quando já tinha mais de 20 anos – na verdade, pouca gente sabe que existe. É reservado apenas para os Foxx e para as pessoas com quem quisermos compartilhar. E eu quero compartilhar tudo com essa mulher.

Laney morde os lábios ainda pintados com aquele batom vermelho que ela tanto ama, me deixando com vontade de fazer o mesmo.

– Pra onde a gente tá indo? Eu achava que não havia nada além de escritórios por aqui. – Ela dá uma risada. – Grant, você vai transar comigo em cima da mesa do Ace?

Eu paro de repente.

– Isso não estava nos meus planos para hoje, mas agora que você falou…

Ela ri tão alto que eu acabo fazendo o mesmo.

Os quadros expostos ao longo do corredor são uma mistura de obras de arte antigas e novas. Pinturas que valem uma fortuna e fotos mais velhas do que o próprio Griz. Mas à esquerda da pequena galeria há um logotipo da Foxx Bourbon. A versão mais recente que Ace criou quando assumiu tudo. O F de ferro forjado entrelaçado com o contorno de uma raposa não está ali só de enfeite… tem outra função.

Inclino o logotipo para cima, e a parede desliza, revelando uma porta escondida.

Laney solta uma risada surpresa e já empolgada.

– Você tá de sacanagem?

Entro com ela no espaço mal iluminado e fecho a porta atrás de nós, mas, quando aumento a intensidade da luz, ela vê.

Laney cobre a boca com a mão.

– Grant, isso é…

– Demorei um pouco para encontrar a certa. Tem várias na internet, mas a versão que tinha em Coney Island, nos anos noventa, era um pouco diferente. Essa máquina do Zoltar levou mais tempo para eu achar.

Passo a mão na nuca e observo enquanto ela se aproxima. Espero que goste. Laney caminha ao redor da máquina em silêncio e examina a alavanca para puxar. Começo a ficar inseguro porque ela não faz absolutamente nenhum comentário. Talvez não tenha sido uma boa ideia.

– Fala alguma coisa.

Ela sorri.

– Desde quando silêncio te incomoda?

– Desde que estou olhando para a minha noiva e ela não deixa escapar nenhuma pista para me dizer se isso foi uma ótima ideia ou se eu acabei de fracassar no departamento de surpresas.

Laney inclina a cabeça e enrola uma mecha de cabelo entre os dedos.

Sorrio para mim mesmo. Eu acertei.

– Me mostra como funciona.

Ela sorri, e vejo que os seus olhos estão marejados.

Pego no bolso uma ficha que estava guardada ali exatamente para esse momento e coloco na abertura. Essa máquina específica estava em um museu de Manhattan, segundo a pessoa com quem negociei. Ela não precisa de dinheiro para funcionar, mas precisa de uma moeda para ser lançada na boca do Zoltar.

Aí o bilhete sai.

Com a ficha posicionada no lugar, Laney observa enquanto Zoltar abre e fecha a boca. Mas, antes de soltá-la, ela diz:

– Essa é a melhor surpresa de todas… – Então se interrompe, tentando conter a emoção que ameaça dominá-la. – E eu te amo demais por isso.

Laney passa os braços ao redor do meu pescoço e me beija com vontade. Quando nos afastamos, nossas testas permanecem unidas por um instante antes de ela me dar mais um beijo rápido e se voltar novamente para a "máquina que mostra o futuro", como ela gosta de chamar.

– Faz um pedido, amor.

Era esse o objetivo da coisa toda. Um brinquedo bobo de parque de diversões que carregava nostalgia e lembranças para ela – o que significava que eu faria praticamente qualquer coisa para devolver a ela um pedaço da vida que ficou para trás.

Laney enfia a mão na abertura para pegar o bilhete e ergue os olhos para mim.

– Onde você disse mesmo que conseguiu essa máquina em particular?

– Eu não disse. Negociei com um cara que o Griz conhecia. – Vejo que ela agora mal segura o riso. – Por quê? – pergunto, sério.

Eu sabia que não deveria ter confiado em um dos contatos de Griz.

– O Zoltar de Coney Island era um pouco menos… detalhado. As previsões dele eram mais sobre viagens e reencontros, além de alguns números da sorte.

Estendo a mão, mas ela recua.

– O que tem nesse cartão?

Laney morde o lábio inferior e pigarreia antes de ler.

– "Quando as coisas ficarem *duras*…" – ela olha para mim e sorri – "…cabe a

você tomar as rédeas. Às vezes, a melhor forma de assumir o controle é se entregar. Seu futuro está mais para uma penitência. Aceite cinco palmadas… ou cinco golpes com um cinto."

– Pelo amor de Deus, Laney.

Solto um gemido e passo as mãos pelo cabelo. Estou morrendo de vergonha.

Ela ergue a mão.

– Ainda não terminei de ler o meu futuro. Se segura, caubói.

– Engraçadinha.

Pelo menos ela está se divertindo.

– "Que o prazer esteja sempre a seu favor. Seus números da sorte são seis e nove." – Ela levanta os olhos do cartão e sorri com malícia. – Bons números.

Esfrego a nuca.

– Docinho, eu juro que não…

– Sinceramente, a surpresa ficou ainda melhor agora que sei que essa belezinha está cheia de propostas indecentes.

Ela se apoia na lateral da máquina, onde Zoltar ainda está com a boca aberta. Então se inclina, segura a saia longa pelas laterais e puxa para cima enquanto me observa.

– Eu gostaria de viver esse futuro *agora*, caubói.

Meu pau já está rígido quando a barra de sua saia chega ao alto daquelas coxas perfeitas, de dar água na boca. Dou alguns passos para trás até a parede da porta secreta e aciono a trava.

– Quer com o cinto ou com a mão, amor?

– À escolha do freguês.

Ela ergue a saia alto o bastante para eu ver a calcinha.

Eu me sento na poltrona de couro marrom à minha direita.

– A minha esposa quer que eu deixe essa bundinha linda toda vermelha?

– Ainda não sou sua esposa, caubói.

– Você sabe que eu gosto de ensaiar. Agora me mostra como você fica toda molhada só de pensar em levar umas palmadas.

Ela afasta a calcinha para o lado, revelando a boceta deliciosa.

Chego a salivar imaginando o gosto.

– Passa dois dedos por esses lábios tentadores e me mostra o quanto, docinho.

Ela faz exatamente o que eu peço e estende para mim os dedos, brilhando com a excitação.

– Prova.

Ela dá um passo à frente, mas eu a interrompo.

– Não eu. Você. Prova.

Eu a vejo lamber os próprios dedos, com a saia amarfanhada em uma das mãos e uma alça da regata branca escorregando pelo ombro. *Gostosa pra cacete*.

Desafivelo o cinto e faço um gesto para que ela se aproxime. Laney chega mais perto, totalmente no papel da boa garota que está me esperando dizer o que ela deve fazer.

– Vira.

Ela vira o corpo e fica de costas para mim, olhando por cima do ombro com aqueles olhos azuis enormes.

– Encosta as mãos no chão.

Quando vejo os seus olhos se arregalarem ligeiramente e o pescoço ficar ruborizado, percebo que ela não esperava por isso. E, porra, como eu adoro pegar

essa mulher de surpresa.

Laney abre mais as pernas e se inclina para a frente, fazendo a calcinha entrar no meio das nádegas redondas. Desço a calcinha pelas pernas dela, então me inclino até a sua orelha e sussurro:

– Mãos na cadeira, docinho.

Ela vai precisar de apoio. Laney arqueja ao ouvir a ordem e faz exatamente o que mandei: se segura na cadeira à nossa frente. A saia cai um pouco por causa da posição, então junto o tecido em sua cintura e passo a mão em movimentos circulares na bunda dela antes de dar uma palmada rápida, que lhe arranca um murmúrio baixo. Esfrego o lugar e repito o gesto. Dessa vez, Laney fica em silêncio.

– Está tudo bem, docinho?

Ela inspira fundo e ri quando solta o ar.

– Mais do que bem.

– Ótimo – digo, e logo emendo mais três palmadas firmes que deixam a pele dela rosada, embora a marca vá sumir muito antes de terminarmos aqui.

Agora estou faminto.

Fico de joelhos e abro Laney para mim, enquanto deslizo a língua pela boceta dela. Passo os polegares por cada nádega, abrindo-a ainda mais para alcançar o clitóris e girar a língua ali. No instante em que faço isso, ela solta um gemido longo e baixo, e rebola o quadril para trás pedindo mais.

Por mais fácil que pudesse ser penetrá-la agora, quero levar essa fantasia improvisada até o fim. Por isso, me levanto e dou um passo para trás, para admirar como ela fica perfeita curvada sobre essa cadeira.

Laney espia por cima do ombro.

– Cadê você, caubói?

Olho para o chapéu preto que joguei em cima da mesa quando entramos. As luzes são baixas e quentes aqui, banhando-a em um tom que deixa aqueles lábios vermelhos ainda mais provocantes. Laney gira o corpo e se senta na cadeira, olhando para mim.

– Quer testar esses números da sorte agora também? – Ela mexe as sobrancelhas, maliciosa.

Dou uma risada, pego o chapéu com dois dedos e giro na mão.

– Não, docinho.

Inclino o rosto dela na direção do meu e beijo a sua boca devagar, passando o polegar pelo lábio inferior e borrando o batom até o queixo. Sempre quis vê-la assim – bagunçada e disposta a fazer qualquer coisa que eu pedir. Desço a mão pelo pescoço dela, pelo braço, até entrelaçar os nossos dedos. Faço-a se levantar da cadeira e coloco o chapéu na sua cabeça. Laney me observa com um sorriso cúmplice.

Nunca vou me cansar do jeito como ela me olha.

Ela puxa a outra alça da regata branca para baixo, e o movimento faz o tecido deslizar o suficiente para me deixar ver a parte de cima dos seios, me provocando. Ser seduzido aos poucos por Laney é quase tão gratificante quanto tê-la. *Quase*. Ela segura a saia de novo e a levanta mais, me mostrando um pedacinho de sua boceta.

– Vai cavalgar comigo?

Não respondo. Apenas abro o botão da calça e desço o zíper.

Ela me observa fazer isso mordendo o lábio, como se não pudesse esperar para saber exatamente o que eu quero.

– Pega o meu pau – ordeno.

Não consigo ver os olhos de Laney sob a aba do chapéu, mas escuto o seu

arquejo quando a mão dela encontra a minha ereção.

Cacete, como essa mulher faz bem ao meu ego.

Eu me sento de novo na poltrona.

– Acho que está na hora daquela lição. Você queria aprender a montar? Então seja uma boa menina e monta em mim.

Laney não hesita. Ela se aproxima, passa uma perna por cima das minhas coxas abertas, então monta em mim, pairando bem acima do meu pau e alinhando a entrada do próprio sexo no lugar exato. Então, ainda segurando a saia bem erguida, desce sobre o comprimento do meu membro com um suspiro. Nunca vou me acostumar com o quanto isso é bom. Ela rebola os quadris para a frente em busca do ponto perfeito. Os sons delicados que deixa escapar fazem com que eu fique ainda mais ansioso para me enterrar fundo nela, mas a ideia é que Laney me cavalgue, e quero que isso dure.

– Assim, senhor?

Levanto rapidamente os olhos e encontro a sua expressão travessa, então passo a mão por sua boca. Ela entrou totalmente na minha fantasia.

– Isso mesmo. Ombros pra trás, peitos pra fora, baby. – Contenho o sorriso para não sair do papel e roço o polegar na ponta do mamilo rígido dela. – Agora aperta quando estiver pronta para se mexer.

Eu me inclino para trás, agarro a parte da frente da saia que escapou das mãos dela e puxo Laney para cima com firmeza. Quero ver. *Cacete*. O jeito como ela rebola os quadris, devagar e fundo, está acabando comigo de um jeito bom demais.

– Olha como a gente se encaixa, amor.

Eu a encaro, então desço os olhos para os nossos sexos conectados, incentivando-a a fazer o mesmo. Para que veja como estou até o talo dentro dela e como seus movimentos fazem com que eu atinja exatamente o ponto que ela

gosta. Umedeço a ponta do polegar e levo até o clitóris. Laney se esfrega em mim com um gemido baixo e começa a mover os quadris mais rápido. Estou perto demais de gozar, mas não vou fazer isso até que ela chegue lá primeiro.

– Essa é a minha garota, tirando tudo que pode do pau do homem dela.

– Meu Deus – geme Laney, então diz o meu nome em um sussurro ofegante. – Grant.

– Essa bocetinha é minha, não é?

Semicerro os olhos com força. Cacete, estou perto demais de gozar.

Ela se prepara para o próprio orgasmo que está chegando com toda a força.

– Sim – responde, exatamente quando o seu corpo fica tenso e ela se inclina para a frente, em busca da melhor posição para chegar lá.

Laney solta um grito abafado, seu corpo se arqueia e ela se entrega. A boceta dela se contrai ao meu redor, pulsando tão forte que me entrego junto com ela. A sensação de me derramar dentro de Laney, reivindicando cada parte sua, me faz gozar também. Ela encosta a testa suada na minha enquanto nossos corpos se revezam na tentativa de se recompor.

– Como eu me saí?

Sorrio, ainda de olhos fechados.

– Talvez precise de mais algumas aulas. Você ficou meio fora de si por um instante… Ai! – Eu rio quando ela belisca a lateral do meu corpo. – Laney, essa foi a melhor cavalgada da minha vida.

Ela aninha o rosto contra a minha mão, e enrolo no dedo uma mecha do cabelo bagunçado dela, naquele tom avermelhado, e coloco atrás de sua orelha. O suspiro que Laney deixa escapar aquece ainda mais o meu peito. Eu nunca tinha me permitido imaginar um momento como esse. Uma vida assim. Uma vida que posso dividir com uma parceira. Mesmo nos nossos dias mais difíceis, sou feliz

ao lado dela.

– Um pouco mais a cada dia.

Passo os dedos pelo cabelo dela e deslizo pela sua coluna.

– Um pouco mais a cada dia – repito para ela.

Uma promessa que fizemos quando pedi que ela fosse minha para sempre.

Ela beija o meu peito, bem na direção do coração, antes de dizer:

– Agora é a sua vez. Me serve um bom bourbon, caubói, e vamos cavalgar mais um pouco.

Epílogo

LANEY

– Não! – disse Grant, em um tom sério, mas ele sabia que eu não ia ouvir, e por isso sorriu enquanto falava.

Ele já tinha percebido pelo sorriso travesso no meu rosto que não havia a menor chance de eu obedecer. Não diante de uma plateia e armada com um pedaço de bolo de baunilha com bourbon na mão.

Essa foi a noite do octogésimo quarto casamento que eu planejei. E de todos até aqui foi o meu favorito, porque era o meu.

– Abre – diz Grant, com um garfo cheio do nosso bolo de casamento pairando diante de mim.

– Hummm, está mais gostoso ainda agora – digo, de boca cheia.

A rede balança suavemente enquanto deixo meu pé descalço roçar na grama.

– Concordo – diz ele, também com bolo na boca. – Até porque o primeiro pedaço que eu comi foi enfiado tão fundo no meu nariz que acho que nem consegui saborear direito.

Não consigo conter uma gargalhada enquanto ele dá um beijo no alto da minha cabeça.

Na nossa festa de casamento, ele tinha pegado um pedaço de bolo e, como um bom marido, levou até minha boca sem fazer a maior lambança. Até lambi um pouco da cobertura do polegar dele da forma mais discreta que consegui. Mas, quando chegou a minha vez de fazer o mesmo com Grant, eu me empolguei. Levei o bolo até bem próximo dos seus lábios e, no exato instante em que ele abriu a boca, esfreguei tudo no bigode dele e um pouco dentro do nariz. Ele deu o troco. Me agarrou pela cintura e me deu um beijo de tirar o fôlego enquanto o creme amanteigado italiano escorria pela minha boca e descia pelo meu pescoço. Os gritos e assovios na nossa pequena festa o incentivaram a

continuar. Essa foi uma das dezenas de lembranças do dia de hoje que vou guardar para sempre.

Caminhei em direção a Grant usando um par de botinhas brancas de caubói e o vestido creme mais bonito que já vi. Quis esperar para a gente poder se casar ao ar livre, no gramado salpicado de flores silvestres atrás da nossa casa, então escolhi um vestido curto e fluido da Loni's, um par de botas personalizadas feitas por um designer de Nova York e uma cachorrinha Pointer Alemã de pelo curto muito especial para me levar ao altar. Parecia mais do que certo ter Julep me acompanhando – afinal, ela era a minha guardiã. Não havia outra maneira de descrever. E eu tinha a sorte de estar entrando para a família dela.

– Não sinto mais o cheiro tão forte – comento, enquanto tomo um gole do cantil redondo de prata que Hadley me deu essa manhã. – O ar não tem o mesmo cheiro. Quer dizer, tem, mas acho que me acostumei tanto que já nem percebo.

– É porque você é uma Foxx agora – declara Grant com aquela voz grave que me acerta bem no estômago e faz os meus braços se arrepiarem.

– Não é assim que funciona.

– Você tem sentido muito cheiro de bourbon, tem experimentado coisas novas… Seus sentidos estão sendo condicionados. É assim que funciona. E isso significa que você é uma de nós.

Sorrio ao ouvir isso, enquanto continuo a balançar devagar na nossa rede, relembrando o dia.

Grant parado à minha frente, segurando a minha mão, enquanto deslizava uma aliança de diamante no meu dedo, que se uniu ao anel da avó dele que eu já usava. Os olhos dele ficaram marejados enquanto dizia os votos. "Eu prometo te amar. Nesta vida, mas também na próxima. Você é a parte em que eu nunca acreditei. O tipo de parceira que eu não entendia. Até você chegar, eu não sabia.

Mas, agora que sei, juro ficar sempre ao seu lado, atrás de você para te dar apoio e à sua frente para te proteger."

– Griz parecia saber direitinho como te conduzir pela pista de dança – fala ele, rindo.

– Acho que ele deu um mau jeito nas costas quando girou comigo – respondo, e franzo a testa.

Os Doobie Brothers tocaram nos alto-falantes naquele que deveria ter sido o momento da dança de pai e filha, mas pareceu que meu pai estava ali enquanto a banda favorita dele tocava. Griz foi um ótimo substituto. Temos um café da manhã marcado toda segunda-feira antes de eu ir para a destilaria, e ele também aparece lá todas as tardes para dar uma olhada no lugar. Grant e os irmãos acham que é o jeito de Griz ficar de olho em tudo, mas eu acho que é só a forma de ele se manter ligado a algo que ama profundamente.

Meu marido começa a cantarolar um pouco de Fleetwood Mac.

"Go Your Own Way" não é exatamente uma música típica de casamento, mas a nossa história também não é nada típica.

– O dia mais feliz da minha vida, Sra. Foxx – diz Grant, com a boca cheia de bolo.

Sorrio e levanto o olhar do peito dele.

– Até agora.

– Sim, docinho. Até agora.

GRANT

A umidade finalmente cedeu, e é a primeira noite de outono que realmente parece outono. Os aquecedores externos estalam toda vez que um inseto voa na direção deles, mas estão nos mantendo aquecidos para que ainda possamos aproveitar o jantar no quintal.

Ace vira a panqueca de banana sobre a pilha que acabou de montar no centro da mesa.

– Desta vez eu não coloquei gotas de chocolate. Banana com canela me pareceu doce o suficiente.

Hadley entra na conversa:

– Quer que a gente dispense a calda também, Atticus?

– Atticus?

– É isso que acontece quando você chega aos 40? Deixa as panquecas menos divertidas e começa a repetir o que as pessoas dizem?

Ela olha ao redor da mesa, onde Griz ri na cabeceira.

Ele leva a mão ao ouvido.

– Pode repetir?

Isso arranca risadas de todo mundo na mesa, exceto de Ace.

Hadley faz um gesto com a mão no ar.

– Deixando isso de lado, tenho uma novidade divertida pra contar. – Ela olha ao redor. – Contratei uma dançarina burlesca.

– Pra quê? – pergunta Lincoln.

Hadley olha para o melhor amigo como se a pergunta dele não fizesse o menor sentido. E responde em tom sarcástico:

– Para conversas filosóficas. – Ela revira os olhos. – Para o Midnight Proof, obviamente. Eu quero mais do que só a banda de jazz como entretenimento. – Hadley faz uma pausa antes de acrescentar: – Além disso, ela virou um arraso completo… Confesso que tenho um certo crush naquela mulher. – Ela encerra sua elucubração com um gesto de mão. – Enfim, vocês vão esbarrar com ela por aí.

Hadley arregala os olhos quando se inclina por cima da mesa para ver onde

Lily e Lark foram parar. Acompanho o seu olhar e vejo as duas meninas no sofá, já totalmente distraídas com alguma coisa nos tablets. Hadley então cochicha bem alto, apontando para Lincoln:

– Você não vai, repito, *não vai* se engraçar com a minha garota nova.

Ele se recosta na cadeira com um sorriso travesso.

– Sério, Hads?

Ela olha para mim, depois para Ace, então para Griz.

– As suas escapadas pra safadeza não vão chegar nem perto do Midnight Proof. Ficou claro? Ela precisa de uma recepção clássica de cidade pequena, não de HPV como presente de boas-vindas.

– Antes de mais nada, vai se foder. Eu não passo HPV pra ninguém.

– Que você saiba…

Os dois são como um show de variedades. Sempre foram. E, às vezes, eu realmente me pergunto se ela não é mesmo nossa irmã, dada a frequência com que implica com Linc e Ace.

– Espera aí, como assim, "ela virou um arraso completo"? Essa mulher é de Fiasco? – pergunta Linc.

Hadley cruza os braços.

– Eu nunca deveria ter mencionado isso. – Então, lança um olhar fulminante para ele e aponta o dedo. – Não vamos mais falar sobre a minha dançarina.

Ela vira o copo d'água de uma vez e o pousa com força sobre a mesa, levemente sem fôlego.

– Você está bem? – pergunta Ace a Hadley, hesitante.

Ela revira os olhos.

– Tô, patrão. Tô ótima.

– Aff, quem aguenta? – resmunga ele, pouco antes de Lark o chamar.

– Tio Ace, o wi-fi não tá funcionando – fala a menina, da sala ao lado.

Hadley se inclina novamente por cima da mesa e sorri.

– É como uma droga. Não consigo me conter quando estou perto dele. É tipo as Olimpíadas de "quantos segundos eu levo pra deixar o Ace desconfortável".

– Já deve ter várias medalhas de ouro, Hads – fala Linc.

Ela bate continência.

– Falando sério, mãos longe da garota nova. Vocês, meninos do bourbon, e carne fresca…

Laney encosta a cabeça no meu ombro e aperta o meu joelho.

– Foi esse o meu atrativo? – Ela arqueia as sobrancelhas. – Carne fresca?

Beijo os seus lábios.

– Eu não passei perto de carne nenhuma por anos até você aparecer. Foi só o seu charme, amor.

Ela sorri para mim.

– Vocês dois são tão fofos que acho que estava sorrindo pra vocês sem motivo nenhum – fala Hadley. – Agora o meu rosto tá até doendo.

– Se acalma, Hadley Jean. A sua hora vai chegar. Não precisa ficar com fogo na perseguida – brinca Griz, sorrindo para ela por cima do copo de bourbon.

– Esse é o problema, Griz. Não tem ninguém colocando fogo na minha perseguida.

– Que tal uma fofoquinha, então? Tenho umas boas sobre quem está pegando quem – volta a falar Griz, apoiando os cotovelos na mesa.

– Manda! – fala Hadley, já se levantando e dando a volta.

Ace retorna e lança um olhar de reprovação para ela.

– Por que você fica dando ideia torta pra ele?

Ela pisca com exagero para Ace.

– Porque o Griz é o único com alguma coisa interessante pra contar por aqui.

– Será que já não tivemos coisas "interessantes" demais por um tempo? – pergunta Ace.

Ela ri e bate palmas como se aquilo fosse a coisa mais engraçada do mundo, e admito que é hilário ver Hadley focada em colocar os meus irmãos no lugar deles.

– Pronto, é oficial. Você virou o irmão chato. Achei que o Grant já tinha ganhado de você, mas aí ele foi lá e subiu de nível com a Laney.

Não consigo evitar o sorriso diante do elogio torto de Hadley. É uma coisa pequena, esse costume de nos reunirmos toda sexta-feira à noite para tomar café da manhã na hora do jantar com a minha família. Algumas semanas não dá para vir, por um motivo ou outro, mas, na maioria das vezes, todo mundo faz questão de estar presente. Eles se tornaram tão próximos de Laney quanto são de mim.

Quando ela não está comigo, está com Hadley, se metendo em alguma encrenca, mas, fora isso, trabalha duro ao lado dos meus irmãos, se dedicando ao negócio da nossa família como se sempre tivesse estado aqui. Só que agora Laney tem a própria equipe, algumas pessoas que a ajudam a tocar os pequenos eventos que assumimos na destilaria e dentro do novo celeiro erguido no lugar do armazém de bourbon que foi incendiado.

– Obrigada – sussurra Laney para mim.

E sei o que ela quer dizer. "Por me dar uma família."

Dou um beijo na lateral da sua cabeça e deixo os dedos correrem preguiçosamente pelo ponto em que a barra da saia encontra a coxa dela. Nossa, como eu amo essa mulher. Chego mais perto e abaixo a voz:

– O que você acha de a gente se mandar logo daqui e ensaiar?

Ela inclina a cabeça para trás para encontrar o meu olhar.

– Ensaiar?

Dou um sorrisinho de lado.

– Quer ensaiar como fazer se faz para crescer?

Ela olha para o meu colo. E o sorriso que toma conta do seu rosto e chega aos olhos é o melhor que recebi o dia inteiro.

– Isso? – pergunta Laney, mordendo o lábio.

– Eu estava me referindo à nossa família…

– Parece que eu já sou muito boa em fazer as coisas crescerem, caubói.

– Pelo amor de Deus – murmuro, e passo a mão pelo rosto.

Laney empurra a cadeira para trás, deixa o guardanapo em cima da mesa e se inclina bem para perto de mim. Encaro aqueles lábios lindos enquanto ela sussurra:

– E, desta vez, eu não estou mentindo.

– Sobre o quê, docinho?

Ela roça os lábios logo abaixo da minha orelha e murmura:

– Eu não estou usando calcinha.

Epílogo estendido

LANEY

– Ainda não consigo superar o drama daquele casamento – diz Hadley depois de tomar um gole do martíni.

Arregalo os olhos.

– Pois é! Não estava esperando que a noiva fugisse. Foi oficialmente a primeira vez que aconteceu comigo.

Hadley atiça o fogo da lareira embutida em uma mesa no terraço da sua cobertura.

– Ah, isso é exatamente o tipo de coisa que acontece por aqui. Você achou que o seu drama ia levar o prêmio, né? – Ela balança a cabeça. – Aquilo ali é o começo de alguma coisa fantástica. E, não vou mentir, quero um lugar na primeira fila para ver como tudo vai se desenrolar.

– Você quer isso?

Ela ri.

– O quê? Drama?

– Se casar – digo, do jeito mais casual possível.

Hadley nunca falou muito comigo sobre a sua vida amorosa. Soltou algumas insinuações e indiretas, mas nunca tivemos uma conversa de verdade a respeito do assunto.

Ela apoia a cabeça na espreguiçadeira.

– É menos sobre o que eu quero e mais sobre o que vou ter que fazer uma hora ou outra.

Mas, antes que eu possa fazer mais perguntas, a porta do terraço se abre e o chefe dos bombeiros entra. Ele parece irritado.

– Hadley Wheeler, eu *não* posso… – Ele passa a mão pelo cabelo escuro. –

Repito: *não* posso deixar que os meus homens fiquem vindo aqui em cima para te servir bebidas sempre que você está com preguiça ou querendo um colírio para os olhos.

Tento conter o sorriso. E pergunto a ela pelo canto da boca:

– Você apertou o botão?

– Eu não apertei o botão.

Mas aquele sorriso enorme e travesso dela entrega a verdade. Hadley se levanta da cadeira, o suéter grande e volumoso caindo por um ombro e a manta escorregando aos seus pés. O outono chegou de vez esta semana. Qualquer vestígio do verão quente desapareceu, dando lugar a uma brisa gelada e à grama coberta de geada pela manhã.

Hadley arregala os olhos para mim e fala, só com o movimento da boca: "Ele é tão sexy!", enquanto balança os quadris na direção da porta por onde o homem entrou.

– Chefe, eu não tenho culpa se os seus homens atendem ao chamado de um sino.

– Eles sabem exatamente de onde o som daquele sino está vindo. Esse é o problema – fala o chefe dos bombeiros, mirando-a de cima a baixo.

E a tensão entre os dois me faz assistir à cena como se fosse uma novela.

E, no melhor estilo Hadley, ela simplesmente o ignora.

– Preciso salientar que está aqui? Alguma chance de ficar para aquele drinque que anda me prometendo?

Essa é a minha deixa.

Pego a minha bolsa e o meu gorro.

– Chefe, preciso ir. Por que você não assume o meu lugar?

– Bom te ver, Laney – fala o homem, sorrindo. – Faz um favor pra mim e

avisa ao Grant que vou ao pôquer hoje à noite.

– Pode deixar.

As noites de pôquer de Grant ainda acontecem no Hooch's, mas às vezes o grupo é maior. Parece que tem bastante gente querendo entrar naquele jogo, mas os rapazes só oferecem uma ou duas cadeiras a mais de vez em quando.

Já a caminho da porta, mando um beijo à distância para Hadley, junto com um sorriso cúmplice. Ela sabe que mais tarde vou querer um relatório completo do que acontecer por aqui.

Eu estava pronta para relaxar em uma banheira quente com algumas balas de goma e um bom livro. Pelo menos até o meu marido voltar do pôquer.

GRANT

O som da água pingando que ecoa nas paredes do banheiro faz com que eu me encoste no batente da porta para ficar observando o que agora eu chamo de lar. Ela está com a cabeça apoiada na banheira de louça, relaxada, de olhos fechados e com um leve sorriso nos lábios.

– Vai entrar ou ficar aí me olhando de longe que nem um tarado?

O jeito como Laney me faz sorrir é a surpresa mais bem-vinda da minha vida. O pôquer foi divertido, mas eu estava ainda mais animado com a ideia de voltar para casa e encontrá-la.

Percebo uma caixa preta apoiada atrás da toalha dela e fico curioso.

Puxo a camisa pela gola e deixo cair no chão. Vou ver o que é, tirando a calça no caminho.

– Você andou fazendo compras. – Abro a tampa. Não consigo evitar o sorriso enorme que toma conta do meu rosto quando vejo o que tem dentro. – Laney, por favor, me diz que isto não é só pra você.

– O quê? – Ela abre os olhos e se senta rapidamente, surpresa. Então, cobre a

boca e solta uma risada. – Hadley. Foi ela que me deu. Pensando bem, foi no dia que a gente se conheceu.

Aperto o botão do brinquedinho em formato de flor e o miolo ganha vida, vibrando em velocidades diferentes cada vez que pressiono.

– Me lembra de agradecer à Hadley quando eu a vir.

– Eu não sabia a que horas você ia chegar…

– Eu sou totalmente do time dos brinquedinhos eróticos, docinho. – Olho para a caixa e pego as instruções. – À prova d'água.

Laney abre um sorriso lento e fácil quando entende o que estou prestes a fazer. Ela logo se inclina para a frente e me dá espaço para eu me acomodar atrás dela. A banheira é espaçosa o bastante. Sou um cara grande, então qualquer banheira que eu planejasse usar precisava ser ampla. E é um bônus que tenha espaço de sobra para nós dois.

– Eu poderia me acostumar a chegar em casa e te encontrar assim – digo, já beijando a base do pescoço dela e subindo até perto da orelha.

O zumbido do vibrador começa com o toque do botão.

– Molhada e pronta para relaxar comigo.

Deixo os dentes correrem pelo mesmo caminho que beijei enquanto encontro o clitóris dela e deixo o brinquedo fazer o trabalho.

– Ah! – Laney praticamente derrete contra mim quando diz: – Isso é um paraíso para a minha mente suja.

O corpo dela relaxa, mantendo as costas apoiadas no meu peito, enquanto deixo a pequena mágica vibratória cumprir a sua função. Uso a outra mão para desenhar círculos ao redor dos mamilos rosados que mal se elevam acima da superfície da água.

– Não tem nada de sujo nisso, docinho. – Apoio os lábios no ombro dela

enquanto brinco com o seu corpo. – Você fica tão linda assim, encostada em mim e aceitando tudo o que eu te dou.

Ela solta um arquejo baixinho, e sua garganta vibra quando aumento um pouco a velocidade.

– E… e você? – pergunta, em um gemido.

Deslizo os lábios para a frente e para trás pela pele molhada do ombro dela – macia e suave. Eu nunca teria imaginado a falta imensa que sentiria de momentos como este, aqui, com ela, caso passássemos muito tempo longe. Algo tão simples quanto a pele molhada dessa mulher pressionada contra os meus lábios. O cheiro dela, como as flores que crescem livremente no nosso pátio. Um cheiro que, misturado ao aroma de bourbon – como quando beijo o seu pescoço depois de um drinque –, é a coisa mais deliciosa do mundo. Abaixo os olhos e vejo como ela aperta a minha perna com força e belisca o próprio mamilo para intensificar o prazer.

Minha voz sai baixa quando digo:

– Isso é mais do que suficiente pra mim agora. Ver você assim, me deixando te tocar até você gozar pra mim…

Laney geme, e vejo quando as costas dela se arqueiam e os seios se erguem acima da linha da água. O som dispara pelo meu corpo e é como se tivesse uma ligação direta com o meu pau, que vinha aproveitando a vibração constante do brinquedo pressionado contra o clitóris dela, sugando-o. Quando o orgasmo a atravessa inteira, ela se entrega completamente e larga o corpo contra o meu.

– Banhos são extremamente subestimados – falo.

Ela dá um sorrisinho, ainda de olhos fechados.

– Não vou discordar.

– Melhor que o cocho dos cavalos.

– Muito melhor mesmo.

Descanso os braços nas bordas da banheira e saboreio este momento com ela, deixando o resto do mundo à margem da sensação de tê-la comigo neste exato instante. Sem pressão, sem perigo, sem mentiras ou segredos. Apenas o meu amor pela minha esposa.

Agradecimentos

Quero agradecer a uma pessoa muito importante. Ela só vai ver isso se o tempo não for linear e, de alguma forma, acabar se deparando com estas palavras. Nanny, obrigada por me amar intensamente, por sempre torcer pelo romance *e* por me deixar ficar acordada até tarde assistindo a *Tudo por uma Esmeralda* com você. Tem alguma coisa na parceria da Kathleen Turner com o Michael Douglas que simplesmente funciona demais. Eu não me lembro de quando decidi que esse era o meu filme favorito. Parece que sempre foi. Talvez seja a nostalgia de tê-lo visto com a minha pessoa favorita. O filme inspirou esta série e foi como escolhi o meu nome artístico.

A Mackenzie, você é uma editora e uma amiga incrível. Este livro não seria o que é se não fosse pela sua visão, pelo amor que você tem por esses personagens e pelas várias maneiras como me estimula a lapidar minhas histórias. Obrigada pela empolgação e pelo apoio. Sou eternamente grata por ter você ao meu lado.

À talentosa artista que criou a ilustração de capa mais deslumbrante que já vi. Loni, o seu talento e o seu estilo são lindos. Você acabou sendo a alma criativa que eu nem sabia que precisava encontrar. Seu trabalho me deu um novo fôlego. Mal posso esperar pelo que ainda vamos fazer!

Minhas leitoras betas, vocês são incrivelmente valiosas para mim, e nunca vou conseguir agradecer o suficiente.

Amy, você tem uma percepção maravilhosa de personagens que acabou de conhecer. E me impulsiona a ser melhor a cada etapa do processo – desde a visão geral até os detalhes do que se tornaram algumas das minhas cenas favoritas. Você é simplesmente fabulosa! Sou muito grata por ter você.

Jill, obrigada por abrir um bourbon e ler essa história. Fico muito feliz por trabalhar com você em cada livro. Garantir a qualidade dos meus ganchos é a

parte importante, mas, meu Deus, como adorei quando você enlouqueceu com a boca suja do Grant.

Muito obrigada, Kate. Acho que nunca fiquei tão emocionada com uma mensagem privada no Instagram antes, mas você conseguiu isso. Obrigada pela sua perspectiva e sensibilidade. E, o mais importante, nenhum par de algemas será usado nesta série.

Sierra, foi um prazer ter você como leitora beta nessa história. Obrigada por suas opiniões e pelo cuidado que teve ao apontar o que estava funcionando e o que precisava de mais atenção. Fico muito feliz por ter você fazendo parte disso.

Blair, com a mão levantada com entusiasmo: "Nós roubamos um carro!" Obrigada por deixar as minhas ideias caóticas correrem soltas e por me ajudar a colocá-las nos trilhos com muitas gargalhadas e gestos exagerados.

Às minhas GAROTAS do grupo de leitura antecipada, vocês são insuperáveis! Obrigada por lerem e por dedicarem tempo não apenas a divulgar essa história, mas também por acrescentarem criatividade a todas as suas postagens nas redes sociais. Nunca vou esquecer que são vocês que ajudam as minhas histórias a encontrarem novos leitores. Obrigada por apostarem em mim e por seguirem comigo em uma nova série. Amo demais todas vocês.

A Pamela, obrigada por embarcar comigo para o Kentucky, por alimentar o meu lado criativo e por beber uma quantidade absurda de bourbon em nome da pesquisa.

À minha mãe, que vai devorar este livro de uma vez só, e ao meu pai, que só vai abri-lo para ler a dedicatória e os agradecimentos (continue assim, Charlie): obrigada por serem meus maiores fãs e o tipo de torcida que toda filha merece, não importa a idade.

Ao Sr. Wilder, há sempre pedacinhos de você em cada história. Você é a melhor coisa do mundo.

Leia a seguir um trecho do próximo livro da série

OS IRMÃOS FOXX - LIVRO 2

BOURBON E SEGREDOS

1

LINCOLN

Eu tinha entendido tudo errado.

Piso no freio da minha caminhonete com tanta força que a lama espirra e salpica a lateral do carro esportivo da minha melhor amiga – um cupê de um roxo vibrante. Desligo o motor e me recosto no banco, ainda furioso. A dor irradia pela minha mão e sobe pelo braço na quinta ou sexta vez que bato com ela aberta contra o volante.

– Merda, merda, merda!

Inspiro fundo, encho o peito e seguro o ar por três segundos. A adrenalina corre pelas minhas veias, junto com a necessidade de ir para o mais longe possível. Fico ali, olhando para a paisagem monótona e para os cavalos correndo nos cercados sob os últimos raios de luz do dia. Fleetwood Mac continua repetindo as mesmas palavras sobre ouvir o vento e não amar alguém agora. *Que ironia dos infernos*. Quando fecho o punho, estremeço com a ardência que faz latejar os nós dos meus dedos arrebentados e ensanguentados. Meu cotovelo dói, provavelmente por conta dos golpes repetidos.

Ela ergueu o queixo e, com os olhos marejados, desferiu o golpe final.

– Essa história acabou. A gente acabou, Lincoln – disse entredentes.

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, saí furioso pela porta lateral. Só conseguia pensar que agora era exatamente assim que eu me sentia. Acabado. Cacete… nunca me senti tão destruído. Meu punho acertou a lateral da caminhonete com um gemido pesado. No segundo soco, amassei a lataria. No terceiro, os nós dos meus dedos arderam, então completei o trabalho com uma cotovelada, como se o carro fosse um saco de pancadas e não metal. As meninas já estavam dormindo no andar de cima da casa, graças a Deus.

Eu não tinha um plano. Não estava preparado para aquilo.

– Merda!

Saio da caminhonete, ignorando o amassado na lateral. Não estou lidando bem com as emoções neste momento. Não posso voltar.

O cheiro forte das baias sendo limpas se espalha pelo ar e, misturado à umidade pesada de hoje, domina a doçura habitual de um verão em Fiasco. A esta hora da noite, as únicas pessoas na pista de treino e nos estábulos são treinadores e proprietários. Procuro pelos cachos escuros presos no alto da cabeça e, como esperado, vejo as mãos da minha melhor amiga se movendo animadamente enquanto ela conta uma história no fundo dos estábulos.

– Hads – chamo.

Ela se vira na mesma hora e me recebe com o sorriso acolhedor de sempre.

– Linc, tá fazendo o que aqui?

Mas o sorriso desaparece rapidamente quando me aproximo. Ela me conhece melhor do que a maioria das pessoas. Melhor até do que Olivia às vezes. Seus olhos descem para os meus punhos cerrados ao lado do corpo. Pigarreio.

– Preciso de um minuto.

Hadley não questiona. Fica só me olhando enquanto digo isso, revirando as perguntas na cabeça e tentando entender qual é o problema. "Preciso de um minuto" funciona como um código. Palavras simples que dizem ao outro que tem algo errado e que precisamos de um lugar para conversar sobre isso. Para nós, amizade significa fazer o outro rir quando nada tem graça, celebrar as pequenas coisas e saber quando o outro precisa mais de espaço do que de palavras de sabedoria.

Hadley pode ter entrado na minha vida como amiga de Olivia, mas, por algum motivo, acabamos mais próximos. Ela ficava rondando a nossa casa desde o ensino fundamental, como a irmã perdida que ninguém pediu. E é exatamente isso que é agora – a minha melhor amiga que mais parece uma irmã.

– Lady Brittany Christina Pink ainda está selada. Pode montar nela – fala Hadley, apontando com a cabeça para a baia atrás de mim, onde está uma de suas mais novas aquisições.

A crina e a cauda castanho-claras fazem de Lady Brittany um animal bonito pra cacete.

– Eu não vou chamar uma égua por esse nome – digo, admirando o animal escuro por um momento.

Ela vai correr rápido, o que é perfeito. Preciso de algo que não seja bourbon nem briga.

Hadley me mostra o dedo do meio.

– Ela é a combinação perfeita, uma aposta certa. Isso vai fazer dela uma vencedora da Tríplice Coroa. Sinto isso. – Então, enfia o dedo indicador no meu peito. – E você vai chamar essa égua pelo nome que os deuses deram a ela.

Abro um sorriso.

– Você é ridícula, sabia?

– E ainda assim você tá aqui, me chamando de melhor amiga e pedindo a minha ajuda.

Seguro a sela com firmeza.

– Eu não chamo você assim.

Ela revira os olhos e descarta com um gesto o que eu disse.

– Mas não deixa de ser verdade.

Ela confere as correias da sela e passa a mão pela lateral do pescoço da égua.

– Ela é rápida. – Hadley aperta o meu braço. – Cavalga com cuidado. Vou pegar uma mochila pra você.

– Obrigado – digo, e passo as mãos pelo cabelo. Olho para trás, na direção do grupinho de homens com quem ela estava conversando. – Hads, você vai ficar

bem aqui com esses caras?

Ela inclina um pouquinho a cabeça e lança um olhar por cima do ombro.

– Ah, por favor. Eles têm mais medo de mim do que do meu pai. Então, sim, vou ficar bem. – Hadley me encara com um sorriso tranquilizador. – Pega isso. – Ela joga a mochila amarelo-berrante para mim. – Precisa de um álibi ou eu nem te vi?

Coloco a mochila no ombro e me aproximo da égua.

– Você não me viu.

Hadley segura o meu braço outra vez, mas agora para me puxar para um abraço apertado. Então se afasta e seus olhos encontram os meus.

– Eu quero saber?

Balanço a cabeça rapidamente e me acomodo na sela sem dizer mais nada. Ela não quer saber. A verdade é que eu também não quero. É um segredo. Mais um. E, no fim das contas, parece que a culpa é minha.

O vento morno bate no meu rosto e percebo o sol cada vez mais baixo finalmente tocar a linha do horizonte, encerrando o que foi um dia dos infernos. Cavalgo sem parar. Os últimos raios de luz se espalham pela paisagem plana coberta pela grama alta e espessa do Kentucky. Normalmente não é comum nesta parte do estado, mas a vegetação se estende pelos próximos três quilômetros roçando minhas botas apoiadas nos estribos. A umidade diminuiu bastante durante a cavalgada, transformando o que foi uma tarde abafada em uma noite em que finalmente consigo respirar.

Eu poderia facilmente ter ido até a propriedade do meu irmão e pegado um dos animais nos estábulos, já que minha família possui e abriga vários cavalos. Mas aí teria que explicar o que estava fazendo ali. Grant perguntaria se eu estou bem, mesmo que ele próprio mal esteja conseguindo segurar as pontas. Meu irmão caçula é hoje uma sombra de quem costumava ser. Ace, por sua vez, viria

me falar sobre algo a ser resolvido – ele desempenha o papel de irmão mais velho tão bem que às vezes esquece como ser amigo. E Griz enxergaria tudo através da máscara de naturalidade que eu estaria usando. Meu avô descobre tudo, como se tivesse a habilidade de prever o futuro. Não quero lidar com nada disso. Só depois que resolver essa situação por conta própria.

Há várias trilhas de caminhada e cavalgada que levam às cavernas e às fontes termais de Fiasco e, ao pôr do sol, vai ter muita gente ali aproveitando; por isso, continuo cavalgando. Já me envolvi em brigas suficientes na vida para saber que um soco rápido ou um chute no estômago não é o que mais dói, mas tira o ar dos pulmões para me lembrar de nunca mais me colocar naquela situação. *Como eu vim parar nessa situação, aliás?* Seguro as rédeas com mais força, sentindo o peito apertado, e pressiono os calcanhares nos flancos da égua para ir mais rápido.

O ar aqui em cima, perto das cavernas das quedas-d'água, tem um cheiro diferente. Enquanto Fiasco tem sempre o aroma de uma padaria que nunca fecha, aqui em cima é mais sal e musgo. Um cheiro mais terroso que faz tudo parecer primitivo e intocado.

Faço a égua parar, salto para o chão e amarro as rédeas no velho carvalho que parece já ter visto dias melhores. Com a casca rugosa torcida de um jeito pouco natural, a árvore parece queimada, como se tivesse sido atingida por um raio e nunca mais voltado a ser a mesma. É assim que eu me sinto – *nunca mais vou ser a mesma*. A única coisa que posso controlar é o que vou fazer em seguida. Inclino a cabeça para trás e inspiro, então me deixo cair na grama alta da margem e expiro. Tusso e apoio os braços nos joelhos dobrados.

As pessoas sempre dizem que casamento exige esforço – que ficar é tão difícil quanto ir embora. E nunca fui de desistir.

Estou me sentindo nauseado… Sinto as mãos úmidas enquanto esfrego o peito com o punho fechado e bato uma, duas, três vezes até os meus olhos se

encherem de lágrimas. Eu não fui um bom marido. Sei que sou um bom pai, um ótimo pai em alguns dias. Mas marido… Fecho os olhos com força, passo as mãos pelo cabelo e aperto a nuca. Respiro fundo mais uma vez e pressiono a base das mãos contra os olhos.

– VAI SE FODEEEEER! – grito para a noite, prolongando a palavra até onde meu fôlego permite.

Que se foda. Deixo as lágrimas caírem. Fico olhando para as luzes que delineiam a minha cidadezinha lá embaixo, enquanto tento estabilizar a respiração. Esse é o único lugar que reconheço como lar. Onde cresci e onde as minhas filhas também estão crescendo. Enquanto continuo olhando para a paisagem plana, dos campos de lavanda até a destilaria da minha família, eu espero. Espero até o meu corpo apaziguar a raiva, as minhas lágrimas secarem sozinhas e a minha mente clarear. Clarear o bastante para conseguir montar um plano para o que vem a seguir – as conversas que terão que acontecer, os coraçõezinhos que vou ter que partir. Parece que se passaram apenas alguns minutos, mas a lua cheia está baixa e pinta o céu com um tom rosado. É o único sinal de que estou aqui há horas. No fim das contas, é pouco tempo para decidir que a vida de hoje será diferente amanhã.

Antes de voltar a montar, mando uma mensagem.

LINCOLN

Vou deixar a Lady no estábulo pela manhã.

HADLEY

Lady Brittany Christina Pink é uma puro-sangue. Se qualquer coisa acontecer com ela, vou cortar o seu pau.

Suspiro e passo as mãos pela crina áspera de Lady.

– Como foi que eu vim parar aqui, garota?

Ela bufa de um jeito que provavelmente é a sua maneira de dizer: *Como é que eu vou saber, cacete?* A minha trilha sonora é o som estático das quedas-d'água ao longe, junto com o coaxar profundo dos sapos-boi e o canto intermitente dos grilos. Essa é a parte de Fiasco que me acalma mais do que qualquer noite em família ou horas em um laboratório de química. É algo que as pessoas nunca diriam sobre mim. Eu amo este lugar. Não tenho vontade nenhuma de estar em qualquer outro.

Fiasco só fica movimentada a esta hora se houver uma feira ou uma festa que prometa bourbon e fogos de artifício. Mas hoje a noite está silenciosa, como de costume. Provavelmente eu não encontraria ninguém na estrada principal que leva até minha casa, mas decido evitar o centro da cidade, atravessando o bosque a cavalo e passando pelos milharais que se estendem por toda a extensão da minha propriedade. Ao longe, consigo ver a luz externa iluminando a varanda dos fundos. E, conforme me aproximo, já sei que esse lugar vai deixar de parecer um lar assim que eu cruzar a porta.

O barulho de metal me faz virar a cabeça bruscamente para a esquerda. Não há motivo para ter alguém aqui fora. O velho celeiro que fica na divisa entre a minha propriedade e a dos nossos vizinhos está prestes a desabar. Mais um tornado ou furacão e ele cai facilmente. Na verdade, talvez nem precise de tanto. Do lado mais distante da estrutura dilapidada fica o riachinho onde Lark gosta de procurar girinos. É o lugar mais isolado possível.

Estreito os olhos no escuro e puxo as rédeas de Lady para fazê-la diminuir o passo, quando vejo movimento perto do pequeno curso d'água.

– Você é literalmente um filho da puta – diz alguém, quebrando o silêncio.

Uma mulher que parece muito frustrada e possessa. Em seguida vem um "vai se foder" em um tom mais baixo, carregado de veneno, que me faz disfarçar um sorriso.

Passo a perna por cima da sela e minhas botas afundam, fazendo um som aquoso no chão enlameado. Os palavrões e os respingos de água que a mulher espalha para todo lado não permitem que ela perceba minha aproximação.

O movimento para quando pigarreio.

– Tá tudo bem aí? – pergunto, a poucos metros de distância.

Ela fica completamente imóvel, de costas para mim, em silêncio, por pelo menos dez segundos.

– Você está invadindo uma propriedade privada – digo enquanto me aproximo, tentando entender por que alguém estaria aqui fora a esta hora da noite.

Meus olhos já se ajustaram bastante à falta de luz, ainda mais com o tamanho da lua cheia. Mas só quando a mulher se levanta e se vira é que percebo que ela não está invadindo nada.

Faye Calloway. A filha mais velha. A família dela é dona de todo este pedaço de terra, desde a borda do milharal até o outro lado da fazenda. O invasor aqui sou eu.

– Tenho quase certeza de que você é que não deveria estar aqui – retruca ela, com acidez suficiente para derreter qualquer sinal da política de boa vizinhança.

Mechas do cabelo loiro escapam em todas as direções do coque bagunçado no alto da cabeça, e o rosto está manchado de alguma coisa escura. Maquiagem

borrada pelo choro? Ou lama? Quando abaixo os olhos, vejo sua blusa e seus braços encharcados, a água escorrendo pelas pernas. A mulher à minha frente não parece a recém-formada da academia de polícia, toda engomadinha, que vi no noticiário local ainda na semana passada. Não há nenhum traço daquela pessoa diante de mim. Essa versão está esfregando as mãos na frente do short enquanto empina o peito e levanta o queixo. Está tentando esconder o fato de que a peguei desprevenida e que, seja lá o que estiver fazendo, não deseja plateia.

Cruzo os braços e espero que diga alguma coisa.

Mas Faye permanece em silêncio enquanto me aproximo.

– O que você tá fazendo aqui fora a esta hora? – Tecnicamente somos vizinhos, mas eu só vi Faye algumas vezes pela cidade na época das festas de fim de ano, ou chegando e saindo durante as férias de verão. Nós nos mudamos para a casa ao lado logo depois que ela foi para a faculdade. Eu não a conhecia. Mas isso não importa. Sei que tem alguma coisa errada aqui. Como ela não responde, pergunto: – Você tá machucada?

Faye põe as mãos na cintura, inclina a cabeça para trás e olha para o céu enquanto ri sozinha.

– Por quê? Você tem o hábito de sair por aí à noite procurando mulheres para salvar?

O tom de deboche me faz conter um sorriso.

– Isso não estava na minha lista de tarefas para hoje, não. – Solto o ar com força, então pego o celular, ligo a lanterna e aponto para ela. Fico um pouco surpreso com o que vejo espalhado pelo corpo de Faye, mas isso não me abala como faria com a maioria das pessoas. – Tem sangue e lama nas suas pernas – digo com naturalidade, erguendo o facho de luz.

Ela cerra os lábios enquanto tenta descobrir como explicar exatamente o que está acontecendo.

Movo a luz com cuidado para cima e para baixo.

– E tem um pouco de sangue no pescoço. E na bochecha – digo, tocando o meu próprio rosto para mostrar onde.

Ela levanta a mão para bloquear a luz nos olhos. Então se agacha novamente à beira do riacho, molha as mãos e esfrega para remover as manchas vermelhas.

Meu irmão Grant era policial até pouco tempo atrás. Ele respeita as regras e as leis, enquanto eu gosto de contorná-las quando necessário. Às vezes isso deixa as coisas sujas, até mesmo sangrentas. Não gosto de apontar o dedo para quem faz o mesmo, mas Faye não é exatamente a pessoa que eu esperaria encontrar no escuro, envolvida em algo claramente suspeito.

Abaixo a luz, mas continuo atento a ela.

– Suponho que isso não faz parte do seu processo de seleção para entrar na polícia de Fiasco, certo?

Ela faz uma careta, parecendo desconfortável. Então abaixa o queixo, como se doesse fisicamente ouvir essa observação. A questão é: essa mulher se meteu em algum problema, ou ela *é* o problema, coberta de sangue e lama à beira de um milharal?

– Você vai perguntar como este sangue veio parar aqui ou pretende ficar só me encarando? – pergunta ela, mudando de posição e puxando a barra da blusa com um sorriso de lado.

Levanto uma sobrancelha, desafiando-a. Faye vai tentar fugir do assunto, mas não estou interessado em entrar no jogo dela.

Solto uma risadinha antes de fazer a besteira de dar mais um passo na sua direção. Com apenas alguns metros entre nós, meus olhos descem pelas pernas dela até os tênis All-Star cor-de-rosa cobertos de lama e depois sobem outra vez. É difícil imaginá-la como policial agora.

– Não. Não me importo muito – digo com despreocupação. Olho o corpo

dela de cima a baixo e encontro o seu olhar furioso. – E, pode acreditar, não estou encarando.

Ela se adianta mais, e a proximidade deixa os meus braços arrepiados. Apesar da maneira como está se esforçando muito para parecer durona, jogando os ombros para trás, se empertigando e assumindo um ar de falsa coragem, Faye morde o lábio.

Afasto da cabeça todos os detalhes que estou reparando em uma mulher que mal conheço. Não olho para outras mulheres – não sou o tipo de homem que quebra promessas. *Mas e se essa promessa já tivesse sido quebrada?* Recuo um passo e levanto a mão esquerda.

– Casado.

– Tem certeza disso? – retruca ela.

Uma provocação simples como essa já é suficiente para me fazer reagir. *Não, não tenho certeza disso*. Dou apenas mais alguns passos antes de invadir o espaço dela, encurralando-a.

Um gritinho abafado escapa da garganta de Faye, que não esperava que eu me movesse tão rápido. Mas ela não recua. Na verdade, inclina-se um pouco para a frente, como se recebesse a minha raiva de braços abertos. Ela é mais baixa do que eu, mas não é delicada nem frágil. Me acertaria um bom soco se soubesse fazer isso direito.

Quando olho para baixo, percebo na mesma hora o meu erro. Nossos corpos estão quase colados. O braço de Faye roça o meu e ela pigarreia. Eu não deveria ter chegado tão perto. Há luz suficiente para que eu note a pequena pinta no alto da bochecha dela. E para perceber como os seus olhos se movem rapidamente dos meus para a minha boca. *Inferno*. A raiva e as emoções caóticas que me dominam estão me fazendo reparar em alguém que nunca imaginei que me chamaria a atenção.

– Toquei em um ponto sensível? – provoca ela em voz baixa.

Chegou perto demais disso.

– Não – digo em tom de alerta. Esta não é a melhor noite para me provocar. – Vai pra casa.

Seja lá no que for que ela se meteu, eu não preciso disso perto de mim. Na verdade, preciso sair daqui. Me afastar dela e dessa confusão.

Dou as costas para Faye e sigo em direção à água.

– O seu bolso de trás – diz ela, quando já estou me afastando.

Paro na mesma hora e me viro bem quando ela está arrancando a blusa enlameada, ficando apenas com um sutiã transparente que, mesmo no breu, não deixa nada para a imaginação. Sou pego de surpresa e me vejo agindo como um tarado nojento, porque parece impossível não correr os olhos pelas curvas do seu corpo e pelo volume dos seios.

Levo a mão ao bolso traseiro da calça jeans e tiro a peça de metal pesada, do tamanho da palma da minha mão, e passo o polegar pelas ranhuras. Sei que é um canivete, mas pergunto mesmo assim:

– O que é isto? – Porque com certeza não é meu.

O que Faye faz em seguida acontece rápido demais para que eu consiga impedir. Ela segura a blusa como se fosse uma luva e arranca o canivete da minha mão.

– Se alguém aparecer perguntando por mim, você nunca me viu. – Ela ergue a sobrancelha, esperando que eu concorde.

Não estou com humor para essa merda. É quase cômico o jeito como esta noite continua piorando a cada minuto. Mas não estou com a menor vontade de rir.

– Ou o quê? – retruco, muito consciente de que acabei de colocar as minhas

impressões digitais em algo que só posso supor ser uma arma que machucou alguém hoje.

A pergunta é: quanto? Ameaça? Agressão? Assassinato?

O canivete era pesado. Eu deveria ter sentido quando Faye enfiou a arma no meu bolso. Caí direitinho no jogo dela e acabei de me tornar o seu álibi perfeito.

Faye recua um passo, afastando-se de mim, mas não é rápida o suficiente, nem se afasta o bastante.

É uma pena para ela que eu tenha passado muitos anos em embates físicos com os meus irmãos. Isso, somado ao hábito de aliviar o estresse com treinos de luta, afiou meus reflexos. Só preciso de um passo e meio para alcançá-la novamente e segundos para passar os braços ao redor da sua cintura e puxá-la junto ao meu corpo. Faye arqueja quando o seu peito colide com o meu – eu deveria ter pensado melhor antes de fazer esse movimento, porque, em um piscar de olhos, perco a razão. Esqueço o motivo pelo qual estou fora de casa a esta hora e por que estou tão puto por minha vida parecer algo que já não reconheço. Olho para essa quase estranha pressionada contra mim e solto o ar. O peito dela sobe e desce, tão rápido quanto o meu.

– Eu não lido bem com pessoas me ameaçando – digo em voz baixa, falando a poucos centímetros do rosto dela.

Faye se inclina ainda mais perto e fixa os olhos na minha boca de um jeito que me faz prender a respiração. Em um instante, os lábios dela estão pressionados contra os meus. Sou pego de surpresa. Mas também não me afasto. Ao contrário, entreabro os lábios. A língua de Faye roça a minha de um jeito provocante e ela se inclina mais na minha direção. Por poucos segundos, esqueço todo o resto enquanto retribuo o beijo. Com vontade. Perdido na imprevisibilidade, deixo que tudo o que há de errado nisso se aproxime e se acomode ao nosso redor como uma névoa.

O estalo alto de um trovão ecoa ao longe e, como se tivesse ouvido um tiro de largada, Faye se afasta e recua cambaleando, como se não tivesse sido *ela* quem tomou a iniciativa. Ela toca os lábios com os dedos, como se pudesse encontrar as marcas que os meus deixaram. Então, olha para a própria mão direita, ainda envolta na blusa e fechada em torno do canivete que segurei como um idiota.

– Você nunca me viu.

Relâmpagos iluminam o horizonte em breves clarões. Um aviso. A tempestade não está chegando, ela já está aqui. Pairando sobre nós.

– Você nunca me viu – repete Faye. – E, enquanto essa for a sua versão da história, isso nunca precisará ser encontrado. – Ela ergue o canivete.

Reprimo qualquer atração que possa ter surgido. A raiva que pulsava em mim volta à tona e dou um passo à frente, alcançando-a depressa. Então, fecho a mão ao redor do pescoço dela com firmeza. Se Faye quer brincar, então vamos brincar. Mas agora eu dito as regras.

Faye se esforça para manter a confiança intacta. Não quero saber os detalhes do que ela fez antes de eu aparecer. Não tenho o menor interesse em adivinhar o que pode ter acontecido para que ela se visse nessa situação ou se a mulher tem algum grau de sociopatia. Só uma coisa me importa: a minha família. Ou o que restou dela, pelo menos.

Quando Faye tenta afastar os meus dedos do pescoço, aperto com mais força. Gotas de chuva começam a cair como se pontuassem o momento.

– Não quero que nenhuma confusão sua chegue perto da *minha* família. – Então faço uma exigência: – Saia da cidade. E não volte.

Ela arregala os olhos e me encara, se esforçando para conseguir falar.

– Eu não posso simplesmente ir embo…

O trovão ressoa acima de nós.

Cerro os dentes e aperto novamente o seu pescoço, apreciando sentir a pulsação acelerada. A prova de que agora ela está assustada o suficiente para me levar a sério.

– Você pode e irá. Ou vou fazer cada porra de policial que conheço nesta cidade começar a fazer perguntas. O meu irmão pode ter deixado a polícia de Fiasco, mas ele era da unidade K9. Ele e a cachorra dele ainda são muito bons em encontrar coisas, principalmente quando sabem onde procurar. Você quer que eles comecem a procurar?

Uma lágrima escorre pelo rosto de Faye e se perde na chuva que nos encharca no momento seguinte. A gravidade da minha ameaça se desenrola na mente dela, que franze o cenho.

– Solta, Foxx – diz Faye com o maxilar travado, puxando os meus dedos para se libertar.

Encaro-a de cima.

– As pessoas presumem que eu sou o bonzinho. O homem de família. Mas sou muito bom em deixar as pessoas acreditarem no que eu quero que acreditem. – Eu me inclino e sussurro, alto o bastante para que a minha voz se sobreponha ao vento que enverga com força as fileiras de milho atrás de nós. – Portanto, acredite quando eu digo… não gosto de ser sacaneado. Não quero que você, nem o que acabou de fazer, se aproxime novamente de mim. Por isso você vai embora. E vou guardar o seu segredo. Eu nunca te vi. Não conheço você e nem quero conhecer. Fui claro?

– Cristalino – responde Faye em um grunhido, enquanto se desvencilha do meu aperto.

Fico olhando-a se afastar e passo as mãos pelo cabelo. Engulo o nó que sobe pela garganta quando a minha mente volta para o motivo que me fez fugir mais cedo. O sono não vai vir fácil, sei disso porque sinto o peso da realidade

pressionando os meus ombros. A chuva bate no meu rosto durante o trajeto de volta para casa. O telhado na parte de trás vai manter a égua seca por enquanto. Enquanto amarro o animal, tiro a sela e encho uma bacia com água fresca, minha mente continua a repassar tudo o que acabou de acontecer. Este dia precisa acabar e amanhã vou pensar com mais clareza. Fico olhando para a porta dos fundos. Olivia e eu podemos deixar para conversar de manhã sobre o que o futuro nos reserva. Respiro fundo enquanto subo a escada.

Meu estômago se revira quando percebo que as luzes da cozinha ainda estão acesas. *Merda*. Não quero ver a minha esposa.

Mas, quando cruzo a porta, é o cheiro azedo e ácido do vinho de Liv e depois o estalo do vidro de um copo quebrado sob a minha bota que me fazem parar. Essas são as duas últimas coisas que o meu cérebro registra antes de ver as pernas dela estendidas no chão de madeira.

– Liv? Liv! – grito enquanto corro até o corpo caído da minha esposa, meu coração disparado. Escorrego no vinho derramado ao redor dela e meus joelhos batem no chão. Liv não se mexe. Olho ao redor, como se alguma coisa fosse me dizer que merda está acontecendo.

Não tem sangue. Nenhum sinal de alguma arma. Nenhum comprimido ou frasco de remédio. Alguma coisa a fez cair.

Levanto os seus ombros e puxo o seu corpo contra o meu.

– Livvy, acorda. – Seus membros longos estão frouxos e a cabeça pende para a direita. Afasto do seu rosto as mechas de cabelo encharcadas de vinho e falo com a voz trêmula: – Livvy. Por favor, fala comigo.

Meu rosto está molhado, o nariz entupido, então só consigo respirar pela boca enquanto chamo uma ambulância. As lágrimas embaçam a minha visão enquanto olho para ela. Seus olhos estão abertos, encarando o nada, vazios de qualquer reconhecimento ou movimento. Ela não pisca. Não está olhando para

mim nem ouvindo nada do que eu digo. *E parece tão pesada agora*.

Puxo o ar, tentando encher os pulmões para continuar pedindo que ela acorde.

– Fala comigo, Liv. Não faz isso.

Com as mãos tremendo, procuro um pulso. Tonto de pânico, apalpo o pescoço dela, mas não há nada. Nem um batimento para contar. *Isso não está acontecendo*.

– Liv, por favor. Você não pode deixar as meninas. A gente vai dar um jeito. Você não pode deixá-las…

SOBRE A AUTORA



Romântica inveterada, **VICTORIA WILDER** escreve romances contemporâneos com personagens espirituosos e irreverentes e protagonistas fortes que não têm medo de pedir o que querem.

Nascida na Costa Leste dos Estados Unidos, ela está sempre em busca da próxima aventura ao lado do marido, dos dois filhos e do cachorro, Linus. Quando não está lendo ou escrevendo, pode ser encontrada treinando kickboxing ou procurando uma desculpa para afundar os pés na areia da praia.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiolivro.